

FILIPPI DOS SANTOS RIBEIRO

**COM OS PÉS NA TERRA E OS OLHOS NO CÉU: CONSERVADORISMO
POLÍTICO E REALINHAMENTO ELEITORAL DOS EVANGÉLICOS BRASILEIROS
NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 1989 E 2002**

Niterói-RJ
2015

FILIPPI DOS SANTOS RIBEIRO

**COM OS PÉS NA TERRA E OS OLHOS NO CÉU: CONSERVADORISMO
POLÍTICO E REALINHAMENTO ELEITORAL DOS EVANGÉLICOS BRASILEIROS
NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 1989 E 2002**

Dissertação apresentada na Universidade Salgado de Oliveira, como requisito parcial obrigatório para obtenção de grau de Mestre em História na linha de Ideologia e Política.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Timotheo

Niterói-RJ
2015

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Salgado de Oliveira e a CAPES pela bolsa de estudos a mim concedida.

Aos meus professores de mestrado, agradeço com carinho todo o saber transmitido. O doutor Carlos Engemann tem que ser o primeiro da lista. Admiro-o não apenas por seu exemplo de vida, mas por sua sabedoria. Sabedoria é algo que apenas uma vida que se dedica a abençoar outras possui. Mais que um professor, um homem de Deus. A Universo, graças a Deus, é feita outros professores igualmente excepcionais. A doutora Marly Vianna, uma mulher fantástica tanto pelo conteúdo transmitido quanto por sua vida e luta. O doutor Francisco Falcon, uma lenda viva, que me ensinou o que é ser um historiador. Os doutores Jorge Prata e Márcia Amantino, coordenadores do curso enquanto estudei, pela transparência e atenção dada aos alunos.

Agradeço muito ao doutor Marcos Caldas. Um homem muito inteligente, que reúne em si tanto o conhecimento histórico quanto o teológico. Muito cortês e prestativo, ainda na qualificação deu uma contribuição que foi essencial para a forma final deste trabalho acadêmico. Muito obrigado por tudo.

Não foi fácil trabalhar e fazer o mestrado. Logo no início do mesmo, recebi uma promoção que aumentou em muito meus afazeres. Porém, nada se faz sozinho. Na hora das dificuldades, em que eu pensava que não conseguiria conciliar as duas tarefas, tinha companheiros de trabalho que eram muito mais do que colegas. Eram verdadeiros amigos. Na verdade, mais do que isso. O livro canônico de Provérbios diz que “o amigo dedica sincero amor em todos os momentos e é um irmão querido na hora da adversidade”. A esses irmãos queridos eu gostaria de dedicar um muito obrigado especial. Sem a ajuda de vocês em minhas atividades ministeriais, não teria tido paz para poder escrever. Agradeço os pastores Gustavo Schumann, Aroldo de Andrade e Geovane Félix. Obrigado por me permitirem estudar e confiarem grandes responsabilidades a minha pessoa. Vocês são exemplos para meu ministério. Agradeço a minha colega de escritório Izolina Freitas, por além de ajudar a organizar a minha bagunçada vida, tem sido uma amiga querida. E um obrigado do fundo do coração, a um grupo, que mais do que uma equipe, é uma família para mim. Agradecimentos sinceros a Gilberto Nascimento, Sérgio Petronetto, Felipe Saraiva, Natália Reis, Jorge Neto, Rodney Vitorino, Ismael Marinho, Cintia Loiola, Jurandyr

Júnior, Gabriel Lisboa, Romilson Paim, Jeivson Emídio, Tiago Couto, João Costa, Priscila Cardinot, Artur Souza, Rogério Gama, Maurício Alves, Franklin Santana, Elisângela Almeida, Lilyane Arliza, Sílvia Xavier, Cassia de Oliveira, Sônia Petronetto, Edevaldo Nunes, Edília Siqueira e Cristiane Souza. Na hora da adversidade e na bonança, vocês foram amigos mais chegados do que um irmão.

A todos os amigos e parentes que lutaram comigo e compreenderam a ausência, um muito obrigado a vocês.

Aprendi lendo o livro de um autor que muito admiro que os agradecimentos finais são reservados para os mais queridos. Obrigado por tudo doutor Marcelo Timotheo. Uma vez Paulo disse que os coríntios poderiam ter dez mil mestres em Cristo, porém não muitos pais. Tive muitos professores, mas alguém que chegasse ao ponto de ser como um amigo querido, como um pai, nenhum até aqui. Obrigado por todas as palavras de ânimo, broncas bem humoradas, boas risadas, anedotas e exemplos de vida. E obrigado pelas orações. O doutor Marcelo me conduziu por um “admirável mundo novo”. Como resultado, só existe gratidão dentro do meu coração em relação a este amado professor. Ao meu ver, do seu jeito especial, um homem de Deus. Assim, contrariando o costume em textos como este, que prevê para o orientador um lugar logo no início dos agradecimentos, com este gesto, trouxe-o para perto dos que me são mais queridos, minha família.

Sou muito grato a minha família pela paciência e assistência. Aos meus pais, Celso e Deise, obrigado por tudo. Esta conquista é de vocês. Obrigado pelo apoio financeiro, orações e incentivo. Esta jornada começou muito tempo atrás, com uma mãe, professora, que me ensinou a amar a leitura. Obrigado! E por fim, minha amada esposa Laura. Obrigado pelo amor incondicional. Obrigado pela paciência e compreensão. Pelo incentivo constante. Por sofrer em silêncio (nem sempre) as ausências, tanto de corpo, quanto de espírito. Por cuidar de Levy e Vitor com muito amor e carinho. Muitas vezes só. Você é um presente de Deus pra mim.

Ad Majorem Dei Gloriam. Quoniam ex ipso et per ipsum et in ipso omnia ipsi gloria in saecula amen.

Não pelas decisões dos tribunais e conselhos, nem pelas assembleias legislativas, nem pelo patrocínio dos grandes do mundo, há de estabelecer-se o reino de Cristo, mas pela implantação de Sua natureza na humanidade, mediante o operar do Espírito Santo. "A todos quantos O receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; aos que creem no Seu nome; os quais não nasceram do sangue, nem da vontade do homem, mas de Deus." João 1:12 e 13. Aí está o único poder capaz de erguer a humanidade. E o instrumento humano para a realização dessa obra é o ensino e a observância da Palavra de Deus.

Ellen White

RESUMO

Este trabalho é sobre o comportamento eleitoral dos protestantes brasileiros nas eleições presidenciais de 1989 e 2002. O estudo propõe entender o conservadorismo eleitoral evangélico sob a luz da formação da Reforma e o estabelecimento das igrejas protestantes no Brasil, abordando a formação de sua postura apolítica, e o abandono da mesma na proporção em que as denominações entram no cenário político durante a ditadura militar no Brasil. Através da expectativa escatológica e do discurso anticomunista, é forjado um comportamento eleitoral que passará por alterações com o fim da União Soviética e a predominância dos neopentecostais na representação protestante do congresso nacional.

Palavras-chave: Protestantismo, escatologia, anticomunismo, política.

ABSTRACT

This work is about the electoral behavior of Brazilian Protestants in the 1989 and 2002 presidential elections. The study aims to understand the evangelical electoral conservatism in light of the formation of the Reform and the establishment of the Protestant churches in Brazil, addressing the formation of its apolitical position, and the abandonment of the same during the military dictatorship in Brazil. Through the eschatological expectation and the anti-communist discourse is forged an electoral behavior that will undergo changes with the demise of the Soviet Union and the predominance of Neo-charismatics Protestants congressmen in the National Congress of Brazil.

Keywords: Protestantism, eschatology, anti-communism, politics.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Origens e principais ramificações do protestantismo no Brasil.....	34
Figura 2: Distribuição dos protestantes históricos no Brasil no ano 2000.....	42
Figura 3: Comparação da distribuição dos fiéis da Igreja Universal em 2000 e das retransmissoras da Rede Record (2000).	56
Figura 4: Distribuição dos fiéis pentecostais no Brasil em 2000.....	60
Figura 5: Afinidade dos votos de Anthony Garotinho em 2002 com a distribuição dos pentecostais no País.	177

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. REFORMA PROTESTANTE: ORIGEM E IMPLANTAÇÃO NO BRASIL	15
1.1 O <i>SITZ IMLEBEMDA</i> REFORMA	15
1.1.1 Contexto Político e Religioso	17
1.1.2 Martinho Lutero: Ansiando pela Graça	21
1.1.3 <i>Simul justus et peccator</i> : o poder de uma tese	26
1.2 IMPLANTAÇÃO DO PROTESTANTISMO NO BRASIL	34
1.2.1 Protestantismo de imigração e de missão (1810-1910)	35
1.2.2 Protestantismo Histórico e Sociedade	42
1.2.3 O Pentecostalismo	46
1.2.4 Pentecostalismo clássico	48
1.2.5 Deuteropentecostalismo e Neopentecostalismo	51
1.2.6 O que é o protestantismo brasileiro?	61
2 LULA É O DIABO: O ANTICOMUNISMO EVANGÉLICO	63
2.1 COMUNISMO E ANTICOMUNISMO	63
2.2 A FORMAÇÃO DA REALIDADE	68
2.3 ANTICOMUNISMO EVANGÉLICO	71
2.4 O MENSAGEIRO DA PAZ: EXEMPLO DE COMBATE AO COMUNISMO	77
2.5 GOGUE E MAGOGUE: O MAL VEM DO NORTE	84
3. VIMOS A SUA ESTRELA: VOTO EVANGÉLICO NAS ELEIÇÕES DE 1989 E 2002	106
3.1 RELAÇÃO ENTRE A IGREJA E O ESTADO NO PENSAMENTO REFORMADO	108
3.1.1 Os Dois Reinos: o pensamento luterano	108
3.1.2 Separados pelo evangelho: o pensamento anabatista	112
3.1.3 A consciência moral do Estado: a visão reformada	114
3.1.4 O Fundamentalismo	117
3.1.5 Teologia da Prosperidade e Realinhamento Teológico	123
3.2 O BRASIL É DO SENHOR JESUS: DO POLÍTICO EVANGÉLICO PARA O POLÍTICO DE CRISTO	131
3.2.1 Inserção dos protestantes na política eleitoral	131
3.2.2 O Regime Militar e a Constituinte	134
3.3 SE O DIABO É VERMELHO, VAMOS <i>COLLORIR!</i> OS EVANGÉLICOS CONTRA O PT	146
3.4 QUERO UM BRASIL DECENTE: NEOPENTE COSTAIS VOTAM EM LULA PRESIDENTE	161
CONCLUSÃO	186
REFERÊNCIAS	192

INTRODUÇÃO

No ano de 1989, a sociedade brasileira estava polarizada entre os dois candidatos à presidência do Brasil, eleição a ser decidida no segundo turno pela primeira vez na história. De um lado, Fernando Collor de Mello, que buscava se apresentar como representante da modernidade, o caçador de “marajás”, o “novo” em oposição à velha forma de governar. Do outro lado, um ex-metalúrgico e líder sindicalista, representando as esquerdas e demais forças progressistas brasileiras, Luís Inácio Lula da Silva, o Lula. Durante uma campanha eleitoral marcada por boatos e difamações, onde a mídia e as elites alinharam-se com Collor contra Lula, o meio evangélico, em sua maior parte, aderiu à campanha de Collor, alegando que a eleição de Lula seria o início do regime comunista no Brasil. Durante um dos cultos da Igreja Universal do Reino de Deus, em data próxima das eleições, o bispo Edir Macedo, durante o sermão, mostra debaixo do terno uma camisa com o nome de Collor e afirma que “Lula é o diabo”. Collor é eleito e abre o caminho das privatizações e do neoliberalismo, que encontra a sua consolidação durante os dois mandatos de Fernando Henrique Cardoso (1994-2002).

Como o pleito de 1989, mas por motivos diversos, a eleição presidencial de 2002, também ela, torna-se um marco na história do Brasil. Com um eleitorado cansado de anos de governo neoliberal, a candidatura de Lula ganha cores de esperança de renovação dentro do imaginário popular. O Lula sindicalista é substituído pelo Lula de terno e gravata, barba aparada, que promete honrar os compromissos externos do Brasil e manter a política econômica de combate à inflação. Mas não são apenas as mudanças no discurso e na aparência o que mais chamam a atenção. Mesmo contando com um candidato declaradamente evangélico à presidência (Anthony Garotinho, ex-governador do Rio de Janeiro e de fé presbiteriana), é perceptível, no eleitorado evangélico brasileiro, o apoio à candidatura petista. Inicialmente tímida no primeiro turno, o apoio torna-se mais forte durante o segundo turno. Diferente de 1989, em 2002, a Igreja Universal do Reino de Deus, cuja liderança política na época concentrava-se no Partido Liberal (PL), apoia a candidatura petista desde o primeiro turno. A Igreja Universal usa não apenas do seu carisma para pedir votos ao candidato antes satanizado por ela, mas utiliza também todo a sua estrutura organizacional para empenhar apoio ao petista.

Este fato recente da história política brasileira ilustra não apenas uma contradição, ou uma mudança de posição política. Ele marca uma mudança, que junto traz o seguinte questionamento: como os protestantes brasileiros, tradicionalmente anticomunistas e politicamente conservadores,¹ mudaram de posicionamento em relação a candidato e partido que foi tão satanizado e hostilizado por sua liderança, não apenas por suas alegadas conexões com o marxismo, mas também com a Igreja Católica, nas eleições de 1989? Esta pesquisa, portanto, pretende demonstrar quais foram as causas, discursos e situações determinantes que explicam tanto o distanciamento ideológico em 1989 quanto o realinhamento eleitoral que ocorre em 2002. Exposição de tema complexo que tomará os três capítulos seguintes.

O primeiro deles tem por objetivo demonstrar como os ideais da Reforma Protestante foram transportados para o Brasil, através tanto do protestantismo de missão como das três ondas neopentecostais a ele posteriores, com a finalidade de se entender o *ethos* conservador da mentalidade política dos evangélicos. Começamos analisando a Reforma Protestante, já que é dela que se originam as visões sobre o relacionamento entre a Igreja e o Estado que predominam entre os evangélicos brasileiros. O mesmo capítulo busca acompanhar a implantação do protestantismo no Brasil desde o período imperial, processo esse visto por seus atores como civilizatório e progressista. Assim, tomando a terra que os recebe como inculta e atrasada, os protestantes históricos optaram por tomar distância dos debates políticos e polêmicas que ocorriam na praça pública nacional. Neste primeiro momento, os filhos da Reforma não enxergam na sociedade e cultura brasileiras algo que pudesse enriquecer sua fé. A interação ainda foi dificultada pela adoção, mais à frente no tempo e, mormente por pregadores pentecostais, de literatura de apoio produzida bem longe de nosso país, sendo os Estados Unidos sua principal fonte teológica e eclesiológica.

O uso de tal corpo bibliográfico vai forjar parte significativa da alma protestante brasileira – que, no campo político, irá se caracterizar pelo conservadorismo. Visão de mundo que irá pautar a atuação política protestante a partir da mobilização nacional que vem no bojo do processo constituinte de 1986-88, processo este que engloba a

¹ Neste trabalho, o termo “Conservador” seguirá a definição do Dicionário de Política, organizado por Norberto Bobbio. Segundo este, “o termo Conservadorismo designa ideias e atitudes que visam à manutenção do sistema político existente e dos seus modos de funcionamento, apresentando-se como contraparte das forças inovadoras”. BONAZZI, “Conservadorismo”, 1998, p. 242.

eleição do Congresso constituinte e a própria construção da vigente Carta Magna brasileira. Mobilização essa que irá conferir outros contornos à (até então relativamente discreta) atuação protestante no campo político.

Para detalhar tal câmbio na ação política protestante, o segundo capítulo focalizará as décadas de 1960-1980, quando o protestantismo brasileiro constrói seu imaginário político. Através da análise do discurso anticomunista evangélico, que teve um papel de destaque na construção da realidade protestante brasileira, esse trabalho se propõe a estabelecer algumas considerações principalmente em relação à expectativa escatológica e como ela era ligada ao discurso anticomunista. Na construção deste imaginário político, a expectativa escatológica torna o anticomunismo evangélico singular entre seus pares brasileiros. Nessa perspectiva, o discurso anticomunista evangélico é impregnado de símbolos visando direcionar os comportamentos. Nesta construção, a imprensa foi o instrumento mais eficiente de doutrinação deste período. Portanto, serão analisados os órgãos oficiais das denominações protestantes, como o jornal *O Mensageiro da Paz* (representando o discurso pentecostal) e a *Revista Adventista* e o *Jornal Batista* (representando o protestantismo histórico), bem como alguns livros emblemáticos, de procedência norte-americana, numa primeira fase, e de autores brasileiros numa segunda fase, que tiveram ampla circulação nos meios evangélicos. Este discurso é transmitido principalmente em biografias e obras populares sobre escatologia. Tenciona-se demonstrar como o discurso escatológico pré-milenista permeará praticamente todo o discurso anticomunista protestante.

No último capítulo, analisaremos a rejeição dos evangélicos a Lula em 1989, e o apoio (principalmente dos neopentecostais) ao mesmo em 2002. Em busca da compreensão de como esta mudança aconteceu, seguiremos duas hipóteses que se complementarão: a da influência da Teologia da Prosperidade e o chamado realinhamento eleitoral. A Teologia da Prosperidade apregoa que conforme o “povo de Deus” vai prosperando na terra, ele deve progressivamente tomar posse do governo político para conduzir a nação ao jugo de Cristo. Criada por fundamentalistas de orientação calvinista, ela é transmitida para o pentecostalismo brasileiro (que embora arminiano no geral, tem recebido uma grande influência calvinista, via material traduzido dos EUA). Por isso, neste capítulo descrevemos a visão política dos reformadores, pois a ênfase na releitura da Bíblia e dos reformadores ajudará a implantar esta doutrina fundamentalista no meio pentecostal brasileiro, auxiliando

assim a compreender qual é a base ideológica das inserções evangélicas na política. Analisaremos como esta ideologia fundamentalista é propagada através do discurso neopentecostal. Para o entendimento da rejeição de Lula e do Partido dos Trabalhadores, em 1989, e do apoio a ambos, em 2002, trabalharemos com a teoria de que a adesão evangélica a Lula faz parte de um realinhamento eleitoral tendo sido este líder político capaz não somente de cativar grande parte do eleitorado evangélico (predominantes entre as classes sociais mais baixas), mas também a liderança das igrejas neopentecostais (que são os setores mais pobres e mais conservadores do protestantismo brasileiro). Para tal argumentação, me utilizarei dos trabalhos de Simone Bonn e André Singer.

Este projeto tem como meta reconstituir, utilizando o método histórico-cultural, ideias, crenças e práticas políticas dos evangélicos brasileiros que nortearam seu comportamento eleitoral nas eleições de 1989 e 2002, através do discurso em relação ao candidato Lula. Quanto à revisão literária, todas as fontes são de acesso disponível ao público por meio de livros, revistas e periódicos. A seção da pesquisa que trata acerca da Reforma está fundamentada em Delumeau (1989), George (1993), Bettenson (1967), Durant (2002), Daniel-Rops (1996), Cairns (2004), Skinner (1996), Chaunnu (2002) e Olson (2001), que em suas obras analisam o contexto teológico e sócio-político em que a Reforma surge e se expande. A seção que trata do movimento evangélico no Brasil está fundamentada em Dias (2013), Almeida (2014), Léonard (1981), Mendonça (2004), Synan (2009), Araújo (2007), Freston (1993), Rolim (1985) e Mariano (1999), que trabalharam os aspectos sociológicos e teóricos do protestantismo brasileiro, sobretudo sobre a sua vertente majoritária, o pentecostalismo.

Quanto aos dados relacionados ao discurso anticomunista protestante, seu conservadorismo político e as eleições presidenciais de 1989 e 2002, nossas fontes primárias serão Secco (2011), Singer (2012), Bonn (2004), Armstrong (2009) e Freston (1994 e 2006), com seus estudos sobre a trajetória do PT, as eleições e o comportamento eleitoral do evangélicos. Para este período também serão utilizados as revistas *Veja* e *Revista Adventista*, e os periódicos *O Jornal do Brasil*, *O Globo*, *O Estado de S. Paulo*, *O Jornal Batista*, *O Mensageiro da Paz* e a *Folha Universal*, durante os anos de 1960 e 2002, visando analisar tanto o discurso anticomunista quanto a cobertura dada a campanha de Lula, devido os seguintes motivos: a) normalmente são vias midiáticas em que as classes dominantes utilizam para

influenciar e manipular a opinião pública; b) costumam notificar e interpretar os acontecimentos políticos; c) possuem grande circulação nacional; e d) tais publicações registram a forma pela qual a mídia produziu o discurso anticomunista e observou e noticiou a campanha petista.

1. REFORMA PROTESTANTE: ORIGEM E IMPLANTAÇÃO NO BRASIL

Aquele que jurar que o papa é o Anticristo e que se deve comer carne na sexta-feira é protestante.

H. Smith, puritano inglês do século XVII

1.1 O SITZ IM LEBEM DA REFORMA

Em setembro de 1511, dois monges estão sentados embaixo de uma pereira. Johann von Staupitz, padre da ordem agostiniana, mentor e confessor do jovem Martinho Lutero, dá uma série de conselhos para que Lutero possa progredir na vida espiritual. Lutero acabou de sair de mais uma de suas depressões espirituais, momentos em que ele perdia totalmente a esperança, desesperado com as faltas que poderiam jogá-lo no fogo do inferno. Nestes períodos, Lutero ficava recluso, se confessando várias vezes ao dia. Enquanto conversam, Staupitz declara que Lutero devia prepara-se para a carreira de pregador e tornar-se doutor em teologia. Espantado com a proposta, já que constantemente Martinho sentia-se inseguro de sua fé, replica que com esta ordem Staupitz iria privá-lo da vida, ao que seu superior lhe responde jocosamente: “tem razão. Deus tem muito trabalho para homens inteligentes lá no céu”. Tendo já completado os passos necessários para o doutorado, em 18 de outubro de 1512, Lutero recebe o grau de doutor em teologia. Após a colação de grau ele é indicado para ser *lectura in Biblia* na Universidade de Wittenberg, substituindo a Staupitz. Iniciando em 1512 uma série de sermões sobre o livro dos Salmos (1513-1515), continua suas preleções com uma série sobre Romanos (1515-1516), Gálatas (1516-1517) e Hebreus (1517). Durante este período, como ele afirma, sente que o papado se desprende dele.² E junto com o papado, um conjunto de certezas e incertezas, que no momento oportuno, desencadeado em 31 de outubro de 1517 devido a um debate teológico com o monge Johann Tetzel, as ideias formuladas durante este período de “desapego” iriam transformar a cristandade latina para sempre, lançando as bases do que será conhecido como Reforma Protestante que, em conjunto com a Reforma Católica, forjará a Idade Moderna.

² GEORGE, 1993, pp. 56-57.

Os historiadores dão diversas interpretações sobre as causas da Reforma.³ A ênfase sobre um ou outro fator histórico depende da corrente a qual está ligado o autor. Nos primeiros registros, cujos autores eram protestantes ou católicos, o significado da reforma ganhou caráter apologético. Enquanto o lado protestante buscava enfatizar a Reforma como uma volta à pureza do cristianismo primitivo guiado pela Providência, os historiadores católicos tendiam a vê-la como um movimento herético que destruiu a unidade da Igreja, inspirada por várias razões, como a vontade de casar de Martinho Lutero. A partir do Iluminismo, os historiadores, com uma visão mais secularizada, atribuíam fatores como o resultado de decisões individuais como uma briga de monges na Saxônia ou o desejo de Henrique VIII de se casar novamente. Atualmente, ou se tem uma visão marxista da história, baseada no determinismo econômico, segundo a qual a Reforma foi um protesto contra a tentativa do papado de explorar economicamente a Alemanha, ou se tem um foco unicamente político, no qual se vê nações-estados versus uma Igreja Internacional.⁴ Embora haja elementos de verdade em todas estas posições, a Reforma não se explica tão simplesmente, como sendo causada por um único fator, pois as suas causas são múltiplas e complexas. Ela possui causas derivativas e determinativas. Seguindo a sugestão de J. Delumeau (1989), reconheceremos nesta dissertação que, enquanto fatores políticos e econômicos tenham contribuído para a expansão da Reforma, ela começa com uma tese teológica sobre como o homem pecador pode encontrar misericórdia diante de um Deus justo. A tese da justificação pela fé é o resultado da busca pessoal de Martinho Lutero para responder seus temores e suas angústias, males estes sentidos por grande parte da cristandade de seu tempo, que sem o saber, vivia num momento de transição.⁵

³ Até a ideia de Reforma como singular, um movimento único, deve ser revisto. Somente no final do século XVII o conceito "Reforma" foi aplicado à história da Igreja, pelo luterano Veit L. von Seckendorff. Antes que "Reforma", o correto seria utilizar o termo "Reformas", já que são propostas diferentes que são lançadas no seio da Cristandade, propostas estas que tornam-se concorrentes uma das outras. Melhor seria pensar este período como "Reformas" luterana, zwingliana, calvinista, anabatista, anglicana e católica. LINDBERG, 2001, p. 21-28.

⁴ CAIRNS, 2004, pp. 224-226. DELUMEAU, 1989, pp. 251-271. Em teóricos marxistas, a Reforma costuma ser vista como uma reação contra a Igreja Católica, representando a direita, a partir do povo, sendo Lutero ou os anabatistas, a esquerda contestatória. Os anabatistas são classificados por alguns como a "ala esquerda" da Reforma. LINDBERG, 2001, p. 26-28.

⁵ DELUMEAU, 1989, pp. 59-83. SCOTT, 2007, pp. 3-4. JÚNIOR, 2013, pp. 87-90. No capítulo 10 de seu livro, "As fundações do pensamento político moderno", Quentin Skinner concorda com Delumeau ao creditar a Reforma a uma tese teológica, sendo que para ele as 95 teses propostas por Lutero são um marco essencial para o Luteranismo, apesar de não ser o começo desta teologia reformista. SKINNER, 1996, p. 285-293. Para Pierre Chaunu, a Reforma começa a partir "da descoberta espiritual da salvação da fé". CHAUNNU, 2002, p. 74.

1.1.1 Contexto Político e Religioso

O fator político pode ser considerado como uma das causas indiretas mais importantes para o surgimento da Reforma. No Noroeste da Europa, surgiam novas nações-estados com governos fortes e centralizados. No início do século XVI as quatro grandes potências eram Inglaterra, França e Espanha, já com fortes governos nacionais; e a Alemanha, aonde o Imperador buscava a centralização. Portugal também já possuía um governo nacional, enquanto o resto da Europa permanecia fragmentada, ou com governos (como a União de Kalmar e a Polônia-Lituânia) pouco centralizados numa estrutura semifeudal.⁶

O caráter universal do Catolicismo colidiu com a consciência nacional emergente das classes destes novos estados. As nações que aceitaram o protestantismo estavam, em sua maioria, fora da órbita do antigo Império Romano, tendo assim, uma ótica cultural diferente das nações latinas. Como herdeiro das tradições romanas, o Papa tinha poder temporal e espiritual, uma vez que, em várias nações, a igreja era detentora de um terço das terras, criando uma divisão de soberania no estado que governantes despóticos, tais como Henrique VIII, da Inglaterra, ou Gustavo Vasa, soberano sueco, não podiam aceitar. A Inglaterra, um dos primeiros países a solidificar a sua nacionalidade, tinha saído recentemente da guerra das Duas Rosas (1455-1495), que arruinou de tal forma os senhores feudais, que Henrique VII e Henrique VIII puderam acelerar a centralização do poder real. Quando Henrique VIII teve o seu divórcio deferido pelo Papa, considerou o assunto como um problema nacional (obcecado que era por deixar um filho como sucessor) que o clero inglês resolveria.⁷ Na Suécia, o clero tinha sido um dos sustentáculos de Cristiano II, da Dinamarca. Gustavo Vasa promoveu o luteranismo como uma forma de enfrentar um setor da sociedade que era aliado de um poder estrangeiro (no caso, a Dinamarca).⁸

Cargos importantes nas igrejas nacionais eram preenchidos por estrangeiros. Os clérigos eram julgados em cortes eclesiásticas, e não nas civis, e aquelas podiam apelar diretamente para a Santa Sé. Este não era um problema para as monarquias espanholas, francesas e portuguesas e nem para os estados italianos. Na França, a

⁶ MUIRHEAD, 1952, pp. 16-21. DREHER, 2013, p. 218-219.

⁷ Ibid, pp. 16-17.

⁸ DURANT, 2002, vol. 6 pp. 526-528.

guerra dos Cem Anos (1338-1453) praticamente tinha arruinado a nobreza e acentuado o processo de consolidação do poder nas mãos do rei. Os poucos senhores feudais, que ainda retinham o poder, foram esmagados definitivamente por Luís XI (1461-1483). Em 1516 Francisco I (1515-1547) e o papa Leão X assinaram a Concordata de Bolonha, que virtualmente constituía o rei como cabeça da Igreja galicana, com o monarca indicando os bispos e os padres para serem confirmados por Roma.⁹ Já as coroas espanholas (1508) e portuguesas (1514) tinham com a Santa Sé o direito do padroado. Este tratava-se de um instrumento jurídico tipicamente medieval que possibilitava um domínio direto da Coroa nos negócios religiosos, especialmente nos aspectos administrativos, jurídicos e financeiros. Através do Padroado, os reis de Portugal e da Espanha podiam construir igrejas e nomear os padres e os bispos, sendo estes depois aprovados pelo Papa. Ambas as nações já tinham também um Estado forte e centralizado.¹⁰ Já os italianos dominavam a cúria romana, ainda que não houvesse um país unificado, os habitantes da Península Itálica sentiam-se unidos pela herança latina e o passado romano, do qual consideravam-se os maiores artífices. Durante o concílio de Trento, mais de 70% dos teólogos presentes eram italianos.¹¹ Provavelmente por isso que os clamores reformados por um clero e igreja nacional não tenham sido tentadores para os reis e governantes latinos.

A consolidação e nacionalização das monarquias europeias no início do século XVI limitava bastante as atividades e ambições dos Estados Pontifícios. Numa Itália dividida em repúblicas, reino e ducados, onde os espanhóis dominavam o sul, os venezianos e genoveses eram repúblicas comerciais, o norte era formalmente parte do Sacro Império e com os franceses invadindo com frequência a península em suas guerras contra os Habsburgo, o papado fazia e desfazia alianças na intricada política europeia para sobreviver. A formação de “igrejas nacionais” na Espanha, França e Portugal, em nada levaram a uma reforma eclesiástica nestes países. O clero católico era muitas vezes zombado pelas classes mais cultas, que o representava como imoral e ignorante. A falta de castidade, o fato das nomeações amealharem grandes somas de dinheiro e, junto com isso, o fato de que vários bispos,

⁹ Ibid, p. 420. MUIRHEAD, 1952, p. 17.

¹⁰ MATTOSO, 2003, vol. 11, p. 537. PORRAS, 2003, vol. 10, p. 978-979.

¹¹ O'BRIEN (ed.), 2007, p. 154.

abades e padres eram ausentes de suas dioceses fez com que o clero caísse em descrédito.¹²

1.1.1.1 A Alemanha: o ambiente de Lutero

Já a Alemanha era um caso à parte. Desde a extinção da dinastia carolíngia, os grandes senhores feudais arrogaram-se do direito de eleger o rei, e desde Oto I (962), o soberano eleito tinha direito à Coroa da Itália e ao título imperial.¹³ Desde 1438, a liderança do império tinha se tornado hereditária na casa austríaca dos Habsburgos, ainda que os eleitores continuassem tendo sua função formal. Os Habsburgos notabilizaram-se por suas alianças políticas por intermédio de casamentos dinásticos. Assim, devido aos arranjos do imperador Maximiliano I (1493-1519) através de dois casamentos, os Habsburgos herdaram a Borgonha, os Países Baixos e o ducado de Milão. O mesmo ocorreu em relação a alianças que o Sacro Império efetuou com a Espanha, Sardenha e as Duas Sicílias. Política de expansão essa que, em direção contrária, não logrou sucesso de fato universal. Deste modo, no início do século XVI, o território que hoje denominamos Alemanha estava dividido em cerca de quatrocentos estados e cidades-estados independentes, sendo que sete príncipes de mais destaque tinham usurpado o direito de eleger o imperador. Destes sete, quatro eram seculares e três príncipes-bispos, pouco desejosos de escolher alguém que efetivamente os submetesse a julgo centralizado.¹⁴

Não apenas o soberano do Sacro Império estava descontente com esta situação. Todos, com exceção dos grandes feudatários e dos príncipes, sonhavam com mudanças. A burguesia detestava os príncipes e os padres, pois estes eram vistos como empecilhos a sua autonomia. A pequena nobreza, arruinada pela fragmentação da propriedade hereditária, pela depreciação dos bens agrícolas e por seus hábitos luxuosos, odiava a seus senhores, cuja fortuna contrastava com sua decadência. Educada na tradição guerreira, estavam sempre em luta com os príncipes, as cidades e o clero. Quanto ao povo, em situação dramática. Trabalhadores mal pagos, pequenos comerciantes arruinados pelos grandes mercadores e manufatureiros e camponeses esmagados pelos impostos, tinham que

¹² DANIEL-ROPS, 1996, p. 284. GONZALEZ, 2011, vol. 2 p. 16. CAIRNS, 2004, p. 227-229.

¹³ WARNER, 2003, vol. 10 p. 711-713.

¹⁴ DANIEL-ROPS, 1996, pp. 278-280. ROTHMAN, 2008, vol. 3 p. 157-158.

muitas vezes recorrer empréstimos em pesadas condições para pagarem os foros, os dízimos e as rendas. Só no século XV ocorreram quatro revoltas sociais no império.¹⁵

A Renascença e o Humanismo floresciam em solo alemão, ajudados pela imprensa, que se espalhara no país (em 1500 existiam mil oficinas de tipógrafos na Alemanha). Todavia, diferente da Renascença italiana, que era inspirada na Antiguidade Clássica pagã, os humanistas alemães eram versados no Grego, Hebraico e Latim, e interessados particularmente na Bíblia e no restabelecimento daquilo que entendiam como a experiência cristã mais primitiva. Homens como Rudolf Agrícola,¹⁶ Johannes Reuchlin¹⁷ e Erasmo de Rotterdam queriam reformar aspectos da Igreja, mas sem romper com a sua unidade. Poucos foram os humanistas que se uniram à Reforma, mas ao apontar e criticar os abusos do clero católico romano, abriram caminho para ela.¹⁸

A pregação reformadora encontraria nos principados alemães solo fértil, embora a fé ali fosse viva, as peregrinações frequentes, a frequência aos sermões numerosa e segundo um relato de 1494, estivesse repleta de Bíblias, obras sobre a salvação e edições da Patrística, o povo comum era pouco letrado quanto à doutrina cristã ortodoxa, fé essa mesclada com elementos germânicos pagãos e tinham extensa penetração. Já parte significativa do alto clero, em cujas mãos concentrava-se considerável parcela do solo, praticava imoralidades e atos de simonia. O baixo clero era malformado e vivia na pobreza, muitas vezes obrigado a ganhar a vida em outros ofícios, cobrando taxas para a realização dos sacramentos.¹⁹ Isso posto, cabe observar, em acordo com Daniel-Rops, que “não é a situação política, social e religiosa da Alemanha que explica Lutero, mas o próprio Lutero”.²⁰ A mesma situação era vivida

¹⁵ DANIEL-ROPS, 1996, pp. 281-282.

¹⁶ Rodolfo Agrícola (1433-1485) foi “filósofo, filólogo, poeta, músico e pintor holandês. Seu verdadeiro nome é Rolef Huysmann. Foi um dos restauradores das ciências e das letras na Europa. Estudou em Lovaina, Bélgica, passou pela França e Itália desde 1473, e em 1480 retornou ao seu país natal, empregando os ensinamentos do renascimento. Exerceu uma cátedra de filosofia na Universidade de Heidelberg, da qual tornou-se representante administrativo. Agrícola é um dos fundadores do humanismo alemão, mais por sua ação pessoal do que por seus escritos... Foi o primeiro autor moderno a ocupar-se da investigação científica dos meios práticos para o ensinamento da palavra aos surdos-mudos”. RODRIGUEZ, 2005, p. 24.

¹⁷ Johannes Reuchlin (1455-1522) foi “um humanista alemão e pioneiro no estudo científico do grego clássico. Publicou também um léxico latino em 1474/76. Depois se interessou pelo estudo do hebraico, e em 1506 apareceu sua obra erudita *De rudimentariis hebraicis*. Foi o mais importante professor de grego e hebraico em seu país, a ponto de que os humanistas pensavam que somente Erasmo o superava. Reuchlin foi julgado pela inquisição por iniciativa dos dominicanos. Mas exonerado pelo papa Leão X”. GARCIA, 2005, p. 553.

¹⁸ Ibid. GEORGE, 1993, p. 48-50. DELUMEAU, 1989, p. 76-83.

¹⁹ DANIEL-ROPS, 1996, p. 284-285

²⁰ Ibid, p. 285.

em toda a cristandade romana. O que levará a Revolução desencadeada pela Reforma será derivado desses fatores, mas se queremos achar o fator “determinante”, temos que olhar para o monge alemão.

1.1.2 Martinho Lutero: Ansiando pela Graça

Nascido em 10 de novembro de 1483 em Eisleben, na Saxônia, Martinho Lutero era filho de um abastado minerador de prata, que havia ascendido socialmente ao ponto de se tornar uma figura de certo destaque político na cidade. Destinado a ser advogado, um dia ao voltar para casa em meio a uma tempestade, fez um voto a Santa Ana de que se tornaria um monge, quase voltasse vivo. Dentro do mosteiro, Lutero era um monge atribulado. Embora não tenha tido grandes falhas morais ou de caráter, vivia atormentado com o sentimento de que era um grande pecador. Confessava-se várias vezes, fazia penitencia, passava tempos em oração e meditação, absorto em leituras, em missas e vigílias, mas sentia um enorme abismo na alma, um medo terrível de que, por não ser bom o suficiente, seria destinado ao fogo do inferno.²¹ Contudo, este medo e insatisfação dentro do coração de Lutero não o tornava um caso à parte, mas antes um filho do seu tempo.

Os cristãos de sua época viviam uma era de medo e insegurança. No século XVI a Europa estava entrando na Idade Moderna. Embora um número cada vez maior de europeus vivesse nas cidades, a população continuava basicamente rural. As aldeias viviam em vigilância contra lobos, javalis e outras ameaças aos seus rebanhos e lares. Insetos, animais e pássaros competiam com o lavrador pela colheita. A fome sempre rondava, as moléstias eram frequentes e os médicos distantes. A cada cinco crianças que nasciam, duas morriam na infância, e pelo menos uma vez a cada geração um filho era recrutado para o exército. O que o camponês conseguia colher, a igreja tomava um décimo e o proprietário da terra cultivada, um pouco mais. A ciência agrícola estava estagnada, e as pequenas propriedades eram substituídas por áreas extensas controladas por mercadores e membros das classes mais abastadas. A mineração progredia rapidamente, bem como a indústria têxtil, sendo ambas as receptoras da maior parte dos progressos mecânicos da época. Os banqueiros melhoravam os serviços e as técnicas, com taxas de juros que iam de 5-20%,

²¹ JÚNIOR, 2013, p. 88. DANIEL-ROPS, 1996, pp. 270-272. HILLERBRAND, 2005, vol. 8, p. 5534-5535.

dependendo das economias locais. Ainda não havia o ouro e a prata do novo mundo, mas as minas da Alemanha, Hungria e Espanha estavam desalojando a economia arraigada na posse de terra. Porém, a opulência e a prosperidade limitavam-se a mercadores, financistas, fabricantes e ao governo. A aristocracia rural perdia sua força e dinheiro numa economia inflacionária, partilhando este sofrimento junto com os mais humildes, sendo comum o trabalho infantil. As greves eram numerosas, embora reprimidas pelos empregadores e pelo governo.²²

O sentimento de insegurança era geral. O código penal, embora fosse mais severo do que na Idade Média, era um sintoma da desordem moral da época. O assassinio era comum em todas as classes, e cada homem portava uma adaga. Nas cidades, os ladrões eram tão numerosos como as prostitutas, e as forças responsáveis por manter a lei e a ordem mais puniam do que impediam o crime. Um sem número de delitos eram punidos com a pena capital, e as execuções atraíam um grande número de populares. A tortura era uma forma legal de se arrancar confissões e testemunhos. As leis religiosas não apenas proibiam heresias, mas também comer peixe às sextas feiras, jogos de azar e a embriaguez, entre outras. Embora o casamento geralmente ocorresse aos 14 anos para os rapazes e aos 12 para as moças, a moralidade social parecia declinar. O suborno era tradição generalizada, o pauperismo cresceu à proporção da crise social e a moralidade política ruía. O advento dos canhões e das armas de pólvora transformou a guerra numa nova selvageria, e com o declínio da cavalaria, a moral medieval da guerra caiu em desuso. O pessimismo tomava conta do pensamento e da arte religiosa. Os europeus, em sua maioria, tinham a certeza de viver no limiar da história, anterior ao Dia do Juízo.²³

O sofrimento, a morte, o Juízo Final e Satã com seus agentes tornaram-se ideias fixas que impregnaram a cultura europeia nos séculos XIV-XVI, marco cronológico que se inicia com a difusão da Peste Negra, responsável pela morte de um terço da população do Continente, e a epidemia de sífilis, que se seguiu aos descobrimentos. A visão da morte encontrava-se, portanto, nos sermões, nas xilogravuras, nas pinturas e esculturas deste período. Uma das mais populares era a “dança da morte”, em que a morte aparecia como onipresente, sem deixar ninguém

²² DURANT, 2002, p. 635-640. CHAUNNU, 2002, p. 74-75.

²³ Ibid. p. 640-648.

escapar de sua mão, independente da classe social. Ela era uma realidade bem presente no coração dos homens e mulheres à véspera da Reforma.²⁴

O espectro do purgatório e do inferno somava-se ao temor da morte, cujos tormentos eram retratados de maneira aterrorizante na arte, na escultura e nas pregações. O purgatório era um lugar de sofrimento terrível destinado a purificar aqueles que morriam em pecado venial (ou seja, a maior parte da população). Exemplo desta imaginação é o seguinte diálogo, representação literária do que seria o testemunho de um morto atormentado:

Se tendes pena dos cegos, não há ninguém tão cego quanto nós, que estamos aqui na escuridão, salvo as visões desagradáveis e repugnantes, até que venha algum conforto. Se tendes pena dos aleijados, ninguém é tão aleijado quanto nós, que não podemos colocar um pé para fora do fogo, nem temos as mãos livres para proteger nosso rosto das chamas. Finalmente, se tendes pena de qualquer homem em sofrimento, nunca conhecestes sofrimento comparável ao nosso, cujo fogo é muito mais ardente que o de qualquer outro lugar na terra e mais quente do que pareceria uma labareda pintada numa parede. Se já ficastes doentes, pensastes como a noite era longa e ansiastes pela manhã, quando cada hora parecia durar mais que cinco, pensai então que longa noite nós, almas tolas, padecemos, em insônia, sem descanso, queimando e torrando no fogo por uma longa noite de muitos dias, de muitas semanas, de muitos anos juntos. [...] Vós tendes vossos médicos, que às vezes vos curam e confortam; nenhum médico poderia ajudar em nosso sofrimento, nem emplastro algum aplacaria nossa febre. Vossos guardas vos fazem bem e vos deixam em conforto; nossos guardas são aqueles de quem Deus vos guarda - cruéis espíritos malditos, ofensivos, invejosos e odiosos, inimigos aversivos e atormentadores maliciosos, cuja companhia é mais horrível e atroz para nós do que o sofrimento em si: e o tormento intolerável que nos infligem, por meio do que, de todas as maneiras, não cessam jamais de nos despedaçar.²⁵

Se o purgatório era assim, o inferno era incomparavelmente pior! Um catecismo da época afirmava que “o sofrimento causado por uma fagulha do fogo do inferno é ainda maior do que aquele provocado por mil anos de trabalho de parto”.²⁶ Os temas da morte e da culpa estão relacionados ao que era talvez a ansiedade dominante na sociedade da Baixa Idade Média, uma crise de sentido.

Esta crise de sentido fez com que a expectativa escatológica crescesse às vésperas da Reforma. A peste, as revoltas camponesas, a Guerra dos Cem Anos, o avanço turco, o Grande Cisma, as cruzadas contra os hussitas e a decadência moral do papado imprimiam cada vez mais a ideia de que se vivia a expectativa do Juízo

²⁴ GEORGE, 1993, p. 26-31. DELUMEAU, 2009, p. 308-310.

²⁵ MORE, 1529, p. 227-338.

²⁶ GEORGE, 1993, p. 31.

Final. Embora por todo o decorrer da Idade Média a igreja tenha meditado e pregado sobre o fim do mundo, é somente a partir do século XIV que uma verdadeira difusão dos terrores do retorno de Cristo reforça na mente cristã o medo e angústia de comparecer no dia do Juízo. Cria-se um clima de pessimismo geral, a certeza de que a aniquilação total se aproxima.

Parece que as ameaças do Apocalipse nunca preocuparam tanto as almas... Os últimos anos do século XV e os primeiros anos do século XVI indicam um dos momentos da história em que o Apocalipse apoderou-se mais fortemente da imaginação dos homens.²⁷

A partir do Grande Cisma a expectativa apocalíptica aumentou. Clérigos organizavam debates públicos sobre o fim dos tempos. Os franciscanos “espirituais”, utilizando-se das obras de Joaquim de Fiore, dão um tom milenarista as suas pregações ao criticar os abusos da Igreja. Nos territórios alemães, espera-se que Frederico II volte dos mortos para se tornar o imperador dos últimos dias. Os flagelantes que aparecem no século XIV, os taboritas em 1420, e durante a própria Reforma, a revolta camponesa de 1525 e a anabatista de 1534 são movimentos de milenaristas, que querem implantar a todo o custo o Reino de Deus. A partir do século XIV o tema do Juízo Final se torna cada vez mais recorrente na iconografia e na literatura. A representação de Deus como Juiz severo, que logo após as pragas conclama a humanidade a comparecer junto ao grande trono branco, destinando os perdidos ao fogo e as torturas lancinantes no Inferno sob o comando de horríveis demônios, torna-se figura comum nos vitrais e paredes das catedrais e capelas rurais da Europa.²⁸

Para Cristóvão Colombo, sua viagem rumo a uma rota ao Oriente tomou uma feição mística. “Fui eu que Deus escolheu para seu mensageiro, mostrando-me de que lado se encontrava o novo céu e a nova terra que o Senhor falara pela boca de São João em seu Apocalipse”.²⁹ Colombo acreditava que as riquezas inexploradas nas novas terras ajudariam a vencer os turcos, reconquistaria Jerusalém, fazendo o povo judeu voltar para a Palestina, preparando o caminho para a vinda de Cristo. Não menos crentes no fim próximo, eram os missionários que desembarcavam no Novo Mundo, que acreditavam participar da última colheita. “E será pregado este evangelho

²⁷ DELUMEAU, 2009, p. 304.

²⁸ Ibid. p. 312-313; p. 318-334.

²⁹ Ibid. p. 314.

do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim” (Mt 24:14). Embora a espera do juízo pudesse trazer um sentimento de esperança e libertação, na maioria das vezes era medo e angústia que se tinha com a imaginação voltada para as desgraças que precederiam a *parusia*, pois antes que Cristo viesse, era necessário o aparecimento do Anticristo.

A chegada deste ser sinistro era dada como iminente. Desde que três papas chamaram uns aos outros de Anticristo na época do Grande Cisma do Ocidente, nunca se falara tanto nesta figura enigmática, quer seja nos sermões, como os de São Vicente Ferrer, quer nos livros, como a *Legenda áurea* ou *A vida do Anticristo*, quer nas figuras e pinturas de Dürer. O poderoso inimigo de Deus e dos homens poderia nascer de uma família judaica ou, conforme progrediam as polêmicas religiosas, aparecer dentro da própria Igreja, como o papa para Wyclif, Hus e Savonarola, ou também aparecer na figura de um mordaz inimigo da fé cristã. Após a excomunhão, Lutero e os reformadores verão no papado o terrível Anticristo, o que lhes levará a certeza de viverem no fim dos tempos. Para isto, também não faltam cálculos para predizer o aparecimento da Besta, que teria sido anunciada no Apocalipse, e a vinda do Juízo. Esperava-se que após seis ou sete mil anos de vida na terra, o milênio chegasse. Ou se não era esse o caso, vasculhava-se o prazo de tempo nas profecias de Daniel e do citado Apocalipse para se chegar a data certa. E como ninguém conseguia chegar a um acordo acerca do número de anos entre a Criação e a segunda vinda de Cristo, tinha-se a sensação de que ela seria iminente. Para Colombo, mais 155 anos e a terra acabaria. Nicolau de Cusa previu a volta de Jesus para 1700. E o próprio Lutero embora não desse datas, acreditava que Cristo voltaria ou em sua geração, ou na próxima.³⁰

Mas é claro que todas estas coisas não poderiam acontecer sem a ação do inimigo de Deus, Satã. Embora na arte cristã primitiva ele quase não apareça, a partir do século XI e XII, influenciado pelos contatos com o Oriente durante as Cruzadas, o Satã cornudo, de olhos vermelhos e asas e cabelo de fogo começa a aparecer nos vitrais, paredes e telhados das Catedrais. Meio homem e meio besta, ele e seus diabos começam a se tornarem figuras comuns da cultura popular. É a partir do século XIV que a atmosfera se torna pesada, e Satã, devorador de homens e tentador da fé se torna figura quase onipresente e onipotente. Seja na arte, como os horripilantes

³⁰ Ibid. p. 317-318; p. 345-346.

quadros de Bosch, seja na literatura, como *O exorcismo dos loucos* ou o *Malleus Maleficarium*, ou no teatro e sermões de religiosos, a realidade das armadilhas do Diabo tornara-se tão concreta, que não é de admirar que Lutero, uma vez possuído ao mesmo tempo pelo medo do diabo e pelo cataclismo que se aproximava, tivesse tanta incerteza da salvação. Temor que não apenas anularia os meios tradicionais e sacramentais, tais meios tornar-se-iam, para Lutero, até mesmo um empecilho para a salvação. Dentro deste contexto, e somente se tendo esta ampla visão, tanto social quanto religiosa, se pode compreender a tese que abalaria a unidade do mundo ocidental.³¹

1.1.3 *Simul justus et peccator*: o poder de uma tese

Embora fosse pregador na Universidade de Wittenberg, Lutero ainda tinha suas dúvidas e conflitos. Como um Deus, que é o justo juiz, pode ser amoroso e misericordioso? Enquanto preparava os seus sermões, algo encontrado no livro neotestamentário de Romanos lhe trouxe significado:

Finalmente, pela misericórdia de Deus, meditando de dia e de noite, dei atenção ao contexto das palavras, a saber: "a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé". Então comecei a entender que a justiça de Deus é aquela pela qual o justo vive por um dom de Deus, em outras palavras, pela fé. E é este o significado: a justiça de Deus é revelada pelo evangelho, a saber, a justiça passiva com a qual o Deus misericordioso nos justifica pela fé, segundo está escrito: o justo viverá por fé. Aqui senti como se tivesse nascido de novo e entrado no paraíso por portões abertos. Ali, uma faceta totalmente nova da Bíblia revelou-se para mim.³²

Esta afirmação foi feita por Lutero já depois de consolidada a Reforma, e segundo ele mesmo registrou, isto se deu por volta de 1519. Todavia, o senso comum (e equivocado) é de que Lutero já tinha construída a ideia da justificação pela fé durante sua querela sobre as indulgências. Ele já tinha em mente as ideias básicas que seriam usadas para construir a tese que marcaria sua contribuição na história do cristianismo. Porém a construção da doutrina da justificação foi um caminho percorrido por ele enquanto pregava e debatia com os teólogos durante o período de 1515-1519.

³¹ Ibid. p. 354-385.

³² OLSON, 2001, p. 387. Ver também CHAUNNU, 2002, p. 90.

Mas para se entender como que ele chegou a esta ideia revolucionaria para a época, devemos entender como se pensava a justificação na teologia católica da época.

O entendimento que se tinha da doutrina da justificação deriva em parte da junção da doutrina cristã com a filosofia grega. A reconciliação do homem com Deus era entendida como a construção de um novo relacionamento ontológico entre o divino e o humano. As ideias de São Irineu e Santo Atanásio da recapitulação, onde Cristo era o cabeça de uma nova humanidade, que conforme fosse unindo-se com Ele passaria por um processo de divinização, por intermédio dos sacramentos, é encontrado no pensamento de vários pais da Igreja, incluindo Santo Agostinho, que cria que a infusão da Graça pelo sistema sacramental-penitencial da Igreja continuava o processo de justificação iniciado no batismo. A teologia escolástica amplia este conceito por meio da distinção entre Graça Real e Graça Habitual. A Graça Real concedia perdão aos pecados declarados na confissão. Todavia, isto não era suficiente. Isso requeria a infusão da Graça Habitual, que conferia à alma uma qualidade divina, capacitando a pessoa a realizar atos justos. Alguém era declarado justo porque já havia sido feito justo, pela infusão de uma qualidade sobrenatural. Portanto, conforme o pecador vai se tornando gradativamente justo ao receber a justiça de Deus infundida mediante os sacramentos e as boas ações, conforme ela avança em bondade e justiça, Deus o justifica no sentido pleno e completo, podendo este processo se estender até o Purgatório.³³

É justamente isto que desesperou Lutero. Tinha se tornado o penitente exemplar: confessava-se várias vezes ao dia, autoflagelava-se e jejuava ao extremo, e no final do dia, dormia no chão duro e frio de sua cela. Mas mesmo assim, a sua consciência acreditava que não havia sido bom o suficiente, e que um Deus irado o destinaria ou as chamas do Inferno, ou as do Purgatório. Esta insegurança fez com que ele se odiasse, e posteriormente, durante suas crises de fé, fizera com que ele direcionasse seu ódio a Deus, um Deus que ele não sabia ser um Libertador ou um Destruidor. É neste momento que seu confessor o direciona a contemplar as feridas de Jesus na cruz. E é nesta ocasião que durante os cinco anos seguintes (1513-1518) Lutero começará a amadurecer suas ideias acerca da justificação através do nominalismo, do misticismo alemão e das obras de Santo Agostinho.

³³ GEORGE, 1993, p. 65-66. CHAUNNU, 2002, p. 91.

Lutero teve contato com os escritos de um dos teólogos nominalistas, Gabriel Biel, que dentro da tradição nominalista, distinguia o poder absoluto de Deus do seu poder ordenado. Teoricamente, por seu poder absoluto, a justificação poderia ocorrer sem a infusão da Graça, todavia, Deus escolheu justificar o homem pelos canais sacramentais, e sem esta infusão da Graça, ninguém poderia receber um mérito real, embora, se ele fizesse o melhor possível, o pecador poderia receber um semimérito, podendo ter assim algo a reivindicar a Deus.³⁴ Em 1515, Lutero defendia a necessidade de fazer o melhor possível como predisposição para receber a Graça, doutrina esta que defende em seus sermões até o início de 1517. Todavia, por experiência própria, ele constatou que o que antecedia a graça não era uma disposição, mas uma rebelião ativa. Seu rompimento com os conceitos nominalistas é um passo fundamental para desenvolver seu pensamento sobre a doutrina da justificação.³⁵

Por volta de 1516, Staupitz apresenta a Lutero os escritos do místico dominicano Johann Tauler, que deixa uma impressão positiva em Lutero. A mística alemã deste período destacava entre outras coisas a perversidade do egoísmo humano que, era fraqueza passiva ou ausência do bem, e a necessidade de amoldar-se à humilhação e aos sofrimentos de Cristo. Destaque-se também a ideia da *Gelassenheit*, ou seja, ideia de que a atitude apropriada do homem perante Deus era a passividade total e a submissão completa, levando o homem a uma união mística com Cristo. Todavia, aos poucos, Lutero começou a entender o pecado como rebelião fervente, e não uma fraqueza passiva, ou ausência do bem, como os místicos defendiam. Embora a ideia da *Gelassenheit* continue em sua teologia, o desenvolvimento da ideia de que diante de Deus o pecador está despojado de todos os recursos naturais, sem ter nada a recorrer, leva-o a dar mais um passo de distanciamento da ortodoxia católica.³⁶

E sua terceira influência que se torna paradoxal, por que ao mesmo tempo rejeita o aspecto da justificação enquanto abraça o da predestinação, são as obras de Santo Agostinho. Como monge agostiniano, Lutero tinha acesso as obras deste Pai da Igreja, ao ponto de, em uma carta de 18 de maio de 1517, ele afirmar que ambos estavam em concordância. Contudo, conforme ia amadurecendo seu pensamento

³⁴ Ibid. p. 67-68.

³⁵ DAVIS, 2011. p. 729-730.

³⁶ GEORGE, 1993, p. 68-71.

sobre o conceito de justificação no Novo Testamento, Lutero chegou a declarar que no momento em que ele entendeu Paulo, descartou Agostinho.³⁷

A ruptura é causada no momento em que ele adquire uma nova compreensão acerca do termo “justiça de Deus”, em Romanos 1.17. Embora no seu sermão de 1515 ele entenda este termo no sentido de justificação progressiva, ao expor novamente este texto, em outubro de 1518, ele afirma o conceito de *sola fides justificata*, repetindo novamente este conceito em fim de 1518 e início de 1519, troca que, como veremos mais adiante, será importante.

É interessante perceber que um debate que começa sobre a justiça ou não de se vender indulgências, leva Lutero durante o ano de 1518 a escrever um sermão sobre indulgência e Graça e a preparar-se para debater suas ideias no Debate de Heidelberg. Durante a convenção dos monges agostinianos nesta cidade, em que foi chamado por seu superior para defender-se das acusações de heresia por atacar a venda das indulgências, Lutero desenvolve a sua chamada Teologia da Cruz em oposição a Teologia da Glória dos escolásticos. Segundo Lutero, a dogmática escolástica estava toda fundamentada na pretensão de:

Ver Deus tal como é, em sua própria glória, sem ter em conta a distância enorme que separa o ser humano de Deus. O que a teologia da glória faz no final das contas é pretender ver Deus naquelas coisas que nós humanos consideramos mais valiosas e, portanto, fala do poder de Deus, da glória de Deus, da bondade de Deus. Porém tudo isso não é mais do que fazer Deus à nossa própria imagem e pretender que Deus seja como nós mesmos desejamos que Ele seja.³⁸

Para Lutero, a cruz é a marca de toda a teologia. “No Cristo crucificado é que estão a verdadeira teologia e o verdadeiro conhecimento de Deus”.³⁹ Conhecer a Deus pela cruz é conhecer o nosso pecado e o amor redentor de Deus. Deus, na cruz, destrói todas as nossas ideias preconcebidas da glória divina. O perigo em potencial que a Teologia da Cruz vê na Teologia da Glória é que essa última levaria o homem à alguma forma de justiça pelas obras, à tendência de se fazer uma barganha com Deus com base em realizações pessoais. Por outro lado, a teologia da cruz repudia firmemente as realizações do próprio homem, remetendo ao plano divino a salvação última do homem.

³⁷ Ibid. 1993, p. 70. CHAUNNU, 2002, p. 109-111.

³⁸ GONZALEZ, 2011, p. 42.

³⁹ LUTERO, 1987, p. 50.

Na doutrina de Martinho Lutero, a graça da justificação pela fé está rigorosamente orientada pelo Cristo crucificado. O batismo não está apenas no começo da vida cristã, mas no ato do batismo temos o símbolo de toda a vida cristã: um constante morrer e ressuscitar com Cristo. Porém, o conceito luterano do morrer do velho homem precisa ser traçado com base na doutrina da justificação. A mortificação não é obra meritória. Ela não é pré-requisito para a fé que alcança a graça, mas, inversamente, pressupõe a fé. A Teologia da Cruz, em Lutero, se encontra na mais aguda oposição a qualquer moralismo. A cruz é, portanto, um paradoxo: Deus rejeita os orgulhosos, mas aos humildes concede a sua Graça. Assim, somente a fé poderia perceber essa realidade verdadeira e paradoxal. A fé e a humildade estão intimamente relacionadas. Por isso, a busca monástica por humildade não faria nenhum sentido. Humildade é a renúncia consciente a todas as qualidades humanas com as quais poderíamos argumentar. Neste sentido, a humildade tem que preceder à fé, pertence ao alicerce crítico da fé. Justificação pela fé só poderá acontecer onde houver sido posto este alicerce. Neste sentido, humildade, tal como a fé, não é uma virtude. É a renúncia de toda virtude; é saber que não podemos subsistir perante Deus com nossa virtude. Este conceito luterano de humildade não se compara em nada ao sentido católico-sinergista.⁴⁰ Todo sinergismo está excluído.⁴¹

A partir do momento em que Lutero constrói a sua Teologia da Cruz, o caminho para a justificação pela fé está traçado. Se o homem não tem nada para apresentar diante de Deus, até as suas boas obras serão manchadas pelo pecado. Qual então seria a esperança da justificação? Ao olhar para cruz, propõe Lutero, o pecador pode trocar a bondade e a retidão de Cristo por todo o pecado e a iniquidade do ser humano. O que torna real esta troca é o momento em que o pecador tem fé nisso e crê que pela promessa de Deus, Cristo toma os seus pecados e ele recebe a justificação.

É nisto que faz a diferença a terminologia forense. Deus não aumenta os méritos do pecador, mas lhe “imputa” a justiça de Cristo. A justificação nunca se torna propriedade do pecador, é sempre totalmente de Cristo. Além disso, esta imputação

⁴⁰ Sinergismo em teologia se refere a doutrina da cooperação entre Deus e o homem na conversão. Esta doutrina procura conciliar a soberania de Deus e a liberdade do homem. Segundo ela, a iniciativa provém de Deus, mas o homem escolhe ou não a oferta de salvação. Enquanto que a teologia reformada é monergista, ou seja, enfatiza a ação única de Deus na conversão do homem, sendo o homem agente passivo. FRY, 2009, v. 3 p. 399.

⁴¹ SANTOS, 2007, p. 17-22. Ver também GONZÁLEZ, 2004, vol. 3 p. 40-47.

não transforma a pessoa que a recebe justa de fato, mas antes, a pessoa que recebe a imputação continua totalmente pecadora. Dai a expressão *simul justus et peccator*. Por causa de Cristo, pela fé, Deus enxerga o pecador como justo, embora o pecador continue sendo pecador. O Deus que perdoa e imputa justiça faz isso em duas etapas: uma única vez, por ocasião do batismo, e diariamente, a medida que o pecador se aproxima arrependido pela fé. A justificação só é mantida pela fé contínua, fé esta que será diametralmente oposta às obras. Na teologia reformada, a graça e a fé que justificam começarão inevitavelmente a transformar a pessoa interiormente e produzir frutos de justiça. Lutero não dedicava atenção a esta parte com medo que a atenção às boas obras levasse à volta a justiça pelas obras. João Calvino virá a realçar a importância da santificação dentro dos círculos calvinistas, preocupado que a ênfase somente na justificação leve a um laxismo.⁴²

Devido a sua preocupação com a participação do homem no processo de salvação, Lutero irá permanecer junto com Agostinho na crença da predestinação. Depois da Queda, o livre-arbítrio permanece apenas nominalmente, livre apenas nas decisões relacionadas à vida cotidiana. Todavia, no que se refere à Salvação, a vontade permanece escrava do pecado e não pode escolher o bem de acordo com Deus. Como a Graça é o único meio de se libertar da escravidão do pecado, e o homem não a possui inerentemente, a única preparação infalível para a graça é a eleição eterna e a predestinação de Deus, uns para a salvação, e outros para perdição. Lutero mantém o mistério ao afirmar que somente Deus sabe quem são os eleitos, oculto no caráter de Deus. Assim como a justificação, a predestinação é *sola fide*, só atingida mediante a cruz, mediante às feridas de Jesus. A dúvida de ser um predestinado, longe de ser um sinal de reprovação, seria uma das marcas dos eleitos, pois esta dúvida é atribuída ao diabo, desejoso de angustiar e desfalecer o fiel. Calvino e seus seguidores posteriormente acrescentarão a vida exemplar, o trabalho duro e a prosperidade como outros sinais externos dos eleitos.⁴³

Este esquema da justificação é o adotado por todas as denominações protestantes, com exceção da ênfase na predestinação, que após os debates entre arminianos e gomaristas⁴⁴ nos Países Baixos, a influência anabatista entre os

⁴² OLSON, 2001, p. 399-401. GEORGE, 1993, p. 71-74. GONZÁLEZ, 2011, vol. 2 p. 42-43.

⁴³ GEORGE, 1993, p. 74-80. OLSON, 2001, p. 392-393. GONZÁLEZ, 2004, vol. 3 p. 56-57. SKINNER, 1996, p. 286-288.

⁴⁴ O Arminianismo é um sistema teológico protestante elaborado por Jacobus Arminius, no século XVII, nos Países Baixos. Foi fortemente combatido por Francisco Gomaro, que assim como Arminius, era

separatistas ingleses e a expansão metodista (que dará origem ao movimento pentecostal), deixará a crença na eleição incondicional circunscrita as igrejas descendentes da tradição calvinista. Embora pareça uma questão abstrata nos dias de hoje, a doutrina da justificação pôs em cheque as eclesiologia e teologia católicas. Como consequência desta doutrina, houve um apelo para que a Bíblia se tornasse a única regra de fé (já que, com a rejeição do escolasticismo, Lutero não apenas recusou o magistério católico como também a tradição em si), levando à rejeição de tudo o que fosse contrário ou não se encontrasse nela, alterando a liturgia, a aparência e a funcionalidade dos templos. A missa foi rejeitada como sacrifício e a pregação da Bíblia ocupou o lugar central no culto. Uma grande ênfase na educação foi dada para que as pessoas lessem as Escrituras, e a pregação deixou de ser algo exclusivo ao clero, já que no grupo dos predestinados, todos tinham a mesma igualdade a nível religioso, levando assim a ideia do sacerdócio universal dos crentes, um remodelamento das funções pastorais, e a abolição da maioria dos sacramentos, permanecendo apenas o batismo e a eucaristia, ressaltando-se, entre muitos grupos protestantes, o aspecto simbólico desta.

As ideias luteranas se espalham rapidamente pela Alemanha e por todo o mundo católico. Após ser excomungado pelo papa Leão X, em 1521, contando com o apoio de vários príncipes e nobres que se converteram à Reforma (e que se aproveitaram para confiscar as propriedades eclesiásticas), os seguidores de Lutero, chamados de protestantes por seus oponentes católicos, insistem na liberdade de se expressarem e adorarem a Deus à maneira reformada nas terras cujos príncipes tornaram-se “evangélicos” (que é a terminologia preferida por Lutero e pelos

professor da Universidade de Leiden, e defensor do Calvinismo. “A questão principal entre Gomaro e Arminius foi esta: Arminius sustentava que, na obra da salvação, o homem coopera com Deus em certo sentido, ao passo que Gomaro sustentava que nesta obra, Deus, e somente Deus, está ativo. Quando Conrad Vorstius, pró-arminiano, foi nomeado para suceder a Arminius em 1610, Gomaro pediu demissão de sua cadeira, em sinal de protesto. Em 1610, o grupo arminiano publicou *A Remonstrância*, um manifesto que expunha seu ponto de vista teológico. Imediatamente, os gomaristas replicaram com uma *Contra-Remonstrância*. Esta controvérsia foi se arrastando até 1618, quando o Sínodo de Dort foi convocado para resolver a disputa. Este sínodo pronunciou-se contra os arminianos e asseverou nos seus decretos os chamados cinco pontos do calvinismo, a saber: a eleição incondicional, a expiação limitada, a depravação total, a graça irresistível e a perseverança final dos santos. Mas Gomaro, que desempenhou um papel de importância em Dort, não conseguiu convencer o sínodo a endossar seu supralapsarianismo - isto é, a ideia de que o decreto divino da eleição antecedeu a queda do homem e contemplava o estado caído do homem como parte do plano divino da predestinação”. HOPE, 2009, vol. 2, p. 207-208.

reformadores). Com exceção da Áustria e Baviera se mantêm maciçamente católicas, a maior parte do mundo Germânico se separa da Santa Sé.⁴⁵

Por volta de 1525, o movimento reformado passa por sua primeira divisão, quando grupos de radicais, conhecidos por anabatistas, insuflam o campesinato alemão contra seus príncipes. A revolta banha em sangue o sul da Alemanha. Temendo novas divisões, por volta de 1529 o príncipe-eleitor alemão Filipe de Hesse convoca um colóquio na cidade de Marburgo, visando unir a Reforma. Nesta altura outros líderes inspirados por Lutero iniciam a sua própria Reforma em suas cidades, como Zurique e Estrasburgo, e Filipe de Hesse, face a dissidência anabatista, teme que as divisões enfraqueçam o movimento frente à reação católica. Neste colóquio, o movimento reformador se divide entre Luteranos e Sacramentários (assim chamados os seguidores de Ulrich Zuínglio), devido à dificuldade de chegar a um consenso durante a elaboração de fé, no ponto concernente a Eucaristia. Cristo está presente nela, como diz Lutero, ou ela é apenas um símbolo, conforme acreditam Zuínglio e Bucer? O colóquio termina com insultos de Lutero aos seguidores do reformador suíço, e a tradição protestante divide-se entre luteranos e reformados.⁴⁶

A liberdade de consciência que Lutero pedia para poder obedecer à Palavra de Deus vai se tornando cada vez mais dificultada conforme as dissidências e os fanatismos aparecem, e conforme a fé reformada vai se consolidando em cidades, principados e reinos. Logo se percebe que esta liberdade é reivindicada apenas para os luteranos em terras já controladas por eles, no Império. Anabatistas, zwinglianos e calvinistas, chamados de “Sacramentários” e contados como hereges e filhos do demônio, tal como os “papistas”, terão que encontrar outro lugar fora do “castelo forte” luterano.⁴⁷ Dentro em breve, os reformadores terão de pensar não apenas em Teologia e Eclesiologia, mas também em como a igreja reformada terá de se comportar num estado dirigido pelos eleitos. A igreja será serva, mentora ou opositora de um governo que também teria sido predestinado por Deus? Aqui, cabe frisar: as respostas a esta questão servirão para entendermos tanto o papel como o objetivo dos políticos hoje na sociedade brasileira.

⁴⁵ PARKER, 1995, p. 178-179. Em apenas 50 anos, quase 40% dos europeus aceitaram uma teologia reformada. Em 1570, sete de cada dez súditos do Sacro Império eram protestantes. Contudo, como resultado das guerras de religião e da Contrarreforma, entre 1570 e 1650 o número de protestantes caiu para cerca de 20%. Ibid.

⁴⁶ OLSON, 2001, p. 404-406.

⁴⁷ DURANT, 2002, vol. 6 p. 52-355.

s de raiz

NEOPENTECASTALISMO

Com ênfase na guerra espiritual contra o Diabo e na Teologia da Prosperidade, cresce a partir dos anos 1970 por meio de pastores brasileiros.

SEGUNDA ONDA PENTECASTAL

Renovação marcada pelo aparecimento de Igrejas com lideranças autônomas a partir da década de 1950.

PENTECASTALISMO ou PRIMEIRA ONDA PENTECASTAL

Movimento que começa nos EUA no início do século XX, enfatizando os dons do Espírito Santo, e chega ao Brasil por intermédio de missionários norte-americanos.

PROTESTANTISMO NO BRASIL

Igrejas Tradicionais que chegam ao Brasil no século XIX, principalmente após a vinda da família real, em 1808.

IGREJAS PROTESTANTES TRADICIONAIS

Herdeiras diretas do Protestantismo Histórico, baseadas nas doutrinas reformadoras.

PROTESTANTISMO HISTÓRICO - Séc. XVI

Doutrinas que nascem a partir da Reforma Protestante.

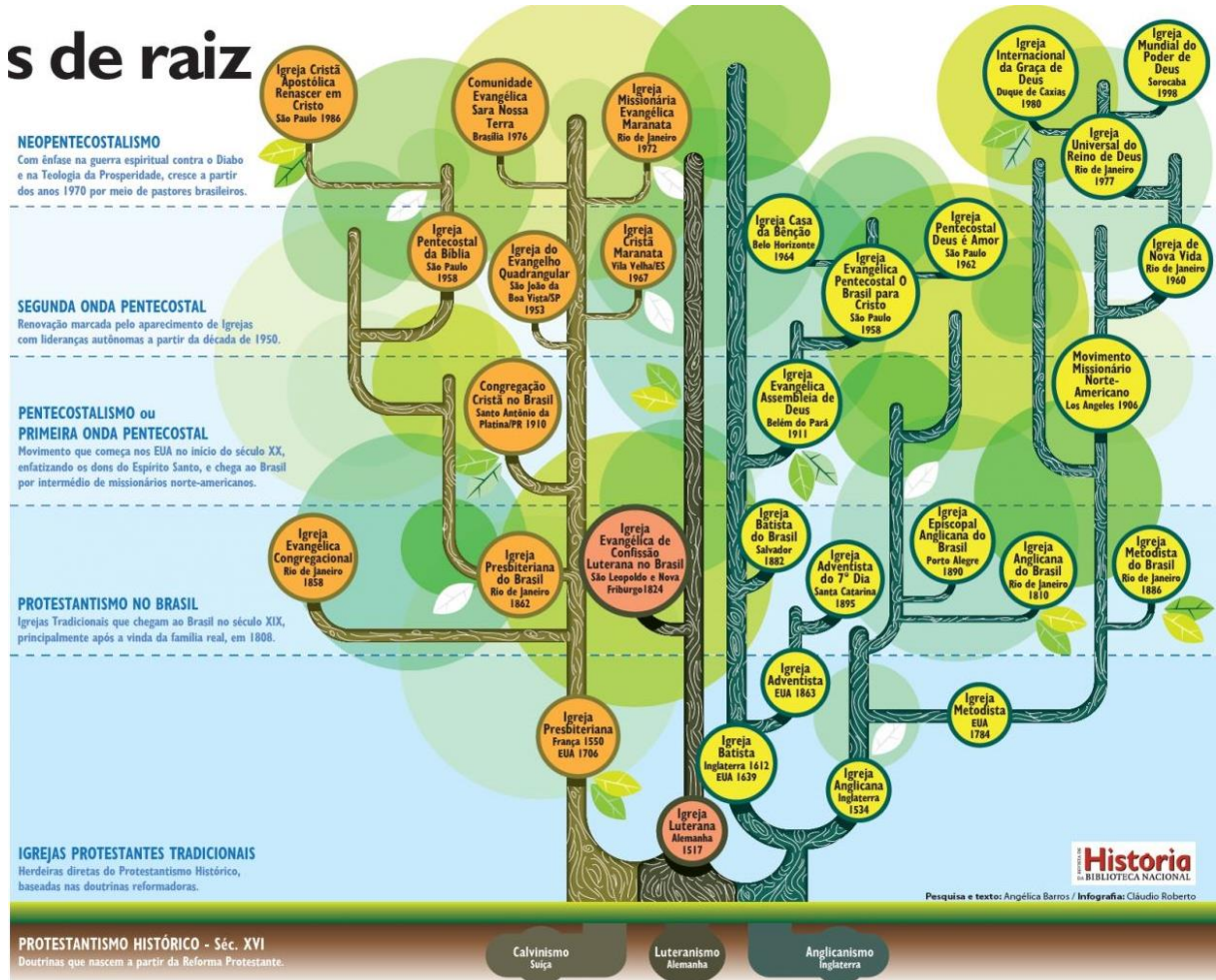


Figura 1: Origens e principais ramificações do protestantismo no Brasil.⁴⁸

1.2 IMPLANTAÇÃO DO PROTESTANTISMO NO BRASIL

O Brasil é o maior país católico do mundo. Segundo o censo de 2010 do IBGE, são cerca de 124 milhões de católicos, majoritários em todos os estados da federação. Majoritários porque ainda representam 64% da população. Todavia, nas últimas décadas, a presença que antes era quase absoluta, a cada dia que passa perde espaço cada vez mais para outras religiões e crenças, entre as quais se destaca o crescimento expressivo dos protestantes, que, no referido censo, chegavam a cerca de 42 milhões de adeptos, sendo, junto com o grupo dos sem religião, a parcela da população brasileira que mais cresceu nas últimas décadas.

⁴⁸ BARROS, 2012, p. 22-23.

Dos cerca de 42 milhões de protestantes no Brasil, representando 22% da população em 2010, cerca de sete milhões pertencem às igrejas evangélicas de missão, dentre as quais as maiores são os batistas, adventistas, luteranos e presbiterianos, sendo essas denominações responsáveis por quase a totalidade do protestantismo de missão. O maior grupo, representando 25 milhões de brasileiros, é o pentecostal, que se divide em pentecostalismo clássico, com cerca de 14 milhões de fiéis (Assembleia de Deus e Congregação Cristã no Brasil); deuteropentecostalismo, com cerca de três milhões de membros (Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Pentecostal Deus é Amor, O Brasil para Cristo); e finalmente, com cerca de seis milhões de adeptos, o neopentecostalismo (Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Mundial do poder de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus). As igrejas renovadas, com cerca de meio milhão de aderentes, completam o universal pentecostal brasileiro. Ainda existem cerca de nove milhões de brasileiros que se consideram evangélicos, mas sem filiarem-se a uma denominação.⁴⁹

A classificação de um grupo tão heterogêneo como o protestantismo brasileiro é difícil. Existem igrejas dispare, como a Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil, herdeira da Reforma Magisterial, e a Igreja Universal do Reino de Deus, neopentecostal sincrética com o catolicismo popular, os cultos afro-brasileiros e o espiritismo. Nesta obra, dividiremos o protestantismo em dois grupos, com suas subdivisões: protestantismo histórico (subdividido em protestantismo de imigração e de missão) e pentecostalismo (subdividido em pentecostalismo clássico, deuteropentecostalismo, neopentecostalismo). A seguir, observaremos o contexto em que cada uma destas divisões e subdivisões do protestantismo chegou e se estabeleceu, seu desenvolvimento e características principais.

1.2.1 Protestantismo de imigração e de missão (1810-1910)

O protestantismo traça a sua história em terras brasileiras antes do tratado de 1810 entre Portugal e Inglaterra que permitiu a liberdade de culto para os súditos do Império Britânico. No mesmo Rio de Janeiro em que foi assinado o tratado, em 1555, aportaram os primeiros seguidores da fé reformada na América, que realizaram o primeiro culto protestante no Novo Mundo, e mais tarde, em 1635, no Recife holandês,

⁴⁹ IBGE, Tabela 1.4.1, 2010.

temos o primeiro sínodo reformado no continente.⁵⁰ A estes empreendimentos missionários no período colonial, temos o que Antônio Mendonça chama de protestantismo de invasão.⁵¹

Tanto a experiência da França Antártica quanto a do Brasil Holandês, embora sejam de indiscutível importância histórica, não conseguiram deixar raízes na religiosidade brasileira. Embora o próprio João Calvino tenha enviado doze pastores para a Ilha de Villegaignon, a colônia não era predominantemente calvinista. Conflitos religiosos entre os colonos, arbitrados de forma desastrosa pelo almirante francês, deram a primeira confissão de fé protestante da América, assim como os primeiros mártires em 1558. No momento da reconquista portuguesa, vários colonos calvinistas haviam desistido do empreendimento, e com a repressão que se seguiu a derrota francesa, os últimos mártires calvinistas nada deixaram após doze anos de estabelecimento na baía de Guanabara.⁵²

Da mesma forma, o estabelecimento da Igreja Reformada Holandesa no nordeste foi encerrado de forma abrupta. Quase cem anos após a invasão francesa, os holandeses tentaram fundar uma colônia na América Portuguesa, que se estendia do Maranhão ao Sergipe. Seguindo os soldados invasores, pastores reformados foram enviados para ministrar tanto as necessidades religiosas deles como para converter pessoas a fé. Escolas e missionários foram estabelecido entre as tribos indígenas, chegando a ser bem sucedida a missão entre os índios a ponto de ser impresso em Amsterdã um catecismo trilingue, e estabelecido “regedorias” liderados por nativos. No momento da organização do Sínodo, haviam oito pastores e cinco anciãos, que chegaram a realizar nove assembleias entre 1636 e 1644. Embora a colônia permitisse o convívio de católicos, protestantes e judeus, com a capitulação em Tabora, em 1654, a colônia portuguesa ficou fechada para os não católicos durante cerca de 150 anos. À semelhança com a França Antártica, existiram mártires no Brasil holandês, incluindo ameríndios e europeus, com a diferença de que estes martírios ocorreram durante a guerra contra os portugueses.⁵³

Durante cerca de 150 após a expulsão dos holandeses, na colônia portuguesa ficou proibida a presença de protestantes. Tal quadro começa a mudar com a

⁵⁰ STURZ, 2004. p. 360.

⁵¹ MENDONÇA, 2004, p. 49.

⁵² STURZ, 2004, p. 359-360.

⁵³ Ibid, p. 360.

invasão de Portugal pelas tropas de Napoleão Bonaparte levando que a Corte portuguesa, tendo à frente o Príncipe Regente João, embarcasse às pressas para o Brasil, com auxílio inglês. Com Portugal ocupado pelos franceses, a corte portuguesa estabeleceu-se no Rio de Janeiro, com o seu poder reduzido e dependendo do apoio militar e comercial da Inglaterra. Em 1810, os ingleses forçaram a Coroa a abrir os portos brasileiros ao comércio mundial (leia-se aqui inglês). O tratado de Aliança e Amizade e de Comércio e Navegação permitia também a entrada de protestantes e a celebração de seus cultos, desde que não fosse feito proselitismo e as casas de culto não tivessem aparência de igrejas. Esta data marca o início do protestantismo de imigração no Brasil, que tem como principal característica o desinteresse pelo proselitismo e o estabelecimento de igrejas voltadas para a população europeia, que se estabelece no Brasil quer como residentes temporários, quer como permanentes, com a ausência do português e de brasileiros em seus cultos. A Igreja é encarada neste período por seus adeptos mais como uma questão de preservação da cultura do que uma manifestação da fé. Até porque o que moveu seus membros a virem para o Brasil não foi o esforço proselitista, mas o de prosperar e progredir economicamente.⁵⁴

No ano de 1811, a primeira marca da nova fé no território brasileiro é a construção de um cemitério. Devido a proibição de sepultar não-católicos nas igrejas católicas (os chamados “campos santos”), a morte de um almirante inglês leva em 05 de janeiro de 1811 a inauguração do chamado “Cemitério dos Ingleses”, no bairro da Gamboa, no Rio de Janeiro. Na época situado à beira-mar, é o cemitério mais antigo em funcionamento do Rio de Janeiro, e um dos mais antigos do Brasil. De caráter restrito, particular e ao ar-livre, inicialmente era destinado apenas ao sepultamento de ingleses, sendo no meio do século XIX aberto a protestantes de outras nacionalidades. Este cemitério foi o primeiro sinal do estabelecimento do protestantismo no Brasil.⁵⁵

Em 1820, os cultos protestantes já eram celebrados em inglês em um templo no Rio de Janeiro, voltado para marinheiros, soldados, comerciantes e diplomatas ingleses. Em 1823, após a independência do Brasil, a Constituição garante a liberdade de culto, bem como autoriza o surgimento de cemitérios protestantes. O proselitismo contudo continuou proibido. A Igreja Anglicana, limitada pelos acordos e sem estímulo

⁵⁴ ALMEIDA, 2014. p.149.

⁵⁵ FIGUEIREDO, 2011, p. 55-62.

missionário, limitou-se exclusivamente à comunidade inglesa, iniciando sua missão entre os brasileiros somente em 1889, mesmo assim com muita lentidão. Os anglicanos são cerca de 15 mil hoje, no Brasil.⁵⁶

A partir de 1824, quando os primeiros colonos alemães e suíços chegam a Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, e depois pelas províncias do Sul e Sudeste do Império do Brasil, começa-se a organização de várias igrejas luteranas nos povoados alemães com a presença de protestantes. Estes colonos, assim como os ingleses, não vieram para evangelizar, mas estabelecer-se no Brasil, trabalhar e progredir. Centenas de prisioneiros que estavam entre os imigrantes nada tinham em comum com a fé reformada. Estas igrejas organizadas pelos próprios colonos, estavam numa condição de semiabandono espiritual, e isoladas da população brasileira geográfica e linguisticamente. As escolas e igrejas eram utilizadas para preservar a cultura alemã. A partir de 1886, começam a receber pastores da Alemanha, e a se agrupar em sínodos cuja federação dará origem em 1950 a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Hoje, tanto a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil quanto a Igreja Evangélica Luterana no Brasil,⁵⁷ possuem cerca de um milhão de adeptos, a maioria de teuto-brasileiros. Hoje mais integradas a sociedade brasileira, elas têm o português como o principal idioma, tanto no ensino como no culto. As igrejas são administrativamente autônomas, entretanto mantendo entre si relações espirituais e de cooperação.⁵⁸

O protestantismo no Brasil não ficou limitado aos imigrantes. Em 1836, temos o primeiro missionário a se estabelecer no Brasil, o metodista norte-americano Justin Spaulding. Todavia, a missão metodista aberta no Rio de Janeiro é encerrada em 1841. O protestantismo de missão reentrará em cena através da obra de um médico escocês. Em 1855, aporta na capital do Brasil Robert R. Kalley (1809-1888). Este missionário congregacional teve de mudar-se para a Ilha da Madeira por motivos de saúde, iniciando uma obra missionária entre os portugueses, que foi bem sucedida. Como resultado disto, uma perseguição por parte dos católicos da ilha levou ele e a sua esposa junto com alguns conversos a migrarem para o Brasil, estabelecendo-se

⁵⁶ JACOB (et al.), 2003, p. 73.

⁵⁷ Originada em 1904 das missões evangelizadoras envidas pelo Sínodo de Missouri, nos EUA, para trabalhar entre o elemento étnico alemão, embora seja de missão, assim como a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, possuiu um forte elemento étnico, tendo característica tanto de missão quanto de imigração, pois celebrava seus cultos tanto em alemão quanto em português, visando o proselitismo. MENDONÇA, 2004, p. 52.

⁵⁸ JÚNIOR, 2013, p. 87-103. STURZ, 2004, p. 363.

no Rio de Janeiro, onde iniciou uma missão que operava majoritariamente entre as classes cultas da capital, possibilitando a fundação em 1858 da Igreja Evangélica Fluminense. Em 1858, Pedro N. de Andrade tornou-se o primeiro brasileiro batizado por Kalley. Trabalhando com estrangeiros residentes em Petrópolis, ele conseguiu em 1859 suas primeiras conversões, Gabriela Leão e sua filha Henriqueta, membros da nobreza, o que lhe levou a proibição de praticar a medicina e pregar a brasileiros. D. Pedro II interveio na situação, protegendo Kalley e seus seguidores. Seus contatos envolviam políticos e até D. Pedro II, o que possibilitou a modificação de leis que proibiam o proselitismo. Palestrante de grandes auditórios, ele também escrevia artigos para o *Correio Mercantil* e o *Jornal do Comércio*. Também foi o organizador do primeiro hinário em língua portuguesa, o *Música Sacra*, em 1861, com cinquenta hinos. Renomeado posteriormente para *Salmos e Hinos*, serviu as demais denominações conforme elas se introduziam no País.⁵⁹ Os congregacionais hoje são cerca de 150 mil fiéis no Brasil.

O protestantismo de missão antes da chegada dos missionários teve o seu terreno preparado pelos distribuidores de Bíblias, chamados de colportores. O primeiro deles foi o metodista norte-americano Daniel P. Kidder (1815-1891). Como representante da Sociedade Bíblica Americana, aportou no Rio de Janeiro em 1837, seguido pelo presbiteriano James C. Fletcher (1823-?), que veio obcecado com a ideia de converter o Brasil ao protestantismo e ao progresso. Com seus contatos com as elites brasileiras, ele conseguiu criar uma atmosfera favorável a distribuição de Bíblias. Junto com Kidder e Justin Spaulding, eles estabeleceram encarregados da distribuição de Bíblias nos principais portos. Embora o clero católico tenha contestado a distribuição, eles e agora o vários colportores que chegavam dos EUA ou nascidos no Brasil encontravam boa recepção pelo povo. Uma vez que havia o pressuposto que a simples leitura da Bíblia levaria o povo a fé reformada, o próprio Kidder, numa viagem ao Norte do país, distribuiu 60 mil folhetos com trechos bíblicos. Nos relatórios dos primeiros missionários é comum o encontro de pequenas comunidades já dispostas a aceitar o protestantismo devido ao contato com a Bíblia. Outra característica marcante no protestantismo brasileiro devido a obra dos colportores é o seu fundamentalismo bíblico, devido a proeminência do uso da mesma durante o trabalho proselitista em seus primórdios.⁶⁰

⁵⁹ STURZ, 2004, p. 368. ALMEIDA, 2014, p. 161-162.

⁶⁰ STURZ, 2004, p. 365-366. ALMEIDA, 2014, p. 150-154.

Em 1859, a Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos envia Ashbel G. Simonton como missionário, auxiliado com a chegada, no ano seguinte, de seu cunhado Alexander L. Blackford e, em 1861, de Francis J. C. Schneider. Ele começa seu ministério no Rio de Janeiro, organizando a primeira igreja presbiteriana em 1862. Em 1863, Blackford muda-se para São Paulo, trabalhando por todo o estado, quando encontra José Manoel da Conceição, o primeiro pastor brasileiro. Ex-padre, Conceição abandona o sacerdócio quando, à semelhança de Lutero, entra em conflito acerca da justificação pela fé durante a leitura da Bíblia. Tendo contato com os missionários presbiterianos, converte-se e resolve voltar a sua última paróquia, em Brotas-SP, para levar a fé reformada. É ordenado pastor em 1865. Após formar uma igreja ali, começa a viajar por todo o estado até a sua morte em 1873. Após a guerra civil dos EUA, a chegada de imigrantes ao interior de São Paulo dá origem a uma segunda missão presbiteriana em 1870.⁶¹ O presbiterianismo espalhou-se por todo o território nacional, e conta hoje com cerca de 930 mil fiéis.

Com a chegada dos imigrantes norte-americanos, não apenas os presbiterianos iniciam missão em São Paulo, mas os metodistas e batistas americanos enviam missionários para atender a fé dos colonos. Após o fracasso da missão metodista no Rio de Janeiro, abre-se uma igreja entre os colonos norte-americanos em Santa Bárbara-SP, em 1867. Em 1876, a missão metodista no Rio de Janeiro é reaberta com a chegada de John J. Ransom, que organiza a primeira igreja metodista, em 1878, na capital. Os metodistas concentraram seu trabalho na região sudeste, predominantemente no Rio de Janeiro.⁶² Possuem hoje cerca de 340 mil membros.

Os batistas também começam um trabalho capitaneado por os sulistas norte-americanos, na região de Santa Bárbara, em 1881. Ali ficaram restritos a esta região até que William B. Bagby e sua esposa Anne resolvem radicar-se em Salvador, fundando, em outubro de 1882, a primeira igreja batista “brasileira”. Os batistas rapidamente se espalharam pelo Brasil. Em 1884, os Bagbys mudam-se para o Rio de Janeiro e fundam uma igreja ali. Em 1885, é fundada a de Maceió. Diferente das outras denominações protestantes, que trabalhavam com um público de classe média e alta, os batistas trabalhavam como setores mais simples da população. Em 1888, havia oito igrejas em seis estados, com 212 membros. Em 1899, é fundada a igreja

⁶¹ STURZ, 2004, p. 368-370. ALMEIDA, 2014, pp. 164-169.

⁶² STURZ, 2004, p. 366. ALMEIDA, 2014, p. 170-174.

batista de São Paulo, e, em 1900, havia cerca de dois mil batistas, encorpados com a imigração de vinte e cinco famílias letãs, que fugindo as perseguições religiosas da Rússia Czarista, organizaram uma igreja batista em Rio Novo-SC, em 1892.⁶³ Presentes em todo o território nacional, são a maior denominação protestante histórica do Brasil, possuindo cerca de três milhões e setecentos mil membros.

Os adventistas do sétimo dia começam sua obra missionária através de publicações enviadas dos EUA, a partir de 1884, para emigrantes alemães luteranos em Brusque-SC. Diferente das demais denominações históricas, eles começam seu trabalho entre os imigrantes já protestantes. Em 1893, Alberto B. Stauffer, colportor e missionário encarregado de contactar os pequenos grupos que estavam recebendo a literatura, abre a comunicação destes com a denominação nos EUA. Em abril de 1895, é batizado o primeiro adventista em Gaspar Alto-SC, e no mesmo ano é organizada a primeira igreja no mesmo lugar. A seguir estabelecem-se congregações no Rio de Janeiro e no Espírito Santo, sendo fundado uma gráfica em 1905 em Taquari-RS. Restritos inicialmente aos teuto-brasileiros, rapidamente a obra assume um caráter nacional conforme se espalha no País.⁶⁴ Hoje são a segunda maior denominação do protestantismo histórico, com aproximadamente um milhão e seiscentos mil membros.

Com um lento crescimento durante o período do Império, é somente na República que as denominações protestantes terão uma expansão mais consistente. A constituição de 1891 separa a Igreja do Estado, estabelece o casamento civil e a secularização da educação e dos cemitérios. Já abalada pela Crise Religiosa no fim do Império, com o fim do Padroado e a divulgação dos princípios liberais, do positivismo e da maçonaria, a Igreja vê sua antiga aliança com as elites ser não apenas desfeita, mas observa até mesmo um sentimento anticlerical latente entre as classes altas. A Igreja permanece firme nas zonas rurais, graças ao catolicismo popular nos sertões e ao catolicismo tridentino presente nas colônias alemãs e italianas, mas nas cidades seu poder é posto em xeque pela concorrência do positivismo, do espiritismo, do protestantismo e por ideais secularizantes típicos da modernidade e dos movimentos proletários. Durante a República Velha o Catolicismo está na defensiva, o que torna o terreno propício para a expansão do protestantismo, principalmente entre as classes urbanas e médias.

⁶³ STURZ, 2004, p. 370-371. RODRIGUES, 2013, p. 157-158. ALMEIDA, 2014, p. 176-178.

⁶⁴ GREENLEAF, 2011. p. 24-48; p. 56-58.

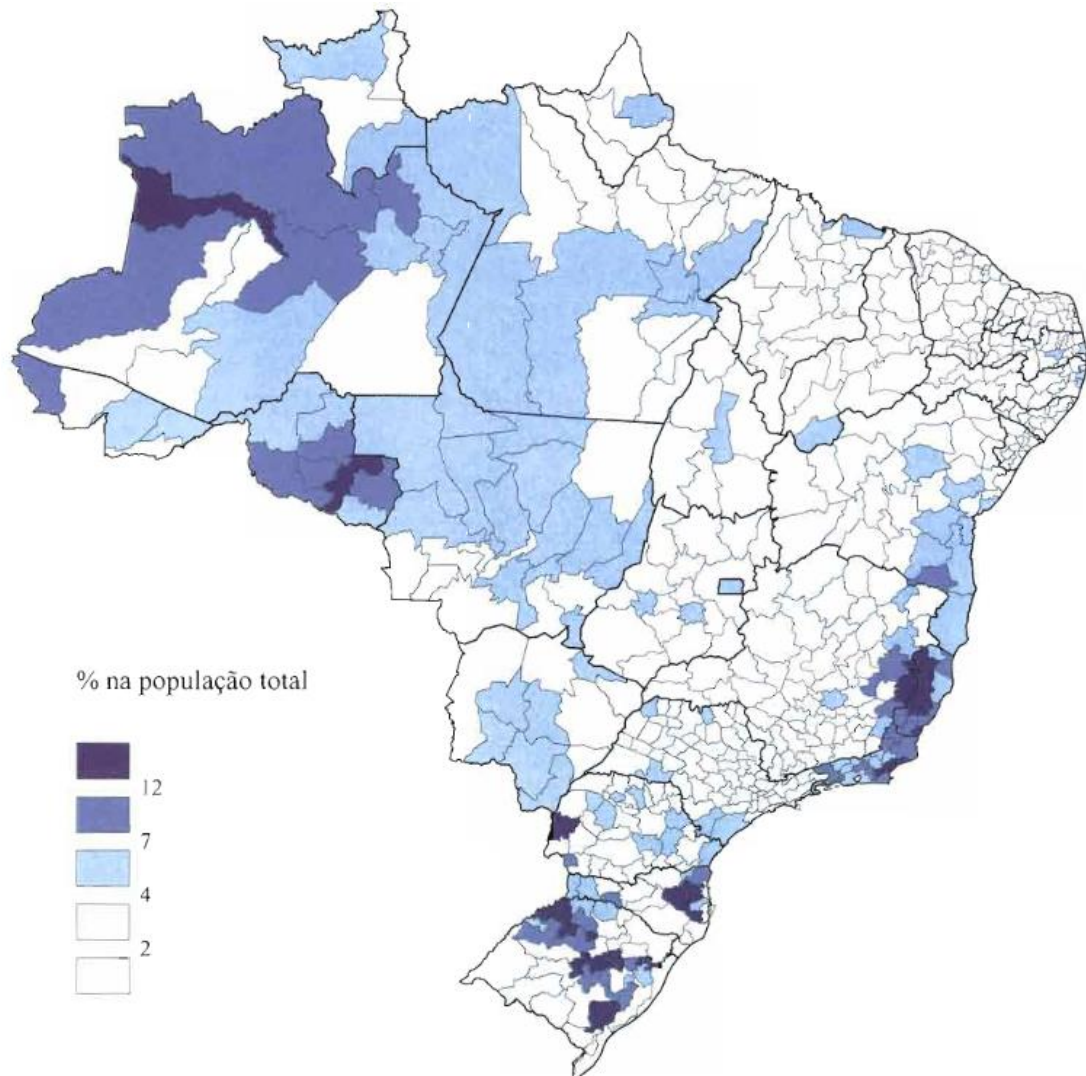


Figura 2: Distribuição dos protestantes históricos no Brasil no ano 2000.⁶⁵

1.2.2 Protestantismo Histórico e Sociedade

Uma das marcas do protestantismo histórico é o conservadorismo. Enquanto no início do século XX o “Evangelho Social” e o liberalismo cresciam entre as matrizes nos EUA, aqui no Brasil, com objetivo de fazer frente ao revigoração da Igreja Católica, é fundada em 1903 a Aliança Evangélica Brasileira, instrumento pelo qual as igrejas brasileiras foram bastante influenciadas pelo “evangelicalismo”, que surge em 1846 na Inglaterra. Diferente do fundamentalismo, que envolve igreja, o evangelicalismo envolve indivíduos. A tendência deste movimento é manter-se distanciado tanto do ecumenismo como do fundamentalismo. Isso faz com que, ao

⁶⁵ JACOB (et al.), 2003, p. 46.

mesmo tempo em que as denominações protestantes incentivam a educação, nota-se entre os protestantes históricos um conservadorismo de direita⁶⁶ e uma despolitização que faz com que seus membros formem redutos.⁶⁷

Outro fator que dificulta a relação do protestantismo brasileiro com a cultura local é o tipo de relacionamento social. A ênfase na justificação pela fé e no sacerdócio dos crentes leva a um individualismo religioso, que privilegia as relações pessoais horizontais, onde os compromissos são com indivíduos e no máximo, corporativos, e as relações com o Estado, limitadas ao mínimo necessário: espera-se que o Estado faça cumprir a lei e regule a justiça. Isto leva a formação de grupos de cunho estritamente religioso, não se ajustando à cultura de massa. O protestante é singularmente solitário e responsável por si mesmo perante Deus. A solução de seus problemas depende de sua fidelidade e empenho pessoal, cabendo às autoridades cumprir a lei. Isto destoa bastante com o caráter de coletividade, que é uma marca da cultura brasileira.⁶⁸

Outra característica que difere o protestantismo brasileiro do europeu está na própria gênese dele. Enquanto os ingleses e alemães tinham interesses no mercado brasileiro apenas para venda de seus produtos, ou na terra para o estabelecimento de empreendimento agrícolas, para eles a religião seria apenas um aliado cultural em

⁶⁶ Quanto ao uso dos termos “Direita”, “Esquerda” e “Centro” nesta obra, temos como referência novamente a classificação do Dicionário de Política, organizado por Noberto Bobbio. “O Espaço político mais simples e mais utilizado, tanto no âmbito da pesquisa científica como no do debate político, é o da dimensão esquerda-direita. Esta dimensão ou *continuum* tem sido variadamente interpretada. Anthony Downs, o primeiro politólogo que usou de maneira sistemática a noção de Espaço político neste sentido, a interpreta como grau de intervenção do Estado na economia, quando uma posição de esquerda se identifica com uma maior propensão a favor de políticas de intervenção. Para Lipset e muitos outros, o divisor de águas entre esquerda e direita está na atitude favorável ou não às políticas de mudança no status quo. Seja qual for a sua interpretação mais correta, não há dúvida de que, nas modernas democracias de massa, as noções de esquerda e direita desempenham um papel importante no âmbito da disputa eleitoral entre os partidos. Elas tornam mais simples a escolha por parte dos eleitores e constituem um meio eficaz de comunicação entre os eleitores e os partidos”. D’ALIMONTE, 1998, p. 392. Quanto ao Centro: “Centrismo deriva claramente de centro. Em linhas gerais, o centro, segundo a visão geométrica tradicional da política, que se baseia na dicotomia ‘mudança-conservação’, e é a posição intermédia por excelência. Quando o grau de polarização das partes que se defrontam se eleva a ponto de pôr em grave perigo a mútua existência física, é então que nascem os agrupamentos, as coalizões, as tendências de opinião, os partidos de centro, as atitudes e políticas centristas. As motivações que determinam o Centrismo pressupõem todas elas a dificuldade da escolha; todavia, podem ser assim esquematizadas: escolhe-se o Centrismo, ou porque se crê que ambas as posições opostas apresentam elementos positivos tais que justifiquem uma síntese ou mediação, ou porque se considera que ambos os contendores estão errados; então, a via justa está em situar-se ao centro, isto é, acima das facções. Sob o aspecto valorativo, não cabe a menor dúvida de que o Centrismo corresponde ao moderantismo. Mas, enquanto para os centristas *in médio est virtus*, para os opositores, Centrismo é sinônimo de indecisão, de imobilismo, de oportunismo, etc”. MASTROPAOLO, 1998, p. 158.

⁶⁷ MENDONÇA, 2004, p. 58-60.

⁶⁸ Ibid, p. 61-62.

suas incursões na sociedade brasileira. Isso explica porque o protestantismo de imigração não ultrapassou sua fronteira étnica. Eles não tinham interesse de compartilhar suas crenças com os locais, vistos, muitas das vezes, como os “bárbaros do Novo Mundo”. Por outro lado, os missionários vindos dos EUA, desejavam uma dominação de outra ordem: uma dominação cultural e religiosa. Imbuídos de que tinham uma tarefa civilizatória, o empreendimento proselitista de conversão não apenas traz indivíduos à fé protestante, mas visa também a transformar o país. Ao converter os brasileiros ao protestantismo, os missionários tentaram criar uma comunidade segundo os valores protestantes da ética econômica e do trabalho, enquanto a mudança para um sistema político democrático e republicano caberia à educação secundária e superior. Daí as missões serem sempre acompanhadas de educadores que abriam escolas. A experiência individual da salvação, aliada à leitura da Bíblia, resultaria em indivíduos honestos e austeros. A tensão desta missão civilizatória reside justamente aí. Devido à educação brasileira ser dominada pela educação humanista católica, voltada a formação de bacharéis, as escolas protestantes, em oposição a este sistema, introduziram um projeto mais prático e profissionalizante. Desde o início, houve um receio em relação à filosofia, vista como católica, e também, em parte, pelo fato dos missionários trazerem um protestantismo herdeiro dos reavivamentos que percorriam os EUA do século XVIII até meado do século XIX. O centro da pregação reavivalista estava na conversão do indivíduo por meio da experiência religiosa. Emoção, portanto, sobrepondo-se à razão. Daí a resistência de que os seminários deste tipo de protestantismo incluam a formação humanista, o que acaba formando pastores alienados da sociedade, que liderarão igrejas que se fecharão em si.⁶⁹

Por fim, em relação à política, o protestantismo americano irá diferenciar-se do protestantismo histórico. Embora a partir da Constituinte de 1934 alguns protestantes tenham se lançado na vida política, sua presença é pequena nas casas legislativas e menor ainda nos cargos executivos. Marcados majoritariamente por posições de direita, o conservadorismo religioso reflete-se na política também. A teologia dos missionários, diferente da cultura americana, era marcada pela inibição política. E duas doutrinas básicas vão influenciar esta posição: a natureza espiritual da igreja e o pré-milenismo.

⁶⁹ Ibid, p. 62-65.

Os primeiros missionários norte americanos chegaram ao Brasil em meio ao processo abolicionista dos EUA. Com as igrejas norte-americanas se dividindo em Norte e Sul por causa da escravidão, e sendo a mesma um tema sensível no Brasil até 1888, pode-se entender o porquê do silêncio dos missionários em torno de questões políticas. Assim, uma religião que nos EUA tem uma função desenvolvimentista, no Brasil se fecha em si mesma, ao criar um vácuo entre a religião e a vida, prática agravada pelo cuidado dos missionários de não criar conflito com as autoridades brasileiras em questões políticas.⁷⁰

Outra causa para a indiferença política do protestantismo tradicional foi a doutrina do pré-milenismo. Segundo esta doutrina, a humanidade caminhará cada vez mais para um ponto irreversível de maldade e iniquidade, até que, para encerrar a decadência da humanidade, Cristo virá nas nuvens do céu, ressuscitará os mortos e dará início a um reinado de mil anos, durante o qual a humanidade terá uma chance de se regenerar, vindo então o Juízo Final. Segundo tal visão, a volta de Cristo é inesperada e está às portas. Com uma diferença ou outra desta visão bem generalizante, todo o conservadorismo e fundamentalismo protestante proclama o pré-milenismo. Contudo, com exceção dos adventistas, que já surgem como pré-milenistas, os protestantes históricos nos EUA e no início das missões no Brasil, ou eram amilenistas ou pós-milenistas. Na teoria pós-milenista, a humanidade caminhará para um desenvolvimento através da ação da igreja com seus reavivamentos sob a ação do Espírito Santo, iniciando um milênio de paz e prosperidade, que se encerrará com a vinda de Cristo e o Juízo Final. Para os pós-milenistas, o milênio acontecerá na história. Já os amilenistas rejeitam a ideia de um milênio, crendo que a vinda de Cristo será o fim da história levando os salvos para o Reino dos Céus, sem a expectativa otimista dos pós-milenistas e nem o pessimismo dos pré-milenistas.⁷¹

Na última década do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, o pré-milenismo suplantou o pós-milenismo nos EUA, e de tabela, devido a influência norte-americana, no Brasil. Sendo assim, todas as práticas que defendiam a ação direta dos indivíduos e da igreja na sociedade foram marginalizadas. A descrença em uma melhora na sociedade, vista como estando debaixo da influência de Satanás e das forças do mal que se preparavam para o combate final, fez com que os protestantes

⁷⁰ Ibid, p. 68-69.

⁷¹ Ibid, p. 68-71.

tivessem uma visão do “mundo”⁷² como um lugar provisório de habitação, em que o crente era um peregrino e embaixador do Reino dos Céus. Já na passagem do século XIX, a terceira edição do *Salmos e Hinos* (1916) já trazia várias músicas que falavam desta condição.⁷³ E, para uma fé minoritária,ilhada em um mar católico, moldada segundo padrões anglo-saxões ou teutônicos, a ideia de não ser deste mundo caiu como uma luva. Se este mundo não é meu, por que me preocupar em melhorá-lo? Assim, a desvalorização deste mundo permanece como marcante na conduta do protestante brasileiro, sendo uma das consequências da indiferença pela política. O pentecostalismo, embora compartilhe desta visão pré-milenista da história, demonstrará um desenvolvimento doutrinário que permitirá ser pré-milenista e politizado ao mesmo tempo.

1.2.3 O Pentecostalismo

Em 1906, um presbítero negro, cego de um olho e filho de escravos libertos, William Seymour, foi convidado a pastorear uma pequena igreja *Holiness* em Los

⁷² O termo “mundo” tem uma conotação diferenciada na terminologia protestante. Além de significar o planeta em que vivemos ou uma cosmovisão, o termo “mundo” tem um significado negativo para os protestantes brasileiros, significando os poderes do mal em oposição a Deus, ou o “Reino das Trevas” e seus valores que tentam seduzir a comunidade dos fiéis. Este significado dado ao termo deriva do Novo Testamento, já que a palavra grega *kosmos*, “é empregado num mau sentido. Repetidas vezes, especialmente nos escritos joaninos, o mundo é apresentado como algo hostil a Deus. Parece ser a declaração de uma situação de desordem. Como, pois, *kosmos* pode ser usado para descrever semelhante estado de coisas? A resposta provavelmente se encontra no fato de que os poderes do mal espiritual, que têm Satanás como seu cabeça e que parecem estar organizados numa vasta escala e com grande eficiência (Ef 6.12), dominam a vida da humanidade não redimida. Satanás governa sobre um reino que se opõe ao reino de Deus (Lc 11.18)”. HARRISON, 2009, p. 598. “João renunciou o mundo, sem meios-termos: a sociedade organizada contra Deus ‘jaz no maligno’: o amor ao mundo contradiz o amor ao Pai; apesar disso, Cristo, o Salvador do mundo que Deus ama, morre em favor dele (1 João 2.2). Aumentava a tensão entre o ministério que afirma o mundo, e o de renúncia ao mundo, que se concentra no mundo superior (misticismo) ou no mundo futuro (adventismo), à medida que os cristãos resistiam a teatros, jogos e devassidão que grassava no mundo romano, cuidando, porém, daqueles que eram rejeitados pelo mundo. A separação tornou-se mais forte, até se tornar rejeição ao mundo e, finalmente, uma fuga, quando os anacoretas e monges passaram a desprezar o casamento, o asseio e todo conforto humano, numa busca ‘antimundana’ de verdades mais profundas e da visão de Deus. Ao mesmo tempo, a conversão de Roma alimentou um novo tipo de mundanismo, a ambição por todas as recompensas do poder. Surgiram dois tipos de cristãos — os religiosos, afastados do mundo, e os leigos, ativos no mundo. Agostinho sustentava que os cristãos devem fazer uso das coisas do mundo, sem se deleitarem nelas; Aquino queria impor ao mundo a lei natural. Segundo Lutero, o ‘reino da graça’ (a igreja) era contrastado com ‘o reino da mão esquerda de Deus’, o mundo secular, governado por leis: os cristãos vivem nos dois. Calvino queria restaurar o mundo ao governo de Deus, mediante a disciplina, e assim faria do mundo um vasto mosteiro. Para os puritanos, o mundo é a Feira das Vaidades, por onde se deve passar em direção à Cidade Celestial, mas onde não se deve habitar”. WHITE, 2009, p. 597

⁷³ *Ibid*, p. 71.

Angeles. Aluno da escola bíblica de Charles F. Parham, em Houston, aderiu a uma nova doutrina que iria originar o movimento pentecostal, chamada de “batismo no Espírito Santo”. Segundo os ensinamentos de Parham, após a conversão, o crente deve buscar uma segunda benção, que é o batismo do Espírito Santo, cuja evidência seria o falar em outras línguas. Motivado por esta descoberta, Parham fundou um movimento denominado “Fé Apostólica”, que visava expandir esta doutrina através de escolas bíblicas e reuniões de reavivamentos. Para Parham, estas línguas seriam idiomas conhecidos que possibilitariam os missionários a irem para outros países sem conhecerem previamente o idioma local. Imbuído deste pensamento, Seymour liderou sua igreja em reuniões de oração em que o batismo do Espírito Santo era pedido, até que, em 09 de abril de 1906 Seymour, e alguns de seus fiéis teriam recebido o batismo no Espírito Santo. Todavia, diferente da ideia de Parham, a linguagem falada era extática, não sendo parecida com nenhum idioma. As reuniões na Missão da Fé Apostólica, na Azusa Street, tornaram-se populares e atraíram milhares de pessoas que queriam vivenciar também esta nova experiência religiosa durante seus três cultos por dia, sete dias por semana. Estas pessoas (cuja grande parte era composta por pastores e demais líderes religiosos) recebiam a experiência da glossolalia e voltavam para suas igrejas divulgando a nova doutrina (cujo movimento era conhecido como Pentecostal), fazendo com que congregações e denominações alterassem sua teologia, eclesiologia e práxis. Nos anos seguintes, pregadores pentecostais estavam espalhando a doutrina do batismo no Espírito Santo a milhares de pessoas nos EUA e no Canadá, alcançando a Europa (em 1906), Coréia do Sul (em 1907), África do Sul (em 1908) e a América do Sul (em 1909). Devido a Missão da Fé Apostólica ser uma igreja inter-racial, o movimento pentecostal é uma fusão da religião branca *holiness* com a tradição cristã negra dos EUA. Com louvor e adoração expressivos, marcados pela glossolalia e sermões fortemente proselitistas, o movimento iniciado entre negros e proletários de Los Angeles expandiu-se pelo mundo em poucas décadas, contando hoje com aproximadamente 500 milhões de adeptos dentro do protestantismo e do catolicismo.⁷⁴

Entre 1906 e 1909, o pentecostalismo atingia principalmente congregações *Holiness*, metodistas e batistas. Não apenas negros e anglo-saxões foram alcançados, mas também latinos, escandinavos, italianos, eslavos e germânicos.

⁷⁴ SYNAN, 2009, p. 16-23; p. 59-90.

Estas colônias imediatamente após receberem a mensagem pentecostal enviavam missionários de volta a sua pátria ou para trabalhar com seus respectivos grupos étnicos em outros países. A atividade missionária para outros povos e nações sem representação significativa nos EUA também eram foco dos missionários pentecostais, já que eles enxergavam a glossolalia como um reavivamento que antecederia a vinda imediata de Cristo. Por isso que, logo nas três décadas que seguem o nascimento do movimento pentecostal, encontramos missionários ativos por todo o mundo, de preferência em países que já estavam cristianizados. E, em 1910, o pentecostalismo chegará ao Brasil através de missionários europeus vindos dos EUA.

1.2.4 Pentecostalismo clássico

No ano de 1910, o bairro operário do Brás estava em relativa tranquilidade. Sendo um bairro tipicamente italiano, o idioma predominava no comércio, nas escolas, nas igrejas (tanto católicas, como protestantes) e nas fábricas. Os sindicatos eram liderados por anarquistas, e como a maioria do proletariado paulistano era composto por italianos e descendentes, o bairro volta e meia era local de combate entre a polícia e os grevistas. Tendo uma maioria católica, de fé tridentina, a minoria protestante era representada pelos presbiterianos, fundamentalistas e elitistas. É justamente nesta igreja que, no início de 1910, chegará um pregador pentecostal ítalo-americano, Luigi Francescon.⁷⁵ Ao pregar sobre o batismo no Espírito Santo na igreja presbiteriana do Brás, ele irritou de tal forma o dirigente do culto que teve o seu sermão interrompido. Ao sair da igreja, Francescon se viu cercado por um grupo de evangélicos que viriam a ser o núcleo fundador da Congregação Cristã no Brasil.

A organização desta igreja viria a ser totalmente diferente das denominações já existentes. Devido à crença da presença do Espírito Santo no interior do crente, a

⁷⁵ Nascido na Itália em 1866, Francescon (1866-1964) imigrou para os EUA em 1890, estabelecendo-se em Chicago, onde trabalhou como artesão de mosaicos. Em 1891 começou a frequentar cultos valdenses, convertendo-se ao presbiterianismo. Em agosto de 1907 ele frequentou os cultos pentecostais de William H. Durham, onde recebeu o batismo no Espírito Santo. Mais tarde Durham profetizou que Francescon tinha a missão de levar a mensagem pentecostal ao povo italiano. No mesmo ano ele ajudou a fundar a primeira igreja pentecostal ítalo-americana, a Assembleia Cristiana, e começou a viajar pelas comunidades italianas e implantar igrejas pentecostais em várias cidades nos EUA. Em 1909 foi para a Argentina ajudar a iniciar o movimento pentecostal, através da Igreja Cristiana Pentecostal. Após vir ao Brasil, ele ajudou a fundar a Assembleia de Deus na Itália. ARAÚJO, 2007, p. 321.

denominação não constituiu ministério pago. Os fiéis se reúnem, cantam louvores, fazem uma oração coletiva em que todos oram a meia voz ao mesmo tempo até que alguém eleve a voz e encerre o momento de oração, e na hora do sermão esperam que o Espírito Santo toque alguém para realizar o sermão. Os leigos administram a igreja, que devido à valorização do Novo Testamento em detrimento do Antigo, não cobra o dízimo dos fiéis. Da herança valdense, Francescon instituiu um rigorismo moral. Homens e mulheres ficam separados dentro do templo, onde estas utilizam um véu. Ela não possui escola dominical e desestimula o conhecimento teológico. Os membros que se envolvem com a política são removidos. Os únicos livros utilizados no culto são a Bíblia e o hinário, que, até 1943, estava em italiano. Pouco aberta à cooperação e ao diálogo com outras igrejas, é a única denominação evangélica apolítica no Brasil. Através dos cultos nos lares e a partir daí abrindo novas congregações, a Congregação espalhou-se pelos estados de São Paulo, Paraná e Rio de Janeiro, locais onde a sua presença é mais forte. A partir da década de 1950, alcança o Centro-Oeste, e, na década de 1960, o Nordeste e o Norte.⁷⁶ Cerca de dois milhões e trezentos mil brasileiros pertencem a esta denominação pentecostal.

Em 1910, o pastor batista Adolph Gunnar Vingren⁷⁷ estava indo para uma reunião de oração em South Bend, Indiana. Durante a reunião, um irmão profetizou que ele deveria ser missionário num lugar de gente simples chamado “Pará”. Consultando a biblioteca pública de Chicago com seu amigo Daniel Berg,⁷⁸ descobriram que o Pará era um estado do Brasil. Levando somente uma mala, partiram para o Brasil, em 05 de novembro de 1910. Ao chegarem em Belém, foram recebidos pelo pastor da igreja batista, Jeronimo T. de Souza, que também falava inglês. Com a saída do pastor em janeiro de 1911, eles começaram a pregar nos cultos de orações e na igreja a mensagem pentecostal, até que, em junho de 1911, alguns membros foram batizados no Espírito Santo, o que dividiu a igreja e levou a expulsão

⁷⁶ ROLIM, 1985, p. 36-40.

⁷⁷ Nascido na Suécia em 1879 e batizado na igreja batista de Wraka, imigrou para os EUA em 1903, onde formou-se no seminário teológico sueco dos batistas em 1909, assumindo o pastorado no mesmo ano em Menominee, Michigan. Desejando ter uma pastorado bem-sucedido, buscou o batismo com o Espírito Santo, sendo por isso demitido de sua igreja. Em Chicago, frequentou a Igreja Pentecostal Sueca, assumindo, em 1910, o pastorado da Igreja Batista sueca de South Bend, que por obra sua tornou-se pentecostal. Deixou South Bend em 12 de outubro de 1910 para viajar para o Brasil. Ibid. p. 898-903.

⁷⁸ Nascido em 1884 na Suécia, foi batizado em 1899 na igreja batista de Ranum, chegando nos EUA em 1902, onde se especializou em fundição. Após uma viagem a sua terra natal em 1909, foi batizado no Espírito Santo. Chagando em South Bend, uniu-se ao pastor Vingren no projeto missionário, sendo, junto com ele, o fundador da Assembleia de Deus. Ibid. p. 122-124.

de 17 pessoas, que reunidas na casa de Henrique e Celina de Albuquerque, organizaram, em 18 de junho de 1911, a Igreja Assembleia de Deus.⁷⁹

A Assembleia é a maior denominação protestante do Brasil, com cerca de doze milhões e meio de membros, sendo presente em todo o território nacional. Sua expansão se deve entre outras coisas ao fato de trabalhar com as classes menos privilegiadas da população (normalmente ignoradas pelo protestantismo histórico) e pela desburocratização da abertura dos templos. Devido à pobreza de seus pioneiros, a assembleia desenvolveu um modelo característico. Seu trabalho de penetração começava nos lares de seus membros ou interessados. A isto chama-se ponto de pregação, um lugar onde todos participam, não havendo a necessidade de ser letrado ou teólogo para dirigir a mensagem. Basta ser batizado no Espírito Santo. Ao alcançar um grupo de cerca de trinta pessoas, aluga-se um comércio ou constrói-se uma capelinha simples, com os recursos dos próprios fiéis, que por virem de classes baixas, possuem a mão de obra necessária. A igreja mãe cuida espiritualmente deles, provendo presbíteros que dirigem a obra evangelizadora. Conforme crescem e alcançam a independência financeira, constroem algo maior e ajudam na implantação dos pontos de pregação, reiniciando o ciclo. Pelo fato de terem começado em Belém, os assembleianos seguiram trajetória diversa das outras denominações evangélicas. Partindo de Belém, rapidamente alcançaram o Amazonas e o Maranhão, de onde se lançaram para os outros estados do Nordeste, passando para o Sudeste, Centro-Oeste e Sul. Por implantarem suas congregações nos lugares de onde saíam os migrantes nordestinos e nortistas no período de urbanização da população brasileira e por seus fiéis imigrarem para os grandes centros urbanos do Brasil, abriam seus pontos de pregação nas periferias das cidades abandonadas por católicos e protestantes históricos, tornando-se assim uma religião urbana e acessível às classes desprivilegiadas.⁸⁰

Devido à herança batista, a Assembleia de Deus segue o modelo congregacional e o batismo por imersão, o que acabou sendo transmitido às demais denominações pentecostais que nascem no Brasil. Todavia, diferente dos batistas, as igrejas têm um elo entre si que subordinam as menores, os pontos de pregação e as congregações, a uma igreja-mãe, que é responsável por ajudar financeiramente e espiritualmente suas subordinadas, havendo uma estrutura de cooperação entre as

⁷⁹ Ibid. p. 34-40.

⁸⁰ ROLIM, 1985, p. 45-49.

igrejas, que se reúnem em convenções regionais, estaduais e nacional. Diferente da congregação cristã, possuiu ministério pago que trabalha em cooperação com os leigos, que são diáconos, evangelistas e presbíteros. Embora inicialmente tenha sido contra a formação teológica dos pastores, a partir da década de 1960 começou a abrir seminários para a formação do pastorado, e possui uma editora que prove material teológico para o ministério e para a escola dominical, o que dá uma unidade teológica às igrejas da denominação.⁸¹

Nos cultos, marcados pelo louvor com características regionais e a presença de conjuntos e corais musicais, o momento de oração é em voz alta acompanhado com a glossolalia, sendo em seguida ministrado o sermão com forte característica moralista proselitista, onde os ouvintes são desafiados a uma entrega da vida a Deus. Conservadora nos costumes, até recentemente os assembleianos eram caracterizados por uma moral puritana, embora hoje se verifique uma abertura nestes padrões.⁸² Resistentes à participação política até a década de 1980, participação essa vista como “coisa do mundo”, hoje são a maior representação nas bancadas evangélicas, quer a nível estadual ou federal, assumindo na maioria das vezes posições políticas conservadoras. Mesmo com as várias divisões que ocorreram em sua história, sua abrangência e pioneirismo deixaram a marca não apenas em seus fiéis, mas em muitas congregações pentecostais independentes, rivalizando em influencia no imaginário do pentecostalismo brasileiro com a Igreja Universal do Reino de Deus, principal representante e difusora do Neopentecostalismo.

1.2.5 Deuteropentecostalismo e Neopentecostalismo

Até a década de 1950, o pentecostalismo era representado majoritariamente pela Assembleia de Deus e a Congregação Cristã no Brasil. Mas os anos que se seguiram ao fim do Estado Novo não viram apenas o crescimento acelerado dos pentecostais e em menor número dos protestantes histórico. A partir da década de 1950, novas igrejas entram no cenário evangélico brasileiro, pulverizando ainda mais o mesmo e trazendo em seu bojo novas perspectivas teológicas e novas formas de se relacionar com a sociedade brasileira.

⁸¹ Ibid.

⁸² Ibid, p. 42-45.

No ano de 1951, chegaram a São Paulo dois ex-atores de filmes de faroeste, Harold Williams e Raymond Boatright, vinculados à Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular.⁸³ Depois de abrir uma congregação em São João da Boa Vista-SP, em 1953, eles deram início à Cruzada Nacional de Evangelização, onde trouxeram um evangelismo de massa, concentrado em tendas, estádios, teatros e cinemas. Utilizando pela primeira vez o rádio de forma sistemática, suas concentrações atraíam não apenas um grande público, mas também pastores de outras denominações. O que diferenciava a Igreja do Evangelho Quadrangular da Assembleia de Deus e Congregação Cristã no Brasil era a ênfase na cura divina. Pelo fato de atraírem as camadas mais pobres da população, as cruzadas tornaram-se o alvo de chacota da imprensa, o que fez com que tivessem mais visibilidade. O pentecostalismo alcança uma visibilidade nunca antes vista no País. E a adoção do método das cruzadas da cura divina, numa época marcada pelo populismo, faz com que lideranças carismáticas saiam da Assembleia de Deus e da Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular dando origem às denominações Brasil para Cristo⁸⁴ (São Paulo, 1955), Deus é Amor⁸⁵ (São Paulo, 1962), Casa da Benção⁸⁶ (Belo Horizonte, 1964).

⁸³ Fundada nos Estados Unidos pela evangelista Aimee Semple McPherson (1890-1944). A igreja enfatiza quatro aspectos do ministério de Cristo: aquele que salva, batiza com o Espírito Santo, cura e virá outra vez. As mulheres podem exercer o ministério pastoral. Iniciada em 1922, o governo eclesiástico é episcopal. Possui cerca de sete milhões e meio de membros no mundo todo. ARAÚJO, 2007, p. 362-363.

⁸⁴ O primeiro brasileiro a fundar uma igreja pentecostal de expressão foi o pernambucano Manoel de Mello, um pregador leigo que deixou a Assembleia de Deus e uniu-se à Cruzada Nacional de Evangelização, a partir da qual ascendeu à preeminência nacional. Ele se utilizou amplamente do rádio, e introduziu o “gospel hymn” em português, ou seja, o hino sertanejo que se tornou um sucesso de audiência nas transmissões matutinas de rádio, e que agradou muito ao público nordestino de São Paulo. Outra inovação de Manoel de Mello foi a introdução de evangélicos pentecostais na política partidária. Possui hoje cerca de duzentos mil membros. ARAÚJO, 2007, p. 364-365.

⁸⁵ A Deus é Amor, fundada em 1962 por David Miranda (nascido em 1936), filho de um agricultor do Paraná, que deixou a Igreja Brasil para Cristo para fundar a sua própria denominação pentecostal, onde conservou elementos do pentecostalismo clássico, tal como a ética ascética que exigia dos membros um exagerado rigor no vestir e nas relações entre os sexos, mas, ao mesmo tempo, trouxe inovações que serviriam de base para o neopentecostalismo desenvolvido a partir do final da década de setenta. Vários elementos são antecipações do neopentecostalismo: as obreiras uniformizadas, os exorcismos na frente, as entrevistas com os demônios, o grito de “queima” para fazer o demônio sair de sua morada. A Deus é Amor restaurou a taumaturgia eliminada há séculos pelos reformadores protestantes. O exorcismo tornou-se a principal atração nos cultos da Deus é Amor. Possui hoje cerca de 950 mil fiéis. FRESTON, 1993, 93. ARAÚJO, 2007, p. 462-463.

⁸⁶ Fundada em 1964 pelo pastor Doriel de Oliveira, ministro consagrado na Igreja O Brasil para Cristo. Após uma “revelação”, Oliveira e 500 membros deixam a capital mineira para se instalar no Distrito Federal. Era maio de 1970 e segundo o fundador, Belo Horizonte seria destruída por uma grande catástrofe. A ideia de “destruição”, aliada à propaganda midiática – jornais distribuídos em BH revelavam o motivo pelo qual Oliveira deixou a cidade – chegou ao conhecimento do DOPS. A repentina mudança dos fiéis – motivada pela “revelação” de seu líder, levou o DOPS a prender por algumas horas Ivo de Oliveira, então representante legal da Igreja. Presente em todo o País possui cerca de 130 mil membros. ARAÚJO, 2007, p. 373-374, 521.

As principais diferenças entre o deuteropentecostalismo e o pentecostalismo clássico serão: 1) Inovações evangelísticas, como o uso de rádios, tendas, cinemas e estádios; 2) O exorcismo, que será utilizado pelos pastores das cruzadas e terá um destaque maior para os neopentecostais; 3) Com exceção da Deus é Amor, elas são menos ascéticas nos usos e costumes; e 4) A ênfase na cura divina, que se torna a principal característica destas denominações. A cura divina é uma ênfase que perpassa o pentecostalismo em todo o mundo a partir da década de 1940. Embora todas aceitem o batismo no Espírito Santo e a glossolalia, a ênfase principal do deuteropentecostalismo está no dom de cura.⁸⁷ Eclesiologicamente elas seguem a estrutura da AD, com a diferença de que, com exceção da Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular, que é norte-americana, o fundador possuiu uma autoridade inquestionável e centraliza o poder. Segundo Mariano (1999), o fato de a Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular ser parte do pentecostalismo clássico, faz com as diferenças teológicas não sejam tão acentuadas, como no caso nos neopentecostais.

Estas mudanças no pentecostalismo brasileiro possibilitaram não apenas o crescimento numérico e o aparecimento dos pentecostais na política e na mídia, mas foram também as precursoras de um movimento que começa nos EUA dos anos 1970 e que, ao chegar ao Brasil, adotou aspectos da religiosidade popular. A partir de meados da década de 1970, o campo religioso brasileiro vê o surgimento do neopentecostalismo.

A Igreja de Nova Vida é o ponto de partida do neopentecostalismo, sendo a denominação de onde saem Edir Macedo e Romildo R. Soares. Ela começa com a chegada do missionário canadense Robert MacAlister, que foi convidado pelo pastor Lester Summlal para realizar uma cruzada evangelística no Brasil, em 1958. Ele pregou na Assembleia de Deus e nas campanhas de cura divina em tendas de lona da Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular. Em primeiro de agosto de 1960, ele inicia o programa, "Voz da Nova Vida" pela rádio Copacabana. Através deste programa, o missionário Roberto fundou a primeira de muitas igrejas evangélicas renovadas no Brasil: A Cruzada de Nova Vida, com base no público ouvinte de seu programa. Inicialmente se reunindo no auditório da Associação Brasileira de Imprensa, em março de 1964 é inaugurada a primeira Igreja de Nova Vida, em

⁸⁷ MARIANO, 1999, p. 30-32.

Bonsucesso, Rio de Janeiro. Em 1971 é construído um templo em Botafogo, que se torna a sede da denominação até uma cisão ocorre, em 1998.⁸⁸

Embora focando um público de classe média, a maioria dos membros da Nova Vida provem das classes baixas. E é nela que são encontradas ainda “de forma embrionária as principais características do neopentecostalismo: intenso combate ao Diabo, valorização da prosperidade material mediante a contribuição financeira, ausência do legalismo em matéria comportamental”.⁸⁹ Todavia, a contribuição ao neopentecostalismo desta igreja, que hoje possui cerca de 100 mil membros no Brasil, é o fato de dela saírem os pastores que, através da comunicação de massa, divulgaram a teologia neopentecostal no Brasil. A Igreja de Nova Vida constitui o elemento de transição do pentecostalismo de segunda onda para o de terceira onda, inaugurado em 1977, por Edir Macedo. É nela que Edir Macedo e R. R. Soares darão os seus primeiros passos no pentecostalismo. Este ingresso em 1968 e aquele em 1963. Cunhados, eles iniciam sua obra missionária na Igreja de Nova Vida. Enfrentando oposição da liderança da igreja, que considerava os métodos deles ofensivos, em 1975 inicia-se o processo de rompimento com a Nova Vida, até que em 1977, Macedo, juntamente com Romildo R. Soares, Roberto Augusto Lopes e os irmãos Samuel e Fidélis Coutinho, fundaram a sua própria igreja, a Cruzada do Caminho Eterno.

Pouco antes de fundarem a Cruzada, Macedo e Soares foram consagrados pastores na Casa da Bênção pelo missionário Cecílio Carvalho Fernandes, já que ainda não haviam exercido cargos eclesiais. Depois da consagração ao pastorado na Casa da Bênção, devido à experiência com números e dinheiro na Loterj, Edir Macedo assume a tesouraria da Cruzada do Caminho Eterno. Contudo, a sociedade durou apenas dois anos, quando desentendimentos levaram Macedo, Soares e Roberto Lopes a se separarem dos irmãos Coutinho, e em 9 de julho de 1977 fundaram a Igreja Universal do Reino de Deus. A princípio, o líder da Universal era Romildo Soares, contudo, sua liderança logo começou a ser atropelada pelo estilo autoritário e centralizador de Macedo, bem como por seu carisma, dinamismo e pragmatismo. No final da década de setenta, o presbitério votou a saída de Romildo Soares da liderança e a ascensão de Macedo, que já vinha se destacando entre os pastores. Em 1980, depois de compensado financeiramente, Soares deixou a

⁸⁸ MARIANO, 1999, p. 51-53. ARAÚJO, 2007, p. 369-370.

⁸⁹ MARIANO, 1999, p. 51.

Universal e fundou a Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD), seguindo um formato parecido com o daquela. Nas comemorações do terceiro ano de vida da Igreja Universal do Reino de Deus, Roberto Lopes consagrou Macedo bispo. Neste mesmo ano, Roberto Lopes é enviado a São Paulo para implantar no estado a Igreja Universal. Em 1992, a sede nacional é transferida para o bairro do Brás, em São Paulo. Em 1986, Roberto Lopes é eleito deputado federal, desligando-se da Universal no ano seguinte e retornando a Igreja de Nova Vida. Esta eleição inicia a incursão da Igreja Universal do Reino de Deus nas eleições brasileiras, tendo ela já eleito vários deputados federais e estaduais, que legislam atendendo às necessidades da igreja. Com a saída de Lopes, Macedo torna-se líder incontestado da Igreja. 1986 também é o ano em que Macedo se muda para os EUA, acreditando que a captação de dólares ajudaria na obra de difundir o evangelho. Contudo, oposto ao sucesso vivenciado no Brasil, a Igreja Universal do Reino de Deus nos EUA se restringe à comunidade brasileira.⁹⁰

Com uma brutal diferença da obra na América, a Igreja Universal do Reino de Deus no Brasil cresce meteoricamente na década de 1980. Em 1980, após três anos de vida, ela possuía 21 templos em cinco estados. Em 1985, eram 195 templos em 14 estados e no Distrito Federal. Em 1989, ano da compra da TV Record, ela soma 571 templos em todo o território nacional, possuindo sua maior concentração nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Bahia. Seu crescimento deve-se ao uso eficaz dos meios de comunicação em massa, sobretudo o rádio. Seus programas começavam após os programas de rádio de cunho afro-brasileiro, já visando cativar os ouvintes deste estilo. Em 1984, eles compraram a sua primeira emissora, a rádio Copacabana. A partir de 1988, ela iniciou uma compra frenética de rádios e retransmissoras, que fez com que a implantação das igrejas seguisse aos programas de rádio. Cerca de quinze dias após iniciar seus programas radiofônicos, os pastores alugavam um cinema ou um teatro e convidavam seus ouvintes para frequentar os cultos. Em 1980 a Igreja Universal do Reino de Deus inicia seu programa televisivo, *O Despertar da Fé*, na rede Bandeirantes. Em 1983, esse programa era exibido em todo o território nacional, sendo, porém, o ponto alto dos investimentos da denominação, a aquisição, em novembro de 1989 por US\$ 45 milhões, da Rede

⁹⁰ MARIANO, 1999, p. 53-57.

Record de rádio e TV.⁹¹ Possuindo cerca de 76 emissoras de rádio e 20 de TV,⁹² a liderança da Igreja Universal do Reino de Deus construiu um verdadeiro império de comunicação, sendo a Record hoje a segunda emissora mais assistida pelo público da TV aberta.

Figura 3.32

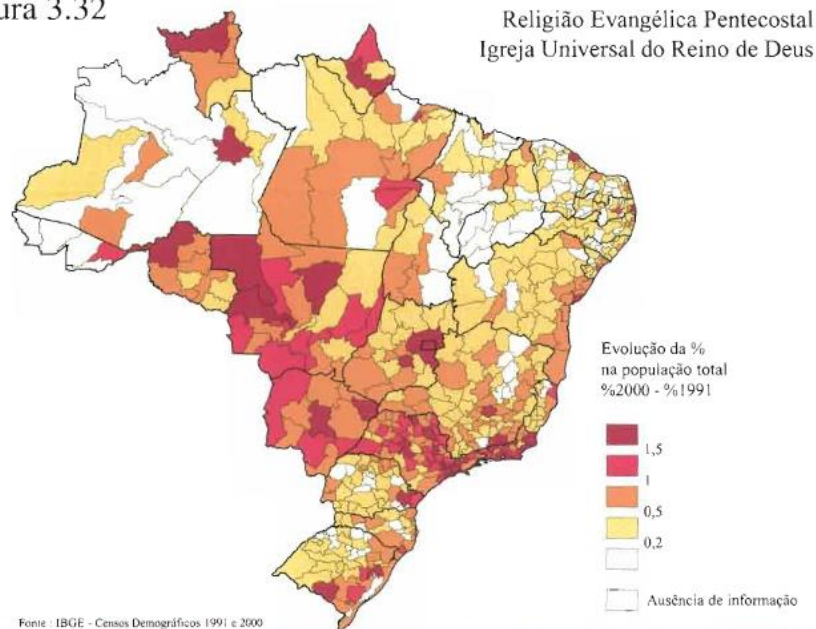


Figura 3.33



Figura 3: Comparação da distribuição dos fiéis da Igreja Universal em 2000 e das retransmissoras da Rede Record (2000).⁹³

⁹¹ MARIANO, 1999, p. 64-67.

⁹² Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_Universal_do_Reino_de_Deus. Pesquisa em 08/04/2014.

⁹³ JACOB (et al.), 2003, p. 62.

Mas não é apenas a este empreendimento que se limita a Igreja Universal do Reino de Deus. Ela também possui uma gráfica, uma gravadora, uma agência de viagens, construtora, seguradora, uma fábrica de móveis e uma empresa de processamento de dados. Não deixa de surpreender que, desde a sua fundação numa funerária no subúrbio do Rio, hoje ela conte com cerca de 1,9 milhão de membros, sendo porém sua influência muito maior do que o número de seus adeptos.

Embora seja a denominação mais expressiva do neopentecostalismo, a Igreja Universal do Reino de Deus não é a única representante dos neopentecostais e nem a majoritária. Juntamente com a Igreja Universal do Reino de Deus, tendo uma significativa presença midiática e numérica, temos a Igreja Internacional da Graça de Deus⁹⁴ (Rio de Janeiro, 1980), Igreja Cristã Apostólica Renascer em Cristo⁹⁵ (São Paulo, 1986), Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra⁹⁶ (Goiânia, 1976) e a Igreja Mundial do Poder de Deus⁹⁷ (Sorocaba-SP, 1998).

⁹⁴ Fundada por Romildo R. Soares, cunhado de Macedo após sua saída da Igreja Universal do Reino de Deus. Oriundo da Igreja Presbiteriana e da Igreja de Nova Vida, comanda o televangelismo e a organização eclesiástica. A IIGD concentra-se sobretudo no Sudeste, sendo muito parecida com a Igreja Universal do Reino de Deus. Tem cultos diários, onde se enfatizam curas, exorcismo e a teologia da prosperidade. Utiliza intensamente a TV e não exige formação teológica do pastorado. De governo eclesiástico episcopal e centralizador, é liberal em matéria de usos e costumes. Concentra seus esforços missionários nos programas televisivos, sendo o “Show da Fé” o primeiro programa evangélico a ser transmitido em horário nobre. Possui cerca de dois mil templos e não tem registro da quantidade de membros. MARIANO, 1999, p. 98-100.

⁹⁵ Fundada por Estevam Hernandes Filho, ex-gerente de marketing da Xerox e do Itaútec, e sua esposa, Sônia Hernandes, nutricionista e empresária. Ele, oriundo de família espanhola de tradição católica que se converteu ao pentecostalismo; ela, de uma família presbiteriana. Em 1986, começaram as reuniões numa pizzaria, com um grupo de fiéis de classe média. Expandiu-se pela atuação de grupos que se reuniam em lares. Embora a maioria de seus membros seja da classe C, possui um grande número de profissionais liberais em sua membresia, majoritariamente jovem. Fornece educação teológica aos seus pastores, que também possuem empregos remunerados. Conhecida por megaeventos como a “Marcha para Jesus”, possui rádios, emissora de TV, produtora e editora. É liberal em relação aos usos e costumes, embora em matéria política seja de direita. O casal fundador foi preso nos EUA, em 2007, devido a problemas com a Receita Federal local. A Renascer possui cerca de 1500 templos no Brasil, que se concentram na região Sudeste. O número de membros é desconhecido. MARIANO, 1999, p. 101-104.

⁹⁶ Seu fundador é Robson L. Rodvalho, professor de física licenciado da UFGO. Oriundo de uma família kardecista, após um homicídio acidental quando adolescente, tornou-se membro da Igreja Presbiteriana do Brasil, junto com a sua mãe. Líder da Mocidade para Cristo, tornou-se pentecostal aos 17 anos em um acampamento da mesma instituição. Junto com Cirino Ferro, fundou a Comunidade Evangélica, cuja terminação Sara Nossa Terra só foi acrescentada em 1992. Após expansão da igreja, reorganizou-a no modelo episcopal, tornando-se bispo primaz. A centralização levou a uma cisão da igreja, surgindo sob a liderança de César A. Machado, a denominação Comunidade Cristã, (com cerca de 90 mil membros) enquanto outras igrejas locais adquiriram a autonomia. Suas congregações recebem procuração para trabalhar. Seu pastorado não é obrigado a ter formação teológica, e seus pastores são consagrados ao ministério junto com as esposas. Com muitos membros jovens, trabalha bastante com a música e é a igreja responsável pela criação dos “Atletas de Cristo”. Também liberal nos costumes, possui cerca de 1000 templos e 180 mil fiéis. *Ibid.*, p. 104-107.

⁹⁷ Fundada por Waldomiro Santiago, ex-bispo da Igreja Universal do Reino de Deus. Após voltar da África, onde trabalhou durante alguns anos implantando a Igreja Universal do Reino de Deus, entrou em choque com a liderança da denominação. Após se retirar da Universal, fundou a Igreja Mundial do

Embora concorrentes no mercado religioso, as igrejas neopentecostais possuem vários pontos semelhantes. Com cultos diários várias vezes por dia, possuem uma membresia flutuante. O ministério não é incentivado a estudar teologia, e devem ter dedicação exclusiva. Composto em sua maioria por jovens, os pastores das denominações neopentecostais (salvo as igrejas independentes de orientação neopentecostal) são transferidos constantemente para não criar raízes com as igrejas, o que poderia levar a um cisma. Liberais em usos e costumes, diferenciam-se dos pentecostais pois, ao invés de rejeitar o mundo, desejam usufruir do que a sociedade tem a oferecer. Por isso, as igrejas estão sempre em busca de espaço e prestígio na mídia e na política. Tradicionalmente de orientação política conservadora, a Igreja Universal do Reino de Deus e a Igreja Mundial do Poder de Deus têm se destacado no cenário político por aliança com políticos de esquerda. De orientação episcopal, os líderes centralizam verticalmente a estrutura denominacional, com as igrejas locais tendo pouca autonomia e participação quase nula no governo da igreja, diferentemente das demais denominações evangélicas. Os neopentecostais são leais à liderança da igreja. São admiradores dos pastores e, particularmente dos seus líderes maiores, como Edir Macedo, R. R. Soares ou Waldemiro Santiago. Essa lealdade pode ser vista nas respostas às convocações denominacionais.⁹⁸

Teologicamente, algumas ideias propagadas pelos neopentecostais destoam do protestantismo histórico e pentecostal. A Confissão Positiva, a Teologia do Domínio, e a Teologia da Prosperidade impulsionam as igrejas para um ativismo político e a negação do ascetismo pentecostal.

O carro-chefe doutrinário dos neopentecostais é a doutrina da confissão positiva, de onde, inclusive procede a teologia da prosperidade. O pressuposto básico é que a mente humana através de uma atitude mental positiva e da confissão positiva tem o poder de criar a sua própria realidade: ou a saúde e a prosperidade, ou a doença

Poder de Deus. Após a abertura da igreja em São Paulo, Waldemiro deslocou-se para o Nordeste para implantar a Igreja Mundial do Poder de Deus, que hoje se encontra presente em todo o território nacional, com cerca de 315 mil membros, segundo o censo de 2010. Assim como a IIGD, possui uma estrutura administrativa e doutrinária parecida com a Igreja Universal do Reino de Deus, adotando também o sistema episcopal. Com templos simples, trabalha com as classes sociais mais baixas. Em polemica constante com a Universal, de onde retira pastores e fiéis, focaliza a cura divina em detrimento do exorcismo. Adepta da teologia da prosperidade e liberal nos usos e costumes, não exige formação teológica dos ministros. A Igreja Mundial do Poder de Deus também trabalha de forma intensa com programas de rádio e televisão, o que explica o seu repentino crescimento. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/06/29/censo-2010-aponta-migracao-de-fiéis-da-universal-do-reino-de-deus-para-outras-igrejas.htm>. Visitado em 08/04/2014.

⁹⁸ MARIANO, 1999, p. 35-48.

e a pobreza. Na confissão positiva, a fé aponta em duas direções. Na primeira, ela é encarada como uma *dádiva* e, na segunda, como um instrumento de *exigência*. O “Nome de Jesus” é uma fórmula mágica para se conseguir benefícios.⁹⁹ Portanto, o nome de Jesus é encarado como um “passe” que confere autoridade incondicional ao crente. A atitude de nunca duvidar é respaldada no conceito de que Deus é obrigado a atender à solicitação de quem tem fé. Essa cosmovisão encara a Deus como acorrentado a leis que ele próprio elaborou. Leis espirituais que atendem à fé sempre que esta for exercida com firmeza e de maneira positiva, ou deixam de atender se for frouxa e negativa.¹⁰⁰

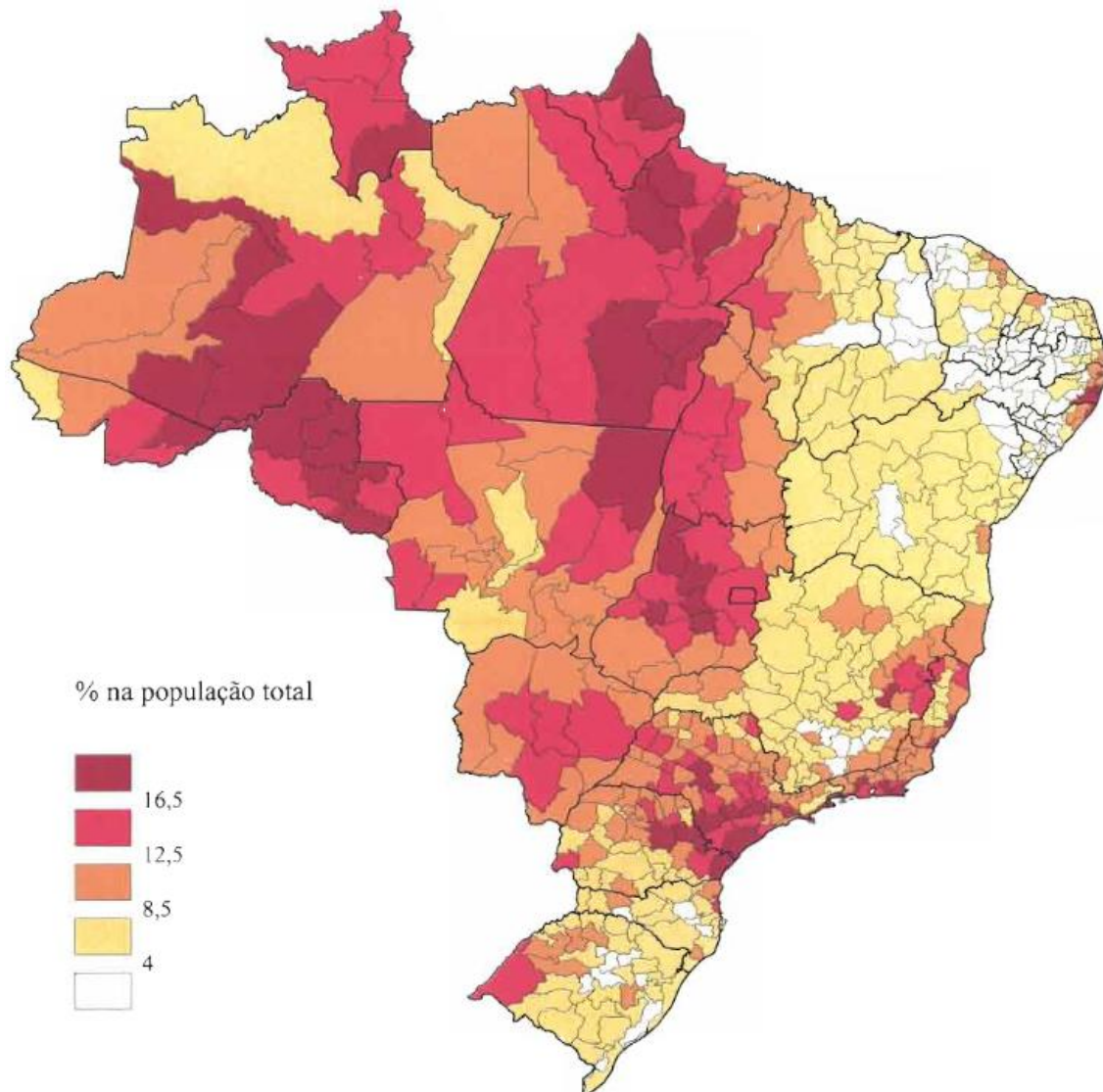
O neopentecostalismo também introduziu a Teologia da Prosperidade, sendo resultado do contexto sócio-político e econômico da segunda metade do século XX e início do século XXI. Isto torna o neopentecostalismo uma religião em que se inseriram elementos da pós-modernidade, na qual o ascetismo do pentecostalismo incipiente cedeu lugar à religião de troca de favores com Deus. Com isso, o fiel pode desfrutar os benefícios seculares, sem preocupação com o desfecho escatológico deste mundo. Outro tema dominante na teologia da prosperidade, mais particularmente de Macedo, é o sacrifício. Os iurdianos estão frequentemente envolvidos em campanhas, não apenas para benefício próprio, mas também para favorecer membros da família, da parentela ou amigos. Nessas campanhas, os neopentecostais entregam, sem reservas, os seus dízimos e ofertas. Além de orientações sobre o tema na literatura denominacional, são incentivados pelos testemunhos que ocorrem na igreja, na TV e no rádio. Muitos passam a ofertar e a devolver o dízimo quando a situação financeira do lar ou dos negócios não vai bem. Ou redobram o sacrifício quando precisam de uma bênção especial, e já são membros da igreja. É comum que essas situações sejam apresentadas na seção de depoimentos da Folha Universal, jornal denominacional, ou nos programas de testemunhos de rádios e TVs ocupados pela Igreja Universal do Reino de Deus.¹⁰¹ Já em 2002, a Igreja Universal do Reino de Deus era a igreja que mais recolhia “doações

⁹⁹ Kenneth Hagin faz uma observação típica de quem toma o nome de Jesus de forma mágica: “muitas orações têm sido destruídas e não funcionaram, porque foram oradas por amor de Jesus, ao invés de em Nome de Jesus HAGIN, 1999, p. 12.

¹⁰⁰ PIERATT, 1995, p. 152.

¹⁰¹ UNIVERSAL, 6 jun. 2010, 5i; UNIVERSAL, 24 out. 2010, 2i.

acima dos 10% do dízimo convencional”¹⁰² Essa marca não poderia ser atingida sem o comprometimento da membresia da igreja.



*Figura 4: Distribuição dos fiéis pentecostais no Brasil em 2000.*¹⁰³

Como os pentecostais, os neopentecostais também acreditam que Deus opera milagres hoje da mesma maneira que operava nos dias apostólicos. É o mesmo discurso feito pelos membros de igrejas pentecostais clássicas, porém, com alguns aditivos: a prosperidade material e a humilhação do diabo. O neopentecostal acredita que a prosperidade é um direito inerente adquirido pela fé. São inúmeros os depoimentos de conquistas e prosperidade depois do contato com a igreja. A motivação do neopentecostal pela prosperidade se origina na teologia da sua igreja.

¹⁰² EDWARD, 2002, p. 94.

¹⁰³ JACOB (et al.), 2003, p. 46.

Ele não contribui simplesmente para agradar aos pastores, mas porque acredita nesta teologia. Portanto, a não ser que o neopentecostal tenha sofrido alguma perda atribuída à igreja, ele defenderá a doutrina em que acredita.

A *Teologia do Domínio* facilitou a entrada dos seus defensores na política partidária, tendo em vista a mudança de ênfase escatológica. Segundo os seus pressupostos, não há urgência em relação à volta de Jesus, pois como os primeiros proponentes dessa teologia, a conquista política pelos evangélicos deve ocorrer antes do arrebatamento, e durante esse período a igreja deve prevalecer sobre as instituições seculares para convertê-las ao cristianismo. Esta era presente, para eles, é o Reino de Deus, por isso os cristãos devem lançar mão do poder de Deus para implantá-lo. Mesmo acreditando no arrebatamento secreto, o seu alvo é que o Brasil e suas instituições executivas, legislativas e judiciárias sejam orientados por princípios cristãos.¹⁰⁴ Todavia, este pensamento não está restrito somente aos neopentecostais, que são aproximadamente quatro milhões de brasileiros. Ele cada vez mais ganha espaço no imaginário pentecostal e neopentecostal, levando os evangélicos a cada vez mais ingressarem no mundo político e consolidando posições políticas conservadoras.

1.2.6 O que é o protestantismo brasileiro?

A partir do que foi observado acima, nota-se que a diversidade de denominações e posturas teológicas cria dificuldades cada vez maiores para se classificar o protestantismo brasileiro. Talvez Antônio Mendonça esteja certo ao falar que, devido às dificuldades de se nomear esta diversidade, devíamos classificá-la como cristianismo não-católico. Mas a despeito das dificuldades de se agrupar as denominações e classificá-las, algumas tendências podem ser notadas.

Podemos observar que o evangélico brasileiro é, em sua maioria, jovem, mulher, pardo, com o ensino fundamental, pobre ou de classe média baixa e pentecostal. Caracterizado pelo individualismo protestante, ele é fundamentalista bíblico, com uma forte rejeição à erudição humanista aliada a uma cosmovisão mística e a um pessimismo que vê a decadência de todas as coisas, culminando no fim deste mundo e no início da nova terra. Esta expectativa cria um vácuo entre a religiosidade

¹⁰⁴ ARAÚJO, 2007, p. 625.

e a vida em sociedade, levando a um ascetismo intramundano, onde a atividade religiosa ganha prioridade sobre os demais aspectos da vida. Por ser pessimista, tem uma tendência a ser apolítico, conservador ou ambos. Todavia, a exposição do neopentecostalismo diariamente nos meios de comunicação tem mudado este perfil. Ele tem estado mais autoconfiante, aceitando desfrutar o que a sociedade tem para oferecer, e embora ainda conservador, tem aprendido a votar e ser votado, buscando trazer “o Brasil para Jesus Cristo”. Hoje, com uma bancada evangélica expressiva, vemos deputados evangélicos fazendo parte da base aliada do governo do Partido dos Trabalhadores, situação quase impensável na década de 1980.

Porém, algo fica no ar: como um conservador consegue participar mais ativamente do discurso e do agir político justamente quando o Brasil passa por três governos progressistas? Como este grupo confessional, até pouco tempo apolítico e conservador, que no século passado era anticomunista (a ponto de dizer que Lula era o diabo), tem mudado o voto nas últimas eleições? Nos próximos capítulos, veremos como é feito o discurso anticomunista do século XX pelos protestantes brasileiros, como ele é utilizado durante as eleições presidenciais de 1989 e 2002 e como os neopentecostais, esta força que tem mudado a fisionomia dos evangélicos, conseguiram, em boa parte, mudar o pensamento conservador dos filhos de Lutero. Ainda anticatólicos e comilões de carne na sexta-feira santa, mas com o desejo de terem na mão as duas espadas.

2 LULA É O DIABO: O ANTICOMUNISMO EVANGÉLICO

“O comunismo é o Anticristo”
Jessy Suhett¹⁰⁵

Em 1989, o Brasil inteiro foi mobilizado em torno das primeiras eleições presidenciais após o golpe de 1964. O avanço de um sindicalista para a disputa do segundo turno alarma as parcelas mais conservadoras da população. Tendo em seu projeto de governo ideias de fundo socialista e progressista, durante toda a campanha o candidato do Partido dos Trabalhadores (PT), Luís Inácio Lula da Silva, é acusado de ser agente do comunismo, que fecharia igrejas e perseguiria os cristãos caso ganhasse. Panfletos falsos são distribuídos em Brasília pregando a luta armada, e supostos militantes do partido visitam casas de classe média visando futuras desapropriações. Sermões e discursos inflamados são feitos em igrejas alertando contra o perigo de um comunista chegar ao poder.¹⁰⁶

Por que a associação de Lula com o comunismo levou a uma rejeição expressiva do eleitorado evangélico? Como forjou-se durante a ditadura militar o discurso anticomunista na imprensa protestante? A formação do discurso anticomunista nas publicações evangélicas durante 1964-1989 é o objetivo deste capítulo.

2.1 COMUNISMO E ANTICOMUNISMO

O que é o comunismo? É interessante que uma pergunta tão simples como esta receba uma diversidade tão grande de respostas, e na maioria das vezes, uma resposta vaga ou nula. Interessante que o site do PCB não se importa em dar uma definição,¹⁰⁷ e o site do PC do B, ao responder o que é um comunista, começa com um parágrafo vago, dizendo no segundo que em sua longa trajetória histórica, o proletariado organizou-se no Partido Comunista buscando “levar a sociedade a um estágio superior de organização e convivência, sem exploração do homem pelo

¹⁰⁵ COLLOR, 1989, p. 12

¹⁰⁶ COUTINHO, 1989, p. B2.

¹⁰⁷ Disponível em: <http://pcb.org.br/portal/>. Pesquisa realizada em 10/02/2015.

homem e sem classes sociais: o comunismo”.¹⁰⁸ O comunismo é um sistema de organização política e econômica em que a propriedade é controlada pelo Estado ou pela comunidade de todos os cidadãos, distribuindo-se a riqueza produzida por todos segundo as necessidades de cada um.¹⁰⁹ Embora a ideia seja encontrada primeiramente na *República* de Platão, vários tipos de comunidades com ideais que podem ser associados aos comunistas surgiram durante a história, sendo interessante que a maioria delas floresceram em um ambiente cristão que fazia uma leitura radical da Bíblia.¹¹⁰ A manifestação do seu conceito durante a Revolução Francesa através de François-Noël Babeuf (1760-1797) marca a sua implantação na Europa Ocidental num contexto secular, contudo, sua popularização e sistematização provindo de um ambiente não-religioso só ocorrerá após Karl Marx (1818-1883) em parceria com Friedrich Engels (1820-1895) lançar o *Manifesto do partido comunista* (1848). Seus conceitos sobre política e economia são a base dos posteriores teóricos comunistas e dos governos onde se implanta o socialismo. Basicamente, a teoria marxista, chamada de socialismo científico

Considera que a luta de classes é o motor da história e que o Estado é sempre um órgão a serviço da classe dominante, cabendo à classe operária, como classe revolucionária de vanguarda, lutar pela conquista do Estado da ditadura do proletariado.¹¹¹

Como toda teoria política tem seus apoiadores e opositores, assim não pode deixar de ser com o comunismo. O próprio Marx diz que o espectro do comunismo nos idos de 1840 unia o Papa, o Czar e os radicais da França contra qualquer movimento oposicionista, quer seja à esquerda ou à direita.¹¹² Entendido como oposição à ideologia e objetivos comunistas, o anticomunismo torna-se um componente fundamental da cultura política das sociedades capitalistas a partir da chamada Revolução de Outubro, quando o comunismo entra no cenário mundial como uma forma real de Estado.¹¹³

¹⁰⁸ Disponível em: http://pcdob.org.br/texto.php?id_texto_fixo=7&id_secao=145. Pesquisa realizada em 10/02/2015. É um linguajar tão técnico e abstrato que provavelmente deixaria confuso um leigo. Só a título de comparação, quando se entra num site oficial de uma igreja evangélica, por exemplo a adventista do sétimo dia, ao ver a seção “Quem são os adventistas”, se tem uma resposta mais clara e objetiva. <http://www.adventistas.org/pt/institucional/os-adventistas/quem-sao-os-adventistas/>. Pesquisa realizada em 10/02/2015. O mesmo se pode dizer da Igreja Universal do Reino de Deus. <http://www.universal.org/institucional/emquecremos.html>. Pesquisa realizada em 10/02/2015.

¹⁰⁹ COMMUNISM, 2009.

¹¹⁰ BEDESCHI, 1998, 204.

¹¹¹ SANDRONI, 1999.

¹¹² MARX; ENGELS, 1993, p. 65.

¹¹³ BONNET, 1998, p. 34.

O anticomunismo, sendo um fenômeno complexo, de caráter ideológico e político ao mesmo tempo, varia dependendo do contexto histórico e das sociedades que o fabricam. Embora comumente visto como de “direita”, com cunho religiosos, fascista ou reacionário, podemos falar também de anticomunismo fundado em princípios liberais ou da social-democracia. Pode ser extremo, como o de cunho fascista ou reacionário, que tacha de comunismo qualquer oposição com base popular e se vê numa constante guerra maniqueísta. Pode ser defensivo, como o de caráter religioso, que apresenta a Igreja como a cidade de Deus, sitiada por hordas de materialistas ateus que buscam destruir a civilização cristã. É diferente de ser antissoviético, visto que a China popular, embora comunista, manteve, por décadas, grande distância da antiga URSS. O anticomunismo encontra o seu auge durante os anos de 1950 e 1960, liderado pelos EUA.¹¹⁴

O discurso anticomunista no Brasil origina-se a partir da revolução comunista de 1917 na Rússia. Segundo Rodrigo Motta, os responsáveis pela divulgação do mesmo no país são as elites, através dos jornais da época, que descreviam relatos de correspondentes e fugitivos da Guerra Civil Russa. Preocupados em defender o capitalismo, percebe-se que a fonte de inspiração neste período é sobretudo francesa.¹¹⁵ Durante o período de 1917-1930, o perigo comunista é encarado no Brasil como uma possibilidade remota, tanto que a literatura produzida no período quase nada tem a dizer sobre as atividades de comunistas no Brasil, enquanto que seu conteúdo é quase exclusivamente sobre as atrocidades dos bolcheviques. A principal preocupação deste período é o movimento anarquista.¹¹⁶

Contudo, o crescimento do PCB, com a adesão do líder tenentista Luís Carlos Prestes, a formação da Aliança Nacional Libertadora, a Intentona de 1935, o confronto ideológico entre comunistas e integralistas, em meio a um clima de instabilidade institucional criado com o fim da República Velha e a implantação do Estado Novo, fazem com que uma onda de literatura anticomunista invada a sociedade brasileira. Aqui, a ameaça do comunismo passa a ser denunciada como um perigo interno, traiçoeiro, sigiloso e que silenciosamente estava se infiltrando na sociedade brasileira. Os meios jornalísticos, quer fossem religiosos ou não, produziram uma série de discursos que condenavam o “perigo vermelho”, construindo não apenas uma

¹¹⁴ Ibid. 34-35.

¹¹⁵ MOTTA, 2002, p. 02.

¹¹⁶ Ibid. p. 06.

identidade¹¹⁷ que o rejeitasse, mas fabricando uma noção de realidade da sociedade brasileira que seria incompatível, enquanto católica e liberal, como a ditadura atéia dos comunistas.¹¹⁸

O terceiro período de maior campanha anticomunista na imprensa brasileira ocorre durante o período que precede o golpe civil-militar e também após o mesmo, marcando a década de 1960. O auge da Guerra Fria, a Revolução Cubana, as pressões populares por uma participação maior da vida econômica e política que encontraram guarida no governo de João Goulart levaram a mobilização de parte significativa dos setores civil, eclesiástico e militar da sociedade brasileira, que assombrados com as Reformas de Base, as Ligas Camponesas e o Levante dos Marinheiros (25/03/1964), resolvem tomar a iniciativa de um golpe de Estado, que seria uma atitude preventiva contra a instauração do comunismo no Brasil.¹¹⁹

Algumas observações devem ser feitas aqui. Nos períodos de 1935-1937 e 1961-1964, há uma maior intensidade das manifestações anticomunistas. Entre essas duas conjunturas existem diferenças e especificidades significativas. Por exemplo, se na primeira houve um fortalecimento da ortodoxia católica, onde o catolicismo assumiu o papel de principal força do “bem” a opor-se ao comunismo “maléfico”, na década de 1960 a ortodoxia católica foi substituída por uma espécie de “ecumenismo anticomunista”: a confluência de esforços de várias religiões para prevenção e combate ao comunismo. Nesse período pré-golpe, inicia-se o período de maior produção anticomunista na imprensa evangélica brasileira, com a publicação de artigos em jornais, revistas e livros alertando sobre os males do comunismo e o situando dentro da conjuntura profética nos círculos dispensacionalistas.¹²⁰ Motta, que

¹¹⁷ Segundo Zygmunt Bauman, a identidade é inventada de acordo com objetivos ou propósitos. BAUMAN, 2005, p. 21-22. Dois pontos são fundamentais para a construção da mesma. Um externo, que permita delimitar as diferenças, e um interno, que composto por lamentos comuns, possa criar um padrão de identificação. RODEGHERO, 2003, p.30.

¹¹⁸ SILVA, 2001, p. 28-32.

¹¹⁹ MENDES, 2004, p. 81. JOFFILY, 1998, p. 160-173.

¹²⁰ “A teologia dispensacionalista desenvolve-se do uso consistente do princípio hermenêutico da interpretação normal, clara ou literal. Este princípio não exclui o uso de figuras de linguagem, mas insiste em que há por trás de cada figura um significado literal. A aplicação deste princípio hermenêutico leva o dispensacionalismo a fazer uma distinção entre o programa de Deus para Israel e o Seu programa para a Igreja. Assim, a Igreja não começou no AT mas no dia do Pentecoste, e a igreja atualmente não está cumprindo promessas feitas a Israel no AT, que ainda não foram cumpridas... como sistema o dispensacionalismo não começou a se desenvolver senão na primeira parte do século XVIII nos escritos de Pierre Poiret, John Edwards e Isaac Watts.... Foram o ministério e a obra escrita de John Nelson Darby, no século XIX, que sistematizaram o conceito. A sua obra foi o alicerce para dispensacionalistas posteriores como James H. Brookes, James M. Gray, C. I. Scofield e L. S. Chafer.” RYRIE, 2009, v. 1. p. 479-480. Segundo Darby, seriam sete as dispensações da graça, ou alianças entre Deus e o homem. Daí o termo dispensacionalismo.

procura estudar o anticomunismo como um fenômeno duradouro, captando as linhas de continuidade presentes ao longo da história, argumenta que o anticomunismo foi mais intenso dentro dos marcos cronológicos acima, chegando a transformar-se em força política influente. Por este motivo, em seu livro, ele não se dedica ao estudo das manifestações anticomunistas ocorridas entre 1939 e 1960, embora recorra várias vezes a material iconográfico anticomunista, produzido neste período, para enfatizar sua arguição. Todavia, avaliar o anticomunismo apenas a partir de marcos institucionais pode comprometer seriamente o entendimento do lugar deste fenômeno na história social brasileira – em um sentido amplo – até porque, como o próprio autor aponta, o anticomunismo não foi reproduzido somente através da ação do Estado, mas também através de organismos sociais e mesmo de indivíduos. Contudo, tais considerações não diminuem a qualidade e a originalidade com que Motta estudou o tema; apenas sugerem lacunas difíceis de serem evitadas, devido a um recorte cronológico tão extenso.¹²¹

Durante este período, são estabelecidos os matizes do anticomunismo brasileiro, que é multifacetado. Sendo reflexos de diferentes matizes a plano mundial, podemos relatar como sendo cinco as principais vertentes:

1. Democrática, que buscava condenar o caráter autoritário do comunismo.
2. Fascista, que na sua polemica pela alma da nação, condenava o caráter desagregador do marxismo.
3. Conservadora, que visando manter o *status quo*, apelava para a incompatibilidade do mesmo com a sociedade brasileira.
4. Liberal, que defendia a propriedade privada e a livre iniciativa.
5. Religiosa, que enfatizava o caráter ateu, antirreligioso e perseguidor do regime socialista.¹²²

No Brasil predominam os aspectos conservadores e liberais, sendo que ambas frequentemente utilizavam a versão anticlerical, devido ao seu poder mobilizador de amplas parcelas da população. A onda anticomunista da década de 1960 será o ponto de partida para a nossa análise da produção do anticomunismo na literatura evangélica brasileira.

¹²¹ VALIM, 2005, p. 208-210.

¹²² MENDES, 2004, 81.

2.2 A FORMAÇÃO DA REALIDADE

“Toda a sociedade humana é um empreendimento de construção do mundo”.¹²³ Como produto humano, a sociedade é responsável por forjar o homem dentro dela, através dos processos sociais, tornando o indivíduo uma pessoa que se aferra a sociedade. Seu processo dialético de construção da realidade empírica consiste em três momentos: exteriorização, objetivação e interiorização.¹²⁴ Segundo Berger,

A exteriorização é a contínua efusão do ser humano sobre o mundo, quer na atividade física quer na atividade mental dos homens. A objetivação é a conquista por parte dos produtos desta atividade (física e mental) de uma realidade que se defronta com os seus produtores originais como facticidade exterior e distinta deles. A interiorização é a reapropriação dessa mesma realidade por parte dos homens, transformando-a novamente de estruturas do mundo objetivo em estruturas da consciência subjetiva. É através da exteriorização que a sociedade é um produto humano. É através da objetivação que a sociedade se torna uma realidade *sui generis*. É através da interiorização que o homem é um produto da sociedade.¹²⁵

Como produto da atividade humana, a sociedade atinge o *status* de realidade objetiva. Como realidade externa, ela se apresenta ao homem, estranha à consciência subjetiva e não-controlável por esta. Dirigindo, sancionando, controlando e punindo o indivíduo, ela o coloca no “seu lugar”, possibilitando o convívio entre distintas individualidades. Utilizando as instituições sociais, ela se torna uma objetividade coercitiva.¹²⁶ Instituições políticas e legais são entendidas como uma facticidade externa. Agindo como ação formativa da consciência individual, a sociedade interioriza seus valores através dos processos de socialização, que para ser bem sucedido dependerá de uma “simetria entre o mundo objetivo da sociedade e o mundo subjetivo do indivíduo”.¹²⁷ Caso falhe em interiorizar seus sentidos mais importantes, ela falha em sua luta para se manter no tempo.

A interiorização se torna um processo dialético que inclui a exteriorização e a objetivação, apropriando-se do mundo social e co-produtor do mesmo.¹²⁸ Dentro deste processo, a linguagem pode “ser tomada como paradigma da dialética da socialização”.¹²⁹ Neste processo de socialização, a linguagem, como veículo de

¹²³ BERGER, 1985, p. 15.

¹²⁴ Ibid. p. 15-16.

¹²⁵ Ibid. p. 16.

¹²⁶ Ibid. p. 24-25.

¹²⁷ Ibid. p. 28.

¹²⁸ Ibid. p. 30-31

¹²⁹ Ibid. p. 31.

criação das representações, possui uma eficácia propriamente simbólica da construção da realidade. Estruturando a percepção que os indivíduos têm do mundo social, a linguagem, ao nomear e decodificar as representações, contribui para constituir a estrutura desse mundo de uma forma autorizada.¹³⁰

A linguagem pertence portanto, como diz Bourdieu, a classe dos atos de instituição e de destituição fundados socialmente, através dos quais indivíduos, como representantes de um grupo, transmitem o significado que possuem de uma dada qualidade, buscando ao mesmo tempo comprometer seus interlocutores para que se comportem de acordo com a realidade que eles constroem.¹³¹

Em meio a luta para a imposição da visão legítima, na qual a própria ciência se encontra inevitavelmente enganada, os agentes detem um poder proporcional a seu capital simbólico, ou seja, ao reconhecimento que recebem de um grupo: a autoridade que funda a eficácia performativa do discurso é um *percipi*, um ser conhecido e reconhecido, que permite impor um *percipere*, ou melhor, de se impor como se estivesse impondo oficialmente, perante todos e em nome de todos, o consenso sobre o sentido social que funda o senso comum.¹³²

O mundo então se torna, neste sentido, minha representação, pois o representante ou faz parte do grupo que o constituiu. Ao falar e agir em nome do grupo, o representante existe somente por esta procuração, se tomando pelo grupo que encarna.¹³³ E assim, a linguagem em sua forma falada e escrita, se torna importante veículo de interiorização da sociedade e construção da realidade. Neste processo, o homem comum não se preocupa em questionar aquilo que é “real” para ele, a não ser que entre numa crise de identidade, ele tem como certa sua “realidade”. Contudo, o que é “real” para um protestante brasileiro pode não ser para um muçumano chinês. Por isso que, ao se defrontar com o conhecimento acumulado por uma sociedade, que se torna padrão do que é ou não “real”, o historiador deve procurar compreender o processo pelo qual isso se realiza, de forma que uma “realidade” seja admitida como certa.¹³⁴

Nesta tarefa de reconstituir a historicidade da “realidade” de sociedades que não nos são próximas, em primeiro lugar, devemos entender que o consumo cultural ou intelectual de uma sociedade torna-se ele próprio uma produção, pois constitui representações que nunca são idênticas às que o produtor original tinha. Longe de

¹³⁰ BOURDIEU, 1996, p. 82.

¹³¹ Ibid. p. 82.

¹³² Ibid.

¹³³ Ibid. p. 83.

¹³⁴ BERGER; LUCKMANN, 2002, p. 13-15.

ser passivo, um discurso de um determinado grupo não apenas possui a significação que seu autor queria, mais a interpretação, que pode ser múltipla, que o leitor interioriza, tanto contemporâneo como o que se debruça sobre ele. Portanto, segundo Chartier, ao reconstituir leituras antigas, não devemos recusar nenhuma das percepções que permitem reconstituir o que os leitores faziam de suas leituras, a percepção direta que a mesma imprime, o exame dos fatos de reescrita e intertextualidade que constrói a noção de realidade.¹³⁵ Aos textos “documentais”, que, submetidos a uma crítica histórica, deve-se opor os textos “literários”, que embora não possam ser considerados “testemunhas” fidedignas da realidade, nos ajudam a entender como a mesma era compreendida. Embora nenhum texto, devido às limitações da linguagem e dos símbolos, mantenha uma relação transparente com a realidade que quer representar, a relação do texto com o real acaba sendo construída de acordo com as delimitações intelectuais próprias de cada situação de escrita.¹³⁶ Assim, textos literários produzem mais do que mera descrição de como foi elaborado o discurso mitológico ou religioso da sociedade (já que a religião faz parte do empreendimento de construir a mesma). O próprio real assume novo sentido: “aquilo que é real, efetivamente, não é (ou não é apenas) a realidade visada pelo texto, mas a própria maneira como ele a cria, na historicidade da sua produção e na intencionalidade da sua escrita”.¹³⁷ Portanto, o historiador, na busca de retratar como uma sociedade pensa sua “realidade”, trabalha de forma diacrônica, estabelecendo as relações do texto ou de uma forma de pensamento com a política, filosofia ou religião da época, ao mesmo tempo que, de uma forma sincrônica, “determina a relação do conteúdo do objeto intelectual com o que vai surgindo ao mesmo tempo noutros ramos ou aspectos de uma cultura”.¹³⁸

Esta ideia sobre noção de realidade é importante para que possamos compreender como se fabrica o discurso anticomunista no meio evangélico brasileiro, e como este imaginário acaba ganhando uma identidade própria, diferente do discurso anticomunista governamental e de seus grupos de sustentação.

¹³⁵ CHARTIER, 2002, p. 58-61.

¹³⁶ Ibid, p. 62-63.

¹³⁷ Ibid.

¹³⁸ Ibid. p. 63-64.

2.3 ANTICOMUNISMO EVANGÉLICO

Dividido como é o protestantismo brasileiro, ele pode transmitir a impressão de que, em meio à miscelânea de denominações e variações denominacionais, seja impossível encontrar pontos em comum. Porém, em meio a este universo de diversidades, podemos encontrar tendências, pontos comuns nos discursos das várias igrejas no Brasil. Tal confluência, que se manifesta em muitos pontos, sejam doutrinários, seja de organização eclesial, também ocorre, em boa medida, quanto à atuação anticomunista.

A década de 1960 nos permite identificar um discurso comum acerca do comunismo na imprensa evangélica. Primeiro, porque protestantes históricos e pentecostais clássicos eram predominantes e ainda tinham forças equivalentes.¹³⁹ Segundo, porque o fundamentalismo e o pré-milenialismo são características majoritárias. Terceiro, a ascese intramundana e a rejeição do envolvimento denominacional na política partidária, acentuado pela falta de liberdade democrática e o puritanismo de costumes e ideias, colocam o protestantismo brasileiro ao lado das forças conservadoras que controlam o País.

Com exceção da matriz fascista, as outras quatro vertentes do anticomunismo aparecem no discurso dos protestantes. Podemos perceber a prática de acusar os opositores ou desafetos de comunistas, mesmo sendo os mesmos de posição política semelhante ou partidários da direita. Bom exemplo é a carta publicada no *Jornal Presbiteriano*, em que se percebe uma disputa entre o presbítero Torquato Marques, presidente do conselho deliberativo do Colégio Evangélico XV de Novembro, em Garanhuns-PE, e Francisco Leonardo Schalkwijk, missionário holandês diretor do Seminário Presbiteriano do Norte. Numa refrega acerca do Rev. João Dias de Araújo,¹⁴⁰ que havia sido preso pelos militares sob a acusação de ensinar o marxismo,

¹³⁹ Somente na década de setenta que os pentecostais serão em maior número que os históricos, criando a desproporcionalidade somente a partir dos anos 80, com a consolidação do neopentecostalismo e as divisões carismáticas entre os tradicionais. As estatísticas do Culto Protestante do Brasil no ano de 1965 apontam os protestantes históricos como sendo cerca de 57% do mundo evangélico brasileiro, caindo para 52% em 1970, 51% no censo do IBGE de 1980, chegando em 33% no censo de 1991. JACOB (et.al.), 2004, p.11. ROLIM, 1985, p. 113-115. No período do regime militar as principais denominações por ordem de tamanho são Assembleia de Deus (25%), Luteranos (19%), Congregação Cristã no Brasil (10%), batistas (9%), presbiterianos (8%) e adventistas do sétimo dia (4%), sendo responsáveis por 75% do protestantismo brasileiro. ROLIM, 1985, p. 113-115.

¹⁴⁰ “No dia 1º de abril de 1964, presbiterianos fundamentalistas espalharam panfletos pelas ruas do Recife, divulgando que o Seminário Presbiteriano do Norte funcionava como um foco de alunos e professores esquerdistas. Um dos professores, João Dias de Araújo, foi acusado de ensinar ‘teologia

Schalkwijk acusa Marques de ser, ao mesmo tempo, fascista (sic) e comunista por ter defendido Dias. Execrando as acusações, Marques alega ser “democrata, revolucionário de 1964 e brasileiro”.¹⁴¹ Da mesma forma, a *Revista Adventista*, em janeiro de 1941, dedica um artigo para atacar uma dissidência da denominação, a Igreja Adventista do Sétimo Dia em Movimento de Reforma.¹⁴² O

O bolchevismo fundado por Karl Marx da Prússia, é um sistema de governo que não considera a justiça e o direito. Nega o direito do lar e ensina que o casamento é simplesmente um contrato. É um princípio nefasto e desorganizador do lar, da sociedade e da religião. Os "reformistas seguem fielmente as pegadas do comunismo: a) Ensinam em oposição aos ensinamentos das Escrituras, que não se deve obedecer às autoridades constituídas... b) Esfacelam lares e querem desfazer o que Deus instituiu — o casamento. Diversos reformistas são contra o casamento e a vida conjugal... c) Sem idoneidade moral, seu evangelho é de inveja e difamação. Não vêm com bons olhos a limpeza, o asseio, a ordem e o bom gosto. Um obreiro não pode ter sua casa bem arrumada e com relativo conforto, porque os snrs. "reformistas" acham ser burguesia... d) Percorrem o mar e a terra para fazerem um prosélito; e, depois de o terem feito, deixam-n'o duas vezes pior do que eles mesmos. Pessoalmente conheço alguns que depois que se tornaram "reformistas", maltratam a esposa, cometem vícios, falsificações, mentiras, etc, comprovando assim o que Jesus disse em S. Mat. 23: 15. 3. São destruidores da religião.¹⁴³

Os reformistas tinham a mesma prática conservadora em questões políticas que os adventistas, chagando alguns líderes do movimento a se alistarem no exército da Alemanha nazista para combater a URSS. Percebe-se aqui, na imprensa evangélica, prática comum na sociedade brasileira: a utilização da acusação de comunista, considerado algo desairoso, para se desqualificar um oponente.

Após o golpe civil-militar, o *Jornal Batista* saúda o que, para o periódico, era a vitória da ordem e da democracia, responsável pela expulsão das trevas comunistas do Brasil.

Agora, o Ato Institucional promulgado pelos Ministros Militares estabelece novo regime para o país. Estamos iniciando uma nova era na história do Brasil. Uma era de Ordem de Paz e de Progresso. Agora todos os brasileiros

marxista', e por isso preso pelas autoridades militares, constituídas a partir de então. Como justificativa desta atitude, os fundamentalistas declaravam que os evangélicos deveriam se livrar das 'ervas daninhas' expurgando possíveis subversivos do meio protestante. 'O seminário se tornou uma escola vigiada por dentro e por fora. Um clima de terror foi implantado. A liberdade acadêmica foi extinta'. A partir de então, todo cristão deveria 'ter a satisfação' de denunciar pastores ou membros de igrejas que se opunham ao regime 'estabelecido por Deus'. Disponível em: http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=270#_ftnref15. Pesquisado em 11/02/2015.

¹⁴¹ JORNAL Presbiteriano, mai. 1975, p. 05. Apud SOUZA, 2014, p. 259.

¹⁴² "Movimento dissidente começando na Alemanha em 1915, o qual teve um seguimento nos Estados Bálticos, Rússia, Austrália e nos Estados Unidos, em sua maioria alemães. Embora a questão inicial tenha sido sobre visões e marcação de datas, o cerne da discórdia através dos anos tem sido a posição tomada pela Igreja Adventista a respeito do dever de seus membros de entrarem no serviço militar". REFORMA, s/d, p. 1240.

¹⁴³ SILVA, 1941, p. 4.

(evangélicos, inclusive; batistas aos milhares) poderão confiar na realização das reformas. Elas são necessárias. Virão com toda certeza. Dentro da ordem. Dentro da democracia. Sem demagogia. Sem anarquia. Sem comunismo.¹⁴⁴

Temas como a associação do comunismo com a falta de democracia aparecem de forma mais esparsa, talvez devido ao fato de que o auge da literatura anticomunista coincida com a ditadura varguista e militar no Brasil. Discorrendo sobre as diferenças entre o comunismo soviético e a cultura americana, o pastor assembleiano Abrahão de Almeida traduz um artigo norte-americano, que compara ambos os sistemas.

Na teoria política, que os ensina [os comunistas] a temer o poder do Estado liberal e a confiar inteiramente no poder da ditadura do proletariado, mas que nos ensina a reear o poder sem peias posto em mãos humanas; nos princípios do constitucionalismo, que encaram como uma fraude burguesa, e que nós consideramos como a essência de um governo livre.¹⁴⁵

No livro *Ivan*, lançado em 1974 pela editora Betânia, encontramos o seguinte:

O escritor russo, Alexandre Solzhenitsyn, tem despertado a atenção do mundo inteiro para a supressão dos direitos humanos básicos dentro dos limites da URSS. Ele se conta entre os vários porta-vozes famosos do atual movimento dissidente da União Soviética, um grupo de intelectuais que apelam eloquentemente em favor da liberdade de pensamento e expressão, e põem a descoberto o sistema soviético de terror policial.¹⁴⁶

Este livro descreve o sofrimento de Ivan, um jovem batista da Moldávia que é perseguido dentro do exército vermelho por causa da sua fé. Embora seja raro defender-se abertamente os direitos democráticos, eles aparecem sublinaramente em toda a literatura evangélica do período. É no mínimo irônico, que enquanto pessoas eram torturadas no Brasil devido a dissidência política, *Ivan* se queixar do mesmo na URSS. Igualmente, a acusação liberal acerca do desrespeito a propriedade privada aparece timidamente.¹⁴⁷ Em novembro de 1961, a *Revista Adventista* narra uma viagem a Israel, onde a autora comenta sobre a influência marxista no país, para ela visível nos *kibutzim*:

Acentua-se a tendência comunista na literatura, aliás o regime inclina-se parcialmente para o marxismo. Haja vista os "kibutzim", que são fazendas coletivas. Antes de visitar duas delas, perguntei qual a diferença entre essas e as da Rússia. Responderam-me que os russos são obrigados a participar desses núcleos, ao passo que em Israel a admissão é livre.¹⁴⁸

¹⁴⁴ PEREIRA, 1964. p. 8.

¹⁴⁵ ALMEIDA, 2013, p. 99.

¹⁴⁶ GRANT, 2008, p. 13.

¹⁴⁷ Na Revista Adventista, órgão de circulação nacional, a acusação da desapropriação só aparece pela primeira vez em abril de 1989: "Fidel tomou-se ditador, perseguiu, matou, e agora está privatizando hotéis em Cuba".

¹⁴⁸ SILVA, 1961, p. 12.

Defensores do *Status Quo*, comumente os protestantes caracterizam o comunismo como subversivo. “O marxismo, sendo fundamentalmente oposto a qualquer outro regime, sempre pregou a subversão com o objetivo de assumir as rédeas do governo mundial”.¹⁴⁹ Num artigo de Outubro de 1979, com o título “Uso comunista da música”, tradução de um material americano, o autor Melvin Munn defende a ideia que Lenin compreendeu que destruir a música de uma sociedade é um caminho certo para a destruição da mesma.

Os comunistas idealizaram esse plano especialmente para estudantes de escolas superiores, para produzir diferentes graus de neurose artificial e prepará-los para a agitação e precipitar a revolução — agitação e revolução para destruir nossa forma americana de governo e os princípios básicos cristãos que governam nosso modo de vida. No seu plano, os ‘Vermelhos’ usam um tipo particular de música. Embora tenha tido vários nomes, essa música hoje é melhor conhecida como ‘rock’n’roll’, ou música ‘beat’ ... Esta música é tão-somente parte do esquema diabólico dos comunistas para fazer os humanos retornarem à selvageria.... Pavlov, psicólogo russo, descobriu procedimentos científicos específicos para produzir neurose artificial em cães e homens. Ao estudar e relatar suas experiências, uma quase perfeita analogia pode ser vista entre o que os jovens experimentaram sob o ‘rock’n’roll’ e a técnica infligida aos cães, para desenvolver neurose artificial. Ele observou cuidadosamente também que neuroses experimentais são usualmente permanentes. Foi convidado para ir a Moscou como hóspede especial de Lenine. Lá, por três meses, na casa de Lenine, Pavlov escreveu um manuscrito de 400 páginas. Depois de ler, Lenine exclamou para Pavlov: Você salvou a revolução. O manuscrito de Pavlov se tornou base para todo o sistema de controle de expansão comunista, e sua técnica é usada em doses maciças contra a liberdade.¹⁵⁰

Numa época de poucas informações sobre o que realmente acontecia lá fora, notícias como esta era a única fonte de construção da realidade acerca do comunismo num grupo que já era “uma ilha” dentro da sociedade brasileira.

Não é de se admirar que, no meio evangélico, a principal matiz, responsável por cerca de 90% do conteúdo anticomunista na literatura evangélica, seja a religiosa. “A verdade é que a hostilidade soviética contra a religião não mudou nada, desde os dias bolchevistas. As táticas empregadas atualmente variam da perseguição violenta a propaganda sutil”.¹⁵¹ Apresenta-se a URSS como inimigo declarado da fé, o centro de onde se irradia o ateísmo pelo mundo: “A Rússia é também a sede e o centro irradiador do ateísmo organizado, tanto no bloco de nações comunistas, como em todo o mundo, através da exportação de suas ideologias, pela literatura, intercambio,

¹⁴⁹ ALMEIDA, 1978, p. 98.

¹⁵⁰ MUNN, 1979, p. 7-8.

¹⁵¹ GRANT, 2008, p. 07.

infiltração e radiodifusão”.¹⁵² Como consequência do ateísmo comunista, a moral é rebaixada. Descrevendo a ocupação soviética após a saída dos alemães da Romênia, o pastor luterano Richard Wurmbrand diz que

Os novos ocupantes tinham uma única ideia na vida: beber, roubar e saquear os ‘capitalistas exploradores’. Milhares de mulheres, de todas as idades e condições, eram raptadas por soldados que invadiam suas casas. Homens eram roubados na via pública.¹⁵³

Replicando discursos de líderes soviéticos, como Zinoviev e Stalin (que só Deus sabe como conseguiram, já que não citam a fonte), o pastor assembleiano Antonio Gilberto afirma que a não ser a Rússia, nunca houve na história uma nação que adotasse oficialmente o ateísmo, citando a existência inclusive de “Dez mandamentos do comunismo”, onde se ensina que não há Deus nenhum, e se existisse, seria proibida sua entrada na URSS.¹⁵⁴ Temia-se o ateísmo não apenas por sua postura contra a fé. Mas porque segundo estas mesmas e não reveladas fontes, ele estava entrando sorrateiramente nas igrejas. Não havia somente o perigo da apostasia. O maior era a Igreja colocada a serviço de um governo ateu:

Ortodoxos e protestantes disputavam entre si a entrega de cada um ao Comunismo. Um bispo ortodoxo colocou em sua batina a foice e o martelo, pedindo aos seus subalternos que não mais o chamassem de “Sua Graça”, mas de “Camarada Bispo”. Assisti ao Congresso dos batistas na cidade de Resita — congresso sob a bandeira vermelha — que o hino da União Soviética foi entoado por todos os presentes de pé. O presidente dos batistas afirmou que Stalin o que fez foi realizar a vontade de Deus e também o elogiou como um grande professor de Bíblia! Padres ortodoxos como Patrascioiu e Rosianou foram mais específicos. Tornaram-se agentes da Polícia Secreta. Rapp, bispo representante da Igreja Luterana da Romênia, começou a ensinar no Seminário Teológico que Deus deu três revelações: uma por Moisés, outra através de Jesus e a terceira através de Stalin, esta última superando a anterior.¹⁵⁵

Pensando no impacto que tais textos tiveram nas congregações onde eram lidos, não é de se admirar o temor que se espalhou entre os evangélicos brasileiros ao serem identificados elementos marxistas na Teologia da Libertação. Teologia, aliás, que não conseguiu penetração importante no protestantismo brasileiro. Com raras exceções vemos teólogos da libertação protestantes, sendo em sua maioria luteranos e metodistas.¹⁵⁶ Devido às ideias conservadoras sobre política, a maioria dos teólogos protestantes rejeitava a Teologia da Libertação

¹⁵² GILBERTO, 1985, p. 40.

¹⁵³ WURMBRAND, 1971, p. 27.

¹⁵⁴ GILBERTO, 1985, p. 40-41.

¹⁵⁵ WURMBRAND, 1976, 11.

¹⁵⁶ <http://www.luteranos.com.br/conteudo/teologia-da-libertacao-esta-viva-e-com-saude>. Visitado em 12/02/2015. JUNGHANS, 2001, p. 47. É interessante que a teologia da libertação teve paralelamente

Mas fomentar uma revolução, na tentativa de mudar o governo, isto não podemos fazer, pois não seria coerente com o que entendemos sobre a natureza de Deus. Não devemos sequer pertencer a organizações que exercem coação. Como poderíamos, então, exercer coação para depor governantes? Não acredito na Teologia da Libertação como tal. Deus vem sofrendo há milênios com a coação e a injustiça de governantes. Ele mesmo sofreu entre nós. E nós precisamos seguir Seu exemplo e ser servos sofredores, em vez de servos revolucionários.¹⁵⁷

Podemos destacar algumas características em relação ao Anticomunismo protestante. Ele tem uma fonte basicamente estrangeira, acentuadamente norte-americana. A maior parte dos artigos, livros e notícias que atacam o comunismo até o fim do regime militar brasileiro são traduções de seus congêneres do hemisfério Norte.

Em segundo lugar, seu volume de produção não acompanha os picos do anticomunismo católico ou político no Brasil. Enquanto o auge do mesmo pode ser identificado nos anos 1960-1965, arrefecendo durante a fase mais dura do regime militar, o discurso protestante segue um crescendo durante os “anos de ferro”, como uma demonstração de compactuação com o governo. Ao passo que o anticomunismo católico perde sua força com a ascensão dos progressistas e teólogos da libertação no seio da Igreja, o anticomunismo evangélico só entra em declínio com o fim da URSS. Achei interessante o *sitz im leben* semelhante do discurso anticomunista evangélico brasileiro em comparação com o católico norte-americano. Carla Simone Rodeghero, em seu artigo *Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria*, faz a seguinte análise sobre o perfil do anticomunismo católico estadunidense:

O rótulo de estrangeiro pairou, por muito tempo, sobre as cabeças dos católicos tendo em vista que, nas palavras desse último autor, a história do catolicismo norte-americano é uma (...) longa crônica de uma população nascida no estrangeiro que lutou por três séculos para abandonar o seu status imigrante mas nunca pareceu totalmente norte-americana. Por cerca de trezentos anos, seus críticos os acusaram de dever lealdade a um poder estrangeiro (o papa), de falar línguas estranhas, de praticar rituais religiosos exóticos, de manter seu próprio sistema de moral e, pior de tudo isso, de sustentar suas escolas privadas, ao invés do sistema de escolas públicas.¹⁵⁸

Sua semelhança com a frágil situação dos protestantes no Brasil nos ajuda a compreender a motivação de alinhar o discurso anticomunista com o regime: para o protestantismo brasileiro este discurso inflamado era uma forma de se identificar com a nação e os valores do governo da época, anticomunista e conservador.

ao seu início no meio católico expoente protestantes, como Rubem Alvers e Richard Shaul, ambos presbiterianos.

¹⁵⁷ HEGSTAD, 1984, p. 8.

¹⁵⁸ RODEGHERO, 2002, p. 474.

Em terceiro lugar, podemos destacar uma divisão no pensamento anticomunista protestante. O primeiro, mais afim com o discurso católico aqui no Brasil, ataca o comunismo devido a seu antagonismo e perseguição à fé cristã. Ele é predominante entre os protestantes históricos, que embora pré-milenaristas, não são dispensacionalistas. A URSS é apenas mais um dos inimigos de Cristo, mas não tem nenhum papel profético a cumprir. Restaria à igreja perseguida orar pelos que sofrem e vigiar para que o mesmo não ocorra em nosso país. É comum perceber que, em meio as notícias de cerceamento da liberdade religiosa, surgem notas sobre distribuição de Bíblias e encontros religiosos autorizados pelos comunistas, como um prenúncio de que por mais forte que pareça, a fé cristã por fim suplantar o comunismo.

Por outro lado, o discurso escatológico predomina entre os pentecostais. A URSS é vista como a nação que liderará uma coligação de nações comunistas e árabes contra Israel, sendo destruída pelos judeus e por seus aliados ocidentais, sendo o fim do comunismo a pavimentação para o governo global do Anticristo. A forma como este discurso é feito e como ele domina o imaginário pentecostal será analisado a partir do periódico evangélico de maior circulação durante este período, o jornal assembleiano *Mensageiro da Paz*.

2.4 O MENSAGEIRO DA PAZ: EXEMPLO DE COMBATE AO COMUNISMO

Até o advento da *Folha Universal*, em 1992, o *Mensageiro da Paz* (MP) era o maior periódico evangélico do Brasil. Publicado a partir de dezembro de 1930, o mesmo é até hoje o órgão oficial da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, representante da maior denominação evangélica e pentecostal no País. Na convenção de setembro de 1930, os convencionais decidiram fundir em um só jornal o *Boa Semente*, da Assembleia de Deus de Belém, com o *Som Alegre*, da Assembleia de Deus do Rio de Janeiro. Como ambos assumiram posições antagônicas e regionalistas, os constrangimentos gerados à liderança denominacional foram resolvidos com a decisão da fusão dos dois, que seria impresso com o nome *Mensageiro da Paz*, no Rio de Janeiro, sob a direção de Gunnar Vingren e Samuel Nyström. O mesmo poderia ser adquirido tanto por assinaturas como por vendas

avulsas nas igrejas locais. Durante a década de 1980, ele chega ao ponto de ser vendido em bancas de jornais, contudo a experiência não durou muito.¹⁵⁹

Começando com um grupo de redatores não-fixo, já que ninguém podia trabalhar de forma exclusiva para o jornal (que dependia de uma pequena verba vinda do exterior), o mesmo se profissionaliza, com o passar do tempo, devido ao sucesso alcançado. Campanhas para a aquisição e distribuição do mesmo entre os fiéis das igrejas locais fazem com que, em 1937, sua tiragem alcance 11.800 exemplares, tornando-se a partir desta data o periódico de maior circulação do meio evangélico. Durante sua existência, ele busca trazer conteúdo doutrinário, tanto para consolidação dos fiéis como com propósitos evangelísticos (era muito comum os membros o adquirirem para distribuí-lo aos conhecidos não-assembleianos), assim como deixar a membresia informada dos avanços da causa assembleiana principalmente no Brasil, sem contudo esquecer do exterior. É muito raro, principalmente a partir do meio da década de 1950, não aparecer alguma notícia sobre a situação dos pentecostais e demais evangélicos em outras partes do mundo. Com este intuito de trazer informação de fatos alheios à vivência eclesial local, ele utiliza matérias de periódicos pentecostais norte-americanos, do *Jornal Batista* e do *Brasil Presbiteriano*. Para eventos políticos, seus articulistas preferencialmente utilizam o *Jornal do Brasil*, *O Globo*, e a *Folha de São Paulo*.

Em 1945, a tiragem alcança 17.500 exemplares, tornando-se o jornal evangélico de maior circulação da América do Sul. Em 1960, o pr. Armando Cohen, que recentemente tinha assumido a direção da Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD) - instituição responsável pela editoração e distribuição do jornal, resolve lançar uma campanha para que o jornal alcance 100 mil exemplares. Contudo a tiragem fica por volta dos 67 mil. Na década de 1980, ele alcançará até 300 mil exemplares numa edição, ficando contudo com uma média de 200 mil exemplares mensais. Inicialmente quinzenal, passa a ser mensal na mesma década.¹⁶⁰

Normalmente, os autores de seus artigos são pastores, tanto na liderança da denominação ou de suas convenções, quanto pastoreando as igrejas locais. Encontramos artigos de leigos também. Alguns dos materiais publicados são traduzidos de outros jornais pentecostais. No período de nosso recorte histórico, o jornal normalmente é composto de artigos doutrinários, notícias sobre o avanço da

¹⁵⁹ ARAÚJO, 2007, p. 457.

¹⁶⁰ Ibid.

obra no Brasil e informações religiosas internacionais. A partir de 1977, dedica-se também a noticiar eventos cotidianos que marcaram o país e o mundo. No período estudado (1960-1989), encontramos cinco redatores e oito diretores, sendo que cada um deles deixa uma marca que se torna perceptível no tipo de assuntos que são veiculados no periódico.

Para melhor situarmos o leitor, dividimos em três fases este período histórico. A primeira, vai de 1960-1977, caracterizada por um silêncio em relação aos eventos políticos do Brasil e do mundo. O jornal neste período é marcado por um discurso proselitista, onde se destacam temas como o batismo no Espírito Santo e a importância de Cristo como Salvador pessoal. Por exemplo, o golpe civil-militar de 1964 não é narrado, e pelas leituras dos anos 1960-1964 não se pode ter ideia nenhuma sobre as convulsões políticas que tomavam conta do País. O ano de 1977 marca o início da cobertura das atividades dos parlamentares evangélicos. O período de 1978-1983 é marcado por um grande interesse na política internacional. Na parte doutrinária, destacam-se polêmicas com outras denominações (em especial o catolicismo e o adventismo) e um forte tom escatológico, que permeia todas as análises políticas feitas pelo periódico. Tornam-se comum homenagens, honrarias e visitas de personagens da política nacional à Assembleia de Deus. Nota-se um alinhamento ideológico e um apoio tácito ao regime militar neste período, contudo, até aí não se pensa numa participação mais ativa da Assembleia de Deus na política nacional. O último período vai de 1984-1989. A expectativa escatológica continua, contudo de uma forma mais amena. O interesse já não é exclusivamente o cenário internacional. A constituinte, as eleições e o panorama social brasileiro ocupam os artigos e as informações. A doutrina é exposta à luz dos eventos que preocupam as lideranças eclesiais e a comunidade dos fiéis. Contudo, um assunto aparece constantemente no *O Mensageiro da Paz*, principalmente a partir de 1977: o perigo do comunismo.

A partir daí, o comunismo é um assunto sempre presente no *O Mensageiro da Paz*. Não que em toda edição haja um artigo sobre ele. Durante o período de 1980-1984, ele aparece regularmente nos artigos, que versam sobre a URSS, o Oriente Médio ou a escatologia. Entretanto, sua forma mais constante encontra-se nas seguintes seções: De todo o mundo (jan./1960 - nov./1966), Noticiário Internacional (jan. - out. 1967), Reflexos cristãos mundiais (mar. - mai./1972), Informação (fev./1977 - fev./ 1988) e Flagrantes mundiais (jun./1977 - dez./1989) e Missões

(ago./1988 – dez./1989). Podemos observar uma lacuna neste período. De novembro de 1967 até janeiro de 1977 as notícias missionárias internacionais desaparecem. É interessante que este período de quase dez anos (salvo a interrupção de três meses de 1972) coincide com o período mais duro do regime militar. Nestes breves artigos e notas sobre as missões mundiais, as notícias sobre os países comunistas invariavelmente orbitam em torno de templos fechados, pastores e membros presos, escassez de Bíblias, intolerância religiosa e paradoxalmente, evangelismo ou avivamentos acontecendo em países comunistas. Somente estas informações, em sua maioria traduções de periódicos pentecostais norte-americanas, já testemunhariam do anticomunismo pentecostal e suas similaridades com o anticomunismo católico brasileiro. Contudo, os artigos nos dão um panorama melhor de como é elaborada a retórica contra o comunismo.

A maioria dos artigos segue o discurso anticomunista presente na mídia católica e secular. Embora o tema liberdade religiosa/perseguição seja a principal crítica em torno do comunismo, a questão da democracia e da sociedade privada também aparecem, embora muito menos. Como exemplo do alinhamento ideológico do *Mensageiro da Paz* com o discurso predominante na mídia brasileira, temos como exemplo o artigo de Athayde Magalhães, intitulado de *O Cristão e as Falsas Ideologias*. Publicado na segunda quinzena de setembro de 1964, pela primeira vez na década o MP publica um artigo dedicado a combater uma ideologia política. Ele também nos interessa por ser o primeiro posicionamento político do órgão oficial da Assembleia de Deus após o governo conturbado de João Goulart e a instauração do governo militar. Ele é dividido em duas partes, terminando em outubro de 1964.

Nele o autor responde a seguinte pergunta: “Por que devemos combater o comunismo?”. Partindo disso, eis sua resposta:

Não devemos portanto dar tréguas a um inimigo que sub-repticiamente, se introduz no seio das almas humanas para deles retirar – o que o homem possui de mais sagrado; a fé em Deus.... Se não bastasse essas satânicas considerações, bastaria afirmar que eles fundamentam suas teorias no darwinismo, tais como o evolucionismo, a geração espontânea e a ilógica, absurda e ímpia assertiva de que o gênero humano é oriundo do macaco.... Não só aos cristãos e às suas ideias, o comunismo opõe-se até mesmo os filósofos da antiguidade, como Platão, que possuía algo de ideia espiritual, é taxado pelo marxismo-leninista de “inimigo da ciência, adversário da democracia ateniense e defensor da aristocracia de Atenas”. Por que? Porque Platão dizia existir um ser verdadeiro, eterno e imutável.¹⁶¹

¹⁶¹ MAGALHÃES, set. 1964, p. 2.

Após citar uma serie de cientistas crentes, ele encerra a primeira parte do seu artigo para voltar na próxima edição expondo as contradições do marxismo com a fé cristã:

Então daí tiremos a conclusão logica de que o comunismo ateu firmou-se no materialismo dialético e no materialismo histórico. Para ele, o comunismo, nada existe além do Cosmo. Para ele a origem do Cosmo é a matéria... diante do exposto, podemos tirar as conclusões do que é o comunismo. Agora veremos o que são os princípios cristãos... para ele [Cristo] toda questão social não reside apenas nas estruturas, pois o mal se encontra em todas as consciências individuais... o comunismo é análogo a determinados casos patológicos. Assim como um organismo fraco, depauperado não resiste as investidas patogênicas dos vírus... o comunismo é resultado de certos estados de depauperamento social.... o comunismo é um produto oriundo de um misto de miséria e injustiça social. Acredito mesmo que o comunismo seja uma espécie de salário para aqueles que por egoísmo e avariza retém o essencial aos seus semelhantes, contrariando as Leis de Deus. O cristianismo não é contra a propriedade privada, no entanto ele combate a usura... o Apostolo São Tiago adverte aqueles que não pagam condignamente aos operários... A Revolução, que em boa hora veio para desarticular o comunismo, a subversão e a corrupção, certamente a de voltar sua atenção para o conteúdo dos livros didáticos, verdadeiros Cavalos -de-Troia, que roubam aos adolescentes todos os sentimentos cristãos, porque, como acima afirmei, o materialismo dialético tem o seu fundamento em tudo aquilo que é anticristão e como tal deve ser extirpado dos livros didáticos, onde estão como se fosse verdade. Porque, ou nós pregamos e praticamos os ensinamentos de N. S. Jesus Cristo na sua autenticidade ou o comunismo, cedo ou tarde, dominará o mundo. Os livros didáticos deverão ser revistos e deles retirados o fermento do materialismo, com que o marxismo leninismo leveda as consciências e domina os corações.¹⁶²

Neste artigo, vemos ecos a vários aspectos do discurso anticomunista brasileiro. O comunismo é o inimigo subversivo, que se infiltra de forma sagaz na sociedade para destruir a religião. De origem satânica, rebaixa a humanidade ao nível dos animais com seu materialismo evolucionista. Como resultado de um ambiente social doente, somente o Cristianismo com sua pregação sobre o amor e a “Revolução” militar com a ordem e força podem desarticular estas forças malévolas, que ainda atuam através dos livros didáticos e das ciências sociais.

Este discurso perpassa todo o período do regime militar, sobrevivendo até o fim da URSS. Emblemático é o artigo de julho de 1986: *Cristianismo e comunismo podem caminhar juntos?* de Raimundo de Oliveira. Em 25 de março deste ano, é exibido pela primeira vez na TV brasileira o programa do PCB. Em 19 de maio acontece uma passeata dos sem-terra em prol da Reforma Agraria, com o apoio da Igreja Católica, em Porto Alegre. E 14 de junho é uma data histórica, pois neste dia o Brasil reata suas relações diplomáticas com Cuba.¹⁶³ Com estes eventos como pano

¹⁶² Ibid.

¹⁶³ JOFFILY, 1998, 265.

de fundo, explica-se a preocupação do MP em publicar o artigo referido. Nele, o autor demonstra a preocupação de que devido a reabertura democrática, as mais variadas tendências têm saído do casulo do medo, para assumir identidade própria. Entre elas, a que lhe preocupa é a esquerda: antes um opróbrio ou um risco, para o autor, ser de esquerdista, naquela conjuntura, teria se tornado um charme e garantidor de status.

Preocupado com a sedução do eleitorado evangélico pelos ideais marxistas, o autor divide seu artigo em três partes principais: a concepção cristã de governo, a concepção marxista de mundo e motivos para se recusar o marxismo. Oliveira é bem claro ao dizer que a concorrência a um cargo público não é errada, já que o crente é chamado para ser sal e luz: “O crente pode e deve participar mais agressivamente das decisões e projetos políticos... que visem o estabelecimento de uma sociedade tolerável e igualmente mais justa”.¹⁶⁴ Em vista disso, o cristão vota no cristão como esforço de colocar uma testemunha do Cristo em cada lugar.

Exposto isto, o artigo condena a ideia de a Igreja se associar ao Estado, já que os exemplos históricos são negativos. Partilhando de uma visão calvinista sobre o governo, ele estabelece os seguintes pontos: 1) a Igreja é separada do Estado, contudo não divorciada deste. 2) a Igreja deve se tornar uma consciência do Estado. Quando este esquece seu papel de escutar a voz da consciência, a Igreja adquire o direito de desobedecê-lo. 3) a Igreja deve exortar a autoridade a ser fiel no cumprimento de sua missão, já que esta tem origem divina. 4) a Igreja deve sempre interrogar o Estado se a sua ação é boa e se conduz a legalidade e a ordem, porém sem fundamento ideológico. Ação do Estado deve ser baseada no mandamento divino.

A partir daí, ele expõe o que seria a visão marxista sobre a liberdade. Para ele, “um dos sinais claros do enfraquecimento da fé e da democracia em nosso país é o entusiasmo simplista de alguns cristãos pelas teses marxistas”.¹⁶⁵ A tentativa da esquerda latino-americana em chamar a Igreja para o caminho da revolução, almejando uma aliança entre o marxismo e o cristianismo, via Teologia da Libertação é para Oliveira, impossível. Ele inicia seu argumento dizendo que o marxismo considera a Igreja irrelevante ou opressora. Com isso, o marxismo ataca a cosmovisão cristã. Para Oliveira, embora filosofia dos homens, o marxismo pretende ser uma doutrina de salvação que só se satisfaz quando exerce controle sobre todo o homem,

¹⁶⁴ OLIVEIRA, jul. 1986, p. 12-13.

¹⁶⁵ Ibid.

impondo seus imperativos categóricos sobre as sociedades que administra. Por isso, diz Oliveira, o marxismo é uma religião. O autor diz que a religião dos trabalhadores é sem Deus, porque procura restaurar a divindade do homem, segundo Marx.¹⁶⁶ Por isso, ainda segundo Oliveira, o cristão brasileiro deve precaver-se diante do perigo de se deixar enfeitiçar pelo “canto da sereia” do comunismo marxista. A democracia é a melhor opção política pelos seguintes motivos: 1) o comunismo tem como meta desarraigar o sentimento divino do coração dos homens. 2) Ele persegue a Igreja e prega o ateísmo. 3) Tem distribuído equitativamente a pobreza. 4) Anula a propriedade privada. 6) A dialética marxista da luta de classes para implantar a ditadura do proletariado se constitui num anti-evangelho. O cristão deve se opor ao marxismo comunista do ponto de vista do Reino de Deus, que ao contrário do marxismo, prega o amor entre os homens, a compreensão e a solidariedade entre os povos, e enfatiza o senhorio de Cristo e o governo de Deus sobre os homens e a História. Para Oliveira, estes ideais são muito diferentes dos frutos do marxismo. Os países comunistas são conhecidos como sendo regimes totalitários, que prendem os dissidentes políticos e religiosos, tendo a URSS mais de 400 mil presos deste tipo. Por não reconhecer a liberdade religiosa, o marxismo ataca a dignidade da pessoa humana em seu anseio por Deus.¹⁶⁷

Encerra citando um pensamento de Rui Barbosa sobre o comunismo.

O comunismo não é a fraternidade; é a invasão do ódio entre as classes. Não é a reconciliação dos homens; é a sua exterminação mútua. Não arvorar a bandeira do evangelho, bane Deus das almas e das reivindicações populares. Não dá trégua à ordem. Não conhece a liberdade cristã. Dissolveria a sociedade. Extinguiria a religião. Desumanaria a humanidade. Everteria, subverteria, inverteria a obra do Criador.¹⁶⁸

Por ser escrito próximo das eleições de 1986, para governos estaduais e para o Congresso Constituinte, este artigo é interessante porque nele vemos reproduzido o discurso anticomunista presente em parte da sociedade brasileira. Embora apresente pontos em comum com o anticomunismo laico e católico presentes no Brasil, o MP exhibe uma variante do anticomunismo religioso característica do universo pentecostal: o comunismo soviético nada mais era do que o cumprimento profético de uma profecia bíblica, aquela contida no livro atribuído ao profeta Ezequiel.

¹⁶⁶ Ibid.

¹⁶⁷ Ibid.

¹⁶⁸ Ibid. p. 13.

2.5 GOGUE E MAGOGUE: O MAL VEM DO NORTE

Ezequiel é um livro profético de 48 capítulos do Antigo Testamento da Bíblia cristã. Composto por um sacerdote judeu exilado na Babilônia, tem como objetivo animar os exilados através de visões e oráculos, chamando o povo para a conversão ao monoteísmo javista, condição necessária para que os judeus não apenas voltem para sua terra, mas para que os mesmos se tornem a principal nação do mundo, objetivo sinalizado com a ideia expressa no final do livro: Jerusalém restaurada será chamada de Javé-Shamah, “Javé está ali”. Com forte teor místico, o livro pode ser dividido em três seções principais: I. Profecias a respeito da destruição de Jerusalém (caps. 1-24). II. Profecias a respeito da destruição dos povos vizinho (25-32). III. Profecias a respeito da conversão e restauração de Israel (33-48).

Devido ao seu conteúdo esotérico, o estudo do livro era proibido na tradição judaica aos homens com menos de trinta anos. Fora os trechos que a tradição cristã aplicou tipologicamente ao reino de Cristo, sua parte final, com forte ênfase em Israel como nação, não chamou a atenção dos exegetas cristãos. Até que no século XIX, com a crise pela qual a escatologia protestante passou durante o movimento Millerita nos EUA, uma nova linha de interpretação escatológica surgiu entre os protestantes. Linha essa que irá se tornar predominante entre os evangélicos brasileiros, com a vinda dos missionários norte-americanos ao Brasil. Estamos a falar do dispensacionalismo.

Rejeitando as escolas escatológicas predominantes dentro do cristianismo desde a patrística (o preterismo e o historicismo), o dispensacionalismo possui as seguintes características: a) A história da humanidade é marcada por sete alianças de Deus com os homens, sendo uma sucedida e ampliada pela outra, b) diferindo da visão tradicional cristã, que vê a rejeição de Israel por Deus como consequência de sua recusa em aceitar Jesus como Messias, o dispensacionalismo crê que a Igreja é uma lacuna no relacionamento de Deus e Israel, c) este problema será resolvido no fim dos tempos, quando Cristo arrebatara a Igreja, deixando Israel no mundo como seu representante. Volta o sistema de sacrifícios do javismo, e neste período, uma coalização de nações lideradas pelo “Anticristo” invade a Palestina para destruir Israel, d) Cristo volta nas nuvens dos céus com os anjos e a Igreja, destrói os poderes do mal e inicia seu reinado de mil anos na terra, onde Israel será o centro do mundo, e as profecias do AT serão realizadas plenamente.

Dentro deste arcabouço teológico, todas as profecias bíblicas tornam-se importantes, em especial os livros de Ezequiel, Daniel e Apocalipse. No que importa nosso estudo, as de Ez 38-39. Após prever a restauração de Israel como nação temente a Deus, o profeta relata que no tempo do fim, Gogue, príncipe de Magogue, da terra de Rôs, Meseque e Tubal, irá liderar uma coligação de nações que invadirão um Israel em paz, com “cidades sem muros”. Com um exército numeroso, quando tudo parecer perdido a Israel, Javé aparece em cena destruindo as forças de Gogue nos montes de Israel. Segue-se o saque, a restauração da terra e o início de Jerusalém como sede do reino messiânico que dominará toda a Terra.¹⁶⁹

Até o século XIX a maioria dos interpretes cristãos não deram muita ênfase a esta passagem. Normalmente, os exegetas cristãos interpretavam a invasão de Gogue como sendo Antíoco Epifânio, Cambises ou a invasão dos citas no passado, ou a identificavam no futuro, como uma coalização dos ímpios contra a Igreja. Quando se tentava identificar, o campo das interpretações ia desde os nativos americanos, passando pelos turcos ou cristãos (segundo os exegetas judeus).¹⁷⁰

Porém, os primeiros eruditos a identificarem Gogue com os russos não foram os dispensacionistas. Na literatura bizantina, Leo, o Diácono (950-994), aponta um ataque dos russos de Kiev a Constantinopla em 971 como o cumprimento de Ez 38 e 39.¹⁷¹ Entre os protestantes, o bispo Lowth, da Igreja Anglicana, já defendia a tese de que Rosh era um nome próprio que identificava os citas, das quais os russos derivam

¹⁶⁹ GOUVÊA, 2011, p. 86-87.

¹⁷⁰ John Wesley em seu comentário sobre Ezequiel, escrito em 1766, diz: “Gog — This cannot be one single person, or prince, though perhaps it points out some one, by whom the troubles foretold were begun. Some believe the time is still to come, wherein this prophecy is to be fulfilled. And that it must intend those enemies of God’s church who descended from the Scythians, and are now masters of Cappadocia, Iberia, Armenia, or are in confederacy with the Tartars, and those northern heathens. But others think, all the enemies of Israel in all quarters, both open and secret are here intended, and that the Antichristian forces and combination, are what the prophet foretells. Magog — Magog is, at least, part of Scythia, and comprehends Syria, in which was Hierapolis. Taken by the Scythians, and called of them Scythopolis. It is that country, which now is in subjection to the Turks, and may be extended thro’ Asia minor, the countries of Sarmatia, and many others, under more than one in succession of time. And in the last time under some one active and daring prince, all their power will be stirred up against Christians”. WESLEY, 1996, p. 2174. Em 1825, o teólogo metodista Adam Clark expõe as várias identificações para Gogue durante seus dias. “Calmet, one of the most judicious commentators that ever wrote on the Bible, declares for Cambyses; and supports his opinion, in opposition to all others, by many arguments. Mr. Mede supposes the Americans are meant who were originally colonies of the Scythians who were descendants of Magog, son of Japheth. Houbigant declares for the Scythians, whose neighbors were the people of Rosh, Meshech, and Tubal, that is the Russians, Muscovites, and Tybareni or Cappadocians. Several eminent critics espouse this opinion. Rabbi David Kimchi says the Christians and Turks are meant: and of later opinions there are several, founded in the ocean of conjecture”. CLARKE, 1996, vol. 4, p. 1044-1045. Ver também GOUVÊA, 2011, p. 87-92.

¹⁷¹ RUTHVEN, 2003, p. 92.

o seu nome.¹⁷² Em 1825 o teólogo metodista Adam Clarke, ao comentar Ezequiel 38 e 39, afirma que a hipótese dos russos serem Magogue tinha vários críticos a seu favor.¹⁷³

Carl Friedrich Keil e Franz Delitzsch, ambos teólogos luteranos conservadores, também expõe a teoria de Gogue/Rússia, em seu *Biblischen Commentar über das Alte Testament*, publicado entre 1859 e 1870, e traduzido para o inglês entre 1866 e 1891 na Escócia. A obra de cinco volumes destes teólogos alemães também alcançou grande popularidade entre pastores e teólogos protestantes conservadores do mundo anglo-saxão. Embora acreditem ser duvidosa a identificação de Rosh com Rûs, defendida por Bochart¹⁷⁴ e Frähn,¹⁷⁵ eles concordam na identificação da palavra Rosh como um povo, ao invés de traduzir a palavra como “chefe”. Utilizando o testemunho de escritores árabes e bizantinos, eles identificam uma tribo chamada Rûs, habitante do monte Taurus, na Turquia, como sendo o *Rosh* de Ezequiel.¹⁷⁶ Eles popularizarão a ideia de que ao invés de um substantivo, a palavra hebraica deve ser traduzida como nome próprio.

John Cumming,¹⁷⁷ em 1864, identifica o rei do Norte como “o autocrata da Rússia”, e após citar Gesenius,¹⁷⁸ Herbelot e Lowth, compartilha da opinião que Rosh seria a Rússia, enquanto Meseque seria Moscou e Tubal a origem de Tobolsk.

¹⁷² LINDSEY, 1973, p. 50.

¹⁷³ CLARKE, 1996, vol. 4 p. 1045.

¹⁷⁴ Samuel Bochart (1599-1667), teólogo protestante francês especialista em línguas orientais. Sua *Geographia Sacra* (1646) foi sua principal obra de referência, baseada na descrição e identificação dos topônimos geográficos da Bíblia. THOMAS, 2010, vol. 1, p. 376.

¹⁷⁵ Christian Martin Joachim von Frähn (1782-1851), orientalista alemão especialista em história e numinástica Russa e Alemã. <http://matrikel.uni-rostock.de/id/100012799>. Pesquisado em 17 de março de 2015.

¹⁷⁶ “The Byzantine and Arabic writers frequently mention a people called 'Pōς, Arab. Rûs, dwelling in the country of the Taurus, and reckoned among the Scythian tribes (for the passages, see Ges. Thesaurus, p. 1253), so that there is no reason to question the existence of a people known by the name of Rosh; even though the attempt of Bochart to find a trace of such a people in the 'Ρωξαλᾶνοι (Ptol. iii. 5) and Roxalani (Plin. h. n. iv. 12), by explaining this name as formed from a combination of Rhos (Rhos) and Alani, is just as doubtful as the conjecture, founded upon the investigations of Frähn (Ibn Foszlan, u. a. Araber Berichte über die Russen älterer Zeit, St. Petersburg 1823), that the name of the Russians is connected with this 'Pōς, Arab. rûs, and our רֹשׁ.” KEIL; DELITZSCH, 2002, vol. 9, p. 330-331.

¹⁷⁷ Clérigo da Igreja da Escócia, viveu de 1807-1881. Autor de cerca de 180 livros, tinha como áreas de interesse a escatologia e apologética anticatólica. STEPHEN, 1888, vol. 13, p. 297-298. Embora não seja dispensacionalista, os argumentos de Cumming serão utilizados pelo movimento para identificar Gogue e Magogue com a Rússia, e posteriormente, a URSS.

¹⁷⁸ Temos um problema aqui. Cumming afirma que Gesenius identifica *Rosh* com os russos. Contudo, nada disso aparece no Léxico do erudito alemão. A obra de Wilhelm Gesenius intitulada *Hebräisch-deutsches Handwörterbuch des Alten Testaments*, produzida entre 1810 e 1812, é traduzida para o inglês em 1846. Porém, a tradução acrescenta conceitos nos verbetes que não faziam parte do original alemão. Enquanto que no original alemão afirma-se que Rosh seria uma tribo na Ásia Menor, a tradução inglesa afirma que os russos são a identificação correta. GESENIUS; TREGELLES, 2003, p. V. GESENIUS; THEIL, 1812, p. 1030.

Trabalhando com as ambições do Czar sobre Constantinopla e Jerusalém, Cumming busca demonstrar com isso que, num tempo determinado, a Rússia invadiria a Palestina, apoiada pela França e a Alemanha, tendo como opositora a Inglaterra e seus domínios.¹⁷⁹

Partindo da identificação de Rosh como nome próprio e identificando o mesmo com a Rússia, a popularização desta identificação torna-se possível com o advento da *The Scofield Reference Bible*.¹⁸⁰ Lançada, em 1909, pela Oxford Press, suas notas e comentários disseminam a teologia dispensacionalistas entre os protestantes fundamentalistas norte-americanos, que ao ler as notas, internalizavam os conceitos sem resistências.¹⁸¹ Seu comentário sobre Ez 38 e 39 identifica Gogue da seguinte forma:

Gog: That the primary reference is to the northern (European) powers, headed up by Russia, all agree. The whole passage should be read in connection with Zec 12:1-4 14:1-9 Mt 24:14-30 Re 14:14-20 19:17-21. "Gog" is the prince, "Magog," his land. The reference to Meshech and Tubal (Moscow and Tobolsk) is a clear mark of identification. Russia and the northern powers have been the latest persecutors of dispersed Israel, and it is congruous both with divine justice and with the covenants. ... that destruction should fall at the climax of the last mad attempt to exterminate the remnant of Israel in Jerusalem. The whole prophecy belongs to the yet future "day of Jehovah" Isa 2:10-22 Re 19:11-21 and to the battle of Armageddon Re 16:14... but includes also the final revolt of the nations at the close of the kingdom-age. Re 20:7-9.¹⁸²

¹⁷⁹ CUMMING, 1864.p. 88, 126-127, 138-139.

¹⁸⁰ Obra de Cyrus I. Scofield (1843-1921), ministro e escritor congregacional. "Aceitando o testemunho de Thomas McPheeters, um obreiro da ACM, (Associação Cristã de Moços), converteu-se em 1879. Em 1882 aceitou o pastorado de uma Igreja Congregacional em Dallas, Texas. Sua educação teológica foi dirigida informalmente por James H. Brookes, um ministro presbiteriano que tinha lido muitas obras de J. N. Darby e outros escritores dentre os Irmãos de Plymouth. Scofield aceitou o pré-milenismo e o dispensacionalismo imediatamente, e sua pregação e seus ensinamentos foram moldados por esse sistema... Em 1885 publicou *Rightly Dividing the Word of Truth* ("Manejando Corretamente a Palavra da Verdade"). Essa obra fixou o rumo dos seus ensinamentos e, através de numerosas edições, a agenda para um segmento importante do fundamentalismo norte-americano. Duas publicações reforçaram essa obra básica. O *Curso Bíblico Abrangente por Correspondência*, publicado inicialmente em 1896, forneceu uma base curricular para as igrejas e os institutos bíblicos. Mas foi *A Bíblia de Referências de Scofield* sua obra mais importante. Nove anos foram dedicados a essa tarefa antes de ela ser publicada pela Imprensa da Universidade de Oxford em 1909... O esboço de cada livro devia aparecer no texto, juntamente com as divisões dispensacionais. As profecias já cumpridas e ainda por cumprir, os tipos e temas importantes deviam ser indicados e debatidos nas notas de rodapé. Scofield fez uma revisão em 1917, e nessa ocasião as datas de Ussher foram acrescentadas.... Em 1967, uma comissão de nove pessoas produziu *A Nova Bíblia de Referências de Scofield*. O sistema doutrinário permanece o mesmo, mas foram revisadas as introduções aos livros, a linguagem foi atualizada, a definição de "dispensação" foi reformulada, e as datas antigas de Ussher foram deixadas de lado. O sistema de Scofield era dispensacionalista, pré-milenista e pré-tribulacionista. As dispensações, em número de sete, eram períodos de tempo, sendo que cada um era governado por um princípio específico. São: inocência, consciência, governo humano, promessa, lei, graça e reino. Para Scofield, as dispensações são vistas à luz do programa divino da redenção". KERR, 2009, vol. 3, p. 363-364.

¹⁸¹ ARMSTRONG, 2009, p. 238.

¹⁸² *The Scofield Reference Bible*, 1909.

Quando os bolcheviques tomam o poder na revolução de outubro de 1917, os fundamentalistas norte-americanos ficam eufóricos com os “sinais dos tempos” que aparecem. Enquanto que, até aqui, Gogue estava sendo identificado com a Rússia, o czarismo, sua perseguição ao povo judeu e ambição territorial em direção a Constantinopla e a Terra Santa, a partir de 1917, a análise profética toma um rumo totalmente novo. Com as medidas bolcheviques contra as liberdades democráticas e de religião sendo noticiadas constantemente pela mídia norte-americana (que condenava os bolcheviques com vigor), os teólogos protestantes começam a identificar um perigo real e presente no Gogue bíblico. Embora no livro *The Prophet Ezekiel*, de Arno Gaebelein¹⁸³ lançado em 1918, o teólogo fundamentalista vaticine que a Rússia vai voltar a ser uma monarquia para cumprir seu destino final, para ele a revolução é apenas um castigo sobre o maior inimigo do povo judeu. Por isso, o povo russo sofre horrores sobre horrores, devido a degeneração da democracia para a anarquia, produzida pela “traição satânica da Alemanha”. Embora no presente momentos os judeus estivessem usufruindo da emancipação, no tempo determinado a Rússia voltaria a ser a grande perseguidora do mesmo.¹⁸⁴

¹⁸³ Arno Clemens Gaebelein (1861-1945) foi “uma figura central no desenvolvimento do movimento fundamentalista em fins do século XIX e início do século XX. Gaebelein nasceu na Turíngia e emigrou para os Estados Unidos em 1879 com a idade de dezoito anos.... Em 1881 foi convidado para ser pastor adjunto na Igreja Episcopal Metodista Alemã de Louis Wallon, na Rua Dois, cidade de Nova Iorque. Ficou hospedado na casa do pai de Wallon, que lhe deu seu primeiro contato com a escatologia pré-milenista.... Em Nova Iorque e fundou o Movimento da Esperança de Israel, missão esta que se dedicava ao povo judaico e suas necessidades. A revista *Our Hope* (“Nossa Esperança” - 1894-1957) teve sua origem como extensão deste empreendimento missionário, com o propósito missionário de ensinar os cristãos a respeito do povo judaico, de promover o estudo das profecias e de combater o antissemitismo.... Gaebelein foi mais famoso no campo da profecia. C. I. Scofield, que o convidou a contribuir nesta área para a Bíblia Scofield, declarou numa carta a Gaebelein: “Torno-me seu aluno quando se trata de profecia” À frente da editoração de *Our Hope*, denunciava firmemente Adolf Hitler e fornecia aos leitores os pormenores atualizados da triste situação dos judeus durante o Holocausto, em contraste com muitas outras revistas daqueles tempos que duvidavam da veracidade dos relatórios que saíam da Alemanha. Gaebelein morreu no Natal de 1945, crendo que o Estado judaico que apoiara durante mais de cinqüenta anos seria estabelecido dentro em breve na Palestina. RAUSCH, 2009, vol. 2, p. 193.

¹⁸⁴ “We learn from this that the invading forces, which fall into Israel's land in the future, when Israel has been regathered, come from a territory north of Palestine, which today is in the hands of Russia. And here we call attention to the prince, this northern leader, or king, who is the head of all these nations. He is the prince of Rosh. Careful research has established the fact that the progenitor of Rosh was Tiraz (Gen. x:2) and that Rosh is Russia. All students of Prophecy are agreed that this is the correct meaning of Rosh. The prince of Rosh, means, therefore, the prince or king of the Russian empire. But he also is in control of Meshech and Tubal, which are reproduced in the modern Moscow and Tobolsk. Russia, we may well conclude from this, will furnish the man who will lead this confederacy of nations. We write this at a time when Russia is passing through horrors upon horrors. A revolution changed the autocratic government into a democracy and that given way to anarchy, produced by the satanic treachery of Germany. From what is written in this chapter we learn that Russia will ultimately return to the old regime and will once more become a monarchy to fulfill her final destiny as made known in this sublime prophecy. Well known it is that Russia has been in the past the most pronounced and bitterest enemy

Contudo, com a consolidação da revolução bolchevique, rapidamente estas expectativas ficam para trás. A apresentação de um comunismo ateísta, com suas filiais internacionais, matando cristãos, fechando as igrejas, proibindo o proselitismo, dá uma coloração muito mais satânica a Gogue do que a Rússia czarista. Desde 1917, o pentecostalismo terá uma antipatia em relação à URSS. O ateísmo oficial de Estado desta última somente irá somar a uma atitude anti-Rússia já existente entre os pentecostais, devido ao antissemitismo russo e a identificação da Rússia com Gogue e Magogue. A partir de então, em cada evento mundial subsequente, previa-se a liderança soviética rumo ao Armagedom. O início da Segunda Guerra Mundial é interpretado como percussor do mesmo. O pacto Germano-Soviético será encarado como a aliança de Gômer com Gogue.¹⁸⁵ O início da Guerra Fria, a declaração de independência de Israel, a corrida nuclear e a invasão do Afeganistão, na década de 1980, produziram um grande aumento na produção de literatura escatológica anticomunista.¹⁸⁶ Como dependente do discurso pentecostal norte-americano, no Brasil o mesmo será reproduzido, tendo porém o seu pico de produção entre 1977 e 1984, descompassado do seu congênere norte-americano.

A primeira vez que a identificação da URSS com as forças escatológicas de Gogue e Magogue ocorre no *Mensageiro da Paz* é em agosto de 1968. O ano é marcado pelos seguintes eventos: Rebelião de Maio na França (22/04), manifestações contra o regime militar (01/05: manifestação antitadura na Praça da Sé em São Paulo, 21/06: passeata no Rio pedindo verbas para a educação é reprimida com 28 mortos, 23/06: Ocupação das faculdades de Direito, Filosofia e Economia da USP por estudantes, 04/07: passeata estudantil com 30 mil manifestantes no Rio) e por atentados da esquerda armada e das forças de direita (20/04 atentado a bomba contra o Folha de São Paulo, 26/06: atentado a dinamite contra o QG do 2º exército em São

of the Jewish people. What she passes through today is but a fulfillment of what the Lord has spoken: "I will curse them that curse thee." Today the Jews in Russian may have bright hopes of getting their rights and complete emancipation at last. For a time this may come to pass, but ultimately Russia will turn against them and like Pharaoh did, when Israel had left his domain, so this coming King of the North, the prince of Rosh, when Israel is back in the land, will turn against them". GAEBELEIN, 1918, p. 257-258.

¹⁸⁵ "Gomer is there stated to be the Germani, the Germans. That the descendants of the Gomer moved northward and established themselves in parts of Germany seems to be an established fact. All this is of much interest. Germany did not belong to the Roman empire, at least the greater part of Germany was never conquered by Rome. She will therefore not participate in the Western confederacy. Will she then become united to Russia and march under the prince of Rosh into the land of Israel?". GAEBELEIN, 1918, 259.

¹⁸⁶ ARAÚJO, 2007, p. 595.

Paulo mata um militar, 18/07: o Comando de Caça aos Comunistas espanca em São Paulo o elenco de *Roda Viva*, 22/07: Atentado a bomba contra a sede da Associação Brasileira de Imprensa). Em meio a este clima, em 05 de julho, o ministro Gama e Silva, da Justiça, proíbe manifestações públicas em todo o País, avalizado, em 17 do mesmo, pelo presidente Costa e Silva.¹⁸⁷ Contudo, nada disto transparece nas páginas do *Mensageiro da Paz*.¹⁸⁸ O que motiva o artigo contra a o comunismo sobre uma perspectiva escatológica é o resultado da Guerra dos Seis Dias, em junho de 1967, entre Israel e nações árabes. Israel ocupa um lugar especial entre os dispensacionalistas. Para eles, Israel é uma espécie de “cronometro de Deus” para marcar o fim deste mundo.¹⁸⁹ Por isto os artigos do anticomunismo escatológico serão sempre ligados aos eventos políticos do Oriente Médio, enquanto que os artigos anticomunistas motivados por eventos nacionais seguirão o discurso comum ao anticomunismo católico, como inimigo da moral e da fé.

¹⁸⁷ JOFFILY, 1998, p. 199.

¹⁸⁸ O *Mensageiro da Paz*, de 1935 até o ano de 1985, tem como norma não fazer comentários referentes ao momento político do País. Na segunda quinzena de fevereiro de 1935, o MP publicou a seguinte matéria na capa: ‘*O bolchevismo batalhando contra o cristianismo*’, de autoria do missionário sueco Samuel Hedlund. Após a filiação de Luís Carlos Prestes ao PCB em agosto de 1934, os comunistas ganham maior visibilidade na imprensa. Em outubro de 1934, choque entre integralistas e comunistas na Praça da Sé em SP tinha deixado cinco mortos, além de a eleição da Câmara Federal, uma semana depois, verificar uma aguerrida oposição ao governo Vargas. Na véspera do Natal do mesmo ano, ocorre a 1ª greve dos Correios e Telégrafos. Em meio a esse clima, em que o apoio a Aliança Nacional Libertadora está sendo formada, Hedlund resolve alertar seus leitores contra a ameaça bolchevique. Com um texto simples, o autor narra as aflições pelo qual passam os presos por motivos religiosos na URSS. Arrebatados do convívio com os entes queridos, para nunca mais vê-los, os prisioneiros não sabem o que lhes aguarda: comida insuficiente, exílio, escárnio e a carência das coisas mais básicas. Sem culto nem sacramento, só lhe resta a companhia de Jesus e o testemunhar aos companheiros de prisão. Entretanto, estes que confiam no poder, zombam dos príncipes e tomam pra si moradas que não são suas, em breve acertarão suas contas com Deus. KOSSOY, 2003, p. 163-164. Considerado pelo DEOPS como contestador do regime, o jornal é apreendido e o missionário prontuariado. Com este evento, a AD aprende a lição de não comentar ou condenar aspectos ou fatos políticos que a deixem com problemas junto as autoridades. Fechando-se no seu ascetismo intramundano, durante os próximos 50 anos, o MP ficará omisso e mudo em face aos principais eventos históricos do País. Ele não noticia o golpe civil-militar, nem analisa a ebulição social em torno de Jânio, do parlamentarismo e de Jango. Publica o artigo em setembro de 1964 contra o marxismo como forma de apoio ao regime militar, para durante este período se ausentar de qualquer crítica, quer seja quanto à política econômica ou social do governo. Por isso que, enquanto eventos marcantes da Guerra Fria estimulam a produção norte-americana, raramente os mesmos provocam alguma alteração na linha editorial do MP.

¹⁸⁹ O segundo artigo com esta temática, em maio de 1970, com o título *Gogue estará à vista?* do editor Geziel N. Gomes, aborda a URSS da perspectiva de Israel e suas lutas com os árabes também. Novamente identificando Meseque e Tubal com localidades russas, aqui o editor preocupa-se com o rearmamento e a missão militar russa no Egito, evidenciando os planos soviéticos e egípcios de destruir Israel. “Já foi noticiado que não é mais o ditador do Egito quem está mandando nos destinos do país e sim são os militares russos”, já que Israel ocupa território ambicionado pelo Egito e seus aliados, com o apoio soviético. “‘Ora, quando estas coisas começarem a acontecer, olhai para cima e levantai as vossas cabeças, porque a vossa redenção está próxima. Olhai para a figueira, e para todas as árvores’, disse Jesus”. GOMES, 1970, p. 3.

Vendo a vitória rápida e inesperada das forças israelenses como a mão de Deus, o *Mensageiro da Paz* traduz uma entrevista com o prof. Frank Boyd,¹⁹⁰ no artigo *Invadirá a Rússia a Israel?* Comentando acerca da guerra de 1967, ele alerta sobre uma guerra maior ainda. Diz que Ez 38 e 39 afirmam que, no fim dos tempos, um grande poder militar vindo do Norte invadiria Israel. Depois de fazer uma análise do texto acerca do nome dos invasores e seus aliados, ele chega à conclusão de que a Rússia invadirá Israel, já que o invasor é Gogue, príncipe de Meseque e Tubal. “Meseque e Tubal tem sido identificados pelos etimologistas com Moscou, a atual Capital da Rússia, e com Tobolsk, a antiga Capital da Sibéria. Moscou está situada às margens dos rios Moskova e Tobolsk às margens do rio Tobol”.¹⁹¹ Boyd observa que a invasão vem do Norte, e qual outra nação ocupa o extremo norte da Palestina senão a Rússia? Perguntado por Gomes se Israel enfrentará sozinho esta ameaça, Boyd diz que não. Ele afirma que Ez 38:13 diz que um grupo de povos, identificados com Sabá, Dedã e os mercadores de Társis com todos os seus leõezinhos se oporão aos planos russos. Focalizando em Társis e nos leõezinhos, Boyd diz que Társis era Tartessus, próximo a Gibraltar. Como esta é uma colônia britânica, o Reino Unido e seus domínios (Canadá, Austrália e Nova Zelândia) virão em favor de Israel, com uma provável aliança dos EUA, já que estes descendem dos ingleses. Os russos serão destruídos na batalha, que marcará a história do mundo.¹⁹² Contudo, esta não é a batalha final. Não se deve confundir o Armagedom com a batalha de Gogue. Enquanto este é uma luta entre aliados e opositores de Israel, cujo resultado não apenas é a destruição do poderio soviético mas também a ascensão de Israel como potência internacional, o Armagedom será o assalto de todas as nações do mundo contra Israel, que marcará a volta de Cristo para salvar seu povo.¹⁹³

Podemos observar algumas coisas que acompanharão os discursos subsequentes. Frank Boyd utiliza os argumentos de Cumming, Scofield e Gabelein, ao fazer uma associação fonética com Rosh/Rûs. Todos os escritores do *Mensageiro da Paz* utilizam a associação fonética e a localização geográfica para identificar Gogue. Em segundo lugar, já sob a influência da Guerra Fria, ele coloca os poderes anglo-saxões como aliados naturais de Israel, já que estes estão em plano oposto aos

¹⁹⁰ Autor de *Ages of Dispensation* (1955), sua obra tem como resultado enlaçar mais ainda o pentecostalismo norte-americano com o dispensacionalismo. JÚNIOR, 2012, p. 115.

¹⁹¹ GOMES, 1970, p. 3.

¹⁹² Ibid.

¹⁹³ Ibid.

soviéticos. Terceiro, os aspectos do ateísmo e da perseguição religiosa ainda não são apresentados como outra identificação. Boyd ainda está preso ao esquema geopolítico pré-URSS. Até o fim de 1978, somente dois artigos com a perspectiva escatológica são publicados.

Em 1973 e 1977 são lançados dois livros evangélicos dispensacionalistas pentecostais, que começam a popularizar a ideia que mais que um inimigo político, o comunismo é um inimigo profético, tendo um efeito direto no *Mensageiro da Paz*. O primeiro livro, que se torna um *best-seller* evangélico tanto nos EUA quanto no Brasil, é o livro *A agonia do grande planeta terra*, de Hal Lindsey e C. C. Carlson. Lançado em 1970 pela Zondervan, em 1973 ele já está traduzido e publicado pela editora Mundo Cristão. Entre agosto de 1973 e outubro de 1991, ele tem nove edições, sendo três até 1977, quatro de 1978-1985 e duas na Nova República (abril de 1989 e outubro de 1991).

Analisando as profecias de Ezequiel, Daniel e Apocalipse, o autor prevê que a URSS cumprirá o papel de Gogue invadindo Israel três anos e meio após o arrebatamento da Igreja. Tendo como aliados o Irã, Líbia, Argélia, Etiópia, Angola, Moçambique e os países comunistas da Europa Oriental, eles invadirão Israel e desencadearão “a última guerra do mundo, a envolver todas as nações”.¹⁹⁴ Após invadir Israel, os soviéticos trairão seus aliados egípcios e invadirão o país. Enquanto isso, uma coligação liderada pela China (os reis do Oriente de Dn 11) ataca o flanco russo pelo leste simultaneamente com a invasão da coalização da Europa Ocidental (que será o império romano redivivo) liderado pelo Anticristo (um líder político europeu). O exército russo sai do Egito para enfrentar o Anticristo nos montes de Israel, onde é destruído. Armas nucleares serão utilizadas contra o exército russo, que será totalmente aniquilado.¹⁹⁵ Com status de maior potência mundial, o Anticristo se torna contra Israel, única potência a lhe fazer sombra. Conclamando todas as nações do mundo para destruírem Israel, em meio a uma orgia de bombas nucleares destruindo os recalcitrantes, apoiado por um exército de 200 milhões de chineses rumo a Palestina (!), o exército confederado do Anticristo é destruído no Armagedom pelas hostes de Cristo, que voltará nas nuvens do céu.¹⁹⁶

¹⁹⁴ LINDSEY, 1973, p. 55.

¹⁹⁵ Ibid. p. 139.

¹⁹⁶ Ibid. p. 140-156.

Em meio aos temores de destruição nuclear durante a Guerra Fria e a ascensão da China comunista como potência, o caráter sensacionalista do livro inspira a produção de artigos e livros sobre o tema por autores nacionais. A produção de literatura escatológica será estimulada na proporção em que começam a ser traduzidos biografias de religiosos e livros que versam sobre escatologia. Esses dois gêneros de literatura evangélica estarão por trás dos artigos de cunho escatológico do período. A partir de 1970, com a chegada ao mercado evangélico dos livros *O contrabandista de Deus*, de John e Elizabeth Sherrill e *Torturado por amor a Cristo*, de Richard Wurmbrand, uma série de livros sobre a vida da Igreja nos países comunistas irá ajudar a moldar o imaginário satânico do comunismo na mentalidade evangélica brasileira. Até então restrito a curtas informações que saem nos periódicos evangélicos, o leitor agora poderá ter a disposição um material mais extenso e permanente. Diferente dos periódicos, que são de certa forma descartáveis, os livros têm o poder de uma vez lidos, serem emprestados e ficarem à disposição para consulta conforme for necessário.

O *Mensageiro da Paz* e a escatologia anticomunista no Brasil terão como fonte principal, além de *A agonia do grande planeta terra*, o livro de Abraão de Almeida, *Israel, Gogue e o anticristo*, que ganhará maior projeção no meio evangélico brasileiro, rivalizando com o próprio Lindsey. Lançado em novembro de 1977, o autor segue o mesmo padrão de Lindsey. Também este livro gozará de grande popularidade, sendo vendido até hoje, após passar por uma revisão do autor com o fim da URSS. Até março de 2013, o mesmo tinha passado por 17 impressões, todas pela CPAD. O mesmo foi muito divulgado pelo *Mensageiro da Paz* entre 1977 e 1989, chegando a ter 250 mil exemplares vendidos,¹⁹⁷ um recorde dentro do mundo evangélico na época. A diferença principal entre Lindsey e Almeida é que o segundo busca na primeira parte de seu livro (p. 17-76) familiarizar o leitor com uma breve história do povo judeu. São descritas suas perseguições e sofrimentos durante os séculos, destacando por fim o retorno de Israel de volta à Terra Santa e as guerras árabe-israelenses como sinal profético do caráter miraculoso e providencial de Deus.

Após situar o leitor diante do agir de Deus na história de Israel, Almeida em sua segunda parte (p. 77-151), descreve o caráter e objetivo satânico de Gogue e seus aliados. Aqui vemos mais uma novidade em relação a Lindsey. Mais que um

¹⁹⁷ ARAUJO, 2007, p. 13.

inimigo político-ideológico, a URSS é um inimigo espiritual e moral. Além de usar os nomes Meseque e Tubal, ele se detém em Rosh e Gogue, que ganham um significado moral também. Rosh, além de lembrar Rûs, significa “urso”,¹⁹⁸ que é o símbolo deste país. Almeida continua dizendo que a sigla URSS “assemelha-se sobremaneira ao nome do feroz animal que lhe serve de símbolo”.¹⁹⁹ Utilizando aqui da figura de um animal, que no imaginário popular é visto como traiçoeiro, Almeida agrega valor moral à URSS, sem nenhum embasamento científico. Continuando com a identificação da URSS com o inimigo escatológico do povo de Deus, Almeida dedica-se em analisar a palavra “Gogue”. Segundo ele, “Gog significa ‘trevas’” e Magogue “a terra das trevas”. Embora normalmente os léxicos não cite qual significado de Gogue e Magogue, Almeida continua dizendo que “é um fato incontestável que em nenhum país do mundo tem havido tanta treva espiritual como na Rússia e seus satélites... onde cristãos de diversas confissões tem sido cruelmente martirizados. Sem mencionar os milhões de crentes evangélicos que ali deram suas vidas por amor a Cristo”.²⁰⁰ Lindsey e Wurmbrand são citados em seu livro. De Wurmbrand, Almeida herda o relato das torturas e perseguições, enquanto que, de Lindsey, ele utiliza o tema escatológico.

Almeida condena o ateísmo de estado, as críticas de Karl Marx à religião, os planos antirreligiosos da União Soviética. Tudo isso, para ele, são marcas do regime das trevas. A moral marxista, baseada no conflito de classes, basear-se-ia no ódio e jamais no amor, fundamento do cristianismo.²⁰¹ Para ele, um inimigo sorrateiro, através da espionagem e falsa conversão, tem instilado seu veneno da luta de classes dentro das igrejas cristãs, seja através do clero católico cooptado por princípios marxistas, seja através da participação da Igreja Ortodoxa Russa no Concílio Mundial das Igrejas.²⁰² “O marxismo é fundamentalmente oposto a todo e qualquer outro regime, razão pelo qual ele não teme em pregar a subversão e a subvencioná-la, objetivando a assumir as rédeas do governo mundial”.²⁰³ Após descrever o caráter maléfico do marxismo e da URSS, o autor descreve os seus futuros aliados (Irã, Turquia, países comunistas da África) e as intrigas que a URSS semeia no Oriente Médio, a invasão a Israel e a derrota humilhante dos países árabes. Por fim, na última

¹⁹⁸ Percebe-se o total despreparo do autor, pois *Rosh* nunca é traduzido como urso, além em hebraico se escrever urso da seguinte forma: בָּרְשָׁ.

¹⁹⁹ ALMEIDA, 1978, p. 81.

²⁰⁰ Ibid.

²⁰¹ Ibid. p. 101-104.

²⁰² Ibid. p. 105.

²⁰³ Ibid. 98.

parte do livro, (pp. 153-198), Almeida descreve a ascensão do Anticristo à frente do “novo império romano”, seu ataque a Israel, que vai liderar todas as nações do mundo, e sua derrota pelas forças de Cristo, no Armagedom.

Que influencia estes dois livros tem no *Mensageiro da Paz*? Primeiro, ao popularizar o tema, eles ajudam a forjar o imaginário político-ideológico de pastores e líderes pentecostais, que são seu público alvo. Após a publicação dos mesmos, como já foi exposto acima, aumenta de forma visível os ataques ao comunismo no *Mensageiro da Paz*. Até 1970, somente três artigos anticomunistas são publicados em uma década no *Mensageiro da Paz*. Entre 1970 e 1977, ano em que é lançado o livro *Israel, Gogue e o anticristo*, que será emblemático no forjar uma linha ideológica do jornal, igualmente três artigos são publicados combatendo o socialismo real. Entre 1978 e abril de 1985, mês em que começa a Nova República, são publicados 35 artigos contra o marxismo, a esquerda e a Teologia da Libertação. Entre maio de 1985 e dezembro de 1989, 26 artigos contem alertas e combates contra as ideologias de esquerda. Deste total, 17 serão de cunho escatológico, começado em 1968 e indo até 1989, sendo maior a concentração entre 1980 e 1984. Em segundo lugar, entre janeiro de 1979 e agosto de 1984, o pastor assembleiano Abraão Pereira de Almeida, autor de *Israel, Gogue e o Anticristo*, assume a diretoria do *Mensageiro da Paz*, tornando-se também editor do jornal.

Nascido em Bom Jardim de Minas-MG, em 1939, aos dez anos muda-se com a família para Barra Mansa-RJ. Filho de pais adventistas do sétimo dia, abandona a denominação na adolescência e torna-se marxista. Aos vinte anos de idade, durante o serviço militar, passa pelo processo de conversão, sendo batizado na AD de Resende-RJ. Em 1960, torna-se colaborador do periódico “O Semeador”, da AD de Madureira. Em 1961, muda-se para o estado de São Paulo, onde torna-se pastor e ajudar a divulgar a mensagem pentecostal. Em maio de 1977, é chamado, pela CPAD, para ser redator e, em julho, torna-se secretário da redação, até ser eleito Diretor do *Mensageiro da Paz*. Durante sua estadia em São Paulo, foi redator-chefe de *O Bandeirante da Fé* e do diário *Municípios em Marcha* (Osasco-SP), além de ter colaborado com diversos jornais religiosos e seculares.²⁰⁴

O *Mensageiro da Paz* ganha características peculiares durante sua gestão. Provavelmente devido à infância adventista, duas características do seu trabalho

²⁰⁴ ARAUJO, 2007, 12-13.

começam a transparecer no *Mensageiro da Paz*: a ênfase escatológica no sinal do fim dos tempos e a controvérsia apologética contra o adventismo, o catolicismo e o ecumenismo. Diferente dos editores anteriores, seus artigos não se limitam à seção do editor, tendo o jornal vários artigos seus e trechos de seus livros publicados em forma de artigos. Acentua-se a colaboração com o regime militar, destacando-se honrarias concedidas à Assembleia de Deus, visitas oficiais e presença de assembleianos em funções administrativas no governo. Os eventos da geopolítica mundial são constantes nas capas deste período, utilizados para demonstrar a veracidade da expectativa escatológica.²⁰⁵ O discurso anticomunista deste período é caracterizado por sua cosmovisão escatológica, e é denunciado não por ser um inimigo interno, mas por ser um poder externo que se prepara para subverter o mundo e atacar Israel. A partir de 1980, a Teologia da Libertação começa a ser atacada pelo *Mensageiro da Paz*, não por ser católica, mas por ser uma forma de infiltração no marxismo dentro do cristianismo, mal que, enquanto alerta os pentecostais, enferma e destrói a Igreja Católica.

Mas são realmente os eventos no Oriente Médio que aguçam as comparações escatológicas. A Revolução Iraniana já desperta a atenção do redator em abril de 1979. No editorial *O Irã a luz da Bíblia*,²⁰⁶ Almeida faz uma retrospectiva histórica sobre o passado recente do Irã, destaca seus investimentos militares, mais altos que Iraque, Arábia, Kuwait e Bahrain juntos. Como principal potência do Golfo, este país é o maior comprador de armas militares dos EUA. Essas ambições servem apenas para demonstrar ao autor que o Irã está se preparando para aliar-se aos russos na invasão da Palestina. A fundação da República Islâmica possuiiria significações profundas. O regime do deposto xá Reza Pahlevi era o maior fornecedor de petróleo para Israel e importante aliado estratégico do Ocidente. Segundo a análise aqui evocada, Israel foi a principal vítima da derrota do Xá, já que a URSS foi a primeira nação a reconhecer o novo regime e se congratular com ele. Para Almeida

²⁰⁵ A Europa, como lugar de surgimento do Anticristo, também recebe constante atenção. Em *O tempo dos gentios IX: o Mercado Comum Europeu* é apresentada a estratégia do Anticristo de unificar o mundo. Julho de 1981 continua com o tema ao abordar o surgimento do Anticristo em *O tempo dos gentios XIV: o Anticristo*. Os mesmos temas serão abordados em setembro de 1981, *O Mercado Comum Europeu e a besta*, onde o MP alerta os leitores sobre a tentativa de domínio econômico mundial. Na mesma linha de domínio econômico temos *MCE: plataforma do Anticristo* (novembro de 1981), *O número da besta* (abril de 1983, editorial), e finalmente *A marca do Anticristo* (e outubro de 1983). Quando não são trechos de *Israel, Gogue e o Anticristo*, os mesmos o citam como referência.

²⁰⁶ Em fevereiro de 1980, na capa e no editorial do MP aparece o tema: *A crise iraniana*. Ele repete basicamente o texto de *O Irã a luz da Bíblia*, que é uma compilação do livro do próprio editor, Abraão de Almeida, o já citado *Israel, Gogue e o Anticristo*.

O surgimento de vários governos seguidores da trajetória do socialismo converteu-se em um acontecimento de significação universal... A euforia demonstrada pelos soviéticos, ao alegarem que a antiga Pérsia está agora caminhando para o socialismo, atesta a infabilidade da Palavra de Deus.²⁰⁷

No mesmo artigo, Almeida utiliza os eventos políticos no Oriente Médio como um alerta do fim dos tempos.²⁰⁸ Novamente, aparece o texto de Ezequiel 38 e a identificação de Gogue e seus aliados. Para Almeida, as palavras hebraicas *Ros*, *Mesech* e *Tubal*, significam Rússia, Moscovo e Tobolsk.²⁰⁹ Assim, a Revolução Iraniana é o alinhamento da Pérsia com Gogue, cumprido assim para o *Mensageiro da Paz* a profecia de Ezequiel, já que no mesmo capítulo afirma-se que os aliados de Magogue são os Persas, Etíopes (em hebraico Cush) e Líbios (em hebraico Pute), todos estes países, observa o autor, estão na órbita da URSS.²¹⁰ Este artigo marca o período em que o anticomunismo escatológico atingiria o ápice no *Mensageiro da Paz*.

Porém, o editor do *Mensageiro da Paz* não é o único a escrever sobre tais coisas. Em maio de 1979, no artigo *Dos reis do oriente*, Daniel Fidelis Barcelos, apresenta Israel como a figueira entre as árvores, que anuncia antes de tudo o fim dos tempos. Para Barcelos, a marca do aparecimento do Anticristo será quando uma grande coligação de nações marchará contra Israel.²¹¹ Já que este exército, segundo as Escrituras, será de 200 milhões, Barcelos afirma que a China obrigatoriamente estará unida à URSS, que é Gogue, embora, segundo o autor, divergências quanto ao socialismo real tenham afastado as potências.²¹² Continuando suas previsões escatológicas, Barcelos sacramenta que conquanto o Anticristo também odeie

²⁰⁷ ALMEIDA, abr. 1979, p. 2.

²⁰⁸ Em abril de 1981, Almeida em *O tempo dos gentios X: Gogue invadirá a Palestina*, baseado em trechos de sua obra, *Israel, Gogue e o Anticristo*, afirma que o conflito Irã-Iraque faz parte do contexto profético da invasão russa à Israel. O enfraquecimento de ambas as nações favoreceria, para o autor citado, a URSS, que com a guerra aumentará sua presença no Golfo Pérsico, atrás do petróleo árabe. “O que está ocorrendo no Oriente Médio talvez seja, hoje, o mais eloquente sinal do breve retorno de Cristo”, conclui Almeida. ALMEIDA, abr. 1981. Em julho de 1982, no editorial *A URSS e o golfo pérsico*, alerta-se que a URSS almeja o petróleo do Oriente Médio. Novamente, utiliza-se Ez 38 para identificar a Rússia na profecia, já que a ocupação militar do Afeganistão é apenas um detalhe no contexto profético. Aqui, além do discurso escatológico, há espaço para um informe bem material: Abraão de Almeida comemora o fato de já ter vendido 70 mil cópias do seu livro, *Israel, Gogue e o Anticristo*. Ibid, jul. 1982, p. 2

²⁰⁹ No editorial *O sonho secular da Rússia* (Outubro de 1982), novamente é repetida pelo MP a identificação da URSS com Magogue. Afirmasse que a ambição da Rússia ser a senhora do mundo é medieval, e o fato de os imperadores assumirem o título de czar já revelam para Abraão de Almeida o desejo ímpio da Rússia. A tese de que a Rússia é o Novo Israel, comum nos tempos czaristas, mostra para Almeida o antagonismo deles com o povo de Deus. Terminando a identificação de Magogue, Almeida cita a *Pequena Enciclopédia Soviética*, que, segundo ele, diz que o rio Oskol, afluente do Dnieper, já teve o nome de Ros. Ibid. out. 1982, p. 2.

²¹⁰ Ibid.

²¹¹ BARCELOS, mai. 1979, p. 4.

²¹² Ibid.

Israel,²¹³ nesta invasão à Israel a Europa Ocidental e a URSS ficarão em campos opostos.²¹⁴ Mas as “análises” geopolíticas não param por aí. Barcelos ainda vaticina que a aproximação da China com os EUA, Mercado Comum Europeu e o Japão são vistos como um descolamento da China em relação aos soviéticos, para que possam se unir com o Ocidente, e liderados pelo Anticristo, possam invadir Israel.²¹⁵ Embora caindo em contradições, a euforia de perceber sinais que confirmam que as expectativas pentecostais enquanto que os prognósticos dos estrategistas políticos falham, validam o carisma da liderança da denominação. As especulações grosseiras não param aí. É publicado no *Mensageiro da Paz* o artigo do leitor Nelton Ross, *Os quatro cavaleiros do Apocalipse* (Janeiro de 1983). Nele, Ross explica que o cavalo vermelho do apocalipse seria o “social comunismo”, “essa ideologia diabólica” que “tem tirado a paz da terra”, “promovendo lutas de classe, provocando discórdias entre o capital e o trabalho”.²¹⁶ Seu cavaleiro seria o Estado e sua espada é o engano.²¹⁷ Pelo menos, a certa altura do texto, ele reconhece estar no terreno das hipóteses e especulações.²¹⁸ O que não é reconhecido por Abraão de Almeida e outras lideranças pentecostais em seu discurso anticomunista.

Ainda em relação às expectativas escatológicas dos pentecostais. Como parte de uma série que aparece sempre nas edições do *Mensageiro da Paz* sobre profecia bíblica chamada *Sinais dos tempos*, o pastor Eurico Bergsten alerta para o fato da Rússia ser Gogue, e o crescimento da China em poucas décadas ser um sinal da preparação das forças deste mundo para o Armagedom.²¹⁹ Em fevereiro de 1980, no artigo *A grande tribulação*, Eurico Bergsten explica como será o mundo pós-arrebatamento,²²⁰ com a Terra tendo o bloco das nações europeias governado pelo

²¹³ Esta ideia de ódio do comunismo a Israel é exposta por Abraão de Almeida posteriormente no MP. Em maio de 1983, ele publica o editorial *Antissemitismo na URSS*. Aqui Almeida afirma que o antissemitismo está nas próprias raízes do comunismo, já que Lênin era antissionista. Na URSS, imperaria uma violenta campanha antissemita. Sinal característico do Gogue, segundo Almeida, já que Gogue se levanta para destruir Israel. ALMEIDA, mai. 1983, p. 2. O editorial do MP de Abril de 1984, intitulado *O anti-sionismo vermelho*, repete o editorial de maio de 1983 *Antissemitismo na URSS*. Ibid. abr. 1984, p. 2.

²¹⁴ Ibid.

²¹⁵ Ibid.

²¹⁶ ROSS, fev. 1983, p. 7.

²¹⁷ Ibid.

²¹⁸ Ibid.

²¹⁹ BERGSTEN, 1979, p. 12.

²²⁰ “Uma expressão usada pelos pré-milenistas para se referirem à união da igreja com Cristo na Sua Segunda Vinda (do latim *rapio*, “arrebatado”). ... Até o começo do século XIX, aqueles crentes que discutiam o arrebatamento acreditavam que ele ocorreria junto com a volta de Cristo no fim do período da tribulação. A contribuição de John Nelson Darby à escatologia levou muitos cristãos a ensinarem que a volta de Cristo se daria em duas etapas: uma, para buscar Seus santos no arrebatamento, e a

Anticristo e outro liderado por Gogue (Rússia) mais outro bloco dos Reis do Oriente, liderado pela China (embora não a cite nominalmente). Ambos os blocos enfrentarão o Anticristo e perderão.²²¹

A certeza da derrota do comunismo no fim é afirmada no *Mensageiro da Paz*, com base nas interpretações escatológicas dos teólogos pentecostais. Em novembro de 1981, é publicado o texto *O futuro do comunismo à luz das profecias bíblicas*. Neste artigo do pr. Antonio Gilberto, é vaticinado que “o comunismo não dominará o mundo”.²²² Para Gilberto, o Comunismo está representado na profecia de Dn 2. Este capítulo descreve o sonho de Nabucodonosor que foi interpretado pelo profeta Daniel. Neste sonho, uma imagem com a cabeça de ouro, o peito de prata, o ventre de bronze, as pernas de ferro e os pés em parte ferro e em parte barro são destruídos por um meteoro. O profeta Daniel afirma que os metais simbolizariam quatro reinos que teriam alcance até o fim dos tempos, sendo a pedra vinda do céu a implantação do reino dos Céus. A partir desta profecia, Gilberto afirma que os pés simbolizam a civilização ocidental. O comunismo seria o ferro dos pés, por ser totalitário e ditatorial, enquanto que o frágil barro seria a democracia ocidental, em constante ameaça de ser estilhaçada pelos comunistas.²²³ Como ambos são destruídos pela pedra vinda do

outra, com Seus santos para controlar o mundo no fim da grande tribulação. Segundo esta interpretação das profecias bíblicas, entre estes dois eventos seria cumprida a septuagésima semana predita por Daniel (9.24-27) e o anticristo viria com poder. Com a igreja saindo de cena. Deus reativaria naquele tempo Seu tratamento com Israel. As ideias de Darby tiveram ampla influência na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos. Muitos evangélicos tornaram-se pré-tribulacionistas através da pregação dos evangelistas interdenominacionais nos séculos XIX e XX. A *Bíblia de Scofield* bem como os principais institutos bíblicos e faculdades de teologia tais como o Seminário Teológico de Dallas, o Seminário Talbot, e o Seminário Teológico "Grace" também contribuíram para a popularidade deste ponto de vista. Durante os tempos conturbados da década de sessenta, houve um reavivamento do ponto de vista pré-tribulacionista num nível popular, através dos livros de Hal Lindsey e dos ministérios dos pregadores e ensinadores bíblicos que empregam os meios eletrônicos de comunicação. ... em seu entendimento ... a igreja e Israel são entidades separadas nas Escrituras. Quando a igreja for removida do mundo, então poderão ser cumpridos os eventos proféticos que dizem respeito a Israel. O anticristo subirá ao poder por meio de promessas de paz à terra, e fará um acordo para proteger o novo Estado de Israel. Os judeus, no entanto, serão traídos pelo seu novo benfeitor, que repentinamente suspenderá todas as cerimônias religiosas tradicionais e exigirá que lhe prestem culto. Aqueles que não cooperarem serão perseguidos. Este holocausto final contra o povo escolhido de Deus o levará a aceitar Cristo como seu Salvador. Pragas devastarão a terra durante este período de tribulação e, finalmente, a batalha do Armagedom resultará na volta à terra, vitoriosa, pessoal e visível, de Cristo e Seus santos. O Senhor, então, amarrará Satanás durante mil anos, e reinará na terra com Seus seguidores durante o milênio. Segundo os pré-milenistas pré-tribulacionistas, todas as profecias que deveriam ter sido cumpridas quando Cristo veio pela primeira vez, serão realizadas na Sua Segunda Vinda. A rejeição de Cristo pelos judeus no século I forçou o adiamento do reino até a Segunda Vinda. O ponto de vista adotado quanto à igreja e à sua posição na profecia é crucial para a aceitação do arrebatamento pré-tribulacionista e o sistema que ele sustenta”. CLOUSE, 2009, vol .1, p. 116-119.

²²¹ BERGSTEN, fev. 1980, p. 12.

²²² GILBERTO, nov. 1981, p. 5.

²²³ Ibid.

céu, Gilberto conclui que o fim do comunismo está determinado, quando será derrotado na primeira metade da tribulação,²²⁴ através dos exércitos do Anticristo.²²⁵ Embora altamente confuso e esotérico para um leitor não acostumado com a teologia dispensacionalista, as profecias escatológicas de Daniel e Ezequiel são utilizadas pelos autores e pastores pentecostais para traduzir os eventos geopolíticos para sua comunidade, de uma forma que o avanço do comunismo em detrimento ao cristianismo, ao invés de gerar insegurança ou uma crise de fé, estes eventos geram uma expectativa escatológica já que os avanços comunistas fazem parte de um plano infalível de Deus, que culminará com a exaltação de Israel, o surgimento do Anticristo e o estabelecimento do reino milenar de Deus.²²⁶ Como vimos anteriormente, aqui a escatologia está sendo utilizada para a construção e a interpretação da realidade.

Além das preocupações escatológicas remetidas ao cenário geopolítico internacional, fazem-se notar, no *Mensageiro da Paz*, no período da direção de Abrão de Almeida, críticas à Teologia da Libertação. O apoio da Igreja Católica às greves que reaparecem com o abrandamento do governo ditatorial é denunciado no editorial de julho de 1980, *Igreja e política: é lícito as lideranças religiosas envolverem-se na luta de classe?* Dentro do clima da greve dos metalúrgicos da ABC paulista, Almeida diz que Cristo jamais foi um revolucionário. Cita a atuação de clérigos que, durante a greve, pregaram às massas operárias sobre a mudança de regime político no País, coisa que, diz Almeida, também teria chegado a alguns púlpitos protestantes.

²²⁴ “Os adeptos dos principais conceitos pré-milenistas colocam a grande tribulação em pontos cronológicos diferentes em relação ao milênio... Para os pré-milenistas, o milênio é um período futuro, literal de mil anos na terra, e a grande tribulação é um período caótico em cuja direção a história está avançando mesmo agora, ou seja: um declínio que terminará com a volta de Cristo antes do milênio. ... os pré-milenistas dispensacionalistas, ligam-na à septuagésima semana de Dn 9.27, um período de sete anos cuja segunda metade pertence mais exatamente à grande tribulação. Dentro do movimento pré-milenista, outra questão, a data do arrebatamento da igreja, deu origem a três opiniões. Os pré-tribulacionistas (o arrebatamento antes da septuagésima semana) e os mid-tribulacionistas (O arrebatamento no meio da sétima semana) consideram que a grande tribulação é caracterizada pela ira de Deus contra um mundo descrente, da qual a igreja está necessariamente isenta (1 Ts 5.9). Os pós-tribulacionistas acreditam que a grande tribulação é apenas uma intensificação do tipo de tribulação que a igreja tem sofrido ao longo da história, e pela qual a igreja logicamente terá que passar”. BAKER, 2009, vol. 3 p. 575.

²²⁵ Ibid.

²²⁶ A ideia de o comunismo ser essencial para o surgimento do Anticristo aparece no MP. O artigo *No rastro do 666* (março de 1982) é um artigo traduzido, de autoria de David F. Webber, do jornal pentecostal norte-americano *The Gospel Truth*. Neste artigo defende-se que a Rússia levará a revelação do Anticristo, já que é a primeira nação ateuista do mundo e a Magogue de Ezequiel 38. Como a terceira Roma, vemos o 666 em sua história: é o número de dias de duração do pacto Germano-Soviético! Fora que a palavra Rússia ou a sigla URSS soma 666 na numerologia cabalística. “Sem dúvida, a Rússia e o comunismo antideus estão desempenhando um papel na profecia”, diz Webber. WEBBER, mar. 1982, p. 12-13.

Endossando o pensamento do senador Jarbas Passarinho, vinculado ao regime ditatorial, Almeida diz que se um sermão torna-se uma pregação oposicionista, o pregador exerce atividade nitidamente política. Assim, Almeida condena os teólogos que se engajam em movimentos revolucionários, pois seria impossível furtar-se das funestas consequências de uma transformação social que não seja a operada pelo genuíno Evangelho de Cristo.²²⁷

Em Agosto de 1980, em *Cristianismo Alienante*, Miguel Vaz ataca a Teologia da Libertação. Citando o Documento da Terra, da CNBB, em que se assume o compromisso de denunciar situações abertamente injustas e violentas e apoiar a mobilização dos trabalhos para se exigir aplicação ou reformulação das leis, Vaz afirma que este compromisso foge à finalidade cristã, incentivando a inconformidade e impaciência. Em vez de tratar do ventre, sustenta Vaz, os cristãos deveriam tratar da alma. Ele recrimina o fato da CNBB querer imiscuir-se em problemas sociais e ditar regras ao governo, pois isso não foi pedido e nem diz respeito à Igreja, cujo papel, continua Vaz, é re-espiritualizar a sociedade. Citando parte do documento da Conferência Episcopal (católica romana) de Puebla, ele diz que o melhor serviço é a evangelização. E Vaz prossegue: enquanto bispos e arcebispos defendem ou consentem com a violência como solução para as apurações dos movimentos populares, Paulo, na Bíblia, afirma que nossa luta não é contra a carne ou sangue.²²⁸ No mesmo mês, em *A Teologia da Libertação*, Cesar Gama Ferreira, na p. 10 do periódico aqui privilegiado busca traçar suas origens e concepções. A Teologia da Libertação é em seus dias a mais ousada filosofia dos religiosos da América do Sul, pois “apoia suas diretrizes no ideário marxistas na concepção de uma revolução total e irrestrita das estruturas sociais, culturais e políticas”.²²⁹ Citando Leonardo Boff, diz que ela é “uma leitura da realidade a partir dos pobres e no interesse da libertação dos pobres”.²³⁰ Gama diz que este assunto é extremamente delicado. Embora bastante popular e difundida, contando com o apoio da maioria do clero romano segundo o *Mensageiro da Paz*, a Teologia da Libertação enfrenta a resistência da ala conservadora da igreja, já que a mensagem libertadora do clero progressista não

²²⁷ ALMEIDA, jul. 1980, p. 2.

²²⁸ VAZ, 1980, p. 6.

²²⁹ GAMA, 1980, p. 10.

²³⁰ Ibid.

corresponderia coma mensagem da Igreja Católica. Para Gama, a indefinição papal efetivou a discórdia entre os setores da Igreja.

Em Outubro de 1980, aparece nas páginas do *Mensageiro da Paz* o texto *Teologia da libertação: ponta de lança do Anticristo*, de José Cabral. Para ele, a teologia da libertação seria uma teologia cristã só de nome, sem base bíblica, uma tentativa de associar ao cristianismo ao pensamento marxista.²³¹ Segundo Cabral, a Bíblia nos ensina a extrair de si o modelo para a nossa vida, enquanto a Teologia da Libertação ensina que o ponto de partida deve ser o mundo atual para elaboramos nossa reflexão sobre a mensagem de Cristo.²³² Para Cabral, pastores

Com ar de intelectuais estão por aí pregando a justiça social, os direitos humanos e alimentação dos providos, dos sistemas políticos e sociais, mas não a liberação dos oprimidos do diabo.²³³

Esta teologia usa armas que não são espirituais, conclui Cabral.

Não temos dúvida de que a teologia da libertação é uma ponta de lança do Anticristo... Unindo os homens socialmente e enganosamente com sinais e prodígios.... Há atualmente um movimento mundial em prol da ideologia marxista ou socialista, o qual está entrando na Igreja com o nome de Teologia da libertação... Enquanto Cristo não voltar e estabelecer seu reino, o mundo está no Maligno... Em referência aos pobres e injustiçados socialmente, nos lhe pregamos a salvação, e os ensinamos a terem fé e confiança em Deus. Depois de a pessoas ser salva, a própria situação financeira melhora, pois Deus cuida dos seus.... Nossa luta não é contra a carne nem contra as injustiças sociais, mas contra as potestades ... Nos lugares celestiais.... O cristão que tem sabedoria não se deixa enredar nas teias romanas nem toma partido por ninguém a não ser por Jesus Cristo.²³⁴

O medo de que a Teologia da Libertação ganhe adeptos entre os protestantes é tão grande, que em fevereiro de 1981, é veiculado o texto *Diga não ao ecumenismo* (uma reprodução do Brasil Presbiteriano). Após a mensagem de repudio ao movimento ecumênico, Abraão de Almeida publica a seguinte nota no final:

Ecumenismo é abominação e abominação é a palavra que se encontravam freqüência no Antigo Testamento para exprimir o que é a idolatria aos olhos de Deus. O ecumenismo, pelas mentiras, ganhou tal poder sobre o coração dos homens, que bem poderia ser chamado 'príncipe do Deus deste mundo'.²³⁵

Ou seja, o ecumenismo é o diabo, pois abre as portas das igrejas evangélicas para a introdução de doutrinas “satânicas”, como a Teologia da Libertação. Esta satanização, que pode chocar os leitores não acostumados com o ambiente

²³¹ CABRAL, 1980, p. 6.

²³² Ibid.

²³³ Ibid.

²³⁴ Ibid.

²³⁵ ALMEIDA, fev. 1981, p. 3.

pentecostal, é comum na visão dualista de mundo dos mesmos. A vida é um constante conflito entre Deus e o diabo, e os evangélicos devem sempre estar na defensiva contra tudo que é visto como de procedência maligna, como o comunismo, as religiões afro-brasileiras, o catolicismo e até mesmo outras denominações protestantes, como o adventismo do sétimo dia, que junto com o catolicismo é a fé mais combatida pelo *Mensageiro da Paz* no período. Os crentes devem estar alertas, já que o diabo busca destruir a fé evangélica seja pela perseguição (comunismo), pela idolatria (catolicismo e religiões afro-brasileiras) ou pela heresia (adventismo do sétimo dia). Esta satanização da Teologia da Libertação, visto como um híbrido do marxismo e do catolicismo, explica em parte o frenesi anti-Lula nas eleições presidenciais, já que Lula e o PT eram vistos como tendo o apoio destes três elementos satanizados nas páginas do *Mensageiro da Paz*.

A Teologia da Libertação será combatida ainda nos textos *Não aos radicais*²³⁶ (outubro de 1981), *15 de Novembro: dia nacional de jejum e oração*²³⁷ (1981), *Os crentes e a questão social* (editorial, Fevereiro de 1982), *A igreja, a política e a teologia* (Junho de 1982), *A América Latina e o movimento teológico*²³⁸ (Julho de 1982) e *A verdadeira Teologia da Libertação*²³⁹ (Outubro de 1983), e *Uma teologia sem libertação* (Janeiro de 1984).

É interessante notar que, após a saída de Abraão de Almeida da Direção do *Mensageiro da Paz*, o anticomunismo continua forte, porém sem as associações escatológicas, que são frequentes com Almeida. O discurso escatológico só aparece duas vezes entre 1985 e 1989. Em agosto de 1987, o pastor Antonio Gilberto escreve o artigo *Gogue e Magogue: Quem são eles?* Aqui, existe a repetição das associações

²³⁶ Aqui o autor Joanyr de Oliveira chama os católicos progressistas de “inocentes inúteis”, pois utilizam as CEBs como lugar de doutrinação socialista. Deveriam antes se importam em obedecer as autoridades constituídas por Deus, que são justas e dignas.

²³⁷ Quadro sombrio ronda o Brasil. Para o MP, uma das pragas que assolam o País são as “guerrilhas”, causando grande miséria em nosso país. “Miragens surgiram nos últimos 60 anos que acenaram doces ilusões, entre elas o comunismo, que não passa de um tirano opressor”. TOGNINI, nov. 1981, p. 2.

²³⁸ De Abraão de Almeida. Repete-se o que já foi dito contra a Teologia da Libertação. Acusa seus propagadores de defenderem o marxismo e a revolução. Medelín é o marco da infiltração do marxismo no clero católico. CNBB, CELAM, Ação Católica e CEB são “entidades de fachada do comunismo internacional”. Para Almeida é uma vergonha os leigos católicos defenderem os pontos de vista conservadores, ao invés do clero, já que os próprios comunistas brasileiros afirmam que a atuação do clero esquerdista é consentânea com o comunismo.

²³⁹ Por Elben M. Lenz Cesar (Revista Ultimato). Os teólogos da libertação estão semeando a mesma ideia de um messias político dos judeus do tempo de Cristo. “Aos pobres está sendo pregado este evangelho libertador, não do pecado, mas de estruturas econômicas injustas. A juventude dá-se a impressão de que o único pecado existente é a opressão, a injustiça, ou o capitalismo. Enquanto isso deixa-se de pregar contra a mentira, a hipocrisia, a pornografia, o homossexualismo, o secularismo, a incredulidade”. LENZ, out. 1983, p. 6.

escatológicas com a Rússia. Gilberto faz questão de esclarecer que, nesta batalha, existe uma aliança da besta com Israel, em oposição a outros dois blocos: o do sul (nações árabes do norte e centro da África) e o rei do Norte (Rússia e aliados). Togarma, que até aqui era a Armênia, vira Turquia.²⁴⁰ E já em janeiro de 1990, passado o temor de Lula poder ganhar a eleição, comentado as transformações que estão ocorrendo nos países socialistas, o pastor Claudionor de Andrade escreve *Por trás do muro de Berlim*, onde, utilizando Ez 38-39, ele prediz que embora o Muro tenha caído, as Alemanhas não serão jamais reunificadas, já que os ocidentais descendem de Azquenaz e os orientais de Togarma, cabendo-lhes a inglória tarefa de, juntos com os russos, invadirem Israel. Sua base são as anotações da *Bíblia Dake*²⁴¹ e uma visão que teve o pastor assembleiano João Kolenda, que antes da Segunda Guerra Mundial profetizou a divisão da Alemanha. É o último discurso que associa a URSS com Gogue.²⁴²

Após o artigo de Claudionor de Andrade, o comunismo deixará de existir na Rússia, permanecendo somente na China, Albânia, Cuba, Vietnã e Coreia do Norte. Os erros grosseiros nas previsões dos pastores pentecostais, o fim da dependência do *Mensageiro da Paz* com o discurso anticomunista pentecostal norte-americano e o voltar da preocupação da liderança da Assembleia de Deus com o que está acontecendo no País, como veremos no parágrafo abaixo, leva a produção de outras preocupações e outros discursos.

Em agosto de 1984, o pastor Abraão de Almeida edita seu último *Mensageiro da Paz*. Está de malas prontas para os EUA, onde irá dirigir uma igreja pentecostal de brasileiros na Flórida. Não apenas ele, mas o regime militar também está arrumando as suas. Com protestos em todo o País pelas Diretas Já, num Brasil que está voltando

²⁴⁰ GILBERTO, ago. 1987, p. 14.

²⁴¹ “Finis Jennings Dake nasceu em 1902 e morreu em 1987. Dake foi ordenado pela Assembleia de Deus do Texas. Por um tempo, ele fez trabalhos evangelísticos em Oklahoma. Mais tarde, mudou-se para Zion, no Estado de Illinois, onde as coisas se complicaram depois de um escândalo que envolveu uma garota de 16 anos de idade. ... Quando Dake foi levado a julgamento em fevereiro de 1937, ele se entregou à misericórdia do tribunal ao declarar-se culpado da acusação de violar a lei Mann Act (uma lei americana de 1910 que proíbe transportar menores de 18 anos de idade além das fronteiras estaduais para atividades sexuais). ... Ele foi sentenciado a seis meses de reclusão na Casa de Correções de Milwaukee. Dake chamou a sentença de prisão de “férias” e disse que usaria o tempo de prisão para pregar aos presos e dedicar o tempo para escrever um comentário sobre a Bíblia. As Assembleias de Deus cortaram seus relacionamentos com Dake e ele mais tarde uniu-se a Igreja de Deus em Cleveland, Tennessee. Nunca ficou claro como a sua união com a Igreja de Deus terminou, mas Dake, eventualmente, tornou-se independente de qualquer igreja’. Pesquisado em: <http://www.cacp.org.br/a-biblia-dake/>. Visitado em 13 de junho de 2015.

²⁴² ANDRADE, jan. 1990, p. 12-13.

a viver sob um regime pluripartidário, faz com que o regime militar, que perdeu sua base de apoio, esteja com os dias contados. O País vive a expectativa de novos horizontes. No universo pentecostal brasileiro, novos atores começam a entrar em cena também. A Igreja Evangélica no Brasil descobre seu poder de voto, e terá o desafio de repensar sua atuação política. Enfim, novos cenários se delineiam no Brasil, com suas implicações no universo neopentecostal nacional, que serão analisados adiante.

3. VIMOS A SUA ESTRELA: VOTO EVANGÉLICO NAS ELEIÇÕES DE 1989 E 2002

Após orar e pedir que Deus indicasse uma pessoa, o Espírito Santo nos convenceu de que Fernando Collor de Mello era o escolhido.

Bispo Edir Macedo, líder da Igreja Universal em 1989

O diabo não é mais barbudo nem tem quatro dedos.

Bispo Rodrigues, coordenador político da Igreja Universal do Reino de Deus nas eleições de 2002

Em 1989, o Brasil estava mobilizado para a realização das primeiras eleições diretas para presidente da República desde 1960. Apenas o presidente seria eleito neste pleito que, pela primeira vez, contaria com o voto (não-obrigatório) de analfabetos e jovens entre 16 e 18 anos de idade.²⁴³ Com um quadro eleitoral pulverizado e instável, conta com vinte e dois candidatos à Presidência, sendo muito desses políticos estabelecidos, de envergadura nacional, como Ulysses Guimarães (PMDB), Mário Covas (PSDB), Leonel Brizola (PDT), Paulo Maluf (PDS) e Aureliano Chaves (PFL). Fernando Collor (PRN), Afif Domingos (PL), Ronaldo Caiado (UDR), Enéas Carneiro (PRONA) e Roberto Freire (PCB), candidatos por partidos menores, aparentemente não teriam chance diante desses nomes mais consolidados.

Collor, escolhido pelo *establishment* como opção viável que possa derrotar a Esquerda, ultrapassa todos os políticos conhecidos e, já em meados de 1989, aparece em primeiro lugar nas pesquisas de voto, com 50% das indicações de sufrágio. À esquerda, Lula e Brizola disputam a vaga do segundo lugar nas intenções de voto. A campanha atinge um grau nunca visto antes de participação popular. Principalmente os comícios de Collor, Lula e Brizola, levam milhares às ruas. O horário eleitoral e os debates entre os presidenciáveis também atraem um interesse inédito dos telespectadores.²⁴⁴

Contudo, estas não são as únicas novidades. Pela primeira vez num pleito majoritário, os evangélicos brasileiros terão uma participação decisiva. Quer seja pela

²⁴³ JOFFILY, 1998, p. 261.

²⁴⁴ *Ibid.*

expectativa de uma candidatura evangélica à presidência que não se concretiza (Iris Rezende),²⁴⁵ quer seja a estreia de um presidenciável dito evangélico (o presidenciável Armando Correa, do PMB),²⁴⁶ o que realmente chama a atenção da sociedade brasileira é o engajamento das lideranças evangélicas (tanto históricas quanto pentecostais) em torno da candidatura de Collor, o que contribui para decidir a eleição.

Como vimos no capítulo anterior, o discurso anticomunista é desenvolvido e bastante utilizado pelas lideranças evangélicas durante o regime militar. Este fator por si já ajuda muito a entender o comportamento político durante as eleições de 1989. Ao associar Lula e o PT ao comunismo, a liderança evangélica é bem sucedida em afugentar os fiéis do candidato de Esquerda. O mesmo se repete no pleito de 1994, e de forma mais discreta, em 1998. Porém, 2002 marca uma mudança de paradigma. Desta vez, a eleição presidencial tem um concorrente evangélico de fato, Anthony Garotinho, da igreja presbiteriana, com boa movimentação entre os pentecostais, que se apresenta como candidato dos evangélicos, ao mesmo tempo em que concorre pelo PSB, anteriormente demonizado por sua identidade socialista. Garotinho consegue mobilizar a maior parte do eleitorado evangélico brasileiro, chegando em terceiro lugar com cerca de 17,9% dos votos válidos.²⁴⁷

Como se não bastasse o apoio a um candidato evangélico então filiado a um partido socialista, o realinhamento político de vários setores evangélicos, mais nitidamente observável entre os neopentecostais, é representado nas eleições de 2002 pela aliança política do PT e do PL. Em 2002, a maior parte da liderança do PL era vinculada à Igreja Universal do Reino de Deus, cujo coordenador político e vice-líder do partido, era o bispo Rodrigues (PL-RJ). Além de forjar a aliança política entre partidos com ideologias antagônicas, o bispo Rodrigues liderou uma campanha que visava desmontar o preconceito construído por décadas, no meio evangélico, por suas lideranças. Através do apoio de Garotinho e das lideranças pentecostais a Lula no segundo turno, o voto evangélico ajudou a definir a eleição presidencial, desta vez a favor do antes “satanizado” PT.²⁴⁸ Embora a Assembleia de Deus tenha apoiado a

²⁴⁵ FRESTON, 1994, p. 85-87.

²⁴⁶ Ibid. p. 88. Microcandidato, Correa se diz representante dos evangélicos brasileiros, mas a candidatura não deslança. Faltando pouco tempo pra eleição, abdica para lançar o apresentador Silvio Santos no seu lugar. O PMB perde seu registro eleitoral pouco antes, inviabilizando a candidatura de Santos. Ibid.

²⁴⁷ JACOB (et. al.), 2003, p. 39.

²⁴⁸ MACHADO, 2006, p. 83.

Garotinho no primeiro turno, no segundo turno, ela não segue a aliança do mesmo, preferindo apoiar abertamente a candidatura peessedebista de José Serra, mantendo fiel ao seu discurso antimarxista. Embora a maioria dos pastores assembleianos tenham apoiado as determinações da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, o voto dos fieis não seguiu a mesma. Pesquisa realizada pelo Estudo Eleitoral Brasileiro constatou que seis em cada dez assembleianos consultados após as eleições tinha votado no candidato do PT.²⁴⁹

Em vista disso, este capítulo buscará respostas para a seguinte questão: que processo ocorreu entre 1989 e 2002 que explique o realinhamento eleitoral das lideranças neopentecostais e dos eleitores evangélicos? Em busca de uma resposta satisfatória, analisaremos neste capítulo como os protestantes encaram o relacionamento entre política e religião, utilizando em forma de contraste a Igreja Universal do Reino de Deus e a AD, que embora tenham um alinhamento político semelhante em 1989, em 2002 acabam seguindo caminhos distintos. Por fim, veremos como vota o eleitor evangélico e o processo de realinhamento eleitoral iniciado em 2002 pelo PT, que foi fundamental pela conquista do eleitorado assembleiano, mesmo à revelia da liderança da denominação.

3.1 RELAÇÃO ENTRE A IGREJA E O ESTADO NO PENSAMENTO REFORMADO

3.1.1 Os Dois Reinos: o pensamento luterano

Lutero inicia a Reforma dentro da concepção medieval da união da Igreja e do Estado, mas rapidamente torna-se opositor deste pensamento. Durante a Idade Média, a Igreja havia reivindicado um tipo de hegemonia espiritual. Em 554, o imperador Justiniano ao reconquistar a península italiana, permitiu que o bispo de Roma possuísse uma força militar e lhe permitiu regular assuntos civis em Roma e na Itália.²⁵⁰ Com a doação de Pepino, o Breve, do Patrimônio de São Pedro, em 754, o

²⁴⁹ BOHN, 2004, p. 326.

²⁵⁰ "Six months later (August 13, 554) Vigilius was given a pragmatic sanction meant to regulate civil affairs in Rome and Italy". MURPHY, 2003, vol. 14, p. 510-511. "Justinian gave heed to the pope's petition on behalf of Italy which was ruined by war and plague, and on Aug. 13, 554, he issued the Pragmatic Sanction, regulating ecclesiastical, economic and political affairs in Italy. It was an effort to restore the social fabric of Italy as it had existed before the Gothic War, and it was for the most part a futile effort". EVANS, 2003, vol. 8, p. 99.

Papa é elevado ao nível de autoridade secular.²⁵¹ Contudo, antes disso, já em 494, em uma carta enviada ao imperador Anastácio, o papa Gelásio I já havia elaborado a teoria das duas espadas, que viria a ser a definição seguida pela Igreja durante a Idade Média sobre a relação entre o poder temporal e espiritual.²⁵² Na epistola *Duo Sunt* ele expõe seu pensamento:

Há dois poderes, Augusto imperador, através dos quais se governa o mundo: a autoridade sagrada dos Pontífices e o poder real. Destes dois, é mais grave o peso dos sacerdotes, pois estes deverão prestar contas na ocasião do julgamento divino, inclusive pelos próprios reis da humanidade.

Na verdade, tu sabes, filho clementíssimo, que em razão de tua dignidade, és o primeiro de todos os homens e o Imperador do mundo; todavia sê submisso aos representantes da religião e suplica-lhes o que é indispensável para tua salvação.

Com efeito, no que se refere a administração dos sacramentos e a disposição das coisas sagradas, reconhece que deves submeter-se a sua orientação e não seres tu quem deva governá-lo, e assim nas coisas da religião deve submeter-se ao seu julgamento e não querer que eles se submetam ao teu. Ora, no tocante ao governo da administração pública, os próprios sacerdotes, cientes de que o poder te foi conferido pela vontade divina, obedecem às tuas leis, pois no que se refere as coisas do mundo, não lhes agrada seguir orientação diferente.

Tanto mais, por acaso, não se deve prestar obediência a cabeça da Sé Apostólica, a quem a mesma Divindade quis que todos os sacerdotes lhes fossem submissos e a veneração da Igreja sempre honrou como tal? Como tua piedade sabe, nada pode colocar-se, graças a recursos puramente humanos, acima da posição daquele a quem o chamado de Cristo preferiu a todos os outros e a quem a Igreja reconheceu e venerou sempre com o seu primado.²⁵³

Mesmo com a fragmentação política própria do feudalismo reduzindo o alcance do poder papal, o princípio gelasiano sempre foi reafirmado pela teologia católica durante a Idade Média. Em 1075, Gregório VII, no auge da polémica sobre a questão das investiduras, escreve o *Dictatus Papae*, um documento composto de 27 afirmações. Neste texto, em sua afirmação IX, o pontífice declara que todos os príncipes devem beijar os pés do Papa. Já na afirmação XII, ele assevera que somente o papa tem o poder de depor imperadores e, na XIX, lê-se que o papa não pode ser julgado por ninguém. E, mais adiante, a afirmação XXVII remete ao Papa a autoridade de eximir os súditos da obrigação de fidelidade aos príncipes iníquos.²⁵⁴ Durante o pontificado de Inocêncio III, o papado chega perto de colocar efetivamente em prática todos os princípios destacados, quando desempenhou um papel importante na política europeia. Em 1302, o papa Bonifácio VIII lança a bula *Unam Sanctam*, onde ele afirma

²⁵¹ SULLIVAN, 2003, vol. 13, p. 515-517. STURZ, 2009, vol. 3, p. 93.

²⁵² GEORGE, 1993, p. 99. DONLON, 2003, vol. 6, p. 119-120.

²⁵³ <http://www.fordham.edu/halsall/source/gelasius1.asp>. Visitado em 01/10/2013.

²⁵⁴ MORDEK, 1974.

que, para a Salvação, é necessário que todos os seres humanos estejam sujeitos ao sumo pontífice, e no que se refere à relação entre a Igreja e o Estado, a bula diz:

As palavras do Evangelho nos ensinam: esta potência comporta duas espadas, todas as duas estão em poder da Igreja: a espada espiritual e a espada temporal. Mas esta última deve ser usada para a Igreja enquanto que a primeira deve ser usada pela Igreja. O espiritual deve ser manuseado pela mão do padre; o temporal, pela mão dos reis e cavaleiros, com o consenso e segundo a vontade do padre. Uma espada deve estar subordinada à outra espada; a autoridade temporal deve ser submissa à autoridade espiritual.²⁵⁵

Como reformar a Igreja num contexto assim? Como opor-se a um papa que era a autoridade máxima? Embora, no início, Lutero apele para um Concílio onde suas ideias seriam debatidas, progressivamente, ele irá caminhar rumo à uma ruptura com a concepção medieval das “duas espadas”. A 15 de junho de 1520, o papa excomungou Lutero. A partir de então, Lutero dá origem a teoria dos dois reinos, que servirá de modelo das relações entre a Igreja e o Estado no território luterano. Nesta teoria, Lutero proclama a independência do poder secular do controle clerical.²⁵⁶ Para ele, a causa fundamental dos abusos na Igreja era devido a recusa papal em abrir mão do poder político. Ele não era o vigário do Cristo glorificado, mas do Cristo crucificado, por isso, em vez de se preocupar em reger as nações, ele deveria se preocupar em pregar o Evangelho.²⁵⁷ Baseado em sua ideia sobre a predestinação e numa exegese de trechos de livros neotestamentários (Romanos 13 e 1Pedro 2.13-14), Lutero afirmou que o Estado era ordenado por Deus para castigar os malfeitores e preservar a paz e a ordem.²⁵⁸ Segundo seu pensamento, o governo civil era a forma como a soberania de Deus era exercida na história. Por isso, ele chama o governo civil de “a mão esquerda de Deus”, uma forma de máscara através da qual Deus, disfarçado, governa o mundo. Quando o Estado mata, enforca, tortura e luta, não seriam os homens que agem, mas Deus.²⁵⁹ A partir destes conceitos, podemos afirmar que: para Lutero, a origem do Estado não provém da vontade das pessoas, mas da vontade ordenada de Deus e que a Igreja e o Estado, como reinos da mão direita e

²⁵⁵ http://pt.wikipedia.org/wiki/Unam_Sanctam. Visitado em 01/10/2013.

²⁵⁶ SKINNER, 1996, p. 296.

²⁵⁷ Nesta perspectiva, Lutero se posiciona de forma frontal para atacar os três pilares que estruturam a autoridade da Igreja. São eles: o direito da igreja sobre o poder secular, o direito de exclusividade sobre a interpretação das Escrituras Sagradas e a prerrogativa de que apenas o papa poderia convocar um concílio. Com o ataque de Lutero a jurisdicais da Igreja, abre um precedente na história da Igreja, pois passa a defender as autoridades seculares. *Ibid.*, p. 296-297.

²⁵⁸ GONZÁLEZ, 2011, vol. 2, p. 44.

²⁵⁹ LUTERO, *Se também militares ocupam função bem-aventurada*, vol. 6 p. 366.

esquerda, devem coexistir numa natureza separada, mas ao mesmo tempo cúmplice, com um reforçando um outro, numa tensão constante.²⁶⁰

Sob este ponto de vista, o cristão vive numa posição ambígua, pois é cidadão dos dois reinos. Por isso, Lutero é contra a revolução ou resistência ativa a um soberano, mesmo que este seja um tirano.²⁶¹ Se está lá, é por vontade divina. Os pastores são apontados pela comunidade para que possam pregar, exercer a repreensão, exortação e catequese, ações baseadas no cânone bíblico, para que os cristãos sejam bons e honestos. O magistrado, apontado por Deus, deve exercer a espada para obrigar os recalcitrantes a serem bons e honestos. Todavia, o Estado não tem o direito de intrometer-se nos negócios da Igreja, pois, nela, Deus governa “em pessoa”.²⁶²

Esta concepção luterana de Igreja e Estado nada tem a ver com a separação moderna dos dois poderes. Na visão luterana, o pastor leva o seu rebanho a obedecer às autoridades seculares, enquanto o governo protege a Igreja da violência das massas. Devido à expectativa escatológica de Lutero, ele não acreditava que o Estado pudesse ser usado para melhorar a vida dos civis. O governo poderia apenas manter a velha ordem e conter a anarquia até que o Juízo Final viesse, permitindo que a Igreja fizesse seu trabalho em meio a uma sociedade degenerada. Por estas razões, Lutero não irá apoiar a Revolta dos Camponeses, já que, para ele, o sucesso da Reforma dependeria do poder secular. E é também por isso que podemos entender porque no luteranismo posterior a Igreja torna-se um departamento do Estado, tendo mitigado seu papel nas questões sociais. Devido a este pensamento, a Igreja Luterana no Brasil mantém uma postura apolítica.

²⁶⁰ “Sometimes Luther opposed to God’s kingdom not the kingdom of the world but Satan’s kingdom (Works 33.227). Unlike Augustine he closely integrates the devil’s work with the work of God. On Hebrews 2:14, Luther comments: “God pierced the adversary with that one’s weapon . . . and so completes his proper work with an alien work” (Works 29.135). While he protests that “God does not wish us like the Manichaeans to imagine two gods, one the source of good, the other of evil” (On Psalms 90:16, Works 13.135), Luther comes close to postulating a duality within God, with the devil as God’s dark side. Thus he holds that on occasion “God wears the mask [larva] of the devil” (On Galatians 5:11, Works 27.43)”. BROWN, 2005, vol. 8, p. 5150.

²⁶¹ LUTERO, *Se é permitido resistir ao Imperador*, vol. 6, p. 134-135.

²⁶² GEORGE, 1993, pp. 98-102. “A espada do Imperador nada tem a ver com a fé” LUTERO, *Da guerra contra os turcos*, vol. 6 p. 430.

3.1.2 Separados pelo evangelho: o pensamento anabatista

O primeiro grupo protestante a diferir desta visão de interação entre a Igreja e o Estado foram os anabatistas. Conhecida também como a Ala Esquerda da Reforma ou Reforma Radical, a designação incluiu todos os movimentos que contestavam a Reforma Magisterial.²⁶³ Diferente da Reforma Magisterial, a tradição anabatista era sinergista, devido ao fato de ter nascido em meio às camadas populares amplamente influenciadas pela espiritualidade da baixa Idade Média, como os Irmãos da Vida Comum. Para eles, o verdadeiro cristianismo não era uma fórmula jurídica, mas pessoal, experiencial e individual.²⁶⁴ O batismo só era ministrado após a experiência

²⁶³ Por Reforma Magisterial entende-se os movimentos que utilizaram o governo civil para implantar os princípios reformados. Classificam-se como Reforma Magisterial luteranos, reformados e calvinistas. O ponto comum destes vários movimentos é que eles estavam decepcionados com os aspectos morais do protestantismo e rejeitavam algumas de suas doutrinas e instituições. Podemos classificar o movimento anabatista em três troncos principais: o suíço, o alemão e o holandês. Todos rejeitavam o batismo infantil, embora o movimento suíço visse o batismo de adultos como sendo necessário para se fazer parte da congregação dos crentes, os alemães e os holandeses (até Menno Simons) encaravam o batismo como sempre uma preparação escatológica para o Juízo Final, sendo marcados por um forte milenarismo. Posteriormente, com a destruição dos anabatistas revolucionários, Menno Simons se tornará o líder do anabatismo holandês, imprimindo nele o caráter pacifista do anabatismo suíço e tornando a Igreja Menonita o referencial para se estudar a Reforma Radical. WEAVER, 2009, vol. 3, p. 252-255. Menno Simons abandonou o sacerdócio católico em 1536 para aderir ao movimento anabatista, após suas leituras da Bíblia que geraram dentro dele dúvidas sobre a transubstanciação e o batismo infantil. Todavia foi a tragédia de Münster (cidade onde os anabatistas estabeleceram uma teocracia, sendo esmagados em seguida por um exército de católicos e luteranos) que o fez decidir-se pelo movimento anabatista. Tendo perdido vários paroquianos para o movimento revolucionário, entre eles o próprio irmão, a destruição e os massacres causados pelas revoltas fizeram que se identificasse com os os anabatistas, concebendo-os como pessoas humildes a quem faltava uma liderança legítima. Após testemunhar a tortura de um anabatista, abandonou sua paróquia, foi rebatizado e ordenado em seguida ao ministério por Obbe Phillips, líder dos anabatistas holandeses não-münsteristas. Alguns anos depois, Phillips abandonou o movimento, que foi assumido por Simons. Ele se tornou um líder tão bem sucedido que os anabatistas começaram a ser chamados de menonitas. Ele batizou, abriu igrejas e ordenou pastores de Amsterdam até Dantzig. Embora tenha sofrido uma morte natural, Carlos V chegou a colocar sua cabeça a prêmio por cem florins de ouro. WENGER, 2009, vol. 2, p. 498-499. GEORGE, 1993, p. 254-263. É interessante notar que “a primeira Confissão nascida da Reforma... é talvez, paradoxalmente, o símbolo de uma seita, os anabatistas... A Confissão de Schleithem (1527) tenta disciplinar, após a crise, a experiência do anabatismo germânico e suíço”. CHAUNNU, 2002, p. 192.

²⁶⁴ “The Lutherans teach and believe, that we are saved by faith alone, without any regard to works. They maintain this doctrine as firmly as though works were not at all necessary; yea, that faith is of such a nature that no work can be suffered or allowed beside it. And, therefore, had the highly important, zealous, and earnest epistle of James (because he reproves such a frivolous, vain doctrine and faith), to be esteemed and considered as straw. O presumption! Is the doctrine straw, then must also the chosen apostle, the faithful servant and witness of Christ, who wrote and taught it, have been a man of straw; this is as clear as the meridian sun. For the doctrine shows the character of the man”. SIMONS, *The True Christian Faith*, s./d., vol. 1, p. 110. Novamente contra a concepção luterana de salvação, Menno diz: “They further say, How shamefully they have deceived us poor people, they have robbed us of the blood of the Lord, and directed us to their mummery and to their enchanting works. God be praised, we now know that all our works avail nothing, for the blood and death of Christ alone must blot out, and pay for our sins. They begin to sing a *psalm*: *Der Strick ist entzwei and wir sired frei, &c.*, i. e.

do novo nascimento, como um clímax da conversão.²⁶⁵ A fé era uma resposta positiva à Graça de Deus, que estaria incompleta sem o ato anterior do arrependimento.

Esta concepção de Salvação alterou a Eclesiologia anabatista. A Igreja verdadeira não é identificada com a sociedade cristã ou com a implantação de um Reino na terra, mas antes a verdadeira Igreja é uma comunidade intencional, formada por elementos regenerados que, voluntariamente, adotam uma vida de discipulado, que não usariam da espada ou da força para manter suas posições. Com isso, foi rejeitada tanto a ideia do *corpus christianum* (em que a Igreja e a sociedade formariam uma unidade orgânica) como a teoria dos dois reinos. Em sua visão de separação entre a Igreja e o Estado, os menonitas não negavam que os magistrados eram ordenados por Deus para manterem a lei e a ordem. Eles reconheciam os cargos públicos, os impostos e as leis. Eles se opunham ao abuso das posições e ofícios, que estariam em confronto com o texto bíblico. Neste sentido, a ética política anabatista ficará marcada por um confronto com a cultura. Eles se recusavam a prestar juramento, a se alistar, pegar em espada e guerrear porque está era a ética dos cristãos primitivos. Sob seu prisma, a Igreja funciona numa esfera diferente da do Estado. Quando ela é aliada do Estado, sendo usada ou usando dele, os cristãos acabariam dando a César o que seria de Deus.²⁶⁶

Devido a esta postura pacifista e a recusa de batizar bebês, que era a forma de se entrar na sociedade cristã da época, os anabatistas não apenas serão taxados de heréticos, mas também traidores. Milhares de anabatistas foram queimados vivos e afogados por católicos e protestantes em toda a Europa, tendo de por isso fugir para países que viessem a aceitar a sua presença, como a Holanda, a Rússia, a Inglaterra e a América.²⁶⁷ É na Inglaterra que eles iriam influenciar os puritanos, separatistas e

The cord is cut asunder and we are at liberty, while the smell of beer and wine issues from their drunken mouths and noses. Any one who can but read this *distich*, if he live ever so carnally, is a good evangelical man, and a fine brother". Ibid, s./d., vol. 1 p. 111.

²⁶⁵ "I say gospel fruit, for the strange fruit, such as infant baptism, masses, matins, vespers, caps, palms, crosses, chapels, altars, bells, &e., know not the gospel, for they are neither commanded of God, nor of Jesus Christ, his Son, nor by the apostles and prophets, herefore, are they abominations and not believing fruits, even as the golden calf was with Israel, the worship of Baal, the high places, altars and churches, and the crime of making their children pass through the fire". Ibid, s./d., vol. 1 p. 117. "Yea, my friends, if you were born of God in your baptism, and had received the Holy Ghost, as your comforters persuade and assure you, then it could not be otherwise than that the new, spiritual life and its fruits would also be manifest, as it was the case with the saints from the beginning, and is yet; for it is clear, that the regenerated do not presumptuously live in sin, but through faith, in true repentance, by baptism, are buried into the death of Christ, and also arise with him to a new life, and those who have the Spirit of the Lord, bring forth also the fruits of the Spirit." Ibid. *A Fundamental Doctrine*, s./d., vol. 1 p. 172.

²⁶⁶ GEORGE, 1993, p. 274-275, 301-303.

²⁶⁷ Ibid. p. 295-300.

independentes, que tentarão sem sucesso separar o Estado da Igreja no Reino Unido, emigrando por este e outros motivos vários para as Treze Colônias, contribuindo não somente com a concepção norte-americana de separação entre a Igreja e o Estado (via a Igreja Batista), como dando origem a uma das maiores denominações protestantes dos EUA e do Brasil, a Igreja Batista, que, através de dissidências e divisões, dará origem aos Adventistas do Sétimo Dia, a Congregação Cristã no Brasil e as Assembleias de Deus (que inicialmente enxergará da mesma forma a relação do cristão com a política).

3.1.3 A consciência moral do Estado: a visão reformada

Embora o que chamamos hoje de Calvinismo reúna basicamente as ideias desenvolvidas por Lutero e Zuínglio, o fato de Calvino tê-las sistematizado fez com que ficasse o seu toque pessoal no pensamento que hoje é conhecido como seu. Seguindo e ampliando a Zuínglio no que se refere ao relacionamento entre o Estado e a Igreja, Calvino desenvolve uma teoria levemente diferente.

Para Calvino,²⁶⁸ a visão de Deus como Legislador e Rei faz com que sua Lei não se limite apenas à congregação, mas estenda-se também além da igreja.²⁶⁹ Cada dom que possuímos seria desfigurado pela iniquidade humana, e somente uma relação correta com Deus poderia nos levar a desfrutar as bênçãos deste mundo.²⁷⁰ Longe de defender um afastamento do mundo, como os anabatistas, Calvino incita os

²⁶⁸ João Calvino (1509-1564) nasceu em Noyon, França, filho de um tabelião que servia ao bispo da cidade, Calvino teve os seus estudos financiados por uma conezia na catedral. Embora tenha começado os seus estudos superiores em Teologia, visando o sacerdócio, seu pai, devido a uma rusga com as autoridades eclesiásticas de Noyon, o transferiu para o curso de Direito. Aluno de humanistas, durante seus estudos tornou-se protestante, sem o arroubo místico, a incerteza dogmática ou angustia que parece caracterizar os reformadores de seu tempo. Com a morte do pai, volta a Paris onde tinha iniciado os estudos, e devido ao seu envolvimento com o protestantismo, torna-se um imigrante para salvar a vida. Passa pela Itália, Basiléia, Navarra, e, quando decidiu fixar residência em Strasbourg para dedicar-se aos estudos (já comporá o primeiro volume das Institutas), tem seu caminho desviado para Genebra devido a uma guerra entre Francisco I e Carlos V. Em Genebra é intimado por Guillaume Farel a ajudá-lo a implantar a Reforma, havia poucos meses aceita pelo conselho municipal. Após receber uma ameaça de maldição, Calvino resolve ajudar. Em menos de dois anos ambos são expulsos da cidade, devido a rigidez com que implantam a Reforma. Estabelece-se por três anos em Strasbourg, onde casa-se com a viúva de um anabatista. Chamado em 1541 de volta para Genebra, pelo conselho municipal, permanece ali durante o restante de sua vida como o líder da Igreja Reformada. Escreveu comentários, folhetos, panfletos e a sua obra prima, As institutas da religião cristã. Não é o reformador mais amado, mas seus ensinamentos teológicos, bem como suas opiniões políticas e sociais, têm exercido uma forte influência sobre o mundo ocidental. REID, 2009, vol. 1, p. 228-229. GEORGE, 1993, p. 167-185.

²⁶⁹ CALVINO, *Commentary on Timothy, Titus, and Philemon*, sobre 1Tm 3:2.

²⁷⁰ *Ibid.*, sobre 1Tm 4:5.

cristãos a se engajarem nele. Suas orações devem ser de caráter universal, assim como o sentimento de solidariedade.

Para ele, uma legislatura santa manifestará a Lei de Deus, que terá como marcas a tranquilidade, a modéstia e a piedade. Manter a ordem cívica, sem esbanjar o dinheiro público, e manter a uniformidade religiosa, conjuntamente com a congregação, este é o dever do magistrado.²⁷¹ Um pastor pode excomungar um herege obstinado, mas as medidas mais rigorosas competem ao governo. Mesmo que o governo seja perseguidor ou ímpio, o cristão deve obediência a ele.²⁷² Embora os huguenotes tenham pedido apoio para a sua rebelião contra uma dinastia que os perseguia, o único conselho que ele dava era que se perseverasse na oração. Em nenhum dos seus escritos ele aconselha a resistência ou o tiranicídio,²⁷³ embora seus seguidores venham a executar o soberano dos ingleses durante a Revolução Gloriosa. Ele partilha do mesmo conceito Zuingliano de que o pastorado deve ser a voz “profética” da sociedade e de que os conselhos devem possuir tanto leigos como pastores. O que se destaca na tradição repassada por ele e Zuínglio é a santidade do secular. Embora a Criação tenha decaído, marca do pecado do homem, para Calvino, ainda assim, o mundo é o teatro da glória de Deus. Um magistrado piedoso é o vice

²⁷¹ “Mas o objetivo do governo temporal é manter e conservar o culto divino externo, a doutrina e religião em sua pureza, o estado da Igreja em sua integridade, levar-nos a viver com toda justiça, segundo o exige a convivência dos homens durante todo o tempo que vivermos entre eles, instruir-nos numa justiça social, fomentar a harmonia mútua, manter e conservar a paz e tranqüilidade comuns, coisas essas que reconheço serem supérfluas, se o reino de Deus, como ora se acha entre nós, extingue a presente vida”. CALVINO, *As institutas da religião cristã*, 2003, vol. 4 cap. 20 sec. 2.

²⁷² “Se estamos bem convencidos desta sentença e a temos bem fixa em nossos corações, a saber, que pela mesma disposição de Deus pela qual é estabelecida a autoridade dos reis também os reis iníquos ocupam sua autoridade, jamais nos virá à imaginação esses loucos e sediciosos pensamentos de que um rei deve ser tratado como se merece, e que não é razoável que tenhamos de viver submissos a quem por sua vez não governa como rei em referência a nós”. *Ibid*, 2003, vol. 4, cap. 20, sec. 27.

²⁷³ “Por isso, se formos cruelmente atormentados por um príncipe feroz; se formos vorazmente esbulhados por um príncipe avarento ou voluptuoso; se formos negligenciados por um príncipe mau e ignorante; finalmente, se formos oprimidos por um príncipe ímpio e sacrílego por causa da piedade, que primeiro venha à mente a lembrança de nossos delitos, os quais por tais flagelos do Senhor são não dubiamente castigados. Daí a humildade deve frear-nos a impaciência. Em seguida, que nos venha também esta cogitação: que não nos cabe sanar a males desta natureza; apenas nos foi deixada esta lei: que imploremos a ajuda do Senhor, em cuja mão estão os corações dos reis e as inclinações dos reinos”. *Ibid.*, 2003, vol. 4, cap. 20, sec. 29. Segundo Skinner, a condenação de Calvino à resistência “não é absolutamente inflexível”. Skinner diz que Calvino é o mestre da ambiguidade, e que, embora ele condene a resistência às autoridades constituídas, ele abre algumas sutis exceções. A obediência a autoridade secular não deve afastar o fiel de sua obediência a Deus. Em algumas situações, “Deus levanta vingadores visíveis em meio a seus servos”. Porém, segundo o próprio Skinner afirma, a “postura política de Calvino permaneceu firmemente atrelada à doutrina da absoluta não resistência”. SKINNER, 1996, p. 468-469.

regente de Deus na terra, que deverá buscar conquistar o mundo, transformá-lo e reformá-lo com base nas Escrituras.²⁷⁴

Talvez a maior contribuição política e eclesial dada por Calvino, de uma forma indireta, tenha sido a forma mais participativa de gestão eclesial. A união da Reforma na Suíça levou a fundação da Igreja Reformada, que foi a forma estabelecida da fé protestante na Holanda e entre a minoria protestante na Hungria, a formadora da Igreja Presbiteriana na Escócia e no Novo Mundo, e a fonte espiritual dos puritanos ingleses. Sua ênfase no alto governo da Igreja através de um presbitério de leigos que dirigia a congregação junto com o pastor, escolhido pelo presbitério, que era escolhido pela igreja, formou um modelo governo representativo, que podia funcionar tanto numa estrutura de governo eclesiástico congregacional como num governo episcopal. Com exceção do Luteranismo e do Anglicanismo, todas as demais denominações protestantes utilizaram esta forma de governo. Logo, os membros da igreja que escolhiam os seus líderes eclesiásticos queriam escolher os seus líderes seculares. Quer seja em forma parlamentares como a Inglaterra e a Holanda, ou em repúblicas fundadas por reformados, como os Estados Unidos, a democracia representativa burguesa se consolidou mais rapidamente do que em países de tradição luterana ou católica.

A ênfase na predestinação, na santificação, na vida regrada e na parceria entre Igreja e Estado desenvolveu uma forma política distinta de luteranos e anabatistas. A medida que o calvinismo desenvolvia-se, prosperavam as condições para o estabelecimento futuro do modo de produção capitalista. Concomitantemente, neste ambiente reformado, em termos políticos, construiu-se uma ideologia que, ao mesmo tempo que incentivava a participação política, é marcada por um conservadorismo, um puritanismo de costumes e práticas. Esta ética protestante será absolvida pelas igrejas de tradição reformada, como a presbiteriana, e, de uma certa forma, pelos batistas e congregacionais. Com o fundamentalismo de base Calvinista, esta orientação política chegará aos pentecostais e principalmente os neopentecostais, que, com sua teologia da prosperidade, carregarão consigo a admiração pelo capitalismo e pelo conservadorismo político. Mas antes de entrarmos nisto, que é fundamental para nosso estudo, temos que falar sobre como começou o

²⁷⁴ GEORGE, 1993, p. 242-244.

protestantismo no Brasil e a formação da alma evangélica brasileira, que será filha da Reforma, mas com um caráter bastante diferente.

3.1.4 O Fundamentalismo

Pode não parecer claro ao leitor como estas teorias sobre governo e estado afetam a mentalidade evangélica brasileira. É obvio que a maioria gritante do pastorado brasileiro não tem acesso, ou quando tem, não lê a obra dos reformadores.²⁷⁵ Contudo, a influência deles no pensamento protestante não se deve à leitura de suas obras, mas a dois fatores: em primeiro lugar, embora não lidos pela maioria do público evangélico, eles iniciam uma corrente de pensamento que se origina neles e mantém-se no meio protestante. Pouquíssimos evangélicos leram Lutero, mas é inegável sua continuidade dentro da tradição iniciada pelo mesmo quando pensamos em justificação pela fé e polêmica anticatólica. Mesmo sem ler Calvino, a eclesiologia e ascese intramundana de parte significativa do protestantismo nacional são herdeiras do mesmo. E, se muitos fiéis, desconhecem Menno Simons, eles se recusam a batizar seus filhos e são defensores fervorosos da liberdade religiosa (pelo menos para si).

Em segundo lugar, o pensamento reformado chega aos evangélicos hoje via a produção de teólogos e autores norte-americanos, que mais familiarizados com as tradições reformadas, retransmitem as mesmas para o público brasileiro. É notória a dependência da literatura norte-americana em quase todas as denominações protestantes no Brasil. Basta observar qualquer biblioteca de seminário, pastoral, ou mesmo a quantidade reduzida de livros que um leitor evangélico possua para se notar a quantidade desproporcional de autores norte-americanos. São leitura obrigatória nos seminários e a maior parte do material publicado pelas editoras evangélicas brasileiras até 2002, ano limite dessa pesquisa, provém dos EUA. E o pensamento dos reformadores, em especial Calvino entre 1980-2002, chega ao Brasil através da tradução de autores fundamentalistas norte-americanos, que, na década de 1980,

²⁷⁵ Embora parte significativa dos escritos de Lutero e Calvino estejam traduzidos para o português, hoje, sua influência não extrapola os limites presbiterianos e luteranos. Situação mais delicada é a dos escritos de Menno Simons, autor desconhecido do público evangélico brasileiro e com apenas duas obras disponíveis em português, limitadas a um público restrito.

fazem uma releitura de Calvino, que dará origem à determinada Direita Cristã norte-americana e à Teologia do Domínio, faceta política da Teologia da Prosperidade.

O fundamentalismo é um movimento interdenominacional dentro do protestantismo. Ele surge a partir do século XIX dentro das igrejas presbiterianas e batistas nos EUA. Ele é uma reação à Teologia Liberal, chamada também de “Alta Crítica” ou “Teologia Alemã” nos meios evangélicos. Utilizando o método crítico-histórico para interpretar a Bíblia, os teólogos liberais demitologizaram as histórias sacras, contestando como consequência disto doutrinas como a Trindade, o nascimento virginal de Cristo, a ressurreição, a expiação e a *Parousia*. Esta contestação a doutrinas basilares da fé cristã levou a reação dos teólogos evangélicos conservadores nos Estados Unidos, dando origem ao movimento fundamentalista.²⁷⁶ Esta reação ao pensamento científico moderno, ainda permanece forte nos círculos fundamentalistas do protestantismo brasileiro.

Os fundamentalistas, em oposição aos liberais, defendem a inerrância e a inspiração verbal das Escrituras, levando a utilização do método gramático-histórico, que interpreta de forma literal o texto sagrado. Isto leva os seguidores do fundamentalismo a serem conservadores em questões morais e políticas, fazendo com seus seguidores e líderes se vejam como guardiões da moral e da assim chamada civilização cristã.²⁷⁷ Buscando deter o avanço liberal, eles se empenham em criar vários institutos bíblicos que defendam as ideias do movimento, cujo centro teológico principal estava no Seminário de Princeton, dirigido por calvinistas. Entre 1910 e 1915, eles lançam uma série de doze folhetos intitulado *The Fundamentals*, que estabelece a base doutrinária do fundamentalismo. Eles foram enviados gratuitamente a milhares de pastores, seminaristas, líderes eclesiásticos, professores de escolas dominicais e líderes da ACM.²⁷⁸ Cerca de três milhões de exemplares de cada folheto foram distribuídos.²⁷⁹ A partir de 1920, os fundamentalistas se empenham em influenciar a vida política norte-americana, sendo responsáveis pela Lei Seca e pela proibição do ensino do darwinismo em escolas públicas nos EUA. Em 1925, o famoso “caso Scopes”, marcou o declínio político do movimento, que passou a ser visto como obscurantista pela maior parte da sociedade americana. As brigas intra-

²⁷⁶ CARVALHO, 2013, p. 45.

²⁷⁷ Ibid.

²⁷⁸ OLSON, 2001, p. 576.

²⁷⁹ ARMSTRONG, 2009, p. 237.

denominacionais também contribuíram para o refluxo do movimento. Embora os Batistas do Sul, Discípulos de Cristo, Mórmons, Adventistas do Sétimo Dia, Pentecostais e o Exército da Salvação tenham se posicionado a favor de vários pontos do fundamentalismo, evitando uma divisão, os presbiterianos, episcopais, metodistas e batistas tiveram divisões denominacionais devido à resistência de parte da liderança em assumir todos os pontos defendidos.²⁸⁰ Atualmente, somente algumas poucas igrejas, de influência reduzida no mundo protestante estadunidense, se rotulam como fundamentalistas, o principal efeito deste movimento foi barrar a expansão do liberalismo e expandir o conservadorismo na maioria das denominações americanas, que o rotulam de “ortodoxia”, e acabaram adotando várias agendas fundamentalistas, como o Criacionismo e o pré-milenismo.

Mas qual a diferença entre conservadorismo evangélico e fundamentalismo? É uma linha muito tênue que separa este movimento complexo das consequências do mesmo nas denominações protestantes. Porém, a principal característica do fundamentalismo, que levou à rejeição de sua adoção integral pelas maiores denominações, é o separatismo bíblico, que é a crença de que “os cristãos genuínos deviam ter o mínimo contato possível com os ‘falsos cristãos’ e suas organizações”.²⁸¹ Contudo, a realidade do sobrenatural e dos milagres, o pré-milenismo, nascimento virginal, ressurreição, expiação vicária de Cristo²⁸² e o criacionismo são bandeiras defendidas pelos fundamentalistas, pelas denominações conservadoras norte-americanas e pela maioria maciça dos protestantes brasileiros.

E não foi apenas a crença teológica fundamentalista que foi adotada pelos protestantes brasileiros. Sua cosmovisão também. Pois o fundamentalismo continua sendo um grupo poderoso dentro da sociedade norte-americana, já que o movimento abarca “todos os cristãos protestantes que procuram defender as doutrinas e opiniões tradicionais do protestantismo ortodoxo contra o modernismo em todas as suas formas”.²⁸³ O postulado da interpretação literal da Bíblia é aceito por milhares de

²⁸⁰ CARVALHO, 2013, p. 61. OLSON, 2001, p. 579.

²⁸¹ OLSON, 2001, p. 582.

²⁸² Significa que a morte de Cristo foi substitutiva. Segundo a teologia fundamentalista, a morte de Cristo “salva os homens de seus pecados. Cristo tomou o lugar deles e sofreu a morte deles (Mc 10.45; 2 Co 5.21), a culminação de um ministério em que Ele, coerentemente, Se fez um com os pecadores. Cristo pagou a devida penalidade do pecado (Rm 3.25-26; 6.23; Gl 3.13). Ele nos redimiu (1 Co 6.20; Gl 5.1). Ele fez uma Nova Aliança (Hb 9.15). Ele obteve a vitória (1 Co 15.55-57). Ele levou a efeito a propiciação que desvia a ira de Deus (Rm 3.25), fez a reconciliação que transforma inimigos em amigos (Ef 2.16)”. MORRIS, 2009, vol. 2, p. 137.

²⁸³ OLSON, 2001, p. 583.

pastores e congregações norte-americanas. No Brasil, com exceção dos luteranos e alguns metodistas, presbiterianos e anglicanos, todas as outras denominações utilizam o método gramático-histórico, que crê na interpretação literal do Cânon. Além disso, a maioria das publicações teológicas no Brasil são de autores conservadores e fundamentalistas.

Devido às diferenças históricas e sociais entre os protestantes do Brasil e dos Estados Unidos, os efeitos aqui foram diferentes. Devido à seleção realizada do material norte-americano a ser publicado em português, as tensões entre fundamentalistas e liberais foram bem menos acentuadas, até porque as obras de teólogos liberais só começam a chegar em português por volta da década de 1970, devido a tradução de teólogos protestantes liberais por católicos progressistas. Contudo, devido ao anticatolicismo ainda muito forte entre os evangélicos, apenas luteranos e metodistas tiveram acesso a autores com Rodolf Bultmann, por exemplo. A teologia liberal só entra no círculo de leitura nos seminários quando os primeiros seminários teológicos buscam reconhecimento do MEC para o curso de Teologia, na década de 1990, porém, através do controle dos professores, em sua maioria contrários ao método crítico-histórico. Se pensarmos que apenas uma minoria dos cursos teológicos tinha reconhecimento do MEC em 2002, não é surpresa esta ausência do embate no protestantismo brasileiro.

Se entre os protestantes históricos o movimento conservador estimula a busca dos textos dos reformadores e teólogos conservadores, entre os pentecostais o efeito é diferente. Devido a sua história recente e a escassez de produção teológica dos fundadores do pentecostalismo, o movimento não testemunha um renascimento das obras dos fundadores. O que testemunhamos é apropriação dos pentecostais, passado seu período formativo, da ortodoxia protestante fundamentalista, que acabará culminando na produção, sob o neopentecostalismo, de uma teologia própria.

Inicialmente, pentecostais e fundamentalista possuíam muitas divergências. O fundamentalismo defendia a racionalidade da fé cristã, buscando explicar as doutrinas basilares da fé de uma forma que não contrariasse a lógica racional, devido sua luta no campo acadêmico com o liberalismo. As doutrinas cristãs eram acima de tudo, fatos. Segundo Carvalho, “o fundamentalismo foi uma reação e ao mesmo tempo uma apropriação da modernidade”.²⁸⁴ Já os pentecostais não estavam preocupados

²⁸⁴ CARVALHO, 2013, p. 64.

com dogmas, pois, para eles, o Espírito Santo é o guia do crente. Karen Armstrong capta a essência destas divergências:

Enquanto os fundamentalistas desenvolviam sua fé moderna, os pentecostais elaboravam uma visão "pós-moderna" que correspondia a uma rejeição popular da modernidade racional do Iluminismo. Enquanto os fundamentalistas retomavam ao que consideravam a base doutrinal do cristianismo, os pentecostais, que não se interessavam por dogmas remontavam a um nível ainda mais fundamental: a essência da religiosidade primitiva que ultrapassa as formulações de um credo. Enquanto os fundamentalistas acreditavam na palavra das Escrituras, os pentecostais desdenhavam a linguagem que, como os místicos sempre enfatizaram, não podia expressar adequadamente a Realidade existente além dos conceitos e da razão. Seu discurso religioso não era o *logos* dos fundamentalistas, mas extrapolava as palavras. Os pentecostais falavam em "línguas", convencidos de que o Espírito Santo descera sobre eles da mesma forma que descera sobre os apóstolos de Jesus na festa judaica de Pentecostes.²⁸⁵

Claro que esta ênfase na experiência não passaria despercebida dos teólogos fundamentalistas. Ao vincular a compreensão da verdade divina com o testemunho interno do Espírito Santo, e não com a leitura meticulosa da Bíblia, os pentecostais basicamente diziam que a razão é insuficiente para conhecer a Deus. “D. W. Myland, um dos primeiros intérpretes do pentecostalismo, explicou em 1910. ‘Deus está tomando as coisas desprezadas, as coisas vis, e sendo glorificado nelas’. A ênfase na inclusão e no amor compassivo contrastava nitidamente com o exclusivismo fundamentalista”.²⁸⁶ Obviamente, os pentecostais foram atacados violentamente pelos fundamentalistas. Os membros das denominações históricas que se envolviam com o movimento eram expulsos de suas igrejas, não apenas nos Estados Unidos, mas também na América Latina, por exemplo.²⁸⁷ Warfield, teólogo presbiteriano, defendeu que a era dos milagres eram exclusivas do período apostólico, marcando o agir de Deus na história, tendo cessado logo após a morte do último apóstolo. Logo, os milagres e as línguas pentecostais seriam uma contrafação. Para Warfield, “os pentecostais estavam tão errados quanto os católicos, por acreditar que na atualidade Deus comumente subvertia as leis da natureza”.²⁸⁸ Era comum no início do pentecostalismo os fundamentalistas afirmarem que o mesmo era o “último vômito de Satã”.²⁸⁹ Contudo, os pentecostais adotaram a doutrina pré-milenarista e os discursos conservadores do fundamentalismo.²⁹⁰

²⁸⁵ ARMSTRONG, 2009, p. 248.

²⁸⁶ Ibid. p. 249-250.

²⁸⁷ BONINO, 2003, p. 56.

²⁸⁸ Ibid. p. 251.

²⁸⁹ Ibid.

²⁹⁰ CARVALHO, 2013, p. 67.

Não demorou muito para que o pentecostalismo aderisse ao fundamentalismo. Ambos nascem no mesmo contexto histórico e, embora antagônicos no início, a troca de relações entre ambos contribuiu para que o pentecostalismo se tornasse fundamentalista. O fato de crer que o Espírito Santo guie o crente não anula o fato de o pentecostalismo fazer uma leitura literal da Escritura, tal como os movimentos anabatistas da Reforma Radical. A ausência de um clero instruído e a ênfase na igualdade que o Espírito traz aos crentes facilitou uma abordagem literalista, mais propícia aos espíritos sem a formação teológica e acadêmica. A resistência a educação formal, encarada como perda de tempo, visto que vivem na expectativa escatológica do fim do mundo, é marcante no início do movimento pentecostal. Como o movimento pentecostal não tinha um corpo de doutrinas próprio, os pentecostais preenchendo este vazio adotando o conjunto de dogmas fundamentalista.²⁹¹ No processo do pentecostalismo tornar-se fundamentalista, destaca-se o dispensacionalismo e a *Bíblia de Referência de Scofield*, como já citados no capítulo anterior, que tem como efeito tornar o pentecostalismo apolítico e pessimista quanto ao futuro.

Claro que o autor desta pesquisa acadêmica não defende que a realidade norte-americana foi transplantada do Brasil e plantada aqui sem qualquer mudança. É óbvio que ocorrem sínteses entre a importação da crença com a sua implantação aqui. Contudo, é comprovado que, devido a dependência do protestantismo brasileiro com os dólares e a teologia norte-americana, as igrejas brasileiras acabam reverberando o que ocorre no Norte das Américas. Segundo Mendonça, as igrejas brasileiras, por serem minoritárias, buscam reforçar constantemente sua autoidentificação, acompanhando as ondas de conservadorismo norte-americanas.²⁹² A observação da literatura produzida (mais traduzida que produzida) aqui testemunha isso. A influência veio através da tradução de literatura norte-americana, que influencia tanto pentecostais como protestantes históricos no Brasil. Os luteranos, mais dependentes da Alemanha que dos EUA, permanecem amilenistas ou pós-milenistas. O capítulo anterior, sobre o anticomunismo, demonstra a dependência doutrinária das igrejas evangélicas brasileiras em relação aos EUA.

O estado apolítico do fundamentalismo brasileiro segue inalterado até a década de oitenta. Nos EUA, esta década testemunha o engajamento eleitoral dos

²⁹¹ ROCHA, 2012, p. 87.

²⁹² MENDONÇA; VELASQUEZ, 2002, p. 13.

fundamentalistas, aglutinados em torno da Maioria Moral (um movimento político de direita), onde ajudam a eleger o republicano Ronald Reagan e se organizam como grupo de interesse, tornando-se um importante ator no cenário eleitoral estadunidense.²⁹³ Teólogos calvinistas e políticos fundamentalistas defendem um Estado compromissado com a Lei de Deus, onde os cristãos, com as rédeas do governo, transformariam os EUA numa nação piedosa antes da volta de Jesus, desenvolvendo uma teoria política chamada de Teologia do Domínio.²⁹⁴ Esta última, junto com as teologias americanas da Prosperidade e da Batalha Espiritual²⁹⁵ mudaram o comportamento eleitoral da maior e mais influente denominação neopentecostal do Brasil, a Igreja Universal do Reino de Deus.

3.1.5 Teologia da Prosperidade e Realinhamento Teológico

Como já exposto no primeiro capítulo, o pentecostalismo brasileiro recebe ondas de influência doutrinária dos EUA que tem o poder de modificar a práxis teológica das igrejas existentes, e o potencial de fazer surgir novas igrejas que rompem na prática e no discurso com as denominações e a teologia pentecostal existente. Segundo a classificação de sociólogos da religião, três ondas atingem e modificam a face do pentecostalismo brasileiro. A primeira onda, iniciada em 1910-1911, é chamada de pentecostalismo clássico, onde a ênfase é o batismo do Espírito Santo e o falar em outras línguas. A segunda onda, chamada de deuteropentecostalismo, é marcada por curas e milagres e cruzadas evangelísticas.

²⁹³ ARMSTRONG, 2009, p. 414-423

²⁹⁴ Ibid. p. 478-481.

²⁹⁵ De acordo com Mariano, foi Peter Wagner quem trouxe a novidade para o Brasil. Em 1990 foi criada a *Rede Internacional de Guerra Espiritual* em Pasadena, na Califórnia, e logo em seguida foi estabelecida uma sede em território brasileiro. “O terceiro encontro, realizado em 1994 na sede da Renascer em Cristo, contou com a presença de Peter Wagner, fundador da Rede nos Estados Unidos, e de Cindy Jacobs, texana diretora do Ministério Gerais de Intercessão”. MARIANO, 1999, p. 137. Neste movimento a ênfase maior é na luta da Igreja de Cristo contra Satanás e seus demônios, conflito este de natureza espiritual, quanto aos métodos, armas, estratégias e objetivos. Neste movimento é colocada uma ênfase muito grande em saber o nome do demônio que traz a doença, o vício ou a desgraça para que ele seja repreendido. Segunda a teoria da Batalha Espiritual, existem espíritos territoriais responsáveis por fracassar determinadas áreas geográficas através de falsas religiões, crises financeiras, políticas corruptas e crimes. Portanto, desde a corrupção até uma simples gripe, em todos os vícios, infortúnios e pecados, existe um demônio responsável por propagar estes males. Esse movimento é caracterizado por uma leitura das Escrituras e da realidade sempre em termos da ação sobrenatural de Deus. Sendo assim, Deus guia o fiel na vida diária através de impulsos, sonhos, visões, palavras proféticas, enquanto que rituais de libertações, livramentos, exorcismos e curas são os meios pelo qual ele reprime as obras de Satanás. Neste movimento é colocada uma ênfase muito grande em saber o nome do demônio que traz a doença, o vício ou a desgraça para que ele seja repreendido.

A terceira onda, o neopentecostalismo, enfatiza a teologia da prosperidade e a batalha espiritual. O objetivo desta seção é verificar como a terceira onda, o neopentecostalismo, modifica o alinhamento eleitoral.

O pentecostalismo norte-americano foi marcado desde o início por tendências restauracionistas.²⁹⁶ Boa parte dos primeiros pentecostais provinham dos Movimentos de Santidade, de tradição metodista, que criam que erros haviam ocorrido na história da Igreja, de forma que o puro ensino dos apóstolos havia sido corrompido gradativamente pela introdução de crenças pagãs.²⁹⁷ Esta crença, particular ao protestantismo, inspirou a Reforma no século XVI. A diferença é que, durante o século XIX, boa parte dos protestantes estadunidenses achavam que a Reforma tinha sido incompleta, já que muito do catolicismo e do paganismo podia se verificar nas denominações já estabelecidas. Os restauracionistas criam que os padrões da Igreja Neotestamentária começaram a ser restaurados com a Reforma, contudo esta restauração se daria em ondas sucessivas até a atualidade, preparando o mundo para o retorno de Cristo.²⁹⁸ Como consequência, o século XIX vê o nascimento de várias denominações e seitas nos EUA, de natureza restauracionistas, como os mórmons, discípulos de Cristo, adventistas do sétimo de Dia, Igrejas de Deus, Testemunhas de Jeová, Ciência Cristã, e por fim, os pentecostais, já no início do século XX. Charles Parham, William Seymour e outros líderes criam firmemente nisto.²⁹⁹

Dentro deste ideal de restauração do cristianismo primitivo, aliada a uma interpretação literal da Bíblia, ao sistema dispensacionalista (que diferente da Teologia Reformada, gera um filo-semitismo), na década de 1940, nasce um movimento chamado *Positive Confession*, que somente se tornara um movimento doutrinário no decorrer dos anos 1970, quando encontra guarida dentro das igrejas que estavam passando pelo processo do carismatismo, a terceira onda do pentecostalismo nos EUA. Trazido ao Brasil pelo missionário norte-americano Walter R. McAlister, ele

²⁹⁶ O movimento Restauracionista inclui um conjunto de denominações protestantes americanas que surgiram no início do século 19, muitas vezes em rebelião contra as regras e regulamentos das muitas denominações existentes, tendo como objetivo "restaurar" a fé e a prática do Igreja Neotestamentária. Seus principais expositores foram os presbiterianos Barton Stone (1772-1884), Thomas Campbell (1763-1854), e seu filho Alexander Campbell (1788-1866). O Movimento Restauracionista esperava unificar as diferentes denominações que compõem o mundo protestante. Para esse fim, eles optaram por se chamarem apenas de "cristãos". Eles vieram a assemelhar-se aos batistas de muitas maneiras, batizando somente por imersão, e vendo a Ceia do Senhor (Eucaristia) como um memorial, sendo a Ceia parte de seu culto dominical normal. MELTON, 2005, p. 463-464.

²⁹⁷ ARAUJO, 2007, p. 598.

²⁹⁸ Ibid.

²⁹⁹ Ibid. p. 599-609.

torna-se popularmente conhecido como Confissão Positiva, ou Teologia da Prosperidade.³⁰⁰

O movimento foi difundido pelo pr. Kenneth Hagin (1917-2003). Evangelista batista, torna-se pentecostal em 1937, entrando na AD americana, onde fica até 1949, quando se torna evangelista itinerante sem vínculos denominacionais.³⁰¹ Crente na cura divina, alegou ter tido oito visões de Jesus durante sua vida, que lhe orientam no ministério, dando-lhe o dom de curar os doentes, o que reforçou sua influência como autoridade espiritual. Rádio-evangelista de sucesso, seus programas eram retransmitidos por mais de 300 transmissoras nos EUA. Vendeu 53 milhões de cópias de seus 125 livros. Fundou o *Rhema Bible Training Center*, em 1974, para difundir sua doutrina, que é a base teológica do movimento neopentecostal no Brasil.³⁰²

Hagin inspirou-se em Essek W. Kenyon³⁰³ (1867-1948), chegando a plagiar seus escritos. Kenyon, pregador pentecostal sem vínculo denominacional, pregava que o crente pode alterar a realidade por meio da palavra da fé liberada. Contudo, Kenyon aplicava isto somente para a cura das doenças. Hagin une esta ideia à noção de “Vida Abundante”, do televangelista Oral Roberts, que passando por problemas financeiros para manter seu programa no ar, prometeu retorno financeiro sete vezes maior do que o valor ofertado pelos fiéis. Hagin tem o mérito de unir as duas teorias para criar a Teologia da Prosperidade. Segundo esta teologia, os “cristãos detêm o poder – prometido nas Escrituras e adquirido pelo sacrifício vicário de Jesus – de trazer à existência, para o bem e para o mal, o que declaram, decretam, confessam ou determinam com a boca em voz alta”.³⁰⁴ Porém, isto não envolve uma posição de pedinte ou súplica, que são atitudes reprováveis para os adeptos da Teologia da Prosperidade. Eles devem decretar, determinar, exigir e reivindicar em nome de Jesus, já que Deus prometeu conceder tudo o que for pedido por este nome.³⁰⁵

A Teologia da Prosperidade surge num ambiente fundamentalista num momento em que ele está voltando à iniciativa no cenário norte-americano. Porém, durante a década de 1960-1970, o seu *ethos* havia mudado. O Sul dos Estados

³⁰⁰ MARIANO, 1999, p. 151, 51-53.

³⁰¹ Ibid. p. 151.

³⁰² ARAUJO, 2007, p. 341.

³⁰³ Kenyon foi influenciado pela obra de Phineas Kimby (1802-1866), que criou a filosofia do “Novo Pensamento”. Kimby acreditava que a realidade podia ser alterada através da força do pensamento. Seus ensinamentos são adotados por Mary B. Eddy, que funda a Ciência Cristã, que prega que a doença e o pecado são “ilusões” da mente.

³⁰⁴ MARIANO, 1999, p. 152-153.

³⁰⁵ Ibid. p. 154.

Unidos, mais conhecido como “Cinturão Bíblico”, havia mudado. A partir da década de 1960, o Sul se modernizara, a população estava ganhando mais e tendo acesso aos confortos trazidos pela urbanização e modernização, e a condição social dos evangélicos fundamentalistas pentecostais não mais se parecia com a condição social de seus primeiros membros, negros, imigrantes e pobres.³⁰⁶ Eles não eram mais o “último vomito de Satã”. Tinham conseguido respeitabilidade no meio evangélico, e as denominações tradicionais estavam passando por uma onda carismática. Com acesso a milhões de lares americanos pela televisão e rádio, iniciando impérios midiáticos, não apenas precisavam de recursos para manter seus projetos expansionistas, mas a contracultura fundamentalista, baseada na ascese intramundana, árida, e pré-moderna, não combinava com as mudanças do mundo moderno.

Ao encerrar-se a década de 1970, [os fundamentalistas] destacavam-se mais no cenário americano e mostravam-se mais seguros. Esse foi o terceiro fator de sua mobilização no início dos anos de 1980. Já não eram os caipiras pobres que fugiram correndo do Caso Scopes. A riqueza que viabilizara a sociedade permissiva também os favorecera. Graças à proeminência do Sul e à ascensão do fundamentalismo, muitos achavam possível desafiar o *establishment*. Sabiam que as denominações liberais minguaram na década de 1960 e que as igrejas evangélicas cresceram em média oito por cento a cada cinco anos. Os televangelistas também se tornaram mais competentes no marketing do cristianismo. Pareciam fazer do Deus banido de grande parte da esfera pública uma presença poderosa e tangível. Ao assistir às aparentes curas de doentes e inválidos operadas pelo pregador pentecostal Oral Roberts, os fundamentalistas viam o poder divino em ação. Ao ouvir o televangelista Jimmy Swaggart, que se vangloriava de salvar 1 00 mil almas por semana, proferir virulentos ataques contra os católicos, os homossexuais e a Suprema Corte, sentiam que alguém estava expressando suas opiniões. Ao saber das poludas doações que Pat Robertson ou os Bakker recebiam semanalmente em seus programas, convenciam-se de que Deus era a solução para os problemas da economia. Os cristãos deviam dar para receber, diziam. No Reino de Deus "não existe recessão, nem escassez", garantia Robertson. Era uma verdade que parecia corroborada pelo imenso sucesso dos dez grandes impérios televisivos cristãos, que arrecadavam mais de 1 bilhão de dólares por ano, empregavam mais de mil pessoas e se revelaram um negócio altamente profissional.³⁰⁷

Armstrong, argumenta que em épocas de transição às vezes ocorrem rebeliões antinomianas.³⁰⁸ Segundo ela:

³⁰⁶ ARMSTRONG, 2009, p. 359-361.

³⁰⁷ ARMSTRONG, 2009, p. 370.

³⁰⁸ “A palavra provém do grego *anti* ("contra") e *nomos* ("lei"), e refere-se à doutrina de que não é necessário aos cristãos pregarem e/ou obedecerem à lei moral do AT... As duas controvérsias antinomistas mais famosas na história cristã ocorreram nos séculos XVI e XVII, e envolveram Martinho Lutero e Anne Hutchinson, respectivamente. Na realidade, foi o próprio Lutero quem cunhou a palavra "antinomismo" na sua contenda teológica com seu ex-aluno, João Agrícola. No início da Reforma, Lutero tinha ensinado que, depois dos tempos do NT, a lei moral tinha apenas o valor negativo de preparar os pecadores para a graça, ao torná-los conscientes do seu pecado. Agrícola negava até mesmo esta função da lei, pois acreditava que a pregação do evangelho da salvação pela graça, mediante a fé em Cristo seria a única maneira de levar alguém para o arrependimento. Esta primeira

As regras e o estilo de vida do passado já não se aplicam às novas circunstâncias de alguns fiéis, que se sentem cerceados e buscam algo novo. Encontram alívio na derrubada de antigos tabus e alguns chegam ao extremo de elaborar uma teologia do "pecado santo".³⁰⁹

A tradição pentecostal, derivada do metodismo inglês e do pietismo alemão, demonstrava-se obsoleta para aqueles crentes com dinheiro, sucesso e prestígio. O rompimento do neopentecostalismo com o legalismo pentecostal, tanto nos EUA quanto no Brasil, revela a acomodação “à sociedade inclusiva, à cultura e à religiosidade popular”. Este processo de “mundanização” se adequa melhor à tradição calvinista, com sua ideia de “sacralização” do mundo, do que com o pietismo, que foi uma reação a “sacralização” luterana. Os carismáticos americanos, em seu comportamento social, começam a se identificar mais com seus vizinhos reformados, de classe média, participantes das benesses do mundo moderno, dentro do espírito capitalista, do que com seus congêneres pentecostais clássicos, negros e apegados à tradição dos movimentos *Holiness*, de origem pietista.

Esta interação norte-americana de Teologia da Prosperidade com a tradição reformada é marcada também dentro do contexto de busca do poder político pelos fundamentalistas norte-americanos. Afinal, do que adianta riqueza e sucesso sem o poder. Exclusão que, de certo modo, pode ser comparável à exclusão da cidadania plena, como ocorre com os estrangeiros. Este sentir-se estrangeiro, tão comum tanto no discurso quanto na hinódia protestante,³¹⁰ cede lugar não ao sentir-se parte da

controvérsia teológica de grande alcance na história protestante durou intermitentemente de 1537 a 1540. Durante este período, Lutero começou a ressaltar o papel da lei na vida cristã e a pregar que era necessário disciplinar os cristãos. Além disso, escreveu um tratado teológico importante para refutar o antinomismo de uma vez por todas: *Contra os Antinomistas* (1539). O assunto foi finalmente solucionado para o luteranismo pela Fórmula de Concórdia em 1577, que reconhecia um uso tríplice da lei: (1) revelar o pecado, (2) estabelecer a decência geral na sociedade e (3) fornecer uma regra de vida para aqueles que foram regenerados pela fé em Cristo. Houve vários surtos de antinomismo no movimento puritano na Inglaterra do século XVII. Mesmo assim, a maior controvérsia sobre este ensinamento entre os puritanos surgiu na Nova Inglaterra na década de 1630, em ligação com uma mulher de fala franca, chamada Anne Marbury Hutchinson, que emigrou para a Colônia da Baía de Massachusetts, em 1634. Naquele período, os puritanos da Nova Inglaterra estavam procurando esclarecer o lugar da "preparação para a conversão" na teologia das alianças (ou teologia federal). Tinham chegado à conclusão de que a salvação consistia no cumprimento da aliança de Deus com a humanidade, inclusive a preparação para a justificação e um esforço consciente em direção à santificação. Para alguns, inclusive Hutchinson, isto parecia ser uma ênfase demasiada à observância da lei, e ela a condenou como uma "aliança de obras". Ela, pelo contrário, ressaltava a "aliança da graça", que, segundo dizia, ficava à parte das obras da lei. Começou a realizar reuniões informais em sua casa, a fim de expor os seus pontos de vista e de denunciar as opiniões dos pregadores em Massachusetts. Num sínodo de igrejas congregacionais em 1637, Hutchinson foi condenada como antinomista, fanática e herege, e banida para Rhode Island. LINDER, 2009, p. 84-86.

³⁰⁹ ARMSTRONG, 2009, p. 475.

³¹⁰ “O protestante comum vive no provisório. Sua ética de negação do mundo o conduz a constante expectativa do porvir, do mundo a-histórico do além, muito melhor do que o presente. Se essa expectativa o leva a cantar, como veremos, as glórias e os prazeres de sua futura e verdadeira pátria,

sociedade, mas a tentativa de domínio e controle da mesma por parte dos fundamentalistas. É como se o hino “sou forasteiro aqui, em terra estranha estou”,³¹¹ cedesse lugar ao “O mundo é de meu Deus”.³¹²

Graças à tradição democrática, os fundamentalistas podiam se expressar sem temer represálias. Então, ao final da década de 1970, os fundamentalistas decidiram que ao invés de afastar-se da sociedade, deveriam engajar-se politicamente nela. E a teoria de Calvino sobre política, em que a Igreja é um regulador moral da sociedade, devendo os cristãos assumir os cargos de magistratura, fazia mais sentido do que a tradição dos separatistas e congregacionalistas anglo-saxões, de separação radical entre Igreja e Estado. Em 1979, é fundada a Maioria Moral, de Jerry Falwell.³¹³ Pastor

leva-o, em contrapartida a recusar os valores da presente. O mundo presente é um tempo de peregrinação. Ele não tem morada (lembrar a quase extrema mobilidade do sertanejo brasileiro), não tem repouso (não tem garantia do futuro) e está rodeado de inimigos (os valores do mundo presente). Sente-se estrangeiro na terra, de modo que o seu viver é um penoso caminhar para a pátria celestial”. MENDONÇA, 1984, p. 242.

³¹¹ “A mensagem real”, Hinário Novo Cântico [Presbiteriano], 288. “Vim a serviço de meu Rei” Hinário da Congregação Cristã no Brasil, 307. “Mensagem Real”, Cantor Cristão [Batista], 207. “Sou forasteiro aqui”, Hinário Adventista, 337. “A Mensagem Real”, Hinário evangélico [Metodista], 427.

³¹² Hinário Adventista, 36.

³¹³ “Falwell começou seu ministério numa fábrica desativada de Lynchburg, Virginia, em 1956, pregando para um pequeno número de devotos. Três anos depois sua congregação triplicara, e em 1988 a *Thomas Road Baptist Church* tinha 18 mil membros e sessenta pastores associados. A renda total da igreja superava 60 milhões de dólares por ano, e os serviços eram transmitidos por 392 canais de televisão e seiscentas emissoras de rádio. Fundamentalista típico, Falwell queria construir um mundo separado e autossuficiente. Em Lynchburg abriu uma escola nos moldes bíblicos; em 1976 o *Liberty Baptist College* tinha 1500 alunos. Dedicou-se também a empreendimentos filantrópicos: um lar para alcoólatras, um asilo e uma agência de adoção que oferecia uma alternativa para o aborto. Em 1976 considerava-se o principal comunicador ‘renascido’. Estava criando uma sociedade alternativa para neutralizar o humanismo secular. Desde o início queria que o *Liberty College* se tornasse uma universidade de nível internacional... Afastar-se da sociedade já não bastava. Como outros educadores fundamentalistas, Falwell estava formando quadros para o futuro, organizando ‘um exército espiritual de jovens que são a favor da vida, da moral e dos Estados Unidos’ ... O *Liberty* prepararia seus alunos para todos os setores da vida e todas as principais profissões. “Salvaria” a sociedade. Mas para isso o ethos fundamentalista devia imperar: a faculdade acatava os artigos de fé; os alunos prestavam semestralmente “serviços cristãos” à comunidade, tinham de usar trajes domingueiros todos os dias e assistir ao culto na *Thomas Road* três vezes por semana; bebida e cigarro eram proibidos.... Falwell buscou o credenciamento acadêmico e conseguia atrair jovens não fundamentalistas, cujos pais aprovavam a sobriedade do campus e seus bons padrões de ensino.... Falwell estava planejando uma ofensiva em termos modernos. Seu regime de trabalho intenso na faculdade, na igreja e no rádio constituía uma tentativa de alcançar um mundo perdido e agonizante. Sua emissora não recorria a truques ou palhaçadas; a *Old Time Gospel Hour* abstinha-se das extravagâncias de Roberts, de Swaggart e dos Bakker.... Era-adepto da moderação, do capitalismo e da ética calvinista do trabalho e construiu seu império inspirado nos novos shopping centers, que ofereciam uma variedade de serviços. Como explicou Elmer Towns, seu principal consultor teológico, acreditava que podia ganhar almas com sua competência empresarial. Para ele os negócios constituíam a vanguarda da inovação, e “a *Thomas Road Baptist Church* acreditava que a ação conjunta de vários ministérios numa só igreja pode não só atrair as massas para o Evangelho, como atender melhor a cada indivíduo”. Nas décadas de 1960 e 1970 a *Thomas Road* parecia provar a viabilidade religiosa do capitalismo, multiplicando os ministérios e expandindo-se continuamente. Quando procuravam alguém capaz de conduzir um ressurgimento direitista na década de 1980, os poderosos seculares se voltavam para Falwell. Ele compreendia

batista de inspiração calvinista, seu trabalho através do movimento político Maioria Moral, consegue neutralizar os efeitos do pré-milenismo dispensacionalista. A ideia dispensacionalista de que este mundo já estava condenado cede espaço para a doutrina calvinista de recuperação da sociedade. O já citado teólogo Hal Lindsey, divulgador do anticomunismo escatológico nos EUA e no Brasil, demonstra a simbiose de pré-milenismo com o conceito calvinista de Estado.

Em The 1980s, *Countdown to Armageddon*, argumentou que, se os Estados Unidos recuperassem o juízo, poderiam continuar sendo uma potência mundial durante todo o milênio. Mas para isso “devemos assumir ativamente nossa responsabilidade de cidadãos e de membros da família de Deus. Precisamos nos mobilizar para eleger representantes que não só reflitam no governo a moralidade da Bíblia, como elaborem políticas interna e externa que protejam nosso país e nosso estilo de vida”.³¹⁴

Na busca por construir uma nova práxis que abraçasse tanto a religião como o domínio da sociedade, os teóricos fundamentalistas norte-americanos voltaram-se para o passado. Os EUA eram o país de Deus, fundado por protestantes que não estavam em busca de uma democracia, mas “no bom governo da Igreja e do Estado”.³¹⁵ Para um dos teólogos do movimento, Pat Robertson, os Pais Peregrinos estabeleceram suas colônias buscando implantar os ideais bíblicos calvinistas.³¹⁶ Isto veio a gerar, nos meios fundamentalistas, um desprezo para com a democracia. Tim LaHaye, famoso escritor norte-americano, divulgador do pré-milenismo muito lido nos EUA e no Brasil, autor da série *Deixados para trás*, declarou que a democracia entregaria a América para ser destruída pelos humanistas, a menos que os cristãos defendessem a “moralidade e decência com mais vigor”.³¹⁷

Neste período, o movimento Reconstrução, fundado pelos presbiterianos Gary North e Rousas J. Rushdoony, ajudou a realizar a transição do apoliticismo para o engajamento político dentro do pré-milenismo fundamentalista. Como calvinistas, a principal preocupação de ambos é com a soberania divina. Para eles, seria preciso

Implantar uma civilização cristã que derrote o diabo e inaugure o Reino de mil anos. O conceito-chave do movimento é domínio. Deus confiou a Adão e depois a Noé a missão de dominar o mundo. Os cristãos herdaram essa missão e cabe-lhes a responsabilidade de instituir o reinado de Jesus antes de sua Segunda Vinda. No entanto não terão de fazer nada nesse sentido, pois o próprio Deus destruirá o Estado moderno numa terrível catástrofe. Os

claramente a dinâmica da moderna sociedade capitalista e tinha condições de enfrentá-la de igual para igual”. ARMSTRONG, 2009, p. 370-372.

³¹⁴ Ibid. 2009, p. 369.

³¹⁵ Ibid. p. 368.

³¹⁶ Ibid.

³¹⁷ Ibid. p. 369.

crístãos apenas colherão os louros da vitória divina. Entrementes, os reconstrucionistas se preparam para assumir o poder, quando o Estado secular humanista deixar de existir... Quando o Reino vier, não haverá mais separação entre Igreja e Estado; a moderna heresia da democracia desaparecerá, e a sociedade será reorganizada em termos estritamente bíblicos. Em outras palavras, todas as leis da Bíblia passarão a vigorar literalmente... Implantar-se-á uma economia rigorosamente capitalista; os socialistas e os esquerdistas em geral são pecadores. Deus não está do lado dos pobres. Na verdade, diz North, existe uma "estreita relação entre maldade e pobreza". Não se empregarão verbas de impostos em programas de bem-estar social, pois "sustentar vagabundos é sustentar o mal". O mesmo princípio vale para o Terceiro Mundo, que provocou os próprios problemas econômicos com seu gosto pela perversidade moral, pelo paganismo e pela demonologia. A Bíblia proíbe a ajuda estrangeira." Enquanto aguardam a vitória - que talvez demore, admite North -, os cristãos devem preparar-se para reconstruir a sociedade em conformidade com o plano divino e apoiar as políticas governamentais que se aproximem dessas normas bíblicas. O domínio imaginado por North e Rushdoony é totalitário. Não deixa margem a outras opiniões ou políticas, à tolerância democrática, à liberdade individual. Naturalmente a possibilidade de essa teologia se popularizar nos Estados Unidos é remota; mas já se aventou a hipótese de, no caso de uma catástrofe ambiental ou econômica, um Estado eclesiástico autoritário substituir o regime liberal do Iluminismo.³¹⁸

Claro que o Reconstrucionismo é radical demais para quem quer tomar o poder dentro do jogo democrático. Contudo, aspectos do mesmo são acrescentados pelos fundamentalistas em sua percepção de Estado, como a ideia de missão divina de controle da sociedade e o estabelecimento da América Cristã como forma de defender-se do futuro governo do Anticristo. Da mesma forma, os neopentecostais brasileiros adotam boa parte do seu discurso, como será demonstrado a seguir, dentro da ideia de Batalha Espiritual. Embora Rushdoony deteste o pentecostalismo, a Teoria da Reconstrução foi trazida para dentro do discurso neopentecostal.

Alguns pentecostais mais conservadores se interessaram pela teologia da Reconstrução, embora Rushdoony deteste o pentecostalismo. Pat Robertson parece uma figura de transição. É batista com inclinação para o pentecostalismo e o reavivamento. Como North, acha que a Segunda Vinda pode demorar muito - o que o separa do fundamentalismo pré-milenarista tradicional. Acredita que por enquanto os cristãos devem tentar conquistar cargos públicos a fim de construir uma sociedade baseada nas normas bíblicas. Robertson trocou o nome de sua universidade em Virginia Beach para *Regent University*, explicando que "regente" é aquele "que governa na ausência de um soberano". A instituição visa a preparar seus setecentos alunos para assumir o comando, quando o Reino vier. O fundamentalismo americano mudou desde a publicação de *The Fundamentals* (1910-15). Apresenta tendências pós-modernas e antinomianas, por um lado, e uma visão totalitária, mais linha-dura, por outro.³¹⁹

³¹⁸ Ibid. p. 479-481.

³¹⁹ Ibid. p. 481.

Aliados dos Republicanos nos EUA, os fundamentalistas influenciaram ativamente na eleição de Ronald Reagan. Embora a Maioria Moral tenha entrado em declínio após os escândalos dos televangelistas no fim da década de 1980, o ideal de uma América “cristã” continuou latente no pensamento evangélico conservador estadunidense, ajudando a conduzir George W. Bush à presidência, em 2000.

Como legado da maioria moral e do realinhamento teológico com o calvinismo no que concerne ao cristão e sua relação com a sociedade, os carismáticos norte-americanos, como participantes do movimento fundamentalista, importaram o conceito calvinista de relacionamento entre Igreja e Estado dentro do conceito de prosperidade cristã. Santificação não significa fugir do mundo na Teologia da Prosperidade. Antes, o crente está “destinado a ser próspero, saudável e feliz neste mundo”.³²⁰ Ao invés de rejeitar o mundo, os evangélicos devem afirmá-lo, modificá-lo, subjugar-lo.³²¹ Este apego indisfarçável será adotado também no discurso e práxis dos neopentecostais brasileiros, que, realizando as adaptações culturais, mudarão a forma do evangélico nacional de fazer política.

3.2 O BRASIL É DO SENHOR JESUS: DO POLÍTICO EVANGÉLICO PARA O POLÍTICO DE CRISTO

3.2.1 Inserção dos protestantes na política eleitoral

É muito comum ouvirmos a expressão de que o protestantismo brasileiro é apolítico. Embora isto seja verdade quando se trata da Congregação Cristã no Brasil e da Igreja Pentecostal Deus é Amor, não é possível generalizar esta afirmação. Verdade é que, até 1986, as denominações protestantes não mobilizavam seus eleitores em torno de campanhas eleitorais. Contudo, em estudo organizado por Paul Freston sobre a participação dos protestantes na política brasileira, podemos ver que, desde o início, eles estavam ligados a um projeto ou pensamento político, embora isto não se materializa-se em estratégias eleitorais para eleger representantes, como a Liga Eleitoral Católica o fez nos anos 1930, ou a oficialização de candidatos pela cúpula da denominação, como faz atualmente a Igreja Universal do Reino de Deus. Nesta seção, analisaremos os atores políticos evangélicos que participaram do

³²⁰ MARIANO, 1999, p. 44.

³²¹ Ibid.

Congresso nacional, porque o voto conferido a eles e sua atuação política refletem a tendência de sua base eleitoral se comportar em eleições majoritárias, que é o objetivo desta pesquisa.

Já na época do Brasil Império, os missionários e primeiras lideranças do protestantismo histórico possuíam uma afinidade com o liberalismo norte-americano, vendo seus projetos educacionais e catequéticos como forma de trazer a democracia e o progresso ao País. Após a aplicação da Lei Saraiva, que permitia a não-católicos serem eleitos, em 1881, dois luteranos teuto-brasileiros foram eleitos para a Assembléia Provincial do Rio Grande do Sul.³²² A proclamação da República não altera a quase nula participação política da população, porque o sufrágio permanece muito restrito ainda. Existem casos de representação evangélica em nível municipal e estadual, contudo o Congresso nacional não testemunha a eleição de um congressista evangélico. Os luteranos predominam entre os políticos e administradores protestantes, já que a maior parte dos protestantes deste período são luteranos. A derrota da Revolução Federalista no Rio Grande do Sul acaba por retirar este grupo da vida política.³²³

A era Vargas abre nova página na participação eleitoral dos protestantes. O alinhamento do governo Vargas com o clero católico e seu projeto de Neocrisandade tem o poder de mobilizar as lideranças protestantes. O Código Eleitoral de 1932, com a criação do voto secreto, sistema proporcional em lugar do distrital (que permite a eleição de representantes de minorias), o voto obrigatório, a criação da Justiça Eleitoral e a introdução do voto feminino abre o leque para uma maior presença de eleitores protestantes.³²⁴ Diante do fortalecimento da Igreja Católica no governo Vargas e das novas possibilidades eleitorais, é lançado, em maio de 1932, um Memorial, elaborado por líderes evangélicos (principalmente presbiterianos). No artigo II, referente à ordem social, o mesmo defende os seguintes pontos:

- 1) Absoluta liberdade de pensamento e da manifestação do pensamento, respondendo cada um pelos abusos que cometer.
- 2) Estabelecimento do regime cooperativista nas relações entre operários e patrões, abrangendo por parte dos primeiros uma razoável participação nos lucros, facilitando-lhes ainda os segundos, quando possível, a assistência médica e judiciária.
- 3) Proteção à família:
 - a) Pela instituição da verdadeira gratuidade do casamento.

³²² FRESTON, 1994, p. 17-19.

³²³ Ibid. p. 19.

³²⁴ JOFFILY, 1998, p. 127.

- b) Pelo divórcio absoluto, nos casos de infidelidade conjugal ou de uma deserção tão obstinada que não possa ser remediada nem pela igreja nem pelo magistrado civil.
- c) Pela assistência à infância e à velhice desamparadas.
- 4) Quanto à educação:
 - a) Educação popular obrigatória para todos os brasileiros por sistema que estabeleça o programa mínimo da escola primária em todo o território nacional.
 - b) Organização da instrução secundária, profissional e superior de modo a torná-las acessíveis às classes menos favorecidas.
 - c) Promover o pacifismo nas relações nacionais e internacionais no sentido de se reduzirem ao mínimo o aparelhamento e as despesas militares do país e do Mundo.³²⁵

É interessante perceber que o único ponto classista no Memorial é a petição para que as eleições não ocorram no domingo. Embora contenha pontos típicos do liberalismo, alguns dos seus pontos aproximam os evangélicos do pensamento mais progressista, ao defenderem um regime corporativista com a participação dos operários nos lucros e um ensino superior que facilitasse o acesso aos mais pobres.³²⁶ Neste mesmo período, ocorre um flerte de parte do clero católico com o Integralismo, que leva as lideranças evangélicas em direção a um liberalismo com preocupações sociais. Em 1937, o órgão oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil publicou a seguinte condenação ao Integralismo: “Ou será crente ou será integralista. Que os crentes que se fizeram integralistas, meditem nisto, reconheçam a atitude incoerente que assumem e se ponham alertas enquanto é tempo”.³²⁷ Esta ideologia liberal-progressista ou mesmo moderadamente esquerdista expressa no memorial foi defendida pelo primeiro representante protestante no Congresso, o pastor metodista Guaracy Silveira, eleito pelo Partido Socialista Brasileiro, em 1933. Embora considerando socialista-cristão, e contrário ao comunismo, foi expulso do partido ante do fim da Constituinte por ser considerado “reacionário” pelos socialistas e era mal visto pela liderança eclesiástica por ser filiado ao socialismo. Liderou a oposição na Constituinte contra a introdução do ensino religioso nas escolas públicas, proposto pelo governo e apoiado pela Liga Eleitoral Católica. Contestou também a solicitação de dinheiro público para congressos e seminários católicos, defendendo a laicidade do Estado. Porém, passada a Constituinte, a comunidade protestante novamente

³²⁵ <http://www.bulevoador.com.br/2011/08/advocati-fidei-13-protestantismo-brasileiro-a-falencia-de-um-projeto-democratico-parte-ii/>. Pesquisado em 31 de maio de 2015.

³²⁶ FRESTON, 1994, p. 21.

³²⁷ <http://www.bulevoador.com.br/2011/08/advocati-fidei-13-protestantismo-brasileiro-a-falencia-de-um-projeto-democratico-parte-ii/>. Pesquisado em 31 de maio de 2015.

adere ao isolacionismo. Somente no pós-Guerra que o Congresso vai testemunhar a presença regular de parlamentares evangélicos.³²⁸

Em 1946, Guaracy novamente é eleito (pelo PTB), e novamente é o único representante evangélico. Ajuda a formar o Partido Republicano Trabalhista, com grande número de protestantes. Durante o período democrático de 1946-1964, o número de políticos evangélicos aumenta em cada eleição. Em 1950, são eleitos cinco, em 1955 seis, em 1959 sete e em 1963 dez. A característica deste período é que quase todos são membros do protestantismo histórico. Alguns tem a base eleitoral entre os fiéis, outros não. Uns recebem apoio de líderes eclesiais, outros não. “Porém, nenhum tem o endosso oficial de qualquer igreja. Defendiam os interesses protestantes, mas geralmente de maneira discreta”.³²⁹ Os protestantes neste período foram eleitos vereadores, prefeitos, deputados estaduais e federais. A membresia se orgulhava de ver seus pares em cargos eletivos, pois transmitia-se a ideia de que eles eram também capazes.³³⁰ Porém, se a estreia dos protestantes no congresso nacional acontece via a esquerda moderada democrática, esta não será a tendência dos congressistas protestantes durante 1946-1964. O fato de a maioria dos partidos neste período serem instáveis e pouco ideológicos fazia com que os eleitores escolhessem mais os candidatos por suas qualidades pessoais.³³¹ A maioria era do PSD e PTB, partidos que se alternavam no poder. A UDN só atraiu 10% dos parlamentares eleitos. O Partido Socialista também teve candidatos evangélicos e o único senador protestante eleito neste período, o batista Aurélio Viana, contudo, somente 10% dos parlamentares passaram pelo PSB. A liderança e as instituições protestantes se identificavam fortemente com a democracia liberal e os Estados Unidos, resultado do vínculo ideológico e literário com este país.³³² Com o golpe militar, em 1964, uma nova fase inicia-se no cenário político evangélico.

3.2.2 O Regime Militar e a Constituinte

A ditadura militar encontra os protestantes muito fragilizados. Durante a década de 1960, a renovação carismática alcançou as igrejas históricas, junto com a

³²⁸ FRESTON, 1994, p. 22-23.

³²⁹ Ibid. p. 25.

³³⁰ CAVALCANTI, 2002, p. 205.

³³¹ FRESTON, 1993, p. 157.

³³² CAVALCANTI, 2002, p. 205.

segunda onda do pentecostalismo. Os tradicionalistas acusam os renovados de divisionistas e hereges, enquanto os carismáticos criticam a frieza e o imobilismo do protestantismo histórico. Como consequência, ocorre uma sucessão de cismas. Aparecem a Convenção Batista Nacional, a Igreja Presbiteriana Renovada a Igreja Metodista Wesleyana, etc., sem serem contabilizadas as baixas para as outras denominações pentecostais.³³³ O pentecostalismo clássico não está melhor. Antes hegemônicas no Brasil, Assembleia de Deus e a Congregação Cristã no Brasil vêm a implantação e o surgimento de denominações pentecostais rivais, como novos métodos e ênfases, levando junto não apenas a membresia de protestantes históricos, como também de pentecostais clássicos. O *Mensageiro da Paz* já alerta, em 1960, num artigo chamado “Colonização Espiritual”, a “pastores” que vão aliciando obreiros das igrejas locais para servirem a um pastor debaixo de uma hierarquia. O artigo critica também os pastores “volantes”, que não tem um paradeiro fixo, mudando-se de um lugar para outro sob as ordens do “chefe”. Clara crítica às denominações da segunda onda, como Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular e a Brasil para Cristo, que, diferentes do congregacionalismo assembleiano, utilizam o sistema episcopal.³³⁴ Em “Cuidado com as inovações”, o jornal critica as igrejas que tem surgido e liberado os costumes, “cheias de métodos, livros de ordem, sociedades femininas dentro delas, abstenção de vários preceitos da Palavra de Deus, omissão de doutrina”.³³⁵ Entre os protestantes históricos, além dos cismas, os seminários teológicos testemunhavam embates entre conservadores e modernistas-esquerdistas.³³⁶ Portanto, não é de admirar que as lideranças, teologicamente conservadoras e vendo várias ameaças ao seu *status* na década de 1960, saudassem calorosamente algo que viam como o refluxo do caos.

O sistema bipartidário criado pelos militares somente serviu para reforçar a postura maniqueísta entre os protestantes. Segundo tal ótica, o País estava dividido entre capitalistas e comunistas, Arena e MDB, bons e maus. Logicamente, os evangélicos queriam se posicionar ao lado dos considerados bons. Como vimos anteriormente, os fundamentalistas norte-americanos estão voltando à cena política estadunidense, fato que se reflete aqui. Ocorre uma guinada à direita das lideranças

³³³ Ibid. p. 214.

³³⁴ OLIVEIRA, nov. 1960, p. 3.

³³⁵ MENESES, ago. 1963, p. 3.

³³⁶ CAVALCANTI, 2002, p. 216.

protestantes. Os históricos passam por novas cisões, desta vez com o surgimento de pequenas denominações fundamentalistas (batistas regulares, batistas bíblicos, metodista ortodoxa, presbiterianos conservadores). Os missionários norte-americanos de tendência liberal (como Richard Shaull³³⁷), tornam-se *persona non grata* por pregarem “outro evangelho”. Os batistas e presbiterianos, que são os que mais passam por cisões, radicalizam-se, ao mesmo tempo que aumentam sua participação no congresso nacional.³³⁸ A crença na democracia liberal é substituída pelo flerte com modelos autoritários, assim como seus congêneres norte-americanos. Cresce também no meio protestante um ranço em relação à atividade política. O *Mensageiro da Paz* em 1963 alerta acerca do envolvimento de pastores e obreiros com a política:

O mais interessante é que os pastores que entram por esse caminho, são os mesmos que ensinam em suas igrejas a viverem fora do mundo; aconselham e admoestam os moços e as moças, a não se conformarem com o mundo, enquanto eles estão nadando no mar espumoso chamado mundo, me completa e irrestrita obediência aos princípios por ele ditados! Será que o leitor ... pode contestar isto à luz da Palavra de Deus? ... CUIDADO com a política no ministério.³³⁹

É obvio que esta crítica se dirige às denominações históricas, já que a Assembleia de Deus não tinha nenhum representante no congresso e desestimulava o envolvimento com “as coisas do mundo”. O fato do *Mensageiro da Paz* ser usado com fins de proselitismo religioso entre os evangélicos buscava mostrar a pureza da Assembleia de Deus em face do mundanismo encontrado entre as denominações tradicionais. Contudo, este pensamento estava com seus dias contados.

O golpe militar surpreende os evangélicos no momento em que aumentava a participação dos mesmos na vida política do País. O discurso anticomunista já havia preparado o pensamento protestante brasileiro a se alinhar com a repressão do

³³⁷ Richard Shaull (1919-2002) foi um “missionário, teólogo e ecumenista estadunidense que durante muitos anos trabalhou na Colômbia e Brasil. É considerado um dos precursores da teologia latino-americana da libertação ao escrever o artigo “La iglesia en la diáspora”. Logo, grande parte de seu trabalho se concentrou no desenvolvimento da teologia latino-americana e sua relação com o protestantismo histórico, como demonstra sua obra *The Reformation and Liberation Theology* (1991). Durante a última década de sua vida, Shaull se dedicou a estudar o fenômeno pentecostal na América Latina. Junto com o sociólogo brasileiro Waldo Cesar, Shaull escreveu *Pentecostalismo y el futuro de las iglesias cristianas* (1999). Seu último livro, *Sorprendido por la grada: Mi lucha contra el cancer*, relata sua trajetória ecumênica e de missão e sua contínua preocupação com o testemunho social da igreja”. ORLANDI, 2005, p. 584.

³³⁸ CAVALCANTI, 2002, p. 216.

³³⁹ MENESES, jul. 1963, p. 3.

regime, que pregava a caça ao comunismo, a defesa da ordem e da moral e garantia a liberdade religiosa. Cavalcanti capta a postura dos evangélicos neste período:

Se o movimento de 31 de março de 1964 pudesse ser comparado a uma composição ferroviária que é forçada a seguir por um desvio (em 1968), poderíamos dizer que a maioria da liderança da Igreja Romana resolveu descer na primeira estação após a entrada no desvio. Os católicos vinham ocupando os vagões da primeira classe e os evangélicos, os vagões da segunda classe. Quando aqueles desceram, estes foram convidados a se mudarem para os vagões de primeira classe (com acesso ao carro-restaurante) e o fizeram com prazer, ficando imensamente agradecidos pela deferência. Apesar do desconforto de alguns trechos... poucos foram os que resolveram descer do trem e seguir viagem por outro caminho e meios de transporte. Encantados com o “desenvolvimento” e a “segurança”, bem como a liberdade religiosa”, os evangélicos foram se tomando, a partir da década de 70, juntamente com os maçons e os kardecistas, sustentáculos civis do regime.³⁴⁰

O golpe militar de 1964 ocorre com o apoio de vários setores da sociedade. Como exposto no capítulo anterior, o discurso anticomunista produziu no meio evangélico uma predisposição para apoiar o golpe. Já vimos também como o regime foi saudado em periódicos e órgãos oficiais de diversas denominações protestantes. Portanto, não é de admirar que, neste período, continue o crescimento do número de parlamentares evangélicos, bem como o suporte concedido por várias lideranças ao regime. Compreendendo a perda do apoio do clero católico progressista, o regime investe ao máximo nos “crentes”. Visitas de autoridades a templos,³⁴¹ encontro de líderes com autoridades,³⁴² ascensão de evangélicos a cargos na burocracia estatal,³⁴³ convênios,³⁴⁴ convites a pastores para que cursassem a Escola Superior de Guerra.³⁴⁵ Enfim, após viverem a discriminação política, para líderes evangélicos, esta deferência do novo regime é encarada como uma verdadeira benção. As

³⁴⁰ CAVALCANTI, 2002, p. 228.

³⁴¹ “Governador visita a Assembleia de Deus”, capa do MP de 30 de agosto de 1972. “Assembleia Legislativa transformada em templo evangélico”, capa do MP de 15 de abril de 1973. “Deputado homenageia a Assembleia de Deus”, capa do MP de número 8 do ano de 1977. Nesta mesma edição, começa a aparecer esquetes que falam sobre o comportamento dos deputados evangélicos no Congresso. “Volta Redonda outorga cidadania a pastor”, capa do MP de número 1101 do ano de 1979. “O Presidente da República Visita a Lancha “Pioneira”, artigo da RA, nov. de 1969, p. 18. “Coral do IAE canta para o presidente Geisel”, artigo da RA, out. de 1976, p. 12.

³⁴² “Encontro de pastores e líderes evangélicos com o governador de São Paulo”, capa do MP de 15 de junho de 1973. “Presidente Figueiredo recebe líderes adventistas”, artigo da RA, jan. de 1980, p. 17.

³⁴³ “General Comandante do II Exército, um soldado de Jesus Cristo” artigo do MP de 15 de junho de 1973. Na mesma edição, “Desembargador, membro da ‘Assembleia de Deus’”. “Volta Redonda outorga cidadania a pastor”, capa do MP de número 1101 do ano de 1979.

³⁴⁴ “Assinado o decreto que oficializa o Dia da Bíblia”, capa do MP de número 2 do ano de 1974. “Um arqueólogo, pastor da Assembleia de Deus, pronunciou conferência no Palácio da Cultura”, capa do MP de número 4 do ano de 1974.

³⁴⁵ CAVALCANTI, 2002, p. 228.

publicações assumem um ar “triumfalista”, destacando os avanços e a consolidação do prestígio denominacional.

Havendo os evangélicos sido cooptados pelo regime, o apoliticismo eclesial foi aos poucos sendo substituído pelo adesismo. Participar da política era correto, desde que apoiando o governo. Votar na oposição era se aliar as forças que queriam a desordem, o caos e o marxismo. Interessante notar que, neste contexto, a conhecida passagem paulina de Romanos 13, com a recomendação de sujeição as autoridades, tornou-se espécie de mantra evangélico. Obviamente, nem todos foram cooptados pelos militares. Contudo, eram uma minoria. Jether Carvalho, Rubem Alves e o pastor presbiteriano Jaime Wright são exceções neste período. A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e o Brasil para Cristo foram as únicas denominações a fazerem críticas ao regime militar. Contudo, a adoção de uma tendência ao liberalismo teológico e ao socialismo fizeram com que fossem vistos com desconfiança pela maioria conservadora. O MDB, num primeiro momento, se torna a guarida destes evangélicos dissidentes,³⁴⁶ sendo o mais destacado o advogado Lysâneas Maciel.³⁴⁷

Assim como os fundamentalistas norte-americanos, no Brasil, os políticos evangélicos associam-se à opção conservadora. Podemos dividir o alinhamento ideológico deste período em dois momentos. Num primeiro, que vai de 1964-1979, período do bipartidarismo, a maior parte dos parlamentares pertencem à Arena (61%). Quando o governo permite a abertura de novos partidos, extinguindo os dois anteriores (Arena e MDB tornam-se PDS e PMDB, respectivamente), 48% dos congressistas evangélicos filiam-se ao PDS, enquanto que 51% entram numa oposição fracionada, sendo que o maior representante é o PMDB, com 27% dos mandatos. Apenas 7%

³⁴⁶ Ibid. p. 229-230.

³⁴⁷ Lysâneas Maciel (1926-1999) foi deputado federal pela Guanabara de 1971-1976, ano em que foi cassado e exilado, e deputado constituinte de 1987 a 1991. “Lysâneas Dias Maciel nasceu na cidade de Patos de Minas, em 23 de dezembro de 1926, no seio de uma tradicional família mineira de políticos udenistas... Membro da igreja presbiteriana, seu despertar para a política partidária ocorreu aos 40 anos.... Grande parte da explicação para o posterior engajamento social e político de Lysâneas encontra-se nos ensinamentos de um teólogo norte-americano, Richard Schaul, que lecionou no Seminário Teológico da Igreja Presbiteriana, em Campinas, nos primeiros anos da década de 60. O missionário promoveu vários encontros e despertou os jovens da época para o apelo ecumênico, ainda pouco conhecido no Brasil. É Schaul quem traz ao conhecimento daquela geração os primeiros escritos sobre Cristo e a responsabilidade social.... Ao mesmo tempo em que adotava a nova linha de reflexão, sua atividade de advogado o levou à defesa de presos políticos, entre eles, amigos da igreja e trabalhadores.... Ele foi um dos organizadores dos Autênticos do MDB, que não se conformaram em ser mera oposição consentida e optaram pela contestação aberta do sistema, na busca da redemocratização do país.... Após o exílio, Lysâneas torna-se um dos fundadores do PDT”. GUIMARÃES, 2008, p. 20-30

filiam-se a um partido de esquerda (PDT). É justamente a abertura de novos partidos que faz com que se inicie uma nova fase na forma dos evangélicos fazerem política.

Assim como em 1934, a eleição para a constituinte em 1986 tem o poder de mobilizar os evangélicos. O comportamento assembleiano é sintomático do que ocorre nas fileiras protestantes e podemos testemunhar isso pelas páginas do *Mensageiro da Paz*. Não apenas sintomático, por intermédio deste periódico, percebe-se que se está a escrever página totalmente nova no protestantismo brasileiro. Pela primeira vez, uma denominação lança oficialmente candidatos para que seus fiéis unam forças em torno deles. É o início do que Leonildo Campos chama de “político de Cristo”. Até a Constituinte, o “político evangélico” “usava simplesmente as denominações evangélicas para produzir votos que os elegessem e depois procuravam defende-las na fronteira política”.³⁴⁸ Já o “político de Cristo”, inaugurado nas eleições de 1986 pela Assembleia de Deus, e em menor grau pela Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular e Igreja Universal do Reino de Deus, “constitui um novo ator político-religioso, pois empresta a sua personalidade para ser usada como um instrumento da confissão religiosa que o escolheu candidato e fez dele o seu defensor na fronteira política”.³⁴⁹ A partir de 1986, o “político de Cristo” se tornará predominante no campo eleitoral evangélico.

Como dito no capítulo anterior, o *Mensageiro da Paz* passa por fases que coincidem com seu comando editorial. Após destacar na década de 1970 a aproximação do governo com a igreja, o período em que o jornal é dirigido pelo pr. Abraão de Almeida marca um refluxo. Ainda aparecem notícias sobre política interna, mas em quantidade menor. O interesse do jornal volta-se para os eventos internacionais, com foco na URSS, Israel e Europa. Aparecem críticas à sociedade contemporânea e ao governo. O apoliticismo pré-milenista é bem forte neste período. Com a saída de Almeida e a chegada do novo editor, pr. Nemeuel Kessler, é perceptível a mudança de discurso. A atenção se volta para o País e para a força que a Assembleia de Deus representa na sociedade. Ao assumir a direção do jornal, em seu primeiro editorial, ele conclama os membros da Assembleia de Deus a preservarem a história da denominação, lançando uma campanha para a doação de edições anteriores não apenas do *Mensageiro da Paz*, mas de todos os outros periódicos e revistas da Assembleia de Deus, com o argumento que “nossa memória não tem sido

³⁴⁸ CAMPOS, 2002, p. 2.

³⁴⁹ Ibid.

preservada a altura do que, hoje, representam as Assembleias de Deus”.³⁵⁰ A denominação não é mais a seita pentecostal composta exclusivamente de adeptos das classes sociais baixas dependentes da tradição oral. Como maior denominação evangélica, com representantes em todas as classes sociais, investindo na educação teológica e no aprimoramento de sua editora, uma nova forma de organização e mobilização inicia-se.

A fundação de novos partidos identificando-se com o socialismo ou marxismo já tinha levado a Assembleia de Deus a substituir o ataque ao comunismo soviético, muito distante, pelo ataque à Teologia da Libertação. Em entrevista concedida em 1992, o então presidente da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, pr. José Wellington revela quando começou a conscientização da força política:

A coisa começou na eleição de Tancredo Neves. Ali estava o forte, a cúpula da Igreja Católica tinha a mão ali dentro. E foi ali que nasceu a coisa. E nós temos isso até como Providência Divina. Pode-se dizer que foi Deus que não deixou Tancredo Neves governar o país. Porque ele ia entregar isso aqui na mão dos padres. Eles hoje mandam e, se estivesse na mão de Tancredo, não sei o que seria dos evangélicos no país... A Assembleia de Deus sempre foi apolítica, em virtude da nossa origem. [...] Mas quando tivemos agora esta última reforma da nossa Carta Magna, da Constituição, nós descobrimos que havia um pacto da religião maior no Brasil para querer se assenhorear do direito de culto religioso no país. Eles queriam simplesmente, eu não digo ligar novamente o Estado à Igreja, mas eles queriam prioridade. A prioridade, eles queriam isto aí. Foi quando nós acordamos e dissemos: "Nós vamos eleger os nossos representantes para que eles nos representem na política nacional". E aí fizemos.³⁵¹

Infundado ou não, o certo é que o temor do que viria num novo regime leva os evangélicos a se mobilizarem. Em novembro de 1984, um artigo do *Mensageiro da Paz* conclama os leitores a mudarem o Brasil. Frente às mazelas da sociedade, como a corrupção, o desemprego, as greves e o dinheiro público gasto com o “carnaval diabólico”,³⁵² o jornal conclama os leitores para orar pelo governo e pelas autoridades. Em dezembro do mesmo ano, o editor chama os leitores a orarem pelo novo presidente, a ser escolhido pelo colégio eleitoral em 15/01/1985. Kessler conclama os fiéis a “assumir uma posição de prudência e de não-comprometimento”,³⁵³ para que a igreja não tivesse mãos atadas quando precisasse combater os erros do novo governo. A julgar pela entrevista do pr. Wellington, o temor de uma predominância de um catolicismo de esquerda no novo regime estava por detrás da prudência.

³⁵⁰ KESSLER, set. 1984, p. 3.

³⁵¹ MARIANO; PIERUCCI, 1992, p. 105.

³⁵² TOGNINI, nov. 1984, p. 17.

³⁵³ KESSLER, dez. 1984, p. 3.

Com a eleição de Tancredo Neves pelo Colégio Eleitoral, a liderança assembleiana formou uma delegação para um encontro com o novo presidente. Ao noticiar o encontro, o *Mensageiro da Paz* revela semelhanças entre as petições assembleianas e a agenda fundamentalista norte-americana. O jornal se apressa a dizer que a audiência não significa um alinhamento político-partidário da igreja com o governo. Antes, o encontro tem como objetivo levar ao presidente três reivindicações, que conforme o jornal, são “de grande importância no contexto social, econômico e religioso do Brasil”.³⁵⁴ E quais seriam estas reivindicações? 1) A instituição oficial do Dia Nacional do Jejum e da Oração. 2) Alinhamento diplomático com Israel, já que a partir do momento em que o País votou em favor dos árabes, o Brasil foi amaldiçoado com a inflação avassaladora. 3) A retirada dos símbolos afro-brasileiros da moeda nacional, substituídos pelo lema “Nós cremos em Deus”, tal como na moeda norte-americana.³⁵⁵ Nas petições deste encontro, podemos discernir a apropriação da ideia de batalha entre as forças do Bem e do Mal pelo que seria a alma da nação, além da prioridade de uma agenda de interesses exclusivos à vivência protestante em detrimento de temas mais amplos a sociedade. Na mesma edição, o periódico começa um trabalho sistemático do jornal de conscientizar seu público leitor sobre a importância da Constituinte e a relação entre o cristão e a política.

Porque é importante a Constituinte e o engajamento na política partidária? O jornal dá as respostas e traça o perfil dos evangélicos que devem entrar na política. Segundo o *Mensageiro da Paz*, os evangélicos estão mal representados no Congresso. A Assembleia Constituinte é importante porque é através dela que se assegurarão direitos e deveres legais, através de leis justas, que representem o interesse maior da sociedade.³⁵⁶ Para o *Mensageiro da Paz*, um dos perigos é o fato da Câmara estar cheia de crentes nominais, que correm o risco de surpreender negativamente os evangélicos. Se falharem em impedir o a instituição do dia 12/10 como da Padroeira do Brasil,³⁵⁷ o que dirá se parlamentares hostis ao evangélicos favorecerem a Igreja Católica ou cercearem a liberdade religiosa?³⁵⁸ A CNBB, diz o

³⁵⁴ KESSLER, fev. 1985, p. 3. A MORTE, 1985, p. 10.

³⁵⁵ KESSLER, fev. 1985, p. 3.

³⁵⁶ POR QUE, jul. 1985, p. 12. FERNANDES, out. 1985, p. 10.

³⁵⁷ COUTO, set. 1985, p. 8.

³⁵⁸ OLIVEIRA, fev. 1985, p. 19. Mais na frente o MP recua, e enaltece os onze deputados evangélicos da legislatura de 1982-1986, como sendo atuantes em defesa dos ideais evangélicos. CARVALHO, ago, 1985, p. 4. Interessante notar que o artigo descreve o partido e a igreja de dez deles, deixando de fora o deputado adventista do sétimo dia, igreja considerada seita pela Assembleia de Deus.

Messageiro da Paz, já começou a arregimentar suas forças para influenciar a redação da nova Constituição. E como a CNBB vai encarar a liberdade religiosa? ³⁵⁹ Esta é a insinuação do *Messageiro da Paz*. Outro perigo que ronda a Constituinte é a proliferação de partidos comunistas, em busca dos votos de milhões de brasileiros. Para o *Messageiro da Paz*, na Nova República eles são mais perigosos ainda porque possuem militantes que misturam marxismo com cristianismo – clara crítica a Teologia da Libertação. Diz o periódico: os cristãos, que não podem aceitar a ideologia marxista, que estimula a luta de classes e o ateísmo, devem ter cuidados ao escolher seus candidatos, para não votarem em pessoas e ideias que contrariem a fé.³⁶⁰

Cumpriria à igreja esclarecer e conscientizar os fiéis sobre os melhores nomes para a futura Constituinte.³⁶¹ Com esse intuito, houve uma reunião em Brasília com a liderança da Assembleia de Deus, para traçar o perfil dos constituintes evangélicos. Onze pastores foram escolhidos para uma comissão de orientação política.³⁶² Como resultado desta reunião, decidiu-se por uma mobilização consciente do universo assembleiano, com o intuito de neutralizar qualquer ameaça à liberdade religiosa no Brasil. O *Messageiro da Paz* acredita que a Igreja tem o potencial de eleger, em cada unidade da Federação, um representante evangélico para a Constituinte, o que resultaria em mais de 20 deputados assembleianos.³⁶³ Segundo o editor do *Messageiro*, “o povo evangélico deve assumir o mandamento de ser cabeça, e não cauda, votando em evangélicos”, ao invés de desperdiçar seu voto em espíritas ou adeptos de outras religiões.³⁶⁴ A Bíblia e a história da Igreja contêm vários exemplos de fiéis que fizeram uma boa administração.³⁶⁵ A ocupação de cargos públicos por evangélicos (pessoas salvas, que tenham um lastro moral) é um dos meios de a Igreja influenciar positivamente a sociedade, sustenta o jornal.³⁶⁶ E como a Assembleia possui dez milhões de membros, ela deve sair da neutralidade.³⁶⁷

³⁵⁹ KESSLER, set. 1985, p. 2.

³⁶⁰ Ibid.

³⁶¹ OLIVEIRA, fev. 1985, p. 19.

³⁶² ASSEMBLEIA, 1985, p. 10. Em dezembro de 1985, esta comissão junto com outros líderes evangélicos, em uma reunião com o presidente Sarney, encaminhou um documento com os pontos de vista das AD. Entre os pontos defendidos estava a defesa da liberdade religiosa, a autonomia entre a Igreja e o Estado, a busca da justiça social, combate a corrupção, e a regulamentação dos meios de comunicação visando proibir ataques a moral e bons costumes. EVANGÉLICOS, fev. 1986, p. 11-12.

³⁶³ KESSLER, jul. 1985, p. 2.

³⁶⁴ Ibid. Também em COUTO, set. 1985, p. 8.

³⁶⁵ COUTO, set. 1985, p. 8.

³⁶⁶ KESSLER, jul. 1985, p. 2.

³⁶⁷ POR QUE, jul. 1985, p. 12.

Segundo o jornal assembleiano, os constituintes evangélicos não irão atrás de recursos financeiros para as igrejas, já que Deus é dono do ouro e da prata.³⁶⁸ Antes, o seu mais solene dever deve ser assegurar a liberdade de se pregar o Evangelho de Cristo. Segundo o *Mensageiro da Paz*, no Nordeste, um padre confidenciou a um pastor que dentro em breve os evangélicos não poderão mais pregar ao ar livre, já que a nova Constituição proibira reuniões em logradouros públicos.³⁶⁹ Verdade ou não, diz o *Mensageiro da Paz*, urge deixar de lado os interesses pessoais, e em cada Estado, as lideranças devem lançar candidatos de consenso que tenham o respaldo dos evangélicos.³⁷⁰ Não de uma forma avulsa, para não dispersar os votos, mas de uma forma consciente para que seja garantida a vitória.³⁷¹ E após a eleição, o papel da Igreja é cobrar dos eleitos a permanência de sua fidelidade a Jesus Cristo, além de condenar as atitudes que ferem os ensinamentos bíblicos.³⁷² Para o *Mensageiro da Paz*, as bandeiras que mostrariam sua fidelidade a Cristo, além da liberdade religiosa, seria o combate as seguintes mazelas: o aborto, a pornografia, a legalização do jogo. Também deveriam lutar pela melhor distribuição de renda e contra a subversão (diga-se comunismo).³⁷³

Mensalmente, até a eleição, o *Mensageiro da Paz* abordou a importância da Assembleia, Constituinte, a chance que os evangélicos teriam de ajudar o Brasil, e homologou e divulgou o nome dos candidatos apoiados oficialmente pela Assembleia de Deus, incluindo na listagem não-assembleianos.³⁷⁴ Em dezoito estados, a Assembleia de Deus oficializou candidatos, sendo que, em quatro destes, os indicados não eram assembleianos.³⁷⁵ Entre julho e novembro, foram publicados artigos descrevendo o perfil e o que defenderiam, se eleitos, os candidatos apoiados pela Assembleia de Deus.³⁷⁶ Interessante que a assembleiana Benedita da Silva (PT-

³⁶⁸ Ibid.

³⁶⁹ Ibid. Alega-se que o Vaticano, preocupado com o crescimento evangélico, busca restaurar a supremacia no Brasil para estancar as perdas. OLIVEIRA, A (in)tolerância da Nova República, 1985, p. 3.

³⁷⁰ POR QUE, jul. 1985, p. 12.

³⁷¹ Ibid.

³⁷² COUTO, set. 1985, p. 8.

³⁷³ KESSLER, jul. 1986, p. 2.

³⁷⁴ Em outubro, na véspera da eleição, foi publicada uma listagem completa com o nome e o número dos candidatos apoiados pela AD. Ibid.

³⁷⁵ FRESTON, 1994, p. 43.

³⁷⁶ O QUE, set. 1986, p. 14-15. A JUSTIÇA, 1986, p. 20.

RJ) foi a única que teve seu partido descrito, já que ao mesmo tempo o informativo eclesial mantinha a campanha anticomunista.³⁷⁷

Os assembleianos não foram os únicos a se mobilizarem em torno da constituinte. Os batistas e os adventistas também se articularam para influenciar a elaboração da nova Constituição. Segundo o Jornal Batista, ponto de honra será a separação entre a Igreja e o Estado.³⁷⁸ Os adventistas publicam um documento intitulado "A Constituinte e as Liberdades", composto por quatro artigos, escrito por pastores da denominação, que expõem o ponto de vista adventista acerca de algumas importantes questões relacionadas com a nova Constituição brasileira — a família, o comportamento sexual, o direito à vida e a preservação da saúde, junto com um documento, que citando o papa João Paulo II e a CNBB, pede a garantia da liberdade religiosa. Quatro mil cópias são enviadas aos constituintes.³⁷⁹

A mobilização evangélica foi um sucesso, no que se refere ao aumento de parlamentares protestantes. Foram eleitos 32 deputados federais e senadores evangélicos, sendo que com a entrada de quatro suplentes, a Constituinte se encerrou com 36 titulares protestantes.³⁸⁰ A AD teve seus esforços recompensados, passando de um legislador na eleição anterior para 14 eleitos e um suplente que assumiu durante a legislatura.³⁸¹ Com isso, a Assembleia de Deus tornou-se a denominação com maior representação no Congresso Nacional. A segunda maior representação foi conseguida pela igreja batista. Os pentecostais, que entre 1933-1987 só tinham conseguido três parlamentares, tendo apenas 6% na composição dos deputados evangélicos, passaram nas eleições de 1986 a ter 27 congressistas, representando 55% dos parlamentares protestantes.³⁸²

Estas eleições tiveram algumas consequências que vão moldar a forma como os evangélicos votam e são representados. Em primeiro lugar, a entrada pentecostal na política evangélica, segundo Freston, causou mudanças na “dispersão geográfica, perfil social, vínculos partidários e trajetórias políticas”.³⁸³ Se, no passado, os parlamentares protestantes se concentravam no Sul e Sudeste, a eleição de 1986 aumenta a participação dos estados do Norte e Nordeste. “A origem social dos

³⁷⁷ O QUE, set. 1986, p. 14.

³⁷⁸ Ibid.

³⁷⁹ DECISÃO, ago. de 1987, p. 20.

³⁸⁰ FRESTON, 1994, p. 44.

³⁸¹ Ibid. p. 43-44.

³⁸² Ibid. 46 e 47.

³⁸³ Ibid. p. 47.

políticos pentecostais (indicada pelo nível educacional e pela cor) é mais baixa que a dos históricos e da média do Congresso”.³⁸⁴ O discurso destes políticos é típico de suas igrejas, embora muitos destes sejam empresários bem-sucedidos.³⁸⁵ Se a eleição de 1982 indicou um alinhamento com a oposição moderada, esta tendência inverte-se em 1986. A maioria dos parlamentares evangélicos da Constituinte alinha-se com o governo Sarney e é caracterizada pelo fisiologismo.³⁸⁶ Nisso os políticos evangélicos brasileiros diferem dos fundamentalistas norte-americanos, firmemente identificados com o Partido Republicano, enquanto que aqui, os políticos evangélicos se filiam aos mais variados partidos políticos.

O sucesso eleitoral evangélico não implica necessariamente em uma mudança teológica. Embora os conceitos de política e religião do *Mensageiro da Paz* tenham se aproximado mais do modelo calvinista em detrimento do anabatista, os parlamentares evangélicos continuam sustentando a escatologia dispensacionista pré-milenista, com seu pessimismo social.³⁸⁷ O que mudou foi a forma das lideranças políticas e eclesiásticas no meio evangélico verem e utilizarem o seu poder. A força política serve ao mesmo tempo para fortalecer ainda mais as lideranças eclesiásticas, que agora tem o poder de barganhar o controle do voto dos fiéis. Enquanto que nas igrejas históricas, o poder do pastor permanece o mesmo, por não haver pressão em torno de candidaturas eleitorais, no meio pentecostal observa-se um fortalecimento deste sobre a vida dos fiéis.³⁸⁸

Com o aumento do poder político, cresce o poder midiático. “A política facilita o acesso à mídia, que é outra maneira de se estabelecer lideranças. A mídia e a política se reforçam mutuamente na estruturação do meio evangélico”.³⁸⁹ Neste período, vemos o estabelecimento e a expansão midiática de políticos protestantes e denominações neopentecostais. Esta expansão acentua-se durante o governo Sarney, quando este interessado em ter um mandato de cinco anos, distribuiu a concessão de rádios e TVs a eventuais aliados, entre eles alguns líderes evangélicos. O autor da proposta de um mandato de cinco anos foi o deputado assembleiano Matheus lensen, que ganhou logo após uma concessão de rádio. Segundo o *Jornal*

³⁸⁴ Ibid.

³⁸⁵ Ibid.

³⁸⁶ Ibid.

³⁸⁷ Ibid. p. 62.

³⁸⁸ Ibid. p. 63.

³⁸⁹ Ibid.

do Brasil mais cinco deputados ganharam concessões em troca de seus votos.³⁹⁰ O presidente da subcomissão de Comunicações de José Sarney foi o batista Arolde de Oliveira, que garantiu a concessão da TV Rio ao pastor batista Nilson Fanini.³⁹¹

Em sua busca pela defesa da família e da liberdade religiosa, os pentecostais abandonam a tradição apolítica de origem anabatista e se alinham a seus congêneres fundamentalistas norte-americanos. Valendo-se da estratégia do medo, utilizam um discurso anticatólico, antimodernista e anticomunista para arregimentar o eleitorado em torno de uma causa. Se entendem e apresentam como a salvação da Pátria, os defensores da ética política, da moral e dos valores bíblicos contra católicos, marxistas e libertinos. Freston diz que, em 1986, havia uma mística em torno da Assembleia Nacional Constituinte como um “momento em que se reescreveria o Brasil, ou pelo menos impedir que outros o reescrevessem”.³⁹² Em suma: o Anticomunismo, o controle do eleitorado cativo da membresia e a busca de colocar “homens de Deus” no poder, mais do que escrever, impediria outros de reescreverem a história do Brasil. Temor que também se refletia em data posterior à promulgação da nova Constituição: aos olhos da grande maioria dos líderes evangélicos, tratava-se também de impedir que o Partido dos Trabalhadores tivesse sucesso nas eleições presidenciais de 1989.

3.3 SE O DIABO É VERMELHO, VAMOS COLLORIR! OS EVANGÉLICOS CONTRA O PT

O ano de 1989 trouxe para as fileiras evangélicas uma agitação em torno da possibilidade de ter um presidenciável protestante. O envolvimento evangélico em torno desta eleição presidencial começou com a possibilidade do ministro da Agricultura do governo Sarney, Iris Rezende, ser o candidato do PMDB ao palácio do Planalto. Com uma trajetória política já consolidada, Rezende foi o primeiro governador protestante eleito pelo voto popular, em 1982, para governar Goiás. Como ministro da Agricultura, os anos em que esteve à frente da pasta foram marcados por boas safras, fato encarado por lideranças evangélicas como sinal da “benção de Deus”. Sua gestão foi marcada por cultos evangélicos para agradecer as boas safras

³⁹⁰ Ibid. p. 81.

³⁹¹ Ibid. p. 80.

³⁹² Ibid. p. 64.

agrícolas.³⁹³ Sua pré-candidatura mobilizou tanto a liderança como o empresariado pentecostal, que lançaram o Movimento Evangélico pró-Iris. Batistas, presbiterianos, a Igreja Cristã Evangélica (denominação de Rezende) e a Assembleia de Deus aderiram ao movimento. A Convenção de Madureira, ainda parte da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, recebeu Iris Rezende em seu congresso nacional.³⁹⁴ O presidente da mesma, o pr. Manoel Ferreira, profetizou o seguinte: “Deus já me disse que um evangélico será presidente. Se o ministro for escolhido na convenção, já sei o nome do novo governante deste país”.³⁹⁵ Iris foi rejeitado pelo PMDB em prol do lançamento da candidatura de Ulysses Guimarães, o que deixou os evangélicos sem um candidato ao iniciar-se a campanha do 1º turno das eleições.

Estas eleições testemunham o aparecimento do primeiro presidenciável evangélico. Armando Correa da Silva, presidente do PMB, apresentou-se como o “representante dos 32 milhões de evangélicos brasileiros” [sic].³⁹⁶ Candidato derrotado nas eleições de 1985, 1986 e 1988, o mesmo se “apresentava” como pastor, ou membro da Assembleia de Deus, o que foi desmentido pelo presidente da igreja.³⁹⁷ Dono de 43 fazendas em Roraima e de 4 imóveis em São Paulo, se apresentou como formado em Filosofia, Sociologia e Teologia, além de ser advogado e empresário.³⁹⁸ Dono de um passado desconhecido das lideranças evangélicas, não obteve o apoio de nenhuma liderança eclesiástica de âmbito nacional ou de qualquer denominação. Pivô de um acordo em que abria mão da candidatura para ser vice numa chapa encabeçada pelo apresentador de TV Silvio Santos, viu o PMB perder em definitivo seu registro pouco antes da eleição presidencial.³⁹⁹ A falha no registro de candidatura de Silvio Santos foi descoberta por Eduardo Cunha, assessor da campanha de Collor no RJ.⁴⁰⁰

Com a falha da candidatura de Iris Rezende e a rejeição da candidatura de Armando Correa, as lideranças evangélicas foram alvos da maioria dos presidenciáveis, que buscavam o apoio deste eleitorado já no 1º turno. Ulysses

³⁹³ Ibid. p. 85-86.

³⁹⁴ Ibid. p. 86.

³⁹⁵ BERGAMASCHI, 17 abr. 1989, p. A5.

³⁹⁶ CORREIA, 01 nov.1989, p. 05.

³⁹⁷ Ibid., FRESTON, 1994, p. 87.

³⁹⁸ CORREIA, 01 nov.1989, p. 05.

³⁹⁹ Ibid., FRESTON, 1994, p. 87.

⁴⁰⁰ Disponível em

http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/politica/2015/02/11/interna_politica,560432/evangelicos-comemoram-eleicao-de-eduardo-cunha-para-a-camara.shtml. Visitado em 15/06/2015.

Guimarães (PMDB),⁴⁰¹ Ronaldo Caiado (PSD),⁴⁰² Leonel Brizola (PDT), e Fernando Collor (PRN)⁴⁰³ aparecem em eventos e igrejas pedindo votos. Embora não busque o apoio dos líderes evangélicos, até Roberto Freire (PCB) diz ter a filiação de três pastores evangélicos no partido comunista, no Mato Grosso do Sul, e o apoio de pastores da Assembleia de Deus em São Paulo.⁴⁰⁴ Outra exceção é a candidatura de Lula (PT), ao menos no primeiro turno, que embora não corra atrás das lideranças protestantes, conta com um Movimento Evangélico Pró-Lula.⁴⁰⁵ Porém, será Collor, de longe, o mais bem-sucedido em costurar alianças com denominações protestantes, enquanto Brizola e Lula terão comitês evangélicos, porém, devido a caracterização de “esquerda”, não conseguirão o apoio aberto de nenhuma denominação ou liderança evangélica de amplitude nacional.

Antes de prosseguirmos com a análise do comportamento evangélico nas eleições de 1989, devemos nos lembrar da seguinte observação de Paul Freston:

O mundo evangélico inclui igrejas com maneiras muito diversa de lidar com a política. Precisamos examinar a participação evangélica na eleição em três níveis: como a liderança de cada grande denominação se posicionou e o que os seus posicionamentos representam na estrutura interna da igreja; até que ponto suas recomendações são obedecidas pelos membros; e que influência tiveram os movimentos evangélicos em favor de alguma candidatura presidencial.⁴⁰⁶

O mundo evangélico não se comporta de forma homogênea nas eleições de 1989, consequência da diversidade protestante. A Congregação Cristã no Brasil e a Igreja Pentecostal Deus é Amor mantém sua tradição apolítica.⁴⁰⁷ As igrejas protestantes históricas e pentecostais se dividem em duas posturas básicas: as que apoiam tacitamente um candidato e aquelas que não direcionam o voto a um candidato, mas condenam o voto em candidatos marxistas. O discurso anticomunista estará presente em ambas posturas políticas. Embora alguns pastores tenham apoiado Lula e Brizola (assembleianos do Rio de Janeiro e Luteranos no Rio Grande do Sul), a grande maioria condenou os candidatos esquerdistas.

⁴⁰¹ JB, 17/07/89, p. 3. DAMIANI, 18 jul. 1989, p. 5.

⁴⁰² CAIADO, 07 ago. 1989, p. 2.

⁴⁰³ MIRANDA, 21 jul. 1989, p. 6. COSTA, 18 ago. 1989, p. 3. FEITOSA, 16 out. 1989, p. 4.

⁴⁰⁴ “Mais de 90% da militância é religiosa. A figura típica do materialista está em desuso”, segundo um dirigente do PCB, em entrevista ao Jornal do Brasil. LANZETTA, 15 jul. 1989, p. 6.

⁴⁰⁵ CAVALCANTI, 2002, p. 241.

⁴⁰⁶ FRESTON, 1994, p. 87.

⁴⁰⁷ A Congregação Cristã no Brasil chega a emitir uma nota na imprensa, onde diz que a denominação nunca incentivará o voto a qualquer candidatura, uma vez que o presidente eleito já foi predestinado por Deus. A TARDE, 08 dez. 1989, p. 09. Apud FRESTON, 1994, p. 87.

As igrejas históricas, segundo Paul Freston, conservam “a consciência do cidadão-autônomo”.⁴⁰⁸ Sua tradição teológica e política não permite que as lideranças oficializem candidatos. Embora com inclinações ideológicas diversas, elas mantêm o mesmo padrão. Contudo, isto não as exime de fazer pronunciamentos contra ideologias perigosas, descrever o perfil dos candidatos à presidência, ou conscientizar sua membresia traçando as virtudes necessárias para um presidenciável merecer o apoio evangélico.⁴⁰⁹

A igreja adventista é um exemplo emblemático do apoliticismo protestante histórico. O editor do órgão oficial da denominação, pr. Rubens S. Lessa, ao falar sobre o candidato ideal, diz que

Um bom candidato é o que defende a liberdade religiosa, os princípios de temperança, a ordem pública, e luta denodadamente pela justiça social. Homens tendentes ao uso da força, são perigosos. Os anarquistas e agitadores, também.⁴¹⁰

Nesta declaração concisa podemos ver o comportamento eleitoral dos protestantes históricos. O candidato ideal é o que defende a liberdade religiosa, maior bandeira protestante, e a justiça social, indicador de uma tendência de centro-esquerda no pensamento protestante histórico. Os metodistas seguem este rumo, ao lançar um pronunciamento que diz que a igreja se identifica com partidos que defendem as causas populares.⁴¹¹ Os luteranos se preocupam com as ameaças à democracia, ainda vista como frágil no período.⁴¹² Porém, a garantia da liberdade religiosa é a maior bandeira, como pode se perceber no *Jornal Batista*. Lançado semanalmente, ele é o órgão oficial da Convenção Batista Brasileira. Num editorial de 12/11/1989, o pr. Nilson Dimarzio lembra seus leitores que os batistas sempre defenderam uma igreja livre num estado livre. Portanto, para Dimarzio, o melhor candidato é o possuidor das qualidades intelectuais e morais, além de experiência política, que tenha planos de investimentos em educação e saúde. Mas, acima de

⁴⁰⁸ FRESTON, 1994, p. 87.

⁴⁰⁹ O apoio escancarado de denominações protestantes a candidatos à presidência e o escândalo de Armando Correia e o PMB levou o pr. Gottfried Brakemeier, presidente do Conic (Conselho Nacional de Igrejas Cristãs no Brasil), a mandar uma carta ao JB em resposta a uma matéria intitulada “Pastores das trevas”, em que se criticava o fisiologismo e oportunismo evangélico. Nela, o pr. Brakemeier, ao mesmo tempo que reconhece a prática antiética de pastores e denominações pentecostais, lembra que “as igrejas evangélicas históricas, com a Batista, a Episcopal, a Metodista, a Luterana, a Presbiteriana, a Reformada, a Adventista e outras, sempre tem rejeitado tais praticasse zelado para manter sua pregação sua prática fiel ao evangelho de Cristo, e orientado seus ministros a distinguir entre suas funções políticas e pastorais”. BRAKEMEIER, 12 nov. 1989, p. 13.

⁴¹⁰ LESSA, nov. de 1989, p. 18.

⁴¹¹ FRESTON, 1994, p. 88.

⁴¹² Ibid.

tudo, deve defender a liberdade religiosa, que permite a pregação do Evangelho, fator que contribuiu para o reerguimento moral da nação.⁴¹³

O Estandarte, órgão oficial da IPI, é um exemplo de como as igrejas históricas vencem a “tentação” de indicar um candidato oficial, ao mesmo tempo que demonstra uma articulação com a centro-esquerda. Em novembro de 1989, o mesmo publica um artigo intitulado “Os presidenciáveis mostram seu rosto”.⁴¹⁴ Além de descrever um breve histórico dos candidatos, o jornal emite declarações morais sobre eles. Afif é apresentado como aliado do sistema capitalista, Aureliano e Collor como candidatos que sempre votaram contra as reivindicações do povo, além de questionar a capacidade administrativa de Collor (“Não foi capaz de fazer uma boa administração num dos menores estados brasileiros”).⁴¹⁵ Maluf é chamado de corrupto com toda ênfase. Ulysses Guimarães tem contra si a presença de parlamentares do PMDB que votaram contra a reforma agrária e os anseios populares. Caiado é um dos que recebem a pior descrição. Além de inimigo da Reforma Agrária e dos direitos do trabalhador, “sempre fala mal da Igreja, que é comprometida com o povo”.⁴¹⁶ Por outro lado, Brizola, Lula, Covas e até Roberto Freire (“Na Constituinte sempre votou a favor dos interesses do trabalhador”)⁴¹⁷ são descritos com simpatia, sendo Mário Covas o que tem maiores elogios (“Foi prefeito de São Paulo, onde realizou boa administração favorecendo o povo... Na Constituinte defendeu os interesses dos trabalhadores”).⁴¹⁸ Ressalte-se que a descrição simpática ao candidato do PCB, Roberto Freire, será uma exceção no universo evangélico. Neste, o discurso anticomunista ainda é muito latente.

Entre os evangélicos. O comunismo é o principal argumento contra um candidato. Descritos como “anarquistas e agitadores”,⁴¹⁹ são perigosos por perseguirem a igreja cristã. “Quem conhece o comunismo sabe tratar-se de um regime de opressão e cerceamento das liberdades individuais e coletivas”,⁴²⁰ diz o *Jornal Batista* às vésperas da eleição. Nenhum dos evangélicos brasileiros deve se deixar levar “pelo canto de sereia daqueles que desfraldam a bandeira da força e do

⁴¹³ DIMARZIO, 12 nov. 1989, p. 3.

⁴¹⁴ RIBEIRO, out. de 1989, p. 14

⁴¹⁵ Ibid.

⁴¹⁶ Ibid.

⁴¹⁷ Ibid.

⁴¹⁸ Ibid.

⁴¹⁹ LESSA, nov. de 1989, p. 18.

⁴²⁰ DIMARZIO, 12 nov. 1989, p. 3.

martelo”.⁴²¹ Em outubro de 1989, o mesmo jornal publicou o artigo intitulado “A base do comunismo é o ateísmo”.⁴²² Neste artigo, há um alerta contra o perigo de votar em partidos marxistas nas eleições presidenciais, perigo representado pelos partidos PCB, o PC do B, além de partidos coligados, chamados de “união da esquerda”, estando entre eles o PT.⁴²³ Segundo o Jornal, a sociedade “mais justa” que os comunistas brasileiros almejam, é uma “balela”, baseada nas palavras e escritos de “um doente mental que foi Karl Marx, com sua utopia de um céu na terra”.⁴²⁴ Este anticomunismo é o que une pentecostais e a grande maioria dos protestantes históricos. Resumindo nas palavras de um pastor da Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular, ele não vota na esquerda porque “o comunismo é o Anticristo”.⁴²⁵ Na sua construção da realidade, os evangélicos acabam enxergando na esquerda brasileira tudo aquilo que haviam aprendido a odiar no marxismo ateu.

O *Mensageiro da Paz*, embora não declare apoio aberto a nenhum presidencial, lança, entre abril e novembro de 1989, matérias que criticam os países comunistas pela intolerância religiosa.⁴²⁶ No artigo intitulado “15 de novembro: hora de votar”, o jornal destaca que o futuro presidente não deve ser da esquerda, porém adepto do regime democrático e contrário aos regimes de exceção.⁴²⁷ Neste período, é um novo editor que dirige o *Mensageiro da Paz*, o pr. Antonio Gilberto, que receia em polemizar durante o período eleitoral, evitando satanizar políticos ou partidos, embora continue a publicar material anticomunista. Contribuiu para a “neutralidade” do *Mensageiro da Paz* uma reportagem do *Jornal do Brasil* que dizia que a AD apoiava Collor. Isto levou a uma nota de esclarecimento do jornal *Mensageiro da Paz*, ao dizer que nenhum ministro tinha direito de ser porta-voz ou procurador da igreja, já que os membros eram eticamente livres para apoiarem quem quisessem.⁴²⁸ A Assembleia de Deus se assemelha aos protestantes históricos ao se limitar a traçar um perfil para a escolha do futuro presidente. E o discurso é o mesmo. Liberdade religiosa, incentivo

⁴²¹ Ibid.

⁴²² LACERDA, 29 out. 1989, p. 12

⁴²³ Ibid.

⁴²⁴ Ibid.

⁴²⁵ COLLOR, 03 dez. 1989, p. 12.

⁴²⁶ “O choro de Pequim”, ago. de 1989. SOUZA, Reginaldo, “Bíblias para o povo soviético”, MP, n 1232, set. de 1989. “Declaração romena seria vergonhosa hipocrisia”, n. 1233, out. de 1989. “União Soviética ouve a mensagem do evangelho”, MP, n. 1235, dez. de 1989. “A barreira continua na Coreia do Norte”, MP, n. 1235, dez. de 1989.

⁴²⁷ 15 DE NOVEMBRO, nov. de 1989.

⁴²⁸ OLIVEIRA, jul. de 1989, p. 02.

à indústria e agricultura, defesa da moral e de alguém que diminua as injustiças sociais.⁴²⁹

Embora a Assembleia de Deus assemelhe-se aos históricos ao não referendar publicamente nenhum candidato, ela assemelha-se a outras denominações neopentecostais, que se engajam ativamente na política partidária, dentre os quais podemos destacar a Brasil para Cristo, Universal e Casa da Benção, que apoiam Collor desde o primeiro turno. Despossuídas de uma tradição política e ideológica como as históricas, e não tendo o ônus da dimensão e da burocracia da Assembleia de Deus, estas igrejas, com estrutura pastoral hierarquizada, adeptas do sistema episcopal, lideradas pelos fundadores com forte liderança carismática, possuem uma liberdade de atuação maior, sem ter um discurso apolítico de um passado ainda recente que venha causar constrangimentos.

A primeira igreja a apoiar abertamente Collor é a Casa da Benção. Aproveitando o 25º aniversário da denominação, seu líder e fundador, pr. Doriel de Jesus, convocou cerca de mil pastores em Brasília para as festividades de aniversário. Aproveitando a ocasião, o pr. Doriel convidou Collor para discursar aos pastores da denominação. No final do encontro, Collor saiu dali com a promessa de 250 mil votos e uma oração invocando o sucesso eleitoral, onde o pr. Doriel disse: “Meu irmão Fernando Collor, meu irmão maior, nós estamos contigo, amém”.⁴³⁰ Ao final, vários pastores saudaram Collor como presidente do Brasil. Em seguida, Collor assediou os pastores da Assembleia de Deus. Na comemoração do aniversário de 55 anos do presidente da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, pr. José Wellington da Costa, realizada na sede da igreja em São Paulo, Collor esteve presente ao culto especial. Neste encontro havia pastores assembleianos de todo o País. Embora Ulysses Guimarães, Paulo Maluf e Leonel Brizola já tivessem passado pela mesma igreja para um encontro com as lideranças, os discursos inflamados e os abraços calorosos deixaram claro que a maioria dos 4.500 pastores da Assembleia de Deus presentes apoiariam Collor.⁴³¹ A Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular inicialmente teve uma postura aberta. Embora seu deputado federal tenha participado ativamente da campanha de Collor, ela permitiu que o líder do movimento evangélico pró-Lula, o reverendo anglicano Robinson Cavalcanti

⁴²⁹ 15 DE NOVEMBRO, nov. de 1989.

⁴³⁰ MIRANDA, 21 jul. 1989, p. 6.

⁴³¹ FEITOSA, 16 out. 1989, p. 4.

escrevesse em suas revistas. Contudo, quando, no final do primeiro turno, Cavalcanti apareceu na propaganda de Lula, a liderança da Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular resolveu agir.⁴³² Lançou um comunicado interno, que foi impresso em jornais e revistas, recomendando pastores e membros a não votarem em “candidatos de esquerda, tais como Lula, Freire, Brizola e Covas”.⁴³³ No segundo turno, a liderança se definiu por Collor.⁴³⁴ O apoio mais valioso, porém, viria da Igreja Universal do Reino de Deus.

A Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular e a Assembleia de Deus demoraram a se posicionar, deixando o apoio para o segundo turno, o que não deixou de ser decisivo. O voto dos históricos estava rachado, e as denominações não declaram apoio aberto a um candidato. A Casa da Bênção tinha poucos votos e pouca influência fora de seu círculo de fiéis. O aliado de primeira hora, e que colocou seu império midiático a favor de Collor desde o primeiro turno foi a Igreja Universal do Reino de Deus. O contato entre Collor e a Igreja Universal do Reino de Deus começou em 1988, quando Alagoas foi arrasada pelas chuvas e houve uma parceria entre o então governador e a Igreja Universal do Reino de Deus no socorro aos desabrigados, levando Collor a contactar diretamente o bispo Edir Macedo. Quando lançou sua candidatura, Collor ligou pessoalmente ao bispo pedindo apoio.⁴³⁵ Collor ganhou espaço nas emissoras da Igreja Universal do Reino de Deus,⁴³⁶ além dos 700 templos da Igreja Universal do Reino de Deus na época servirem de centros para a distribuição de santinhos (o que criou problemas com a justiça eleitoral).⁴³⁷ Na véspera do primeiro turno, o bispo Macedo

Comandou uma vigília, vestindo uma camiseta com o nome do candidato [Collor]... e associando o nome de Lula ao demônio, enquanto seus fiéis o acompanhavam dançando com as mãos para o alto. Um desses versos dizia: *o diabo na corda bamba, vamos colorir, vamos colorir.*⁴³⁸

O próprio bispo Macedo se empenhou em explicar o apoio de primeira hora a Collor. Segundo ele “após orar e pedir que Deus indicasse uma pessoa, o Espírito Santo nos convenceu de que Fernando Collor de Mello era o escolhido”.⁴³⁹ Mas é

⁴³² FRESTON, 1994, p. 90.

⁴³³ ZDROJEWSKI; BENGSTON, 14 nov. 1989, p. 02.

⁴³⁴ FRESTON, 1994, p. 91.

⁴³⁵ SAID, 03 dez. 1989, p. 12.

⁴³⁶ FRESTON, 1994, p. 89.

⁴³⁷ COLLOR, 03 dez. 1989, p. 12.

⁴³⁸ ONDE, 06 dez. 1989, p. 58.

⁴³⁹ SAID, 03 dez. 1989, p. 12.

claro que existem motivos mais mundanos. Um dos motivos é a garantia da liberdade religiosa. O segundo é o apoio do clero progressista católico a Lula. Para o bispo Macedo, a Igreja Católica é a responsável por toda a miséria do Brasil. Ele temia que a vitória de Lula marcasse a retomada do prestígio do Catolicismo. “Se ele jogasse a toalha [referindo-se ao apoio católico ao PT], eu até o apoiaria”.⁴⁴⁰ Com o discurso de que a vitória do PT será marcada pela Igreja Católica mandando no País, os pastores da Igreja Universal do Reino de Deus fazem a campanha do medo em seus templos. A vitória de Brizola ou Lula ameaça a TV Record e as emissoras de rádio, que propagam o evangelho, ou o fechamento da própria Igreja Universal do Reino de Deus.⁴⁴¹ Com cerca de 500 mil fiéis na época,⁴⁴² o discurso universalista consegue ganhar a maioria dos votos dos membros da denominação, que acreditam que Collor merece o voto porque “foi escolhido pelo Espírito Santo”.⁴⁴³ e desobedecer a orientação do escolhido de Deus seria se colocar numa situação que abriria as portas para as maldições.⁴⁴⁴ O fortalecimento de Collor entre os pentecostais é tão grande que faz a imprensa notificar que o apoio pentecostal a Collor é quase total.⁴⁴⁵

Brizola é o primeiro a sofrer uma perda significativa devido ao discurso anticomunista evangélico. Ele é acusado de comunista e agitador em discursos de líderes religiosos e em panfletos distribuídos.⁴⁴⁶ Evangélicos ligados a Leonel Brizola, do PDT, formaram um Comitê Evangélico pró-Brizola,⁴⁴⁷ encabeçado pela bancada evangélica do PDT (quatro parlamentares), liderados por Lysâneas Maciel, do PDT e membro da igreja presbiteriana.⁴⁴⁸ Este movimento teve grande participação de protestantes históricos e da Assembleia de Deus, do Rio de Janeiro. Chegou a ser lançado um manifesto evangélico de apoio a Brizola,⁴⁴⁹ e o pastor assembleiano e apresentador de um programa de TV, Silas Malafaia, chegou a gravar uma entrevista com o candidato Brizola, intitulado *Brizola responde aos evangélicos*.⁴⁵⁰ Embora lidere as primeiras pesquisas de intenção de voto, e apareça até a véspera do primeiro turno

⁴⁴⁰ Ibid.

⁴⁴¹ FRESTON, 1994, p. 89.

⁴⁴² COLLOR, 03 dez. 1989, p. 12.

⁴⁴³ SAID, 03 dez. 1989, p. 12.

⁴⁴⁴ Ibid.

⁴⁴⁵ COLLOR, 03 dez. 1989, p. 12.

⁴⁴⁶ BRIZOLLA, 14 jul. 1989, p. 02.

⁴⁴⁷ CAMPOS, 1999, p. 456.

⁴⁴⁸ BRIZOLLA, 14 jul. 1989, p. 02.

⁴⁴⁹ Ibid.

⁴⁵⁰ COSTA, 18 ago. 1989, p. 3.

como o segundo colocado, Brizola acaba amargando o terceiro lugar na apuração das eleições. Com a derrota de Brizola no primeiro turno, a maior parte do seu Comitê transfere apoio para o candidato Lula, do PT, incluindo a maior parte liderança fluminense da Assembleia de Deus, que apoiou o candidato derrotado do PDT.⁴⁵¹

É a candidatura de Lula, porém, que será mais prejudicada pelo anticomunismo protestante. Como no primeiro turno Collor tinha costurado alianças com os pentecostais e, entre os candidatos da esquerda, Brizola foi o que teve mais sucesso em trazer lideranças evangélicas para sua campanha (notadamente do Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul), “a ida de Lula para o segundo turno causou naquela eleição um ‘calafrio’ nas lideranças pentecostais”.⁴⁵² Dos quatro candidatos à esquerda na época, Lula era o que despertava mais medo. Tal se devia a vários fatores: ao passado sindicalista (visto como agitador) deste candidato; à base política do PT, que contava com vários militantes do clero católico progressista e das CEBs (aliado do Catolicismo); e, por último, à proximidade ideológica do PT com a Teologia da Libertação, o que lançava temores quanto à (pretensa ou não) pregação comunista e da luta de classes entre os apoiadores do PT. Já desqualificado por ser de Esquerda, a aliança com o catolicismo era um motivo a mais para a rejeição de Lula. “Comunismo com catolicismo: a liberdade religiosa dos evangélicos estava duplamente ameaçada”.⁴⁵³ Nas palavras de Mariano & Pierucci, “instalou-se um clima de pânico, que se adensava à medida que se aproximava o dia final... era um pânico de classe”.⁴⁵⁴ Este medo era estimulado tanto pelo anticomunismo, anticatolicismo e antiesquerdismo protestante quanto pelo antipetismo vinculado na campanha de Collor e na mídia eletrônica, em particular a Rede Globo.

Enquanto que, no primeiro turno, o movimento anti-Lula entre os evangélicos tinha sido mais discreto (já que se esperava um embate final entre Collor e Brizola),⁴⁵⁵ no segundo turno, a campanha de Lula foi alvo de todo tipo de calúnia, tanto da parte de Collor, quanto dos meios de comunicação em massa, que recorreram a acusações de cunho pessoal e manipulação política.⁴⁵⁶ Apareceram denúncias de brigadas do

⁴⁵¹ CAMPOS, 1999, p. 456.

⁴⁵² CAMPOS, 2002, p. 19.

⁴⁵³ MARIANO; PIERUCCI, 1992, p. 104.

⁴⁵⁴ *Ibid.* p. 98.

⁴⁵⁵ SECCO, 2011, p. 137.

⁴⁵⁶ MARTINEZ, 2007, p. 256.

PT ameaçando as pessoas. Em Brasília, surgiram panfletos de uma suposta Juventude Petista, que pregaria a luta armada.⁴⁵⁷ Surgiram também panfletos apócrifos, que diziam que militantes do PT estavam visitando residências, com o fim de expropriá-las após a eleição. Havia igualmente panfletos onde os petistas eram insultados jocosamente.⁴⁵⁸ E, no dia 12/12/1989, a campanha de Collor vinculou uma entrevista com a enfermeira Miriam Cordeiro, que alegava ter tido uma filha com Lula, e que este a pressionara a abortar.⁴⁵⁹ A mesma campanha acusou Lula de ser um rico disfarçado, morador do bairro Morumbi, e não da periferia paulistana.⁴⁶⁰ Na véspera do segundo turno, o empresário Abílio Diniz foi sequestrado, sendo estourado o cativeiro no dia da eleição. Os sequestradores, todos estrangeiros, saíram do cativeiro com camisas do PT.⁴⁶¹ Especialmente os apresentadores televisivos, gostavam de atacar Lula, que era chamado de inexperiente, analfabeto, dono de um português lastimável.⁴⁶² A rede Globo explorou eleitoralmente o sequestro de Abílio Diniz e editou propositalmente o último debate, para deixar Lula numa posição enfraquecida.⁴⁶³

Os pentecostais não ficaram de fora deste “jogo sujo”. Reverberavam práticas e discursos do movimento pró-Collor. Para os neopentecostais, como os fiéis da Casa da Benção, Collor seria a alternativa para libertar o Brasil da ameaça comunista.⁴⁶⁴ Na opinião do pastor da Casa da Benção, Gregório Moraes, “Deus não pode permitir que um esquerdista terrorista chegue à presidência”.⁴⁶⁵ Para outros, Lula pregava a luta armada e discriminaria os evangélicos.⁴⁶⁶ Segundo um político assembleiano, “os evangélicos não podem apoiar Lula porque ele quis até tirar o nome de Deus do preâmbulo da Constituição”.⁴⁶⁷ Pelo visto, não são apenas os neopentecostais que demonizam a esquerda. Resultado de anos de discurso anticomunista no *Mensageiro da Paz*, as lideranças assembleianas também negam voto a Lula por ser de esquerda, e o papel do pastor, segundo o pr. Tulio Ferreira, da AD, é garantir que “não sejam

⁴⁵⁷ Ibid. p. 137-138.

⁴⁵⁸ Ibid. p. 141.

⁴⁵⁹ Ibid. p. 139.

⁴⁶⁰ Ibid. p. 141.

⁴⁶¹ Ibid. p. 138-140.

⁴⁶² Ibid. p. 141.

⁴⁶³ JOFFILY, 1998, p. 261.

⁴⁶⁴ AVENTURAS, 21 jul. 1989, p. 01.

⁴⁶⁵ MIRANDA, 21 jul. 1989, p. 6.

⁴⁶⁶ FRESTON, 1994, p. 91.

⁴⁶⁷ ONDE, 06 dez. 1989, p. 59.

dados votos à esquerda”.⁴⁶⁸ Para o também pastor assembleiano, Sebastião M. Pereira, “a tendência do povo evangélico é não votar num candidato das esquerdas, mas num cristão”.⁴⁶⁹ Para o bispo da Igreja Universal do Reino de Deus, Sérgio Volhelde,⁴⁷⁰ ele não vota em Lula porque “não apoiaria jamais um comunista. Apoiamos Collor e dizemos aos fiéis que ele é o melhor”.⁴⁷¹ Segundo o *Jornal do Brasil*, “o anticomunismo e mesmo a simpatia franca pela direita formam o coro mais comum para justificar o apoio a Collor”.⁴⁷² O mesmo movimento pode ser verificado entre os pentecostais. O pr. Daniel Martins, da Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular, e também depurado federal, mandou emissários aos mil templos da Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular em São Paulo para distribuir dois milhões de exemplares de um folheto intitulado “*Dez razões para não votarmos em Lula*”. Lula, neste documento, era um extremista, revoltado, que buscava uma possível luta armada.⁴⁷³ A Igreja Universal do Reino de Deus tem recolhida em três templos seus, duas toneladas de panfletos de Collor, pela justiça eleitoral.⁴⁷⁴

Pastores se engajam na campanha. Centenas de pastores da Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular pedem voto a Collor. A liderança da Brasil para Cristo também apóia Collor com entusiasmo. Os pastores distribuem adesivos e folhetos de Collor, tanto no intervalo dos cultos, quanto durante o sermão. O pastor da Brasil para Cristo, Gineton D. de Queirós, afirma que um “setor rebeldinho... sem peso na liderança... acha que um operário vai chegar a presidência”.⁴⁷⁵ Se Lula ganhar, ele garante, “ir[jia] embora do país”.⁴⁷⁶ Sotero Cunha (PRN-PE), deputado federal e pastor assembleiano, foi um dos coordenadores nacionais da campanha de Collor.⁴⁷⁷ A AD que, em 1989, havia passado por um cisma, ficando de um lado a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (que manteve a CPAD e o *Mensageiro da Paz*), e por outro, o Ministério de Madureira, manifestou apoio tácito, em ambos os lados, da parte de líderes e do pastores, a Collor. O ex-presidente da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil e agora presidente do Ministério

⁴⁶⁸ COLLOR, 03 dez. 1989, p. 12.

⁴⁶⁹ PASTOR, 03 dez. 1989, p. 13.

⁴⁷⁰ O mesmo que, anos depois, protagonizaria o famoso “Chute da Santa”, sendo, posteriormente, retirado da Igreja Universal do Reino de Deus.

⁴⁷¹ PASTOR, 03 dez. 1989, p. 13.

⁴⁷² COLLOR, 03 dez. 1989, p. 12.

⁴⁷³ CARVALHO, 03 dez. 1989, p. 13.

⁴⁷⁴ COLLOR, 03 dez. 1989, p. 12.

⁴⁷⁵ PASTOR, 03 dez. 1989, p. 13.

⁴⁷⁶ *Ibid.*

⁴⁷⁷ MARIANO; PIERUCCI, 1992, p. 100.

de Madureira, pr. Manoel Ferreira, reuniu a cúpula da denominação em Goiânia, após o primeiro turno, e decidiu apoiar Collor. Para ele, “o programa de Lula é totalmente inviável e vai jogar o País no comunismo”.⁴⁷⁸ O pr. José Wellington da Costa, presidente da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, afirmou ser inegável que:

Quem elegeu Collor foram os evangélicos... quando vimos que o Lula ia ganhar, e ia mesmo, então a Assembleia de Deus se movimentou no país inteiro. Onde eu não pude ir pessoalmente, fiz por telefone, liguei para o Brasil inteiro dizendo “a situação é assim, assim, assim”.⁴⁷⁹

Nem todos apoiaram Collor. Foram criados pelo menos dezoito comitês evangélicos pró-Lula em vários estados do Brasil. O coordenador-geral deste movimento era o já citado pastor anglicano Robinson Cavalcanti. Este Movimento de Evangélicos pro-Lula (MEL), conseguiu produzir e distribuir vários manifestos, como um que apoiava a Frente Brasil Popular, assinado por 24 líderes das denominações protestantes históricas (com exceção dos adventistas, que se mantiveram neutros).⁴⁸⁰ Alguns pastores participaram no horário eleitoral gratuito da Frente Brasil Popular.⁴⁸¹ Com exceção do Rio de Janeiro, onde as lideranças evangélicas que apoiaram Brizola resolveram apoiar Lula (inclusive o pr. Silas Malafaia, que criticou os boatos de que Lula era comunista e iria destruir a Igreja),⁴⁸² o apoio por parte dos protestantes a Lula foi “em geral diminuto, da parte dos pentecostais foi irrisório”.⁴⁸³ A aversão evangélica à campanha petista foi tão forte, que levou a Frente Brasil Popular a reafirmar a fé cristã de Lula e o compromisso com a liberdade religiosa, prometendo que, num hipotético governo petista, os evangélicos não seriam molestados.⁴⁸⁴ Evento emblemático desta situação foi o ato público, realizado em Belo Horizonte e organizado pelo MEL, com o objetivo de demonstrar o apoio protestante à candidatura de Lula. Apenas um pouco mais de trinta pessoas compareceram.⁴⁸⁵ Este fracasso foi explorado pela mídia, para demonstrar a rejeição protestante ao petista. Ao ser entrevistado no evento, o pr. Robinson Cavalcanti disse que o objetivo era “mais cerebral do que exorcizar eleitores do adversário”.⁴⁸⁶ Cavalcanti encerra a entrevista

⁴⁷⁸ Ibid.

⁴⁷⁹ Ibid. 101.

⁴⁸⁰ Ibid. p. 97.

⁴⁸¹ Ibid. p. 97.

⁴⁸² Ibid. p. 97.

⁴⁸³ Ibid. p. 97.

⁴⁸⁴ BRASIL, 12 dez. 1989, p. 40.

⁴⁸⁵ Ibid. p. 08.

⁴⁸⁶ Ibid.

dizendo que os eleitores evangélicos se dividiriam em 4 milhões de protestantes históricos, que apoiaram os candidatos de esquerda no primeiro turno, e 8 milhões de pentecostais, que apoiaram Collor.⁴⁸⁷ Mas será que realmente as forças podem ser correlacionadas assim?

A única pesquisa disponível acerca da intenção do voto de eleitores evangélicos foi realizada na cidade de Salvador (BA), na qual foram entrevistados 271 pentecostais (Assembleia de Deus, Igreja Pentecostal Deus é Amor, Igreja Universal do Reino de Deus, Casa da Bênção). Foi perguntado em quem eles haviam votado no primeiro turno. Nesta pesquisa 69,4% votaram em candidatos da direita, enquanto apenas 15,1% votaram em candidatos da esquerda (PT, PDT e PSDB).⁴⁸⁸ Relembrando que os neopentecostais e pentecostais são fobicamente anticomunistas, a ida de Lula ao segundo turno só fez solidificar seu apoio a Collor. E quanto aos históricos? Na edição de 31/12/1989, foi lançado, no *Jornal Batista*, um “Comunicado ao povo Batista”. Neste comunicado, a liderança da Convenção Batista de Pernambuco reafirma a neutralidade política e respeito à liberdade de consciência do indivíduo. A partir daí, são feitas duras críticas ao editor do jornal e ao próprio jornal por dirigirem os votos dos leitores contra a esquerda, associando-a de uma forma genérica ao comunismo, e satanizando seus militantes. Sustenta o comunicado que o fato de se proibir o voto em comunistas, deixando o termo vago e obscuro, pode induzir ao erro e ao preconceito ao não declarar quem são estes comunistas na política partidária brasileira. O comunicado se encerra dizendo que o Evangelho sobrevive a qualquer regime, que a denominação manteve o crescimento mesmo em países comunistas e que, como cristãos que respeitam e prezam a liberdade de consciência, o respeito inclui inclusive os que não creem.⁴⁸⁹

É claro que as eleições já foram decididas, mas os comunicados pós-eleição nos servem para se ter uma ideia da tendência de votos dos fiéis. No caso batista, embora as forças conservadoras fossem a maioria, podemos constatar não apenas fiéis, mas até mesmo lideranças ao lado da Frente Brasil Popular. Contudo, na mesma edição, numa matéria intitulada “Capitalismo e Socialismo”, o socialismo é execrado por ser materialista e ateísta, perseguidor da fé, enquanto que o capitalismo, embora tenha seus defeitos, acredita em Deus e proporciona liberdade de crença, sendo

⁴⁸⁷ Ibid.

⁴⁸⁸ MARIANO; PIERUCCI, 1992, p. 95.

⁴⁸⁹ COMUNICADO, 31 dez. 1989, p. 12.

portanto, “o menor dentre os males”.⁴⁹⁰ O autor é o professor e vice-diretor do Seminário Teológico Batista de Teresina, Genival Costa e Silva. A Igreja Presbiteriana do Brasil, maior denominação presbiteriana, em sua maioria conservadora, também apoiou Collor, desestimulando o voto em Lula: “a massa, por definição, não deve e nem pode dirigir sua própria existência”.⁴⁹¹ Na posse de Collor, além de criticar os evangélicos descontentes, afirma a mesma Igreja Presbiteriana do Brasil que Collor assume a presidência como parte da predestinação divina.⁴⁹² Mais uma denominação histórica importante em que a maioria esteve inclinada a votar em Collor.

A apuração das urnas no segundo turno deu a vitória a Collor, que obteve 35 milhões de votos contra 31 milhões de Lula.⁴⁹³ Fazendo uma análise pós-eleição, Paul Freston afirma que os evangélicos colocaram Collor no Planalto.⁴⁹⁴ Embora não possamos dizer com certeza como os evangélicos votaram, no resto da sociedade brasileira, houve um equilíbrio entre Collor e Lula. Havendo a existência de aproximadamente nove milhões de eleitores evangélicos, e que destes aproximadamente seis milhões eram pentecostais, onde Collor deve ter recebido cerca de 95% dos votos pentecostais e metade dos históricos, ele obteve entre os protestantes mais de quatro milhões e meio de votos.⁴⁹⁵ Embora se possa discordar destes números fornecidos por Paul Freston, a disparidade dos votos de Collor entre os evangélicos, em relação a outros setores da sociedade, com certeza influiu no resultado das eleições, principalmente devido ao direcionamento do voto verificado entre pentecostais, neopentecostais, batistas e presbiterianos. Bastava que os evangélicos reproduzissem a divisão manifestada em outros setores da sociedade para que o resultado fosse diferente.⁴⁹⁶ Principalmente quando se pensa na concentração dos mesmos no eixo Sul-Sudeste neste período, onde Lula teve melhor desempenho. Utilizando o discurso de temente à Deus, oposição ao Sarney e ao comunismo e explorando o combate a corrupção, temas facilmente compreendidos pelos evangélicos não-politizados,⁴⁹⁷ Collor atraiu a atenção e os votos deste setor anticomunista, anticatólico e que valoriza a liberdade religiosa, em detrimentos de

⁴⁹⁰ SILVA, 31 dez. 1989, p. 04.

⁴⁹¹ PRESBITERIANO, dez. de 1989, p. 02. Apud FRESTON, 1994, p. 89.

⁴⁹² FRESTON, 1994, p. 89.

⁴⁹³ JOFFILY, 1998, p. 260.

⁴⁹⁴ FRESTON, 2006, p. 95.

⁴⁹⁵ Ibid. p. 95-96.

⁴⁹⁶ Ibid. p. 96-97.

⁴⁹⁷ Ibid. p. 96.

outras liberdades modernas.⁴⁹⁸ Após 1989, um longo caminho seria traçado para que os evangélicos e suas lideranças pudessem desatanizar a esquerda, apoiar candidatos oriundos da mesma, e coligar-se com Lula, em sua campanha vitoriosa rumo ao Palácio do Planalto, em 2002.

3.4 QUERO UM BRASIL DECENTE: NEOPENTECOSTAIS VOTAM EM LULA PRESIDENTE

Se, após as eleições de 1989, algum cientista político dissesse que a primeira candidatura viável à presidência da República de um protestante seria através de um partido socialista, e que a Assembleia de Deus, mas a maioria das denominações evangélicas o apoiaria; ou que o bispo Edir Macedo e sua Igreja Universal do Reino de Deus dariam apoio a Lula em outro pleito presidencial futuro tal cientista político não seria levado a sério. Contudo, em 2002, o presbiteriano Anthony Garotinho, do PSB, consegue mobilizar a maior parte das lideranças protestantes em torno de sua candidatura, e Lula, apoiado pela Igreja Universal do Reino de Deus desde o primeiro turno, recebe o apoio de Garotinho e de boa parte de seu eleitorado no segundo turno. Como isto aconteceu, é o que tentaremos compreender agora.

Nada nas eleições de 1994 ou 1998 poderiam apontar, num primeiro momento, esta mudança radical. Os evangélicos, nestas eleições mantêm sua afinidade com os discursos políticos conservadores. Nas eleições de 1994, onde as pesquisas eleitorais discriminam a religião do entrevistado na pesquisa, vemos que, em setembro de 1994, o presidenciável Fernando Henrique Cardoso, do PSDB, tem 35,5% das intenções de votos dos protestantes históricos, contra 22% de Lula, do PT, enquanto que 41,9% dos pentecostais votam no candidato do PSDB, contra 17,4% das intenções no candidato do PT. Tendo em vista que a média nacional de intenção de voto foi de 42,6% para Fernando Henrique Cardoso, enquanto Lula recebeu 23,4%, podemos deduzir que as propostas de Fernando Henrique Cardoso são menos atraentes para os protestantes históricos, em comparação com a média nacional,

⁴⁹⁸ MARIANO; PIERUCCI, 1992, p. 101. Uma das contradições dos protestantes era valorizar a liberdade religiosa e, ao mesmo tempo, manifestar-se tão criticamente em relação ao catolicismo e aos cultos afro-brasileiros. Muitas vezes a ideia é a liberdade religiosa só vale para os protestantes pregarem sua versão de evangelho.

enquanto que a rejeição pentecostal ao Lula é superior à média nacional.⁴⁹⁹ A rejeição de Lula entre os pentecostais é 7,78% maior que a média nacional, sendo o grupo religioso em que a rejeição a Lula é maior, seguido pelos católicos carismáticos, onde a rejeição é 3,16% maior que a média nacional.⁵⁰⁰ Na pesquisa Novo Nascimento, realizada entre os protestantes do Rio e Grande Rio pelo ISER,⁵⁰¹ são catalogados dentro da pesquisa protestantes históricos, batistas, outras pentecostais, Assembleia de Deus, outras igrejas renovadas e a Igreja Universal do Reino de Deus. Na questão em que os entrevistados revelam em quem votaram nas eleições de 1994, a maior discrepância é entre os fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus. Enquanto Fernando Henrique Cardoso recebe 56% das intenções de voto, Lula recebe apenas 6%, enquanto que os batistas e os históricos são o segmento em que Lula tem o seu melhor desempenho, com 17% das intenções de voto.⁵⁰²

As discrepâncias percentuais podem ser entendidas se atentarmos ao discurso das lideranças eclesiais durante o período eleitoral. Os assembleianos baixam o tom crítico em relação à esquerda política, talvez devido ao fim dos regimes comunistas na ex-URSS e no Leste europeu, o que torna o comunismo um inimigo já ultrapassado. O discurso anticomunista desaparece quase que por completo no *Mensageiro da Paz* após o colapso da URSS, sendo substituído por notícias do progresso missionário no antigo bloco comunista.⁵⁰³ Em junho de 1994, na coluna de Joanyr de Oliveira, um dos mais virulentos anticomunistas e veemente oponente da Teologia da Libertação, é dito que “[...] me pareça absurda e ridícula, a ‘notícia’ que corre pelos púlpitos é de que um governo petista seria o fim da liberdade religiosa, de que Lula transformaria os templos em armazéns... etc”.⁵⁰⁴ Ele encerra o artigo com uma ponta de desconfiança, dizendo que se o PT for eleito e esquecer a promessa de que defenderá a liberdade religiosa, este artigo será a lembrança de uma promessa vinda do próprio Lula. Não é uma mudança completa, mas só o fato de Lula não ser taxado de comunista já demonstra o câmbio de postura política. Porém, a defesa de Lula não é vista com bons olhos pelos leitores. Na edição de agosto, o leitor Enos Vieira parabeniza o *Mensageiro da Paz* por ter retirado temas políticos da pauta do

⁴⁹⁹ ALMEIDA, 1998. p. 210.

⁵⁰⁰ Ibid. p. 81-82.

⁵⁰¹ Instituto Superior de Estudos em Religião.

⁵⁰² FERNANDES (et. al.), 1998, p. 131.

⁵⁰³ LESTE, mar. de 1990, p. 01. ARAÚJO, mar. de 1990, p. 03.

⁵⁰⁴ OLIVEIRA, jun. de 1994, p. 13.

jornal. Ele até associa uma crise financeira pela qual passou a CPAD como resultado do desgosto dos fiéis por temas de defesa ou combate a ideologias políticas na década de 1980. Em seguida, condena o que vê como uma guinada ao envolvimento da AD com a política partidária, criticando o uso dos púlpitos por políticos evangélicos, e lamentando a defesa de Lula na coluna de Joanyr de Oliveira, dizendo que Oliveira tem mensagens melhores a entregar do que a defesa de um político, assunto este que, para o missivista, importaria somente ao candidato e a seus correligionários.⁵⁰⁵ Durante o ano de 1994, o *Mensageiro da Paz* não irá denegrir ou defender qualquer ideologia política.

O mesmo não acontecerá com a Igreja Universal do Reino de Deus. Seu posicionamento ideológico continuará sendo de apoio as candidaturas conservadoras e hostilização aos partidos de esquerda.⁵⁰⁶ Na campanha de 1994, quando Lula liderava as pesquisas de intenção de voto, a Igreja Universal do Reino de Deus novamente lançou uma campanha virulenta contra ele. Lula era apresentado como comunista, e se eleito, se aliaria à Igreja Católica para perseguir os evangélicos no Brasil.⁵⁰⁷ A presença de Frei Betto na coordenação da campanha seria a prova que o PT era comandado pela Igreja Católica.⁵⁰⁸ Além disso, Lula frequentaria terreiros de candomblé e pediria proteção aos demônios. Caricaturas de Lula apareciam na Folha Universal.⁵⁰⁹ As críticas não se resumiram à Folha Universal. O programa “25ª Hora” também criticava o PT.⁵¹⁰ O PT entrou com uma representação contra o programa na Justiça Eleitoral, que retirou o programa do ar por uma hora, no dia 03/08/1994, além conceder um minuto para o PT responder às acusações dentro do programa. No dia seguinte, o apresentador do 25ª Hora, pr. Ronaldo Didini, apresentou um programa sobre analfabetismo. Apresentando um maço de papel que, segundo ele, seriam reclamações da retirada do programa do ar e demonstrações de apoio, o pastor, ao fim, disse que “alguém para querer ser presidente da República precisa de, pelo menos, ser alfabetizado”.⁵¹¹ Clara indireta a Lula, acusado, desde 1989, de possuir escolaridade insuficiente. As críticas da *Folha Universal* levaram o PT a pedir e ganhar

⁵⁰⁵ POLÍTICA, Ago. de 1994, p. 02.

⁵⁰⁶ FRESTON, In: ANTONIAZZI, 1994, p. 135.

⁵⁰⁷ CAMPOS, 1999, p. 464.

⁵⁰⁸ Ibid. p. 466.

⁵⁰⁹ CAMPOS, 1999, p. 465.

⁵¹⁰ Ibid. p. 466.

⁵¹¹ Ibid.

direito de resposta, concedido no dia 25/09/1994, quando o jornal teve de conceder espaço para que Lula pudesse se defender dos ataques.⁵¹²

Em julho, o bispo Macedo dirigiu no Aterro do Flamengo o encontro chamado “Clamor pelo Brasil”, onde foram reunidas 400 mil pessoas. Organizada pelo Conselho Nacional dos Pastores do Brasil, contou com a presença do pr. Nilson Fanini, presidente da Aliança Batista Mundial, aliado de Macedo.⁵¹³ Neste encontro, Macedo afirmou que novamente o Brasil estava dividido entre Deus e o diabo, mas profetizou que o demônio seria vencido novamente.⁵¹⁴ Esta postura agressiva levou a um combate entre a Igreja Universal do Reino de Deus e lideranças históricas, via Associação Evangélica Brasileira, dominada por históricos e liderada pelo pastor presbiteriano Caio Fábio, e a Conselho Nacional dos Pastores do Brasil, dirigida pelo presidente da Convenção Nacional das Assembleias de Deus no Brasil – Ministério de Madureira,⁵¹⁵ pastor Manoel Ferreira, com apoio da Igreja Universal do Reino de Deus.⁵¹⁶ O lançamento do panfleto intitulado *Decálogo evangélico do voto ético*, da Associação Evangélica Brasileira, criticava a manipulação dos votos dos fieis pelas lideranças eclesiais e a demonização da esquerda. Isto foi o suficiente para a Igreja Universal do Reino de Deus lançar uma verdadeira campanha contra a Associação Evangélica Brasileira, através do Conselho Nacional dos Pastores do Brasil e da *Folha Universal*, agora o maior periódico evangélico. O pr. Silas Malafaia, membro do Conselho Nacional dos Pastores do Brasil, chamou o documento da Associação Evangélica Brasileira de “Decálogo da Rebelião”, pois jogava a membresia contra a liderança eclesial. A Associação Evangélica Brasileira foi acusada de ser uma apoiadora velada do PT que, por meio da cartilha, buscava introduzir nas igrejas candidatos da esquerda materialista e humanista (nova alcunha para atacar a esquerda após o fim da URSS). Lula também era associado, sempre em chave negativa, ao catolicismo e ao regime cubano, regime que, nos dizeres de Malafaia, fechara igrejas e banira a liberdade religiosa.⁵¹⁷ Embora tenha sido um dos

⁵¹² Ibid.

⁵¹³ MARIANO, 1999, p. 94.

⁵¹⁴ CAMPOS, 1999, p. 464.

⁵¹⁵ Convenção Nacional das Assembleias de Deus no Brasil, ou como é popularmente conhecida, Ministério de Madureira

⁵¹⁶ FRESTON, 2006, p. 104.

⁵¹⁷ MARIANO, 1999, p. 95.

primeiros candidatos a criar um comitê evangélico,⁵¹⁸ Lula não apenas falha em conseguir seu apoio, como falha em levar a disputa para o segundo turno em 1994.

A campanha de 1998 foi bem diferente das anteriores. A liderança da Igreja Universal do Reino de Deus decidiu não apoiar nenhum candidato à presidência.⁵¹⁹ Nesta campanha, a Igreja Universal do Reino de Deus se aproximou discretamente de Lula, publicando na *Folha Universal*, entrevistas ou frases que simpatizavam com ele.⁵²⁰ Embora não tenha desestimulado o voto em Fernando Henrique Cardoso, Lula é apresentado no jornal como um candidato experiente e consciente.⁵²¹ Um dos motivos deste distanciamento, além do discurso semelhante ao PT a favor da ética política e contra a corrupção, foi a multa de 98,36 milhões de reais que a Igreja Universal do Reino de Deus recebeu da receita federal em 1997.⁵²² A partir daí, os congressistas iurdianos começaram a votar junto com a oposição no Congresso. A Assembleia de Deus também se comportou de forma diferenciada, tanto que, em 1998, não defendeu nem atacou partido ou ideologia alguma. O máximo que o *Mensageiro da Paz* fez foi conscientizar o voto dos assembleianos, dizendo que, embora fosse prioridade votar nos irmãos da fé, deveria haver cautela com aventureiros e falsos crentes. O Conselho Nacional dos Pastores do Brasil e a Associação Evangélica Brasileira existiam apenas virtualmente, e já não eram considerados representantes de qualquer segmento evangélico. Contudo, estas eleições foram marcadas pelo aumento da bancada evangélica e pela eleição no Rio de Janeiro de Anthony Garotinho (PDT) e sua vice, Benedita da Silva (PT), ambos evangélicos, para a direção de um estado importante da federação, além de ambos serem membros dos maiores partidos de esquerda da época.⁵²³

O aumento da bancada evangélica manteve uma constante nas eleições para o Congresso Nacional, desde 1986. Esta eleição manteve a predominância pentecostal e neopentecostal no congresso (70% dos eleitos). A novidade foi o surgimento da Igreja Universal do Reino de Deus como força hegemônica na bancada evangélica. Dos 44 eleitos, 17 são membros da Igreja Universal do Reino de Deus.⁵²⁴ A segunda maior bancada era a dos batistas (da Convenção Batista Brasileira), com

⁵¹⁸ FRESTON, 2006, p. 104.

⁵¹⁹ MARIANO, 1999, p. 96.

⁵²⁰ CAMPOS, 2002, p. 24.

⁵²¹ ROTHBERG; DIAS, 2012, p. 33.

⁵²² CARNEIRO, 13 out. 2002, p. A8.

⁵²³ FRESTON, 2006, p. 111-112.

⁵²⁴ CAMPOS, 2002, p. 25.

7 deputados, seguidos da Assembleia de Deus, que de maior bancada na legislatura anterior, caiu para 5 deputados federais. O predomínio assembleiano foi ultrapassado pela Universal nesta eleição, tornando-a a maior força política da bancada evangélica, tendo o domínio de quase a metade dela.⁵²⁵ O predomínio da Universal não correspondia a sua presença numérica no mundo evangélico. O sucesso da mesma se deveu a dois fatores: 1) a utilização dos recursos que dispõe (império midiático e investimento financeiro da igreja nas campanhas); e 2) a mobilização eleitoral dos membros. Os candidatos a deputado federal da Igreja Universal do Reino de Deus receberam 1,2 milhão de votos. Depois do fracasso recente nas eleições municipais de São Paulo, em 1996, na qual o alardeado apoio eleitoral para Serra (PSDB) não se concretizou em votos, a Igreja Universal do Reino de Deus modificou sua forma de trabalho. Pesou também nesta decisão a derrota, no mesmo pleito, em duas das três candidaturas à vereança da parte da Igreja Universal do Reino de Deus.⁵²⁶ A partir de 1997, ela começou a realizar um cadastramento dos frequentadores da igreja. A ficha cadastral inclui nome, título de eleitor, cidade e zona eleitoral. Com base nestes dados, a cúpula iurdiana pode traçar a melhor estratégia eleitoral.⁵²⁷ A mobilização foi tão bem-sucedida: sondagens revelaram que 95% dos frequentadores da Igreja Universal do Reino de Deus votaram em candidatos da própria igreja, nos anos de 1994 e 1996.⁵²⁸ Assim, afirmação de Paul Freston – de que a Igreja Universal do Reino de Deus era a mais disciplinada eleitoralmente, de todas as denominações pentecostais – é procedente.⁵²⁹

O político da Igreja Universal do Reino de Deus não possui “carisma” pessoal, mas o institucional ou de função segundo o conceito weberiano.⁵³⁰ Aproveitando-se da frustração do eleitor brasileiro com o político tradicional, os políticos indicados pela igreja são indicados diretamente por recomendação de um Conselho Político que, com o aval da cúpula da denominação, oficializa a candidatura, apresentando o candidato como o “candidato oficial” da Igreja. Utilizando o discurso do medo, em que as forças do mal (leia-se a Igreja Católica, Globo e os inimigos políticos da Igreja Universal do Reino de Deus) estão prestes a retirar a TV e as rádios do controle da Igreja Universal

⁵²⁵ *Ibid.* 112-113.

⁵²⁶ MARIANO, 1999, p. 96-98.

⁵²⁷ *Ibid.*

⁵²⁸ CAMPOS, 2002, p. 25.

⁵²⁹ FRESTON, In: ANTONIAZZI, 1994, p. 135.

⁵³⁰ FERRARI, 2007, p. 193.

do Reino de Deus, fechando também os seus templos e perseguindo sua liderança, a Universal tem sucesso ao arregimentar os fiéis em torno dos nomes lançados. Qualquer candidatura “avulsa”, mesmo que sendo de membros da denominação, é prontamente descartada. Se um dos eleitos rompe com a Igreja, ou não tem o nome aprovado pelo Conselho Político, não consegue conquistar os votos antes dados a ele.⁵³¹ Sem base eleitoral além da proporcionada pela Igreja Universal do Reino de Deus, os parlamentares iurdianos são marcadamente corporativistas e fieis à agenda política da Igreja.⁵³²

Toda esta estratégia eleitoral resulta num comportamento diferenciado dos fiéis da Universal, quando comparados com outras denominações evangélicas. A pesquisa Novo Nascimento revela que o membro da Igreja Universal do Reino de Deus tem um perfil eleitoral próprio. Enquanto que somente 32% dos protestantes históricos votam em candidatos da própria denominação, os pentecostais têm um comportamento diferente. Cerca de 87% dos assembleianos e demais pentecostais votam em candidatos de sua própria denominação ou indicados por ela. Um número por si só alto, que nos ajuda a compreender as eleições majoritárias de 1989 e 1994. Porém, a fidelidade do membro da Universal é muito maior. Aproximadamente 95% deles declaram votar somente em candidatos da Igreja Universal do Reino de Deus ou indicados por ela, enquanto que apenas 4% dos eleitores de todas as outras denominações disseram votar em candidatos da Universal. O fato do candidato ser evangélico pesa mais para um membro da Universal (60%), do que para históricos e pentecostais (37%), que priorizam candidatos com boas ideias. No quesito “colocar cartazes dos candidatos em casa”, 22% dos iurdianos disseram fazer isso, contra 11% dos históricos e 16% dos pentecostais. 17% dos membros da Universal participaram de discussões políticas na igreja, contra 5% dos históricos (exceto batistas, com 10%) e 5% dos pentecostais (exceto assembleianos, com 7%).⁵³³

O sucesso e engajamento eleitoral evangélico neste período, como vimos anteriormente, é um reflexo da politização fundamentalista norte-americana, que não apenas influenciou não apenas o cenário protestante brasileiro, tendo impacto em igrejas evangélicas em toda a América Latina (em muito devido à dependência das

⁵³¹ ORO, 2003, p. 103-104.

⁵³² CAMPOS, 1999, p. 452-459.

⁵³³ FERNANDES (et. al.), 1998, p. 121-127.

igrejas locais em relação à produção teológica dos EUA)⁵³⁴ Porém, o que torna distintivo o sucesso e a influência iurdiana, além dos dois motivos citados acima, é a aplicação da Teologia da Prosperidade e da Batalha Espiritual (ou Domínio) na vida política.⁵³⁵ O teólogo da Igreja Universal do Reino de Deus, J. Cabral, irá afirmar isso na *Folha Universal*, em 1995: “o reconstrucionismo é a face política da Teologia da Prosperidade, é a expressão da Teologia do Domínio”.⁵³⁶ A prosperidade financeira e midiática da denominação leva à necessidade de apoio político para proteger seus interesses. Neste jogo político, é muito mais útil um político corporativista, que deve sua eleição à igreja, que um político tradicional, no qual a igreja deve a ele. Demonizar partidos, enfatizar vínculos de adversários políticos com o Catolicismo ou religiões afro-brasileiras, vistas como demoníacas por seus fiéis (43% e 95%, respectivamente),⁵³⁷ facilita a transposição do discurso da Batalha Espiritual para o plano político, onde cada político da denominação eleito, ou o aumento da bancada evangélica a cada legislatura, contribuiria para desalojar as “hostes das trevas” do cenário político nacional, inclusive do Palácio do Planalto. E será justamente por isso que a Igreja Universal do Reino de Deus se aproximará do PT, enquanto que a Assembleia de Deus continuará arredia.

Acusar a Igreja Católica de ser a responsável pelas mazelas brasileiras não é suficiente para angariar votos dos fiéis. É necessário um discurso mais compreensível para o seu público, algo mais fácil de se entender politicamente. Então, utilizando a ideia de Batalha Espiritual, a Igreja Universal do Reino de Deus começa a fazer um discurso político que a colocara ao lado da oposição durante o segundo mandato de Fernando Henrique Cardoso, aproximando-a do PT nas eleições municipais de 2000, aproximação que levará à aliança, via PL, com Lula, em 2002. A Igreja Universal começa a justificar sua participação eleitoral com o discurso de que o País sempre foi comandado por grupos políticos de não-crentes e que se aliavam às “forças das trevas”.⁵³⁸ Por isso, dizem seus dirigentes, o Brasil viveria mergulhado na lama da corrupção, miséria e injustiça social. Segundo essa lógica discursiva, a missão dos candidatos evangélicos seria libertar o Brasil de tal situação. Então, a partir desta visão maniqueísta, o voto ganha “um simbolismo de luta e salvação, incitando um clima de

⁵³⁴ CAMPOS, 1999, p. 459-461.

⁵³⁵ FERRARI, 2007, p. 189.

⁵³⁶ Ibid.

⁵³⁷ FERNANDES (et. al.), 1998, p. 82.

⁵³⁸ FERRARI, 2007, p. 192.

‘guerra santa’⁵³⁹. A marca do político evangélico, na visão deles próprios, seria lutar contra a corrupção, a favor da ética política, e contra valores que corrompam a sociedade cristã. Assim, a Igreja Universal do Reino de Deus encarnaria os valores que levaram a mobilização eleitoral da Assembleia de Deus, porém aperfeiçoando o método, ao controlar tanto o eleitorado quanto os candidatos da igreja. É digno de nota que, até o escândalo do Mensalão em 2005, nenhum político iurdiano foi efetivamente acusado de corrupção ou práticas ilícitas, tendo um comportamento ético bem à frente de alguns de seus pares evangélicos. Segundo Paul Freston, “sua organização fortemente centralizada não tem deixado espaço para aventuras pessoais; e seus interesses corporativos têm sido grandes demais para que se ocupem de vantagens menores”.⁵⁴⁰

Conforme a mídia secular noticia os escândalos políticos durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, mais a Igreja Universal do Reino de Deus utiliza o discurso ético, similar dos fundamentalistas norte-americanos, apregoando a necessidade de “uma grande reforma espiritual na vida do povo brasileiro”.⁵⁴¹ Entre 1998 e 2002, esta guinada em direção à esquerda é organizada pelo seu ex-coordenador político, bispo Rodrigues. Responsável por organizar as estratégias eleitorais da Igreja Universal do Reino de Deus nas campanhas de 1996, 1998, 2000 e 2002, sua experiência política leva à consolidação da Universal como agente de peso na esfera política nacional.⁵⁴² Embora as campanhas não se limitassem a um único partido (até a fundação do PRB, em 2005), durante sua “gestão” o PL se torna o partido onde se concentram os políticos iurdianos, ao ponto de o bispo Rodrigues ser o vice-líder de partido durante a eleição de 2002, participando da costura da aliança eleitoral entre o PL e o PT. Em seu livro, *A igreja e a política*, lançado em 1998, podemos ver a afinidade de seu discurso com o PT durante o segundo mandato de Fernando Henrique Cardoso. Para o bispo Rodrigues:

Em meio a tantas falcatuas e espertezas (que vigora [sic] na política do país) os homens e mulheres que levam o nome de Deus não se deixaram contaminar pela prática comum da corrupção. Os nossos candidatos mostraram, na prática, o que é verdadeiramente a ética política.... Papel da Igreja do Senhor Jesus Cristo: anunciar a verdade, doa a quem doer e cobrar das nossas autoridades a prática dos princípios éticos e morais do nosso povo. ⁵⁴³

⁵³⁹ Ibid.

⁵⁴⁰ FRESTON, 2006, p. 108.

⁵⁴¹ RODRIGUES, 1998, p. 27.

⁵⁴² FERRARI, 2007, p. 190-191.

⁵⁴³ RODRIGUES, 1998, p. 7-8, 29.

Neste novo discurso, além da ética política, a *Folha Universal* começou a destacar também o dever do político de lutar pelos “desamparados”, “pobres” e “necessitados”.⁵⁴⁴ Embora, na Teologia da Prosperidade, a pobreza seja encarada como maldição divina, o envolvimento com a política partidária e a necessidade de se criar um braço assistencialista, visando a cooptação do eleitorado, além de criar uma boa imagem junto à parcela mais desassistida da população, leva a Igreja Universal do Reino de Deus neste período a criar projetos sociais e assistenciais voltados à população carente, através da Associação Beneficente Cristã, braço assistencial da Igreja Universal. Quando o bispo Rodrigues passou a afirmar “que o povo quer resultados e não ideologia, sendo preciso ética e atuação social”,⁵⁴⁵ retirando-se a ênfase discursiva do até há pouco quase onipresente (nas denominações pentecostais) discurso condenatório das forças de Esquerda, o caminho estava aberto para uma aliança com o PT nas próximas eleições majoritárias.

Quem também investia em alianças mais pragmáticas era o PT. Quando, em fevereiro de 2002, Dom Marcelo Carvalheira, vice-presidente da CNBB, declarou que a aproximação do PT com o PL, um partido de centro-direita, o preocupava, Lula rebateu a crítica dizendo que “O PT não pensa mais apenas em ideologia. Numa eleição, tem de se fazer alianças”.⁵⁴⁶ O PT também havia mudado. Após cada derrota nas eleições presidenciais, críticas sobre a forma como eram construídas alianças e ideias apareciam dentro do partido. Na própria eleição de 2002, aventou-se a hipótese de Lula não ser o candidato do PT.⁵⁴⁷ Um *aggiornamento* rumo a alianças com a direita seria necessário se quisesse chegar à presidência.⁵⁴⁸ Era necessário ultrapassar o teto dos 30% de apoio eleitoral para chegar à vitória.⁵⁴⁹ Após “domesticar” tendências de esquerda, que não concordavam com as mudanças, sob o comando de Jose Dirceu, o PT não apenas mudou seu marketing ou aparência, mas realizou uma mudança de rumo, chamada por André Singer de “Reformismo Fraco”,⁵⁵⁰ onde os adeptos de um programa de governo “intensamente reformista” são substituídos, ou tornam-se agentes, de um “reformismo fraco”, ou seja, a decisão “de não causar a

⁵⁴⁴ ORO, 2003, p. 101.

⁵⁴⁵ FERRARI, 2007, p. 190-191.

⁵⁴⁶ MELO, 2002. Pesquisado em 16 de junho de 2015.

⁵⁴⁷ SECCO, 2011, p. 198.

⁵⁴⁸ Ibid. 199.

⁵⁴⁹ Ibid.

⁵⁵⁰ SINGER, 2012, p. 28.

radicalização que pregavam na origem”.⁵⁵¹ É feita uma rearticulação ideológica, onde o conflito direita *versus* esquerda cede lugar para uma ideologia “a partir do conflito entre ricos e pobres”.⁵⁵² Esta despolarização dos conflitos abre as portas para que setores mais conservadores da sociedade, como partidos de centro-direita, a Igreja Universal do Reino de Deus e o empresariado possam ver em Lula uma alternativa viável para governar o País. Tanto a aliança com o PL quanto a Carta ao Povo Brasileiro,⁵⁵³ lançada em junho de 2002, foi um sinal claro que o PT não romperia de forma drástica com a política econômica de Fernando Henrique Cardoso,⁵⁵⁴ mas antes buscaria, usando um jargão popular, “jogar com as regras do jogo”.

Apresentando-se com um discurso político de combate à corrupção, contra a desigualdade social e a favor da ética política, PT e PL iniciaram em fevereiro de 2002 uma aliança que levaria Lula ao Palácio do Planalto. Mas não sem críticas. O PL era visto como um partido fisiológico, uma mistura de “bancada da Igreja Universal do Reino de Deus com políticos desgarrados de outras legendas”,⁵⁵⁵ dividido entre a bancada paulista e evangélica, que segue ordens da Igreja Universal do Reino de Deus e apoia a candidatura de Lula, e a bancada nordestina e nortista, fiel ao PSDB.⁵⁵⁶ Já a aliança foi criticada na mídia como uma jogada de Lula, interessado em “vantagens isoladas”,⁵⁵⁷ como aumento do tempo na TV, a participação do então senador e empresário José de Alencar (PL-MG) como vice de Lula, além dos cinco milhões de votos que a Universal alardeava possuir.⁵⁵⁸ A censura atingia também o Partido dos Trabalhadores. Devido a esta aliança, o PT foi criticado por abandonar a esquerda e tornar-se um partido de centro-esquerda, tendo que cortejar, ouvir conselhos e advertências de liberais e evangélicos conservadores.⁵⁵⁹

⁵⁵¹ Ibid. p. 45.

⁵⁵² Ibid. p. 32.

⁵⁵³ Destinada muito mais a acalmar mercados do que propriamente a seus eleitores. Depois de sua divulgação, empresários e investidores brasileiros - e principalmente estrangeiros - passaram a contribuir para o processo que deu credibilidade à campanha petista, levando Lula pela primeira vez à Presidência depois de três tentativas frustradas. De fato, os efeitos sob a economia começaram a ser percebidos depois de já iniciado o governo Lula - especialmente com as ações de Henrique Meirelles, recém empossado presidente do Banco Central, sobre a taxa de juros, com a intenção de manter a economia sob controle. Num primeiro momento, o documento seria dirigido aos investidores estrangeiros. Mas, à medida em que conteúdo foi tomando forma, os líderes petistas decidiram divulgá-la internamente. Disponível em: <http://advivo.com.br/blog/gustavo-bellic-cherubine/os-10-anos-da-carta-ao-povo-brasileiro>. Pesquisado em 14 de agosto de 2015.

⁵⁵⁴ SECCO, 2011, p. 202-206.

⁵⁵⁵ KRIEGER; PIRES, 21 fev. 2002, p. 2.

⁵⁵⁶ Ibid.

⁵⁵⁷ Ibid.

⁵⁵⁸ Ibid.

⁵⁵⁹ KONDER, 21 fev. 2002, p. 04.

As críticas da mídia⁵⁶⁰ e de organizações como a CNBB, aliam-se a um mal estar dentro do Partido dos Trabalhadores. O próprio Lula chega a explicar que aliança com o PL deveu-se a candidatura própria de aliados tradicionais, como PSB, que lançou Anthony Garotinho, e o PDT, aliado ao PPS de Ciro Gomes. Por isso, deu-se a aproximação com o PL.⁵⁶¹ Milton Temer, do PT-RJ, chegou a propor a realização de um plebiscito sobre o consentimento dos militantes sobre a aliança PT-PL na ocasião da Executiva Nacional, por ver a aliança como ruim, sinal de falta de coerência.⁵⁶² Chico Alentar (PT-RJ) argumentou que a aliança deixava a militância desconcertada.⁵⁶³ Ele chegou a escrever um artigo no *Jornal do Brasil*, chamando o PL de “uma mixórdia de oportunistas, de personagens suspeitos e de pragmáticos evangélicos... guardadas as raras exceções”.⁵⁶⁴ Insatisfeito com as críticas de correligionários, que questionavam até a mudança estética do presidenciável, Lula disparou: “se não for para ganhar, me digam, que é melhor indicar outro companheiro”.⁵⁶⁵ Determinados a ganharem as eleições, Lula e Dirceu conseguiram controlar os insatisfeitos e garantir a aliança PL- Igreja Universal.⁵⁶⁶

Dentro do PL- Igreja Universal, a aliança também encontrou resistências. Perguntado sobre a mudança de postura em relação a Lula, o bispo Rodrigues afirmou: “o diabo não é mais barbudo nem tem quatro dedos”.⁵⁶⁷ O bispo Wanderval, do PL-SP, apoiou Garotinho no primeiro turno, estimulando-o a ser mais agressivo na sua identificação com as questões prioritárias para o eleitorado evangélico, como o combate ao homossexualismo e aborto.⁵⁶⁸ Ele também chegou a afirmar, que apesar da aliança PT-PL, 80% da Igreja Universal do Reino de Deus estava com Garotinho, além de dizer que “Deus está nos púlpitos e o diabo é o ideário socialista”.⁵⁶⁹ Tremenda incoerência, para quem fazia campanha pro candidato do PSB! Prova de que não é do dia pra noite que se desconstrói o discurso anticomunista do imaginário evangélico. Em alguns comícios de Garotinho, no Rio de Janeiro, panfletos intitulados

⁵⁶⁰ CORREA, 27 fev. 2002, p. 11. OLIVEIRA, 06 mar. 2002, p. 11.

⁵⁶¹ NOS BRAÇOS, 21 fev. 2002, p. 04.

⁵⁶² BENJAMIN, 23 fev. 2002, p. 04.

⁵⁶³ Ibid.

⁵⁶⁴ ALENCAR, 23 fev. 2002, p. 04.

⁵⁶⁵ LULA, 17 mar. 2002, p. 04.

⁵⁶⁶ O empenho foi tanto, que Lula conseguiu incorporar em seus discursos reivindicações evangélicas, como quando afirmou diante de um público evangélico o desejo que a Bíblia fosse obrigatória em escolas públicas, ouvindo em troca um sonoro Amém! BOTÃO, 18 abr. 02, p. 05.

⁵⁶⁷ LULA, 17 mar. 2002, p. 04.

⁵⁶⁸ MAIA, 28 jul. /2002, p. A4.

⁵⁶⁹ Ibid.

“O que o povo de Deus precisa saber” e “Suruba no PT”, Lula e o PT novamente eram satanizados, sendo apresentados como defensores do comunismo e da causa LGBT. Vale ressaltar que a distribuição de tais panfletos não era de responsabilidade do comitê do PSB.⁵⁷⁰ O apoio chegou a ser estremecido após a decisão do TSE de verticalizar as alianças, tornando obrigatório a manutenção de alianças nacionais nas disputas estaduais. O bispo Rodrigues chegou a cogitar desfazer a aliança PT-PL, para não prejudicar o crescimento do partido nas eleições, mas mantendo a aliança PT- Igreja Universal.⁵⁷¹ No Rio de Janeiro, o PL e a Igreja Universal do Reino de Deus fluminense apoiaram Garotinho, contra a decisão em âmbito nacional, embora no segundo turno tenham apoiado abertamente a campanha de Lula.⁵⁷² O bispo Rodrigues, para calar manifestações como do bispo Wanderval, chamou a guinada ideológica da Igreja Universal do Reino de Deus de “socialismo de resultados”, priorizando uma pauta voltada para os excluídos, atitude devida ao cansaço do eleitor com conflitos ideológicos.⁵⁷³ O bispo Macedo teve de entrar em cena, dizendo que apoiaria o Lula, e caso Serra vencesse, iria para a oposição.⁵⁷⁴ Já no segundo turno, a Igreja Universal do Reino de Deus engajou-se firmemente em prol Lula. A *Folha Universal* denunciava as mazelas resultantes da administração de Fernando Henrique Cardoso. Pastores e bispos da Universal utilizavam os púlpitos e as emissoras de rádio para pedir votos para Lula.⁵⁷⁵ Apesar das reações contrárias, a aliança PT-PL-Igreja Universal do Reino de Deus se manteve e foi vitoriosa. E até Garotinho, que colocou em risco a aliança entre petistas e liberais no primeiro turno, foi útil no segundo turno, levando não somente os votos da Universal, mas de boa parte dos evangélicos para a campanha de Lula.

Algo importante deve ser percebido nesta aliança costurada entre o PT e o PL. A ausência do bispo Macedo na campanha é notória. Enquanto que nas eleições de 1989 e 1994 Edir Macedo pedia publicamente votos para Collor e Fernando Henrique, na campanha de 2002 sua única declaração foi no segundo turno visando endossar a decisão do comitê político dirigido pelo bispo Rodrigues. Em compensação, o bispo Rodrigues, responsável por orientar as alianças políticas da

⁵⁷⁰ PETISTA, 02 out. 2002, p. 4.

⁵⁷¹ SONHO, 02 mai. 2002, p. 3. CARNEIRO, 08 jun. 2002, p. 4. CRIVELLA, 15 out. 2002, p. 8.

⁵⁷² CARNEIRO, 08 jun. 2002, p. 4. BENJAMIN, 16 ago. 2002, p. A4. GRUPO, 09 out. 2002, p. 06.

⁵⁷³ CARNEIRO, 13 out. 2002, p. A8.

⁵⁷⁴ Ibid.

⁵⁷⁵ A REAÇÃO, 14 out. 2002, p. 4.

Igreja, não deixa nenhuma sombra de dúvidas quanto a quem era o candidato da cúpula. Portanto, qualquer aliança ou apoio do bispo Rodrigues tinha o apoio explícito do bispo Macedo. Talvez devido a forte oposição de Macedo a Lula nas campanhas anteriores, não fosse prudente um apoio enfático do bispo da Igreja a Lula, até porque o discurso antiesquerdista ainda estava muito vivo na mente das lideranças locais, como exemplifica as declarações do bispo Wanderval. No período de transição pelo qual a Igreja Universal estava passando, uma testa de ferro, que não teve um papel ativo em 1994 e 2002, e que já desempenhava um papel de conciliador,⁵⁷⁶ seria mais útil do que um reconhecimento público erro do líder maior da Igreja. Contudo, na hora de cerrar definitivamente as fileiras, o bispo Macedo, como visto acima, se posiciona a favor da candidatura de Lula.

Entender o fenômeno eleitoral de Garotinho em 2002, que ameaça a candidatura de Serra e consegue mobilizar a maior parte das lideranças evangélicas em torno de sua candidatura, é fundamental para, junto com a aliança PT- Igreja Universal, entender “o realinhamento político de vários segmentos evangélicos no final dos anos 1990 e início do século XXI”.⁵⁷⁷ A candidatura de Garotinho ajuda a transferir os votos evangélicos a Lula no segundo turno, pois pela primeira vez denominações antes resistentes a candidatos e partidos esquerdistas endossam essas candidaturas. Por isso, paralelo a aliança PT-PL, a candidatura de Garotinho e irá ajudar no realinhamento eleitoral evangélico em 2002.

Garotinho, político que se converte ao protestantismo após já ter uma carreira política consolidada, escapa da trajetória mais tradicional de um “político de Cristo” ou “evangélico”. Natural de Campos dos Goytacazes, no estado do Rio de Janeiro, inicia sua militância no PCB, até ajudar a fundar o PT em sua cidade natal, na década de 1980. Posteriormente, migra para o PDT, sendo eleito por este partido duas vezes prefeito do maior município do interior do estado. Foi secretário de Agricultura durante o governo de Brizola e tentou, sem sucesso, eleger-se governador em 1994. Após um acidente de carro, converte-se e ingressa na Igreja Presbiteriana do Brasil, junto com a sua família. Já evangélico, consegue eleger-se governador do Rio de Janeiro, graças a uma aliança política com o PT. Já no PSB, empenha-se na candidatura a presidente da República, sendo o candidato mais votado no Rio de Janeiro,

⁵⁷⁶ Em 12 de agosto de 1996 o bispo Rodrigues encontrou-se com Lula e pediu desculpas pelos ataques nas eleições de 1989 e 1994 em nome da Igreja Universal. MARIANO, 1999, p. 95.

⁵⁷⁷ MACHADO; MUNIZ, In: MACHADO, 2006, p. 83.

ultrapassando o nicho eleitoral evangélico, ao receber 39,58% dos votos no estado.⁵⁷⁸ Político neopopulista,⁵⁷⁹ deve o seu sucesso eleitoral a programas assistencialistas implantados durante seu governo em parceria com as igrejas evangélicas, notadamente a Assembleia de Deus. Durante a sua campanha, várias dessas igrejas atuam como comitês eleitorais, com pastores pedindo votos e dirigindo orações pela eleição do primeiro presidente evangélico do Brasil.⁵⁸⁰ O fato de ele usar o discurso direita *versus* esquerda em suas campanhas, mas utilizar métodos populistas e trabalhar em cooperação com as igrejas evangélicas, fez com que alguns temores em relação a políticos de partidos de esquerda fossem atenuados ou abandonados pelos evangélicos.

Durante toda a sua campanha à presidência, Garotinho utilizou o discurso de combate às injustiças sociais juntamente com o discurso religioso, o que levou a conflitos com líderes regionais do PSB,⁵⁸¹ além de despertar críticas nos meios de comunicação em massa. Porém, as perdas foram compensadas ora pela adesão oficial de denominações a sua campanha, ou no caso dos protestantes históricos, a defesa da campanha do socialista em órgãos da denominação.

Na cerimônia de despedida de Garotinho no Palácio da Guanabara, quando se descompatibilizou do cargo de governador para concorrer à presidência da República, entre os pastores evangélicos presentes, estava o pr. Guilhermino Cunha,

⁵⁷⁸ Ibid, p. 83-84.

⁵⁷⁹ “Deduz-se que o populismo, como forma de governo, caracteriza-se muito mais pelo seu caráter manipulativo, no qual a ingerência ‘efetiva’ das massas no processo decisório do Estado está, na prática, sempre fora de consideração, ou tem um caráter puramente simbólico e manipulativo. Nas condições atuais, o neopopulismo trabalha com um clientelismo de massas via políticas públicas de caráter assistencialista. O apoio da população continua a se centrar nos chamados setores subalternos e/ou nas classes populares [...] Desse modo, a prática política do neopopulismo – da mesma maneira que o velho populismo – se orienta, na sua essência, pelas regras tradicionais de dominação político-econômica. Essa práxis política bloqueia o acesso de novos grupos e das massas ao poder. Por essa razão, pode-se dizer que o populismo e o neopopulismo são movimentos sem base firme em nenhuma classe social específica, mas dependem, para a sua sustentação política, do apoio de vários setores das mais variadas classes, sendo a classe popular urbana atualmente sua espinha dorsal. Além dessas características, outros fatores podem ser apontados como vitais para que o neopopulismo surgisse com força na virada do milênio. Um deles foi a incapacidade (ou não desejo) dos partidos políticos tradicionais de se ajustarem a uma nova realidade econômica em evolução. Outro elemento crucial, e decorrente do anterior, foi a emergência de novos grupos influentes na sociedade que reivindicavam seu espaço político-econômico. Pelo exposto, constata-se que os movimentos neopopulistas, de uma forma geral, superestimam a sua capacidade de conciliação e acomodação dos interesses divergentes. Na medida em que procuram atender todo e qualquer tipo de tensão social e política, acabam criando um governo de posicionamentos políticos híbridos e limitados, principalmente pela sua intenção exagerada de tentar resolver conflitos de natureza histórica, através de uma política de favoritismo e empreguismo”. BAQUERO, 2010, 183-184.

⁵⁸⁰ Ibid. p. 84.

⁵⁸¹ Ibid. p. 85.

presidente da Igreja Presbiteriana do Brasil. Responsável pela oração de início da cerimônia, Cunha pede que Deus possa ungir o seu servo “como presidente da República”.⁵⁸² O esperado apoio da Assembleia de Deus a Garotinho demorou mais. O diretor da Comissão Política da Assembleia de Deus, pr. Ronaldo Fonseca, afirmou que a Assembleia de Deus resolveu sabatar os candidatos antes de determinar o apoio, que seria sacramentado no Fórum Nacional da Assembleia de Deus, em junho. Embora Garotinho fosse evangélico, a Assembleia de Deus foi cautelosa antes de identificar o candidato como o escolhido da denominação.⁵⁸³ Diferente da Igreja Universal do Reino de Deus, a Assembleia de Deus tinha décadas de discurso antiesquerdista, não apenas documentado, mas enraizado no imaginário da denominação. Ao contrário da Igreja Universal do Reino de Deus, mais recente e com uma liderança centralizadora, para a Assembleia de Deus, seria mais difícil um realinhamento à esquerda. Prova deste vínculo ideológico com posicionamentos políticos conservadores, é que, ao contrário da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, a Convenção Nacional das Assembleias de Deus no Brasil (Ministério de Madureira), já em abril, se posicionou pela candidatura de Serra, do PSDB. O presidente da Convenção Nacional das Assembleias de Deus no Brasil (Ministério de Madureira), o agora bispo Manoel Ferreira, viajou a Brasília para negociar pessoalmente com Fernando Henrique Cardoso o apoio da denominação.⁵⁸⁴ Em 2002, o bispo Ferreira se candidatou ao senado pelo PPB-RJ, partido de direita, que abrigava muitos ex-partidários da ditadura militar. O caminho de Garotinho não seria tão fácil quanto parecia. Mas ele insistiu na estratégia política e, aos poucos, teve resultados. A perda da Convenção Nacional das Assembleias de Deus no Brasil (Ministério de Madureira) foi compensada pelo apoio informal da Convenção Batista Brasileira, atreves de seu presidente, o pr. Nilson Fanini, que reconheceu que a maior parte dos batistas deveria votar em Garotinho, já que ele tinha sido o “único que veio pregar conosco”.⁵⁸⁵ O *Jornal Batista* publicou, em 2002, vários artigos defendendo o voto em candidatos evangélicos, já que estes teriam uma chance maior de combater as injustiças sociais devido à ética baseada no Evangelho e na cultura bíblica de se a favor dos pobres e excluídos.⁵⁸⁶ O jornal chega a defender publicamente o voto em

⁵⁸² LIMA, 06 abr. 2002, p. 04.

⁵⁸³ ALVES, 14 abr. 2002, p. 02.

⁵⁸⁴ ASSEMBLEIA, 28 abr. 2002, p. 3. ALVES, 04 mai. 2002, p. 4.

⁵⁸⁵ ALVES, 28 abr. 2002, p. 3.

⁵⁸⁶ PIMENTEL, 15 set. 02, p. 03.

Garotinho, lamentando que cristãos não votassem no presidencialível evangélico por ele não estar bem posicionado nas pesquisas ou por não ser do PT.⁵⁸⁷

Figura 3.04

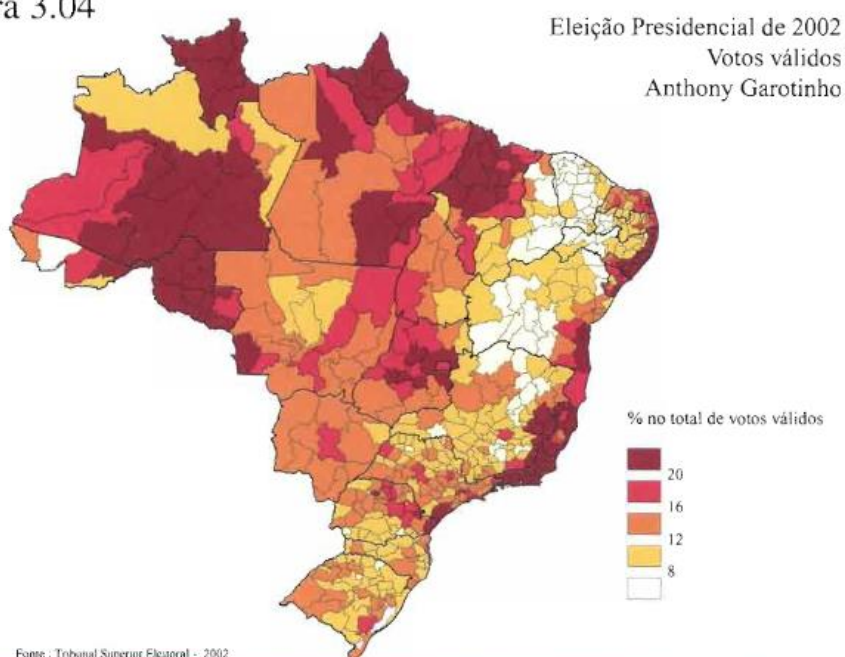


Figura 3.05

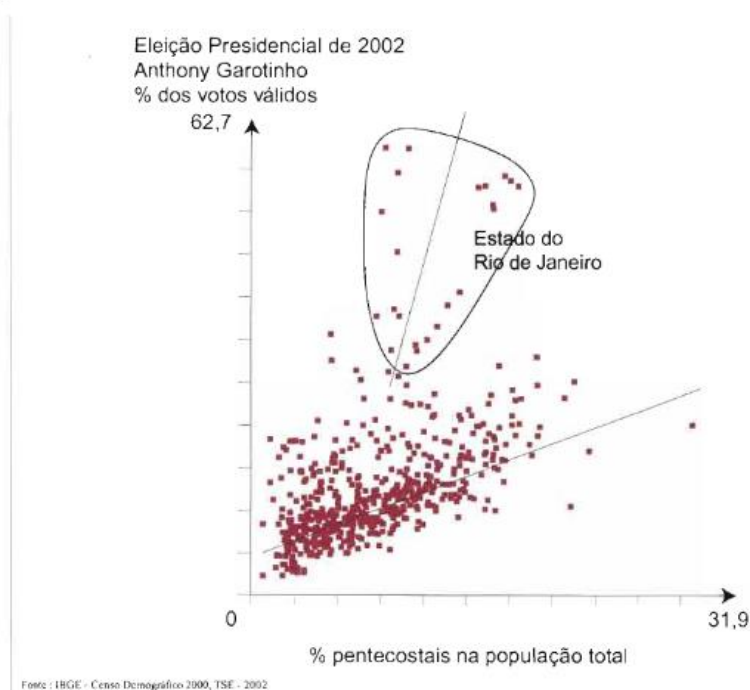


Figura 5: Afinidade dos votos de Garotinho em 2002 com a distribuição dos pentecostais no País. Comparar com a Figura 4.⁵⁸⁸

⁵⁸⁷ TRAPP, 22 set. 02, p. 15.

⁵⁸⁸ JACOB (et. al.), 2003, p. 48.

A perda da Assembleia de Deus e da Igreja Universal do Reino de Deus quase colocou um fim na campanha de Garotinho. Preocupado por ele não passar dos 10% das intenções de voto, o PSB chegou a aventar a hipótese de desistir da disputa.⁵⁸⁹ A possibilidade deste revés despertou comoção entre as lideranças evangélicas a favor de Garotinho, um candidato que, na visão deles, estava sendo rejeitado na mídia e no PSB por ser protestante. Em julho, a Igreja Sara Nossa Terra apoiou oficialmente a candidatura de Garotinho.⁵⁹⁰ Em seguida, em reunião com quatro mil líderes, em Belo Horizonte, a Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular também prestou apoio ao socialista.⁵⁹¹ Estes apoios só fizeram irritar ainda mais lideranças pessebistas contrárias ao *lobby* evangélico,⁵⁹² assim como as lideranças presbiterianas e batistas, preocupados com o aumento da propaganda sectária.⁵⁹³ Porém, mais adesões vieram. A Brasil para Cristo, a bancada PL-lurdiana do Rio de Janeiro e São Paulo e o pr. Silas Malafaia resolveram apoiar a candidatura de quem, segundo Malafaia, “quanto mais cacetada derem nele, mais forte ficará”.⁵⁹⁴ Para o bispo Rodrigues, o “abandono” do PSB, estava “comovendo o meio evangélico”.⁵⁹⁵ A comoção foi tão grande que a Convenção Nacional das Assembleias de Deus no Brasil (Ministério de Madureira) retirou o apoio a Serra, transferindo-o para Garotinho,⁵⁹⁶ pastores da Igreja Universal do Reino de Deus começaram a pedir votos para o candidato evangélico (pela primeira vez houve uma “desobediência” silenciosa a cúpula da Igreja Universal do Reino de Deus, que seria corrigida no segundo turno) e, em 14 de junho, a maior denominação protestante do Brasil, a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, declarou apoio oficial ao ex-governador do RJ.⁵⁹⁷

Segundo o *Mensageiro da Paz*, Garotinho foi referendado pelo Comitê Político e apoiado pela Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil por ser um candidato que lutaria pela “preservação dos valores”⁵⁹⁸ cristãos. Como o comunismo é um inimigo ultrapassado, a Esquerda é vista com desconfiança pelos assembleianos por encampar bandeiras, ao seu ver, questionáveis, como casamento homossexual e

⁵⁸⁹ SOUZA, 23 jun. 2002, p. 6.

⁵⁹⁰ GAROTINHO, 22 jul. 2002, p. 4.

⁵⁹¹ AJUDA, 24 jul. 2002, p. 06.

⁵⁹² “GROSSMANN, 26 jul. 2002, p. A2.

⁵⁹³ TÁTICA, 27 jul. 2002, p. A4.

⁵⁹⁴ Ibid.

⁵⁹⁵ Ibid.

⁵⁹⁶ MAIA, 28 jul. 2002, p. A4.

⁵⁹⁷ Ibid.

⁵⁹⁸ MESQUITA, jul. de 2002, p. 3.

o aborto. Este é o motivo da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil não apoiar a Serra no primeiro turno. O *Mensageiro da Paz* chama o PSDB de “camaleão”, pelo fato de Serra dizer ser contra o casamento gay, enquanto Fernando Henrique Cardoso afirma o apoio a este tema tão delicado aos evangélicos.⁵⁹⁹ Outro desconforto foi o lançamento do Novo Código Civil, que ao ver dos assembleianos, afetava as igrejas.⁶⁰⁰ Outra mudança notável no comportamento político da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, provavelmente devido ao fracasso das eleições de 1998, é a adoção da prática da Igreja Universal do Reino de Deus e da Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular de anunciar os candidatos oficiais da denominação por estado, através do *Mensageiro da Paz*, com nome, número e unidade da federação,⁶⁰¹ além da distribuição de um folder enviado a todas as igrejas da denominação, intitulado “Carta de Brasília – enxergando o Brasil do século XXI”, explicando as estratégias políticas da igreja.⁶⁰² Escolhido o candidato, a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil entra vigorosamente na campanha.⁶⁰³ Na edição de setembro, o *Mensageiro da Paz* desqualifica as campanhas de Serra e de Lula, dizendo que ambos são favoráveis ao aborto e à união civil de homossexuais, sendo que as críticas ao PT são mais fortes.⁶⁰⁴ A pauta fundamentalista norte-americana é adotada pelos assembleianos brasileiros, que veem a eleição de Garotinho e deputados evangélicos como uma forma de proteger a família brasileira. Garotinho é o escolhido por se posicionar claramente contra o aborto e o casamento gay, segundo o *Mensageiro da Paz*. O plano de governo defendido pelo candidato do PSB também agradou aos pastores.⁶⁰⁵ Mas em nenhum momento o candidato é ligado às ideias socialistas. Na Assembleia de Deus, continua presente o antiesquerdismo, herdeiro do anticomunismo fundamentalista.

O apoio das maiores denominações evangélicas (Igreja Presbiteriana do Brasil, Convenção Batista Brasileira, Assembleia de Deus, Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular, Sara Nossa Terra e Igreja Universal do Reino de Deus), quer seja oficial ou não, rende a Garotinho 17,9% dos votos válidos,⁶⁰⁶ quase o dobro

⁵⁹⁹ ENTRELINHAS, jul. de 2002, p. 6. PRESIDENTE, jul. de 2002, p. 3.

⁶⁰⁰ NOVO, ago. de 2002, p. 4-5.

⁶⁰¹ EVANGÉLICOS, set. de 2002, p. 4-5. PAZ, out. de 2002, p. 7.

⁶⁰² MESQUITA, jul. de 2002, p. 3.

⁶⁰³ EVANGÉLICOS, ago. de 2002, p. 8.

⁶⁰⁴ EVANGÉLICOS, set. de 2002, p. 4-5.

⁶⁰⁵ Ibid.

⁶⁰⁶ JACOB, et. al, 2003, p. 39.

das intenções de voto nas pesquisas antes do apoio oficial das denominações. Pesquisa posterior, feita pela PUC-Rio, revela “uma enorme semelhança entre o mapa das votações do candidato evangélico e o da porcentagem de pentecostais na população total”.⁶⁰⁷ Outro fator surpreendente é que nas regiões Norte e Centro Oeste do Brasil, com repetidoras da Rede Record, Garotinho obtém votos acima de sua média nacional.⁶⁰⁸ Enfim, as resistências à aliança problemática entre a Igreja Universal do Reino de Deus e o PT, cujas arestas à esquerda e à direita, vinham sendo aparadas nos meses finais da campanha do primeiro turno, abrem caminho, pelo lado evangélico, para a transferência de votos iurdianos para Garotinho. A disciplina eleitoral da Igreja Universal do Reino de Deus se verifica com força apenas na votação dada a Lula no segundo turno.

Com a ida de Serra e Lula ao segundo turno, a busca ao voto evangélico é acirrada ainda mais. Contabilizados os votos para a eleição parlamentar nacional, os assembleianos voltam a ser a maior representação evangélica no Congresso, com 23 deputados federais, seguida pela Igreja Universal, com 22 assentos. A terceira maior denominação presente é a batista, com 8 parlamentares. A divulgação do censo do IBGE de 2000, em maio de 2002, revela a disciplina da Igreja Universal do Reino de Deus. Enquanto os cerca de 8,4 milhões de assembleianos elegem 23 deputados, a Igreja Universal do Reino de Deus, com aproximadamente 2,1 milhões, quatro vezes menor, elege um a menos. Tanto a Convenção Nacional das Assembleias de Deus no Brasil (Ministério de Madureira)⁶⁰⁹ como a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil⁶¹⁰ resolvem apoiar Serra no segundo turno, mas somente quando ele se compromete a condenar o casamento homossexual e o aborto. Afinal, segundo o bispo Manoel Ferreira, Serra ora o Pai Nosso igual aos evangélicos e foi um bom ministro da Saúde.⁶¹¹ A aliança com Serra, entretanto, enfrenta resistência na Assembleia de Deus. O pastor Silas Malafaia critica o apoio a Serra, afirmando que a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil não pode falar em nome de todos os assembleianos⁶¹² e, junto com outras lideranças assembleianas, declara apoio a Lula.⁶¹³ Garotinho, embora afirme que o PSB não deva fazer parte do governo

⁶⁰⁷ Ibid.

⁶⁰⁸ Ibid. p. 40.

⁶⁰⁹ CARNEIRO, 11 out. 2002, p. A3.

⁶¹⁰ EVANGÉLICOS, 16 out. 2002, p. 03.

⁶¹¹ Ibid.

⁶¹² LULA, 18 out. 2002, p. A4.

⁶¹³ Ibid.

petista, mantendo-se “independente”,⁶¹⁴ junta-se à Igreja Universal do Reino de Deus no apoio a Lula.⁶¹⁵ Contando o apoio destes segmentos influentes no mundo protestantes, Lula lidera o primeiro turno com 46,44% dos votos válidos, e, no final do segundo turno, derrota Serra, obtendo 61,27% dos votos válidos.⁶¹⁶

Porém, com esta divisão das lideranças no segundo turno, até que ponto o PT consegue a adesão dos protestantes brasileiros em 2002? Lula consegue atrair os votos dos assembleianos, mesmo com a recomendação contrária das lideranças? Graças a uma análise feita por Simone Bohn, a partir de dados fornecidos pelo Estudo Eleitoral Brasileiro,⁶¹⁷ podemos avaliar a eficácia do direcionamento do voto lurdiano e o sucesso do PT em mudar o discurso político para atrair os votos conservadores.

Segundo Bohn, “a ideia de que a filiação evangélica tende a gerar preferências por determinadas opções políticas não pode ser completamente rejeitada”⁶¹⁸ quando se observa a preferência pelo candidato Garotinho no primeiro turno. Com exceção da Congregação Cristã no Brasil, em que Lula recebe 56% dos votos contra 16% de Garotinho, todas as denominações e divisões do protestantismo brasileiro privilegiam o candidato do PSB. Garotinho recebe 62% dos votos da Assembleia de Deus, 52% da Igreja Universal do Reino de Deus e 50% dos batistas, enquanto Lula ganha 22% dos votos na Assembleia de Deus, 33% na Igreja Universal do Reino de Deus e 37,5% entre os batistas. Com exceção da maior adesão dos assembleianos à candidatura de Garotinho, não existem diferenças significativas entre pentecostais e históricos.⁶¹⁹

Quanto ao segundo turno, 60% dos evangélicos votam no PT, enquanto 30% votam no PSDB. Lula ganha Serra em quase todos os segmentos protestantes, exceto entre os históricos (com exceção dos batistas), em que existe empate. Entre os pentecostais, (exceto a Igreja Universal do Reino de Deus, Assembleia de Deus e Congregação Cristã no Brasil), Lula leva 58% dos votos. A maior adesão a Lula está

⁶¹⁴ SOUZA, 27 out. 2002, p. A12.

⁶¹⁵ GAROTINHO, 12 out. 2002, p. A3.

⁶¹⁶ SECCO, 2012, p. 205.

⁶¹⁷ Estudo Eleitoral Brasileiro. Foi um *survey* pós-eleitoral realizado entre 21 de outubro e 28 de dezembro de 2002 com 2513 eleitores. Entre os vários dados analisados, estava a religião dos entrevistados e a denominação a qual pertenciam. 15,8% dos entrevistados eram protestantes, sendo 3,7% históricos e 11,1% pentecostais e neopentecostais. Dentro do total de protestantes, a Assembleia de Deus possui 30,8%, a Congregação Cristã no Brasil 9,6%, a Igreja Universal do Reino de Deus 6,8% e os batistas são 12,9%. O restante se divide entre pentecostais (20,2%) e históricos (9,8%). 9,8% se identificaram como evangélicos, porém sem filiação com qualquer igreja. BOHN, 2004, p. 295-296.

⁶¹⁸ *Ibid.* p. 324.

⁶¹⁹ *Ibid.*

entre os fiéis da Universal (76%) e os batistas (65%). A Congregação Cristã no Brasil confere 57% dos votos a Lula, enquanto 54% dos assembleianos votam no PT. Das denominações especificadas, os assembleianos são o grupo onde a vitória de Lula tem a menor porcentagem.⁶²⁰ As altas taxas de Lula entre os fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus e da igreja batista podem ser explicadas pela disciplina eleitoral, no caso da Igreja Universal do Reino de Deus, e pelo maior apelo do discurso relacionado à justiça social entre os batistas, que, do ramo do protestantismo histórico, foi o grupo que mais se preocupou com as camadas mais pobres da população até a chegada dos pentecostais. Contudo, estas respostas ainda são insatisfatórias. Bohn busca traçar um perfil do eleitor evangélico, para justificar a vitória do PT neste grupo antes tão arredoio ao partido e a sua maior liderança nacional.

Ao analisar as determinantes para a escolha do candidato à presidência, Bohn identificou que, entre todos os grupos religiosos, os evangélicos foram os que mais declararam ser importante a opinião da igreja sobre o presidenciável (11,6%). “O peso atribuído às informações advindas da igreja é o elemento que distingue os evangélicos dos demais grupos, inclusive os católicos”.⁶²¹ Quando se constata, na mesma pesquisa, que os evangélicos são o grupo religioso com maior exposição às autoridades religiosas dentro da sociedade brasileira (82% vão a igreja pelo menos uma vez por semana, contra 50% dos adeptos das religiões afro-brasileiras, em segundo lugar), a influência dos pastores sobre o voto dos fiéis torna-se ainda mais importante. Este dado serve para elucidar o comportamento eleitoral dos fiéis da Universal, conforme já verificado na pesquisa Novo Nascimento do ISER. Porém, quando pensamos na conquista do voto assembleiano por Lula, mesmo contra a orientação da liderança, o sucesso do petista fica sem resposta.⁶²²

Na busca desta resposta, a Congregação Cristã no Brasil será de grande utilidade.⁶²³ Conforme escrito no primeiro capítulo deste trabalho, a Congregação Cristã no Brasil se distingue de todas as outras seitas e igrejas protestantes por ser a única denominação sem clero profissional. Não existem pastores ou bispos, e a condução da igreja é administrada por uma liderança leiga. Não existe esforço

⁶²⁰ Ibid. p. 325.

⁶²¹ Ibid. p. 328.

⁶²² Ainda mais quando se verifica que os evangélicos, ao serem questionados sobre qual partido não gostam de jeito nenhum, marcaram o PT em 30,45% das respostas (embora o PT tenha sido, dos grandes partidos, o com menor índice de rejeição). BOHN, 2004, p. 332.

⁶²³ Ibid. p. 335.

proselitista, já que seu hiper-calvinismo crê que Deus mesmo trará os eleitos. Devido a crença de que o Espírito Santo deve iluminar o pregador, os pregadores não são escolhidos previamente, antes, conforme se sentirem tocados durante o culto, se oferecem para pregar de forma espontânea o que o Espírito Santo revela no momento. Como os sermões não podem ser elaborados, como nas outras denominações protestantes, eles consistem na leitura e aplicação de Salmos, trechos dos Evangelhos e lições da moral cristã, comum às demais denominações.⁶²⁴ Pois é justamente esta denominação, sem hierarquia, sem pastor, sem projeto político, que mais se aproximou da média de votos do eleitorado brasileiro no *Survey* 2002 do Estudo Eleitoral Brasileiro, inclusive no primeiro turno, em que Garotinho fica em terceiro lugar na preferência dos fiéis da Congregação Cristã no Brasil, com 16% das intenções de voto, com Lula em primeiro e Serra em segundo.⁶²⁵ Portanto, diferente da maioria das denominações evangélicas, onde tenta-se influenciar o voto através da indicação do candidato pelas lideranças, na Congregação Cristã, onde não se pode sequer comentar de política no sermão, os fiéis ficam expostos aos mesmos estímulos eleitorais que a sociedade recebe, aproximando-se assim mais da média das intenções de voto dos brasileiros do que os demais evangélicos. Claro que outros fatores, como classe social ou tempo de estudo irão influenciar no voto dos fiéis da Congregação Cristã, porém a pressão eclesiástica fica de fora neste caso.

Para concluirmos nossa busca acerca dos motivos que levaram ao abrandamento ou abandono do antiesquerdismo entre os evangélicos em 2002, devemos analisar a proposta feita por André Singer. O dado que falta para compreendermos o comportamento eleitoral evangélico das eleições de 2002, à parte o posicionamento político das lideranças, e em algumas situações, à revelia delas, é a tese de “realinhamento eleitoral” de André Singer.⁶²⁶ Segundo Singer, o que permite a conquista do eleitorado conservador a candidatura de Lula em 2002 é o que Singer descreve como o abandono pelo PT da plataforma política que defendia “mudanças radicais”,⁶²⁷ marcado pelo conflito ideológico entre Esquerda e Direita, por um de “Reforma Gradual”, onde é feito um pacto com os setores conservadores da

⁶²⁴ FRESTON, 1996, p. 103-104.

⁶²⁵ BOHN, 2004, p. 324.

⁶²⁶ SINGER, 2012, p. 13-16.

⁶²⁷ *Ibid*, p. 96-101.

sociedade, e o deslocamento para um conflito, não entre ideologias, mas entre ricos e pobres.⁶²⁸

Para André Singer, esse é o segredo do sucesso do PT não apenas em 2002, mas também em 2006 e 2010. Segundo Singer, baseado em pesquisas de intenções de voto, nas eleições de 1989 os eleitores de baixa renda tendem a votar em candidatos mais conservadores, enquanto que conforme se avança para rendas maiores, a adesão à esquerda aumenta estatisticamente.⁶²⁹ “Despolitizando” o seu discurso, o PT consegue realinhar sua base eleitoral, composta, em grande medida, de extratos da classe média com ensino médio ou superior, para os setores aos quais o PT diz prioritariamente representar, as classes mais pobres, com menos instrução e menos sofisticadas politicamente. Utilizando pesquisas de intenções de voto, Singer demonstra a mudança de perfil dos eleitores de Lula. Enquanto que em 1989, Lula ganhava de Collor nas intenções de voto no Segundo Turno entre os eleitores que ganhavam de 2-5 salários mínimos (49% contra 43%), de 5-10 salários mínimos (51% contra 40%) e acima de 10 (53% contra 40%), Collor vencia Lula entre os eleitores que ganhavam até 2 salários mínimos (51% contra 41%).⁶³⁰ Em 2002, pela primeira vez, Lula consegue ganhar a preferência dos votos dos eleitores com renda familiar mensal de até 2 salários mínimos já no primeiro turno (43% contra 19% de Serra).⁶³¹

Enquanto o PT utilizava o discurso político de esquerda *versus* direita, isto afastava o eleitorado menos sofisticado. Particularmente, no contexto evangélico, onde anos de propaganda anticomunista havia moldado a cosmovisão política, principalmente dos pentecostais, Lula e o PT nunca teriam a chance de conquistar a maior parte dos votos se mantivessem o discurso ideológico. Até porque a maior parte da membresia evangélica pertence ao extrato social que ganha até dois salários mínimos,⁶³² portanto, além da resistência religiosa, havia também as limitações impostas pelo extrato social. Trazendo o discurso político para um confronto entre ricos e pobres, o PT não somente consegue traduzir seu discurso político para os mais pobres e menos sofisticados eleitoralmente, mas o partido consegue também falar um

⁶²⁸ SINGER, 2012, p. 180-200.

⁶²⁹ Ibid. p. 35.

⁶³⁰ Ibid. p. 224.

⁶³¹ Ibid. p. 228.

⁶³² No censo de 2000 os fiéis pentecostais, nos dados referentes a renda per capita, estão acima da média brasileira na categoria dos que ganham menos de 1 salário até 2 salários mínimos, e até 40% abaixo da média brasileira entre os que ganham mais de 10 salários mínimos. JACOB, et. al, 2003, p. 49.

assunto que é caro aos pentecostais, a pobreza como sinal de santidade, do povo pobre perseguido pelos ricos e poderosos, que a despeito das desvantagens consegue transformar a sociedade em que vive.⁶³³ Neste momento o PT consegue passar por cima das indicações das lideranças evangélicas que se opõem a sua candidatura, e assim consegue conquistar o voto da maioria dos fiéis a despeito dos esforços de seus pastores, como exemplifica o voto assembleiano no segundo turno de 2002.

Singer diz que o fenômeno do realinhamento eleitoral, que ele chama de Lulismo, só pode ser verificado nas eleições de 2006. Para o mesmo, até 2002 o alinhamento ideológico prevalece.⁶³⁴ Contudo, para este autor, os primeiros sinais de tal realinhamento eleitoral podem ser verificados já no eleitorado evangélico em 2002, principalmente ao notar-se a tendência de voto dos fiéis da Congregação Cristã no Brasil, uma igreja sem clero profissional, e da Assembleia de Deus, onde Lula ganha a despeito da oposição da liderança nacional da denominação. Ambas as igrejas neste período possuem o grosso de sua membresia entre as classes mais pobres. Tendo a Assembleia de Deus uma membresia com características sociais similares à da Congregação Cristã no Brasil, podemos verificar que nas eleições de 2002, o discurso petista de combate à corrupção e das injustiças sociais conseguiu reverter os esforços das lideranças assembleianas em direcionar o voto para Serra. Realizou-se, com sucesso, assim, um realinhamento eleitoral dentro de um grupo anteriormente hostil ao PT. “Implantado nas camadas populares que vivem nas grandes cidades”,⁶³⁵ com um nível muito elementar de educação (a maior parte dos membros possui até ensino fundamental) e ganhando até três salários mínimos⁶³⁶ em 2002, o “Lulismo”, como chamado por Singer, prometendo manter a ordem econômica estabelecida, mas trabalhando dentro dela para diminuir as diferenças sociais, traz para junto de si as esperanças desta parte excluída e mal compreendida da população. Pela primeira vez, para boa parte dos protestantes brasileiros, a estrela petista, que simbolizou durante três eleições para presidência o comunismo ateu, se traduzia na esperança de um Brasil mais justo socialmente.

⁶³³ ALENCAR, 2010, p. 144.

⁶³⁴ SINGER, 2012, p. 35.

⁶³⁵ JACOB, et. al., p. 40.

⁶³⁶ Ibid.

CONCLUSÃO

“Duvido que o eleitor evangélico vote por religião... não está demonstrado que o eleitor vai votar por cabresto, de acordo com a indicação do pastor”, afirmou o sociólogo Flavio Pierucci para *O Jornal do Brasil*, em 28 de abril de 2002. Tanto a adesão em massa dos evangélicos à candidatura de Garotinho, quanto a disciplina eleitoral da Igreja Universal do Reino de Deus demonstram o equívoco que não somente este sociólogo, mas muitos outros acadêmicos brasileiros cometeram ao negligenciar a força da fé protestante no Brasil. Porém, como observamos, nem sempre os pastores são bem sucedidos ao direcionar o voto de seus fiéis. Então, a que conclusão podemos chegar?

A conclusão que chegamos é que as denominações protestantes continuarão envolvendo-se cada vez mais na disputa eleitoral brasileira, ocupando os espaços públicos que forem possíveis, orientando o voto de seus fiéis, contudo, suscetíveis a falhar em seus projetos de poder, dependendo da capacidade de mobilizar seu eleitorado em torno de temas que sejam relevantes as suas especificidades. O discurso anticomunista, a mobilização em torno da eleição da Assembléia Constituinte eleita em 1986, e as eleições presidenciais de 1989 e 2002 são exemplos claros de sucessos e fracassos das lideranças eclesiais em se beneficiarem de um nicho eleitoral que a vivência sectária do protestantismo colocou a seu alcance.

O protestante brasileiro vive com os olhos no Céu. Não sem motivos, a já clássica análise sobre a história protestante brasileira foi intitulada *O Celeste Porvir*, de Antonio Gouveia de Mendonça. Com exceção do neopentecostalismo, que já nasce abrasileirado e abandonando a ascese intramundana, o modelo protestante transplantado para o Brasil pelos missionários estrangeiros é marcadamente sectário. A exceção da Igreja Luterana, que acompanha os fiéis imigrantes, trazendo junto consigo não somente sua fé, mas também sua língua, cultura e instituições sociais, a vivência protestante no Brasil é marcada pela imposição de conceitos e valores alheios a sociedade católica já estabelecida, o que gera dentro das diversas denominações, tanto protestantes de missão quanto pentecostais, um espírito combativo contra o que vêem como a hegemonia de uma Igreja “corrompida”. Por isso o espírito proselitista que busca ao máximo a adesão voluntária, a negação do mundo, o isolamento social, o literalismo teológico, a ênfase na santidade subjetiva, a visão da comunidade eclesiológica como sendo um grupo seletivo de eleitos e a escatologia

pré-milenarista (escatologia essa que traz em seu bojo, pessimismo em relação a este mundo) são combinados para imprimir caráter sectário, que vê na alteridade componente essencial para forjar uma sua noção de grupo que orbita em torno da comunidades dos fiéis. Enfim, uma minoria sitiada em oposição a uma maioria condenada. O protestantismo brasileiro, desde sua implantação até hoje, em sua maior parte, concebe a si mesmo como eternamente sitiado dentro da Cidade de Deus, em oposição à Cidade dos Homens.

Contudo, o evangélico brasileiro tem aprendido a viver com os pés na terra, conquanto antes vivia também, ainda que mirando o Céu. A partir do rápido crescimento nas últimas décadas, o protestantismo torna-se minoria religiosa significativa, indo de 10% para 17% da população nacional, no período estudado. Este crescimento consolida a presença dos evangélicos em todos os estratos sociais, embora sua base permaneça entre as classes mais desprivilegiadas da sociedade. No processo de interação com a sociedade, dois fatores são importantes. Em primeiro lugar temos o neopentecostalismo, que com sua rejeição da ascese intramundana, característica dos pentecostais, ingressa na disputa política durante a ditadura militar, produzindo tensões no meio evangélico quando aquele resolve dar um rosto ao seu voto. Dentro da polarização da Guerra Fria, e incentivado por seus congêneres norte-americanos, os evangélicos brasileiros resolvem entrar no campo político não somente apoiando o regime ditatorial civil-militar, mas também militando em prol dos seus interesses, ora combatendo os “males do comunismo ateu”, ora defendendo interesses corporativistas no Congresso Nacional.

Partindo do imaginário simbólico anticomunista comum a outros setores da sociedade brasileira, as lideranças protestantes utilizaram-se da escatologia pré-milenista para criar uma identidade em comum entre sua religião minoritária e as elites dominantes. Este alinhamento eleitoral com os aspectos conservadores da sociedade é reforçado pela tradução e distribuição de material oriundo do círculo fundamentalista estadunidense, que em sua luta contra o secularismo da sociedade norte-americana, enxerga o marxismo não somente como a fonte das forças anticristãs que atacam a cultura cristã, mas através de uma leitura fundamentalista da Bíblia, como as forças escatológicas do mal que se arregimentam contra a Cidade de Deus. Aqui no Brasil, não somente a esquerda será demonizada, mas as lideranças eclesiásticas saberão usar deste imaginário para unificar o eleitorado protestante em torno de suas causas, seja para fazer triunfarem seus interesses na Assembleia Nacional Constituinte de

1987-88, seja para impedir a ascensão de suposta aliança marxista-católica nas eleições de 1989.

A década de 1980 marca a entrada dos pentecostais e neopentecostais no embate político partidário brasileiro. Suplantando décadas de hegemonia dos protestantes históricos, caracterizadas pela existência do político evangélico, personagem que detinha carisma, construía bases eleitorais e defendia os interesses das denominações protestantes que julgava representar, com a mobilização pentecostal para a eleição da Assembleia Nacional Constituinte, entra em cena o “político de Cristo”, indicado pelos pastores da denominação e dependente deles, tendo a missão de defender os desejos corporativistas da denominação que o escolheu como representante. Tendo como marca o fisiologismo, duas inovações surgem no meio evangélico: a promessa de apoio ao governo em troca de concessões de rádio e TV, e a mobilização do eleitorado da denominação em torno de uma causa. Esta causa mobilizadora pode ser de caráter amplo, comum aos protestantes em geral, como o alegado risco da tomada do poder dos marxistas ou a hegemonia do catolicismo, ou a luta em prol da liberdade religiosa, tema este caro aos evangélicos. Já as causas particulares são muitas vezes de caráter corporativista, como já citado.

Na manutenção do *status quo*, o protestantismo evangélico utiliza-se muito da mídia impressa e falada. Como religião da palavra, onde se enfatiza muito que o fiel tenha sua experiência individual com Deus pela leitura da Bíblia, o movimento evangélico brasileiro (salvo exceções como nas congregações Deus é Amor ou Congregação Cristã) enfatiza muito o aspecto de o fiel alimentar-se de material denominacional, que pode ser tanto advindo dos órgãos oficiais, de caráter semanal ou mensal, como este material pode ser divulgado por de livros, na forma de biografias ou de teologia popular. As denominações possuem editoras oficiais, que determinam qual ênfase será dada nas publicações. A grande maioria da produção das editoras evangélicas consiste de material traduzido, em sua maior parte, do inglês. Quanto à detenção de concessões de rádio e TV pelas denominações evangélicas, seu domínio é um dos motivos principais da expansão evangélica. Penetrando em lares que de outra forma missionários e livros não entrariam, o uso dos meios de comunicação em massa serviu para alavancar lideranças regionais a níveis nacionais, além de popularizar ideias ou correntes restritas anteriormente a uma das ramificações do protestantismo. Além de buscar adeptos, os programas de rádio e TV tem contribuído para divulgar ideias ou doutrinas de um grupo específico.

Coincidindo com o abandono da postura que se apresenta por apolítica e da construção de impérios midiáticos por parte dos evangélicos, temos a popularização da Teologia da Prosperidade, que desafia o cristão não somente a usufruir dos prazeres a disposição neste mundo, como buscar dirigir por meios políticos a sociedade, dentro de uma visão de combate espiritual, onde a prosperidade do “povo de Deus” destrói o espaço e “as obras do diabo”. Através dos radialistas e televangelistas neopentecostais, o evangélico brasileiro se abre à ideia de que não basta ele confessar a fé em Jesus, o Brasil inteiro ter que ser submetido a Cristo também. Por outro lado, pentecostais clássicos e protestantes históricos, cada vez mais expostos ao material fundamentalista norte-americano de procedência calvinista, abandonam o apoliticismo clássico, herdeiro da Reforma Radical acerca das relações entre Igreja e Estado, para abraçar o conceito calvinista de parceria entre Igreja e Estado visando a reforma da sociedade e a manutenção da ordem. O consumo indiscriminado de conteúdo estrangeiro, visto como melhor do que o de autores nacionais, a utilização com fins proselitistas de veículos de comunicação em massa, aliado ao controle sobre o tipo de material que é publicado, serve não apenas para explicar o anticomunismo tão arraigado no imaginário protestante, como também as mudanças no comportamento eleitoral. Capitaneada pelas lideranças denominacionais, esta alteração de cosmovisão política tem como objetivo engajar o eleitorado evangélico nas disputas pelo poder no Brasil. Tanto o pastor, como o político evangélico e o eleitor manterão sob controle a tensão de ter os pés na terra e os olhos no céu. O céu ainda é almejado, mas enquanto ele não vem, há que modelar a terra pela fé;

A forte oposição manifestada a Lula em 1989 pertence ainda a um grupo que está em transição. Vivendo ainda na polarização da Guerra Fria, o imaginário anticomunista traz o medo do marxismo da distante URSS para mais perto, marxismo imaginado dentro da Teologia da Libertação, do PT e dos partidos de esquerda, não importando se são socialistas, comunistas ou anarquistas. Ainda dentro dos conflitos ideológicos da Guerra Fria, o combate “direita *versus* esquerda” alinha a maior parte da liderança evangélica junto as elites conservadoras da sociedade. Ajudando a eleger Collor, as lideranças evangélicas esperam a mesma deferência que obtiveram dos militares. Não recebem sentem-se aliados da nova ordem. A bancada evangélica encolhe em 1994, e o potencial do eleitorado evangélico é descartado pelo PSDB, em 1996 e 1998.

A insatisfação com o projeto neoliberal, o discurso moralizante e a displicência com a qual a administração tucana teria (aos olhos de lideranças evangélicas) tratado os “políticos de Cristo” leva a uma identificação destes com a esquerda. A afinidade do discurso contra as injustiças e a corrupção com a esquerda, o fim da URSS e, conseqüentemente, do temor comunista, a ênfase sobre a ética na política, abrem o caminho para a aliança costurada entre o maior partido de Esquerda do País com a cúpula da maior denominação neopentecostal. Claro que a Carta aos Brasileiros, e o realinhamento político iniciado por Lula e o PT, abandonando o confronto “direita *versus* esquerda” pelo “ricos *contra* pobres”, ajuda a atrair o eleitorado evangélico, em sua maior parte menos sofisticado politicamente e oriundo das classes sociais mais baixas. O combate à corrupção encontra eco no discurso puritano evangélico. E de uma certa forma, a candidatura do primeiro presidencialista protestante com chances de chegar ao segundo turno, através do partido socialista, serve para aparar as arestas. E mesmo em denominações que se apegaram à tradição anticomunista, como a Assembleia de Deus por exemplo, o candidato petista foi bem sucedido em angariar votos a despeito de preconceitos antigos.

O que este realinhamento nos revela? Escritos hoje, cerca de 13 anos depois, a mobilização protestante nas eleições de 1989 e 2002 demonstra o potencial do eleitorado evangélico. Contudo, podemos identificar uma diferença entre os fundamentalistas daqui e os estadunidenses. Enquanto que lá os evangélicos são um grupo de pressão que se identifica normalmente como o Partido Republicano, no Brasil os fundamentalistas, embora não tenham mais a bandeira do anticomunismo para uni-los, costumam arregimentar-se em torno de pautas conservadoras como aborto, eutanásia e casamento homossexual. Como nas eleições posteriores (2006, 2010 e 2014) estes temas não foram o centro dos debates políticos, tanto o eleitorado como os políticos protestantes estão espalhados por uma gama de partidos, tanto de direita como de esquerda. A candidatura da evangélica Marina Silva por duas vezes (2010 e 2014) mobilizou o eleitorado protestante, porém, a sua posição dúbia quanto a bandeiras conservadoras e sua falta de entusiasmo em se identificar como candidata evangélica comprometeram a adesão do eleitorado evangélico em torno de sua campanha. Os variados escândalos envolvendo lideranças eclesiais nos últimos anos têm contribuído para uma menor fidelização à orientação política da Igreja, embora a Igreja Universal do Reino de Deus, a Igreja do Evangelho Quadrangular e Assembleia de Deus ainda sejam bem-sucedidas na utilização do voto dos fiéis para

a eleição de políticos identificados com seus interesses corporativistas. Portanto, elas ainda mantêm sobre seus fiéis um controle que permita a construção de um projeto de poder e a mobilização em torno de bandeiras que a denominação julgue necessária.

E a esquerda? O escândalo do mensalão em 2005 serviu para alijar parte das lideranças conservadoras que apoiaram o PT na eleição anterior. Após os escândalos do primeiro mandato do governo Lula (2003-2006), batistas e assembleianos apoiaram candidatos opositoristas nas eleições seguintes. Contudo, a despeito disso, os neopentecostais têm se mostrados aliados mais constantes. O bispo Macedo e a Igreja Universal têm apoiado ao PT e seus aliados até agora. Da mesma forma, políticos oriundos da Igreja Internacional da Graça de Deus e da Igreja Mundial do Poder de Deus, as outras duas maiores denominações neopentecostais da atualidade, normalmente tem entrado em partidos da base aliada do PT. Contudo, nenhuma das lideranças neopentecostais tem apoiado partidos de esquerda ou marxistas. Sua preferência sempre tem sido os partidos de Centro-direita na política nacional. Talvez a ênfase na prosperidade seja a base do apoio constante ao PT, que durante os últimos anos dirigiu várias políticas visando a redução das desigualdades sociais. Diferente dos assembleianos e batistas, defensores da ascese intramundana e de uma agenda conservadora no Congresso, os neopentecostais tem apoiado a agenda progressista do governo federal nos últimos anos.

Os evangélicos continuarão a buscar espaço na política partidária brasileira. A trajetória de quem anda “com os pés na terra e os olhos no Céu” comporta tropeços e desvios. Assim, enquanto quisermos compreender o comportamento religioso protestante e suas implicações na política nacional, teremos de nos acostumar com as imprevisibilidades inerentes das contradições intrínsecas de quem, ao mesmo tempo que se enxerga como “peregrino e forasteiro”, proclama com todas as forças que “o mundo é de meu Pai”.

REFERÊNCIAS

- 15 DE NOVEMBRO: hora de votar. **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n. 1234, nov. 1989.
- A BARREIRA continua na Coreia do Norte. **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n. 1235, dez. 1989.
- A MORTE de Tancredo Neves. **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n. 1170, p. 10, jun. 1985.
- A JUSTIÇA social é possível? **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n. 1194, p. 20, out. 1986.
- A REAÇÃO de evangélicos. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 4, 14 out. 2002.
- AJUDA divina. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 6, 24 jul. 2002.
- ALENCAR, Chico. Estranho Casamento. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 4, 23 fev. 2002.
- ALENCAR, Gideon. **Protestantismo tupiniquim: hipóteses sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira**. São Paulo: Arte Editorial, 2010.
- ALMEIDA, Abraão. **Israel, Gogue e o Anticristo**. Rio de Janeiro: CPAD, 1978.
- _____. A crise iraniana. **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, fev. 1980.
- _____. A marca do Anticristo. **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, out. 1983.
- _____. A URSS e o golfo pérsico. **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, p. 2, jul. 1982.
- _____. Antissemitismo na URSS. **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, p. 2, mai. 1983.
- _____. Antissemitismo na URSS. **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, p. 2, abr. 1984.
- _____. Diga não ao ecumenismo. **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, p. 3, fev. 1981.
- _____. Igreja e política: é lícito as lideranças religiosas envolverem-se na luta de classe? **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, p. 2, jul. 1980.
- MCE: plataforma do Anticristo. **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, p. 12-13, nov. 1981.
- _____. O Irã a luz da Bíblia. **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, p. 2, abr. 1979.

_____. O número da besta. **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, p. 2, abr. 1983.

_____. O tempo dos gentios VIII: Gogue invadirá a Palestina. **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, p. 12, abr. de 1981.

_____. O tempo dos gentios IX: o Mercado Comum Europeu. **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, p. 12, mai. 1981.

_____. O tempo dos gentios XII: o Anticristo. **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, p. 12, ago. 1981.

_____. O sonho secular da Rússia. **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, p. 2, Out. 1982.

ALMEIDA, Jorge. **Como vota o brasileiro**: perfil ideológico do eleitor e evolução do voto nas pesquisas de opinião de 1994. São Paulo: Xamã, 1998.

ALMEIDA, Rute Salviano. **Vozes femininas no início do protestantismo brasileiro**: escravidão, império, religião e papel feminino. São Paulo: Hagnos, 2014.

ALVES, Rodrigo. Entre a Bíblia e a urna. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 2, 14 abr. 2002.

_____. Serra entre evangélicos e empresários. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 4, 04 mai. 2002.

_____. Votos em nome de Deus. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 3, 28 abr. 2002.

ANDRADE, Claudionor. Por trás do muro de Berlim. **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, p. 12-13, jan. 1990.

ARAÚJO, Isael de. **Dicionário do movimento pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

_____. Peter Kuzmic: igrejas do leste europeu intensificam evangelização. **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n. 1238, p. 3, mar. 1990.

ARMSTRONG, Karen. **Em nome de Deus**: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

ASSEMBLEIA de Deus oferecerá subsídios à nova Constituição. **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n. 1170, p. 10, jun. 1985.

ASSEMBLEIA enfrenta cisão. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 3, 28 abr. 2002.

AVENTURAS de Campanha. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 1, 21 jul. 1989.

BAKER, W. H. Tribulação. In: **Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã**. Walter A. Elwell (Ed.). São Paulo: Edições Vida Nova, 2009. Vols. 3.

BAQUERO, Marcello. Populismo e neopopulismo na América Latina: o seu legado nos partidos e na cultura política. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 181-192, jul./dez. 2010.

BARCELOS, Dos reis do oriente. **Mensagem da Paz**, Rio de Janeiro, p. 4, mai. 1979.

BARROS, Angélica. Evangélicos de Raiz. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro, ano 8, n. 87, p. 22-23, dez. 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.

BEDESCHI, Giusieppe. Comunismo. In: **Dicionário de política**. Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino (eds.). Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

BENJAMIN, Cid. Deputado propõe plebiscito sobre o PL. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 4, 23 fev. 2002.

BENJAMIN, Cid. Benedita fará pajelança secreta. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. A4, 16 ago. 2002.

BERGAMASCHI, Mara. Íris recebe benção de evangélicos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. A5, 17 abr. 1989.

BERGER, Peter L. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: um livro sobre a sociologia do conhecimento. Lisboa: Dinalivro, 2002.

BERGSTEN. Ernesto. A grande tribulação. **Mensagem da Paz**, Rio de Janeiro, p. 12, fev. 1980.

_____. Sinais dos Tempos VI: A situação política entre as nações – um importante sinal, **Mensagem da Paz**, Rio de Janeiro, ed. 1107, p. 12, 1979.

BETTENSON. Henry. **Documentos da igreja cristã**. São Paulo: Aste, 1967.

BLEDSON, David Allen. **Movimento neopentecostal brasileiro**: um estudo de caso. São Paulo: Hagnos, 2012.

BOHN, Simone R. Evangélicos no Brasil. Perfil socioeconômico, afinidades ideológicas e determinantes do comportamento eleitoral. **Opinião Pública**, Campinas, Vol. X, nº 2, Outubro, 2004, p. 288-338.

BONAZZI, Tiziano. Conservadorismo. In: **Dicionário de política**. Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino (eds.). Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

BONINO, José M. **Rostos do Protestantismo Latino-Americano**. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

BONNET, Luciano. Anticomunismo. In: **Dicionário de política**. Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino (eds.). Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: EDUSP, 1996.

BOTÃO, Alexandre. Lula seduz evangélicos com a Bíblia. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 05, 18 abr. 02.

BRAKEMEIER, Gottfried. Evangélicos. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 13, 12 nov. 1989.

BRIZOLLA promete dar prioridade a comercio de pedras preciosas. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 02, 14 jul. 1989.

BROWN, John Pairman. Kingdom of God. In: **The Gale Encyclopedia of Religion**. Lindsay Jones, (Ed.). Farmington, Hills, MI: Thomson Gale, 2005.

CABRAL, José. Teologia da libertação: ponta de lança do Anticristo. **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, p. 6, out. 1980.

CAIADO diz a evangélicos que investirá no ensino. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 2, 07 ago. 1989.

CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos**: uma história da igreja cristã. São Paulo: Edições vida Nova, 2004.

CALVINO, João. **As institutas da religião cristã**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003. 4 vols.

_____. **Commentary on Timothy, Titus, and Philemon**. Grand Rapids, MI: Christian Classics Ethereal Library, s./d.

CAMPOS, Leonildo S. Os “políticos de Cristo” – uma análise do comportamento político de protestantes históricos e pentecostais no Brasil. In: **XXVI ANPOCS. Anais...** Caxambu, 2002.

_____. **Teatro, templo e mercado**: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. Petrópolis: Vozes, São Paulo: Simpósio Editora e Universidade Metodista de São Paulo, 1999.

CARNEIRO, Sonia. Um congresso de ‘neo-evangélicos’. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. A8, 13 out. 2002.

_____. Itamar atraia PL para Lula. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 4, 08 jun. 2002.

_____. Assembleia de Deus apoia Serra. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. A3, 11 out. 2002.

CARVALHO, Esaú A. Os evangélicos na câmara dos deputados. **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n. 1180, p. 4, ago. 1985.

CARVALHO, Luiz M. Pastor troca fé pela voz do sangue. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 13, 03 dez. 1989.

CARVALHO, Oziel L. Fundamentalismo protestante. In: **Fundamentalismos religiosos contemporâneos**. Sandra Duarte de Souza (Org.). São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

CAVALCANTI, Robinson. **Cristianismo & política**: teoria bíblica e prática histórica. Viçosa: Ultimato, 2002.

CHAUNNU, Pierre. **O tempo das Reformas (1250-1550)**: história religiosa e sistema de civilização II. A reforma protestante. Lisboa: Edições 70, 2002.

CHARTIER, Roger. **A beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietudes. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2002.

CLARKE, Adam. **Clarke's Commentary**: Old Testament. Abany, Oregon: SAGE, 1996. 4 vols.

CLOUSE, Robert G. Arrebatamento. In: **Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã**. Walter A. Elwell (Ed.). São Paulo: Edições Vida Nova, 2009. Vols. 3.

COLLOR se equilibra entre católicos e pentecostais. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 12, 03 dez. 1989.

COMMUNISM. In: **Encyclopædia Britannica**. Encyclopædia Britannica 2009 Student and Home Edition. Chicago: Encyclopædia Britannica, 2009.

COMUNICADO ao povo batista. **Jornal Batista**, Rio de Janeiro, p. 12, 31 dez.1989.

CORREA, Vilas-Boas. Paradoxo do desencontro. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 11, 27 fev. 2002.

CORREIA não tem votos, mas acumula fazendas. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 05, 01 nov.1989.

COSTA, Florêncio. Brizola e Collor trocam agressões em programa de TV. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 3, 18 ago. 1989.

COUTINHO, Paulo C. Marília e Rojas. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. B2, 12 dez. 1989.

COUTO, Geremias do. Pode o crente ser político? **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n. 1181, p. 8, set. 1985.

CRIVELLA promete ir às ruas. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 8, 15 out. 2002.

CUMMING, John. **The Destiny of Nations as Indicated in Prophecy**. London: Hurst and Blackett: 1864.

D'ALIMONTE, Roberto. Espaço Político. In: **Dicionário de política**. Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino (eds.). Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

DAMIANI, Marco. Conselho não faltou, mas evangélico teve prioridade na agenda. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 5, 18 jul. 1989.

DANIEL-ROPS. **A igreja da renascença e da reforma**. São Paulo: Quadrante, 1996.

DAVIS, D. C. Nominalismo. In: **Novo dicionário de teologia**. Sinclair B. Ferguson, David F. Wright e J. I. Packer (eds.). São Paulo: Hagnos, 2011.

DECISÃO divulga opinião adventista entre políticos, **Revista Adventista**, Tatuí, p. 20, ago. de 1987.

DECLARAÇÃO romena seria vergonhosa hipocrisia. **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n. 1233, out. 1989.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800**: uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

_____. **Nascimento e afirmação da reforma**. São Paulo: Editora Pioneira, 1989.

DIMARZIO, Nilson. Às vésperas da eleição. **Jornal Batista**, Rio de Janeiro, p. 3, 12 nov. 1989.

DONLON, S. E. Gelasian letter. In: **The New Catholic Encyclopedia**, Second Edition. Washington, DC: Thomson Gale, 2003.

DREHER, Mantin. **História do povo de Jesus**: uma leitura latino-americana. São Leopoldo: Sinodal, 2013

DURANT, Will. **A reforma**: história da civilização europeia de Wyclif a Calvino 1300-1554. Rio de Janeiro: Record, 2002.

EDWARD, José. A força do Senhor. Veja, São Paulo, edição 1758, ano 35, nº 26, p. 94, 3 jul. 2002.

ENTRELINHAS. **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, p. 6, jul. 2002.

EVANGÉLICOS com Serra. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 3, 16 out. 2002.

EVANGÉLICOS encaminham documento a Sarney. **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, p. 11-12, fev. 1985.

EVANGÉLICOS PODEM decidir as eleições. **Mensagem da Paz**, Rio de Janeiro, p. 4-5, set. 2002.

EVANGÉLICOS SE unem em apoio a Garotinho. **Mensagem da Paz**, Rio de Janeiro, p. 8, ago. 2002.

EVANS, J. A. S. "Justinian I, Byzantine Emperor", In: **The New Catholic Encyclopedia**. Washington, DC: Thomson Gale, 2003.

FEITOSA, Zeca. Collor conquista pastores na igreja da Assembleia de Deus. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 4, 16 out. 1989.

FERNANDES, José. O que é a Constituinte. **Mensagem da Paz**, Rio de Janeiro, n. 1182, p. 10, out. 1985.

FERNANDES, Rubem C. et. al. **Novo nascimento**: os evangélicos em casa, na igreja e na política. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

FERRARI, Odêmio A. **Bispo S/A**: A Igreja Universal do Reino de Deus e o exercício do poder. São Paulo: Ave Maria, 2007.

FRESTON, Paul. **Evangélicos na política brasileira**: história ambígua e desafio ético. Curitiba: Encontro Editora, 1994.

_____. A Igreja Universal do Reino de Deus. In: **Nem anjos nem demônios**: interpretações sociológicas do pentecostalismo. Alberto Antoniazzi et. al. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. **Protestantismo e política no Brasil**: da constituinte ao impeachment. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo. 1993.

_____. **Religião e política, sim; Igreja e Estado, não**: os evangélicos e a participação política. Viçosa: Ultimato, 2006.

FIGUEIREDO, Olga M. O caráter simbólico e significados de uma necrópole inglesa na cidade do Rio de Janeiro. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 30, p. 55-64, jul./dez. 2011.

FRY, C. George. Sinergismo. In: **Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã**. Walter A. Elwell (Ed.). São Paulo: Edições Vida Nova, 2009. Vols. 3.

GAEBELEIN, Arno. **The prophet Ezekiel**: an analytical exposition. New York: Fleming H. Revel Company, 1918.

GAMA, César. A Teologia da Libertação. **Mensagem da Paz**, Rio de Janeiro, p. 10, ago. 1980.

GARCIA, Alberto L. Reuchlin, Johannes. In: **Dicionário Ilustrado de Intérpretes da Fé**. Justo Gozalez (Org.). Santo André: Editora Academia Cristã, 2005.

GAROTINHO: estarei no segundo turno. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 4, 22 jul. 2002.

GAROTINHO PARA Lula: “você é o nosso candidato”. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. A3, 12 out. 2002.

GEORGE, Timothy George. **Teologia dos Reformadores**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1993.

GESENIUS, Wilhelm; THEIL, Zweyter. **Hebräisch-deutsches Handwörterbuch über die Schriften des alten Testaments mit Einschluss der Geographischen Nahmen und der chaldäischen Worte bey dem Daniel und Esra**. Leipzig: Friedrich Christian Wilhelm Vogel, 1812.

GESENIUS, William; TREGELLES, Samuel P. **Gesenius' Hebrew and Chaldee lexicon to the Old Testament Scriptures**. Bellingham, WA: Logos, 2003.

GILBERTO, Antonio. Gogue e Magogue: Quem são eles? **Messageiro da Paz**, Rio de Janeiro, p. 14, Ago. 1987.

_____. O futuro do comunismo à luz das profecias bíblicas. **Messageiro da Paz**, Rio de Janeiro, p. 5, nov. 1981.

_____. O MCE e a besta, **Messageiro da Paz**, Rio de Janeiro, p. 9, set. 1981.

_____. **O calendário da profecia**. Rio de Janeiro: CPAD, 1985.

GOMES, Geziel N. Gogue estará à vista? **Messageiro da Paz**, Rio de Janeiro, p. 3, mai. 1970.

GONZALEZ, Justo. **História ilustrada do cristianismo**. São Paulo: Vida Nova, 2011. 2 vols.

GONZÁLEZ, Justo. **Uma história do pensamento cristão**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004. 3 vols.

GOUVÊA, Ricardo Q. **O Anticristo na Bíblia e na história**: uma nova perspectiva para a teologia a partir da escatologia cristã. São Paulo: Fonte Editorial, 2011.

GUIMARÃES, Hebe. **Lysâneas Maciel**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2008.

GRANT, Myrna. **Ivan**: A história verídica de um soldado russo que se recusou a negar sua fé cristã. Belo Horizonte: Betânia, 2008.

GREENLEAF, Floyd. **Terra de esperança**: o crescimento da igreja adventista na América do Sul. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2011. pp. 24-48; pp. 56-58.

GROSSMANN, Luis O. “Evangelização” de Garotinho irrita Arraes. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. A2, 26 jul. 2002.

GRUPO da Universal fica com o PT. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 6, 09 out. 2002.

HAGIN, **O nome de Jesus**. São Paulo: Graça, 1999.

HAHN, Carl Joseph. **História do culto protestante no Brasil**. São Paulo: Aste, 1989.

HARRISON, Everett F. Mundo. In: **Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã**. Walter A. Elwell (Ed.). São Paulo: Edições Vida Nova, 2009. Vols. 3.

HEGSTAD, Roland. Liberdade religiosa – conclusão. **Revista Adventista**, Santo André, p. 6-8, fev. 1984.

HILLERBRAND, Hans J. Luther, Martin. In: **The Gale Encyclopedia of Religion**. Lindsay Jones, (ed.). Farmington, Hills, MI: Thomson Gale, 2005.

<http://www.bulevoador.com.br/2011/08/advocati-fidei-13-protestantismo-brasileiro-a-falencia-de-um-projeto-democratico-parte-ii/>. Pesquisado em 31 de maio de 2015.

<http://www.cacp.org.br/a-biblia-dake/>. Visitado em 13 de junho de 2015.

http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/politica/2015/02/11/interna_politica,560432/evangelicos-comemoram-eleicao-de-eduardo-cunha-para-a-camara.shtml. Visitado em 15/06/2015.

<http://www.fordham.edu/halsall/source/gelasius1.asp>. Visitado em 01/10/2013.

http://www.historiae-historia.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=270#_ftnref15. Pesquisado em 11/02/2015.

<http://matrikel.uni-rostock.de/id/100012799>. Pesquisado em 17 de março de 2015.

<http://www.metodista.br/pastoral/reflexoes-da-pastoral/john-wesley-e-o-movimento-metodista>. Visitado em 01/10/2013.

<http://www.luteranos.com.br/conteudo/teologia-da-libertacao-esta-viva-e-com-saude>. Visitado em 12/02/2015.

<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/06/29/censo-2010-aponta-migracao-de-fieis-da-universal-do-reino-de-deus-para-outras-igrejas.htm>. Visitado em 08/04/2014.

<http://pcb.org.br/portal/>. Pesquisa realizada em 10/02/2015.

http://pcdob.org.br/texto.php?id_texto_fixo=7&id_secao=145. Pesquisa realizada em 10/02/2015. <http://www.adventistas.org/pt/institucional/os-adventistas/quem-sao-os-adventistas/>. Pesquisa realizada em 10/02/2015.

<http://www.universal.org/institucional/emquecremos.html>. Pesquisa realizada em 10/02/2015.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_Universal_do_Reino_de_Deus. Pesquisa em 08/04/2014.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Unam_Sanctam. Visitado em 01/10/2013.
HOPE, N. V. Gomaro, Francisco. In: **Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã**. Walter A. Elwell (Ed.). São Paulo: Edições Vida Nova, 2009. Vols. 3.

IBGE. Tabela 1.4.1 - População residente, por situação do domicílio e sexo, segundo os grupos de religião - Brasil – 2010, In: **Censo Demográfico 2010**.

JACOB, César R. et al. **Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil**. Rio de Janeiro:Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

_____. A diversificação religiosa, In: **Estudos Avançados** 18 (52), 2004.

JOFFILY, Bernardo. **Atlas Histórico IstoÉ Brasil**. São Paulo: Três Editorial, 1998.

JUNGHANS, Helmar. **Temas da teologia de Lutero**. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

JÚNIOR, Arnaldo H. Reforma luterana e luteranismo: teologia e igrejas. In: **Protestantes, evangélicos e (neo) pentecostais: história, teologias, igrejas e perspectivas**. DIAS, Zwinglio Mota, PORTELLA, Rodrigo e RODRIGUES, Elisa (Orgs). São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

JÚNIOR, William O. **Theological Hermeneutics in the Classical Pentecostal Tradition: A Typological Account**. Leiden: Brill, 2012.

KEIL, Karl. F.; DELITZSCH, Franz. **Commentary on the Old Testament**. Peabody, MA: Hendrickson, 2002. 10 vols.

KERR, W. N. In: Scofield, Cyrus. In: **Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã**. Walter A. Elwell (Ed.). São Paulo: Edições Vida Nova, 2009. Vols. 3.

KESSLER, Nemuel. Democracia e comunismo. **Mensagem da Paz**, Rio de Janeiro, p. 2, n. 1181, set. 1985.

_____. Os evangélicos e a sucessão presidencial. **Mensagem da Paz**, Rio de Janeiro, p. 3, dez. 1984.

_____. Os evangélicos e os cargos públicos. **Mensagem da Paz**, Rio de Janeiro, n. 1179, p. 2, jul. 1985.

_____. Os nossos candidatos a Constituinte. **Mensagem da Paz**, Rio de Janeiro, n. 1191, p. 2, jul. 1986.

_____. Tancredo Neves e as Assembleias de Deus. **Mensagem da Paz**, Rio de Janeiro, n. 1174, p. 3, fev. 1985.

_____. Vamos preservar nossa história. **Mensagem da Paz**, Rio de Janeiro, n. 1169, p. 3, set. 1984.

KONDER, Leandro. Partido meio grávido. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 4, 21 fev. 2002.

KOSSOY, Boris. **A imprensa confiscada pelo DEOPS: 1924-1954**. Ateliê Editorial, 2003.

KRIEGER, Gustavo; PIRES, Luciano. Confederação de interesses. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 2, 21 fev. 2002.

LACERDA, Ely. A base do comunismo é o ateísmo. **Jornal Batista**, Rio de Janeiro, p. 12, 29 out. 1989.

LANZETTA, Luiz. Freire lança plano de emergência. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 4, 15 jul. 1989.

LÉONARD, Émille-Guillaume. **O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e história social**. Rio de Janeiro: JUERP/São Paulo: Aste, 1981.

LENZ, Elber M. A verdadeira Teologia da Libertação. **Mensagem da Paz**, Rio de Janeiro, p. 6, out. 1983.

LESSA, Rubens S. O candidato ideal. **Revista Adventista**, Tatuí, p. 18, nov. 1989.

LESTE europeu abre-se para o evangelho. **Mensagem da Paz**, Rio de Janeiro, n. 1238, p. 1, mar. 1990.

LIMA, Claudia. Sai o governador, entra o candidato. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 4, 06 abr. 2002.

LINDBERG, Carter. **As Reformas na Europa**. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

LINDER, Robert D. Antinomismo. In: **Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã**. Walter A. Elwell (Ed.). São Paulo: Edições Vida Nova, 2009. Vols. 3.

LINDSEY, Hal. **A agonia do grande planeta terra**. São Paulo: Mundo Cristão, 1973.

LULA COLHE voto de evangélicos. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. A4, 18 out. 2002.

LULA continua no palanque. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 4, 17 mar. 2002.

LUTERO, Martinho. Da guerra contra os turcos, In: **Obras Selecionadas**. São Leopoldo e Porto Alegre: Sinodal, 1987. 12 Vols.

_____. O Debate de Heidelberg. In: **Obras Selecionadas**. São Leopoldo e Porto Alegre: Sinodal, 1987. 12 Vols.

_____. Se também militares ocupam função bem-aventurada, In: **Obras Selecionadas**. São Leopoldo e Porto Alegre: Sinodal, 1987. 12 Vols.

_____. Se é permitido resistir ao Imperador, In: **Obras Selecionadas**. São Leopoldo e Porto Alegre: Sinodal, 1987. 12 Vols.

MACHADO, Maria das Dores C. **Política e religião**: a participação dos evangélicos nas eleições. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006.

MACHADO, Maria das Dores C.; MUNIZ, Cecilia L. Evangélicos e católicos: interseções da religião com a política. In: MACHADO, Maria das Dores C. **Política e religião**: a participação dos evangélicos nas eleições. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006.

MAGALHÃES, Athayde. **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, p. 2, set. 1964.

MAIA, Monica T. Entre Deus e o Diabo. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. A4, 28 jul. 2002.

MELTON, J. Gordon. Restoration Moviment. In: **Encyclopedia of Protestantism**. J. Gordon Melton (ed.). New York: Facts On File, 2005.

MIRANDA, Gustavo. Evangélicos fazem culto, oram e dizem amém a Collor. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 6, 21 jul. 1989.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MARIANO, Ricardo; PIERUCCI, Antonio F. O Envolvimento dos Pentecostais na Eleição de Collor. In: **Novos Estudos**, CEBRAP, nº 34, Nov. 1992.

MARTINEZ, Paulo Henrique. O Partido dos Trabalhadores e a Conquista do Estado: 1980-2005. In: RIDENTI, Marcelo; REIS, Daniel Aarão. **História do Marxismo no Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007. 6 vols.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

MASTROPAOLO, Alfio. Centrismo. In: **Dicionário de política**. Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino (eds.). Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

MATTOSO, J. Portugal, The Catholic Church in. **The New Catholic Encyclopedia**. Washington, DC: Thomson Gale, 2003.

MELO, Camila. Lula rebate críticas da CNBB e diz que PT não vive mais só de ideologia. Disponível em <http://www.midiaindependente.org/pt/red/2002/02/18222.shtml>. Pesquisado em 16 de junho de 2015.

MENDES, Ricardo A. S. **As direitas e o anticomunismo no Brasil**: 1961-1965, In: Locus, Revista de História. v. 10, n. 1, 2004. UFJF.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **O Celeste Porvir: A Inserção do Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1984.

_____. Protestantismo brasileiro: uma breve interpretação histórica, In: **Sociologia da religião e mudança social: católicos protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil**. Beatriz M. de Souza e Luís M. S. Martino (orgs.). São Paulo: Paulus, 2004.

MENDONÇA, Antonio Gouveia; VELASQUEZ, Prócoro. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 2002.

MENESES, José. Cuidado com a política no ministério. **Mensagem da Paz**, Rio de Janeiro, p. 3, 01 jul. 1963.

_____. Cuidado com as inovações. **Mensagem da Paz**, Rio de Janeiro, p. 3, 01 ago. 1963.

MESQUITA, Antonio. Apoio a Garotinho agora é oficial. **Mensagem da Paz**, Rio de Janeiro, p. 3, jul. 2002.

MORDEK, Hubert. Dictatus Papæ e Proprie Auttoritates Apostolice Sedis - Intorno all'idea del primato pontificio di Gregorio VII. **Rivista di Storia della Chiesa in Italia**. Ano XXVIII, n. 1, jan./jun. de 1974.

MORE, Thomas. **The Works of Sir Thomas More Knight**, Sometime Lorde Chauncellour of England, Written by Him in the English Tongue. Londres: s.e., 1529.

MORRIS, Leon. Expição. In: **Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã**. Walter A. Elwell (Ed.). São Paulo: Edições Vida Nova, 2009. Vols. 3.

MOTTA, Rodrigo P. S. **Em guarda contra o “Perigo Vermelho”**: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva, 2002.

MUIRHEAD, H. H. **O cristianismo através dos séculos** (3 vols.). Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1952.

MUNN, Melvin. Uso comunista da música. **Revista Adventista**, Tatuí, p. 7-8, out. 1979.

MURPHY, F. X. Vigilius, pope. In: **The New Catholic Encyclopedia**. Washington, DC: Thomson Gale, 2003.

NOLL, Mark A. Zuínglio, Ulrich. In: **Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2009. Vols. 3.

NOS BRAÇOS liberais, por falta de opção. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 4, 21 fev. 2002.

NOVO código civil afeta a rotina das igrejas. **Mensagem da Paz**, Rio de Janeiro, p. 4-5, ago. 2002.

O CHORO de Pequim. **Mensagem da Paz**, Rio de Janeiro, n. 1231, ago. 1989.

O QUE os evangélicos pensam da Constituinte. **Mensagem da Paz**, Rio de Janeiro, n. 1193, p. 14-15, set. 1986.

O'BRIEN, Patrick K. (ed.). **Phillip's Atlas of World History**. London: Octopus Publishing Group, 2007.

OLIVEIRA, Guacira C. Um jantar nefasto. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 11, 06 mar. 2002.

OLIVEIRA, João de. Colonização espiritual. **Mensagem da Paz**, Rio de Janeiro, n. 21, p. 3, quinzena de nov. 1960.

OLIVEIRA, Joanyr de. Assembleia Nacional Constituinte. **Mensagem da Paz**, Rio de Janeiro, n. 1174, p. 19, fev. 1985.

_____. Lula e os evangélicos. **Mensagem da Paz**, Rio de Janeiro, p. 13, jun. 1994.

OLIVEIRA, Raimundo de. A (in)tolerância da Nova República. **Mensagem da Paz**, Rio de Janeiro, n. 1180, p. 3, ago. 1985.

_____. As Assembleias de Deus e a opção política. **Mensagem da Paz**, Rio de Janeiro, p. 2, n. 1230, jul. 1989.

_____. Cristianismo e comunismo podem caminhar juntos? **Mensagem da Paz**, Rio de Janeiro, p. 12-13, jul. 1986.

OLSON, Roger. **História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas**. São Paulo: Editora Vida, 2001.

ONDE Lula é o demônio. Veja, São Paulo, edição 1108, ano 22, n. 48, p. 58, 06 dez. 1989.

ORLANDI, Carlos F. C. Shaul, Richard. In: **Dicionário Ilustrado de Intérpretes da Fé**. Justo Gozalez (Org.). Santo André: Editora Academia Cristã, 2005.

ORO, Ari P. Organização eclesial e eficácia política: o caso da Igreja Universal do Reino de Deus. **Civitas**. Porto Alegre. vol. 3, n. 1, Jun. 2003.

PARKER, Geoffrey (ed.). **Atlas da história do mundo**. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1995.

PASTOR adesista vira articulador principal. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 13, 03 dez. 1989.

PEREIRA, J. R. Novo governo. **Jornal Batista**, Rio de Janeiro, p. 8, 26 abr. 1964.

PETISTA volta a ser apontado como o demônio. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 4, 02 out. 2002.

PIERATT, Allan B. **O evangelho da prosperidade**. São Paulo: Vida Nova, 1995.

PIMENTEL, Ademir Paulo. Irmão vota em irmão. **Jornal Batista**, Rio de Janeiro, p. 3, 15 set. 2002.

POLÍTICA. **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, p. 02, Ago. de 1994.

POR QUE eleger os nossos constituintes? **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n. 1179, p. 12, jul.1985.

PORRAS, W. M. Patronato real. In: **The New Catholic Encyclopedia**. Washington, DC: Thomson Gale, 2003.

PRESIDENTE da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil reprova apoio de Fernando Henrique Cardoso à união civil de homossexuais. **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, p. 3, jul. 2002.

RAUSCH, D. A. Gabelein, Arno C. In: **Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2009. Vols. 3.

REFORMA, Movimento ASD da. In: **Enciclopédia Adventista do Sétimo Dia**. São Paulo: IAE, s/d.

REID, William S. Calvino, João. In: **Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2009. Vols. 3.

RIBEIRO, Marcio B. "Os presidenciáveis mostram seu rosto", **O Estandarte**, São Paulo, p. 14, out. 1989.

ROCHA, Daniel. **Venha a nós o vosso reino**: relações entre escatologia e política na história do pentecostalismo brasileiro. São Paulo: Fonte editorial, 2012.

RODRIGUES, Carlos. **A igreja e o social**. Rio de Janeiro: Grafica Universal, 1998.

RODRIGUES, Elisa. Os batistas no Brasil: mitos de origem, ênfases teológicas e novas tendências. In: **Protestantes, evangélicos e (neo) pentecostais**: história, teologias, igrejas e perspectivas. DIAS, Zwinglio Mota, PORTELLA, Rodrigo e RODRIGUES, Elisa (Orgs). São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

RODRIGUEZ, Ediberto L. Agrícola, Rodolfo. In: **Dicionário Ilustrado de Intérpretes da Fé**. Justo Gozalez (Org.). Santo André: Editora Academia Cristã, 2005.

RODEGHERO, Carla S. **O diabo é vermelho**: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964). 2.ed. Passo Fundo: UFP, 2003.

_____. Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 463-488, 2002.

ROLIM, Francisco C. **Pentecostais no Brasil**: uma interpretação sócio-religiosa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

ROSS, Nelson. Os quatro cavaleiros do Apocalipse. **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, p. 7, fev. 1983.

ROTHBERG, Danilo; DIAS, Mariane B. Religião, políticas e eleições na Folha Universal. **Intexto**. Porto Alegre: UFRGS, n. 27, p. 20-37, dez. 2012.

ROTHMAN, Norman C. Habsburg Dynasty. In: **Encyclopedia of World History: The First Global Age 1450 to 1750**. (ed.) Marsha E. Ackermann (et al.). New York: Facts On File, 2008.

RUTHVEN, Jon Mark. **The Prophecy That Is Shaping History**: New Research on Ezekiel's Vision of the End. Fairfax, VI: Xulon Press, 2003.

RYRIE, C. C. Dispensação, Dispensacionalismo. In: **Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2009. Vols. 3.

SAID, Luciano. O próspero reino de Macedo. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 12, 03 dez. 1989.

SANDRONI, Paulo. Marxismo. In: **Novíssimo Dicionário de Economia**. São Paulo: Best Seller, 1999.

SANTOS, Gilson. **Martinho Lutero**: A Teologia da Cruz em contraste com a Teologia da Glória. In: Revista fé para hoje. N 31. Tiago J. Santos Filho (ed.). São Paulo: Editora Fiel, 2007.

SCOTT, Hendrix. Martin Luther, reformer. In: **The Cambridge History of Cristianity: Reform and Expansion 1500–1660**. R. Po-Chia Hsia (ed.). Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

SECCO, Lincoln. **História do PT**: 1978-2010. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2011.

SILVA, Carla L. **Onda vermelha**: Imaginários anticomunistas brasileiros (1931-1934). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

SILVA, D. P. A Última igreja – Laodiceia – IV – Os “Reformistas” – Os fariseus modernos. **Revista Adventista**, Santo André, vol. 36, n. 01, p. 4, Jan. 1941.

SILVA, Genival C. e. Capitalismo e Socialismo. **Jornal Batista**, Rio de Janeiro, p. 4, 31 dez. 1989.

SILVA, Yolanda A. Minha viagem a Israel - VIII. **Revista Adventista**, Santo André, p. 12, nov. 1961.

SIMONS, Menno. The True Christian Faith. In: **The Complete Works of Menno Simons**. Grand Rapids, MI: Christian Classics Ethereal Library, s./d. 2 vols.

_____. A Fundamental Doctrine. In: **The Complete Works of Menno Simons**. Grand Rapids, MI: Christian Classics Ethereal Library, s./d. 2 vols.

SINGER, André. **Os sentidos do lulismo**: reforma gradual e pacto conservador. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SKINNER, Quentin; **As fundações do pensamento político moderno**. São Paulo; Companhia das Letras: 1996

SONHO é aumentar bancada. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 3, 02 mai. 2002.

SOUZA, Alberto de. Garotinho a um passo da oposição. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. A12, 27 out. 2002.

SOUZA, Beatriz Muniz de, MARTINO, Luís Mauro Sá. **Sociologia da religião e mudança social**: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil. São Paulo: Paulus, 2004.

SOUZA, Gilberto. PSB discute futuro de Garotinho. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 6, 23 jun. 2002.

SOUZA, Reginaldo. Bíblias para o povo soviético. **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n. 1232, set. 1989.

SOUZA, Silas L. **Protestantismo & ditadura**: os presbiterianos e o governo militar no Brasil (1964-1985). São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

STEPHEN, Leslie (ed.). **Dictionay of National Biography**. London: Macmillan, 1888. 13 vols.

STURZ, Richards J. Papado. In: **Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã**. Walter A. Elwell (Ed.). São Paulo: Edições Vida Nova, 2009. Vols. 3.

_____. A Implantação do protestantismo na América Latina. In: CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos**: uma história da igreja cristã. São Paulo: Edições vida Nova, 2004.

SULLIVAN, R. E. Stephen II (III), pope. In: **The New Catholic Encyclopedia**. Washington, DC: Thomson Gale, 2003.

SYNAN, Vinson. **O século do Espírito Santo**: 100 anos do avivamento pentecostal e carismático. São Paulo: Editora Vida, 2009.

TÁTICA divide evangélicos. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. A4, 27 jul. 2002.

The Scofield Reference Bible. New York: Oxford University Press, 1909.

TIERNEY, B. e SCHMUGGE, L. "Boniface VIII, pope", In: **The New Catholic Encyclopedia**. Washington, DC: Thomson Gale, 2003.

THOMAS, Joseph. **Universal Pronouncing Dictionary of Biography and Mythology**. Philadelphia: Cosimo, 2010. 2 vols.

TOGNINI, Eneas. Vamos mudar o Brasil. **Mensagem da Paz**, Rio de Janeiro, p. 17, nov. 1984.

_____. 15 de Novembro: dia nacional de jejum e oração. **Mensagem da Paz**, Rio de Janeiro, p. 2, nov. 1981.

TRAPP, Carlos Osmar. Eleição e cidadania: uma réplica. **Jornal Batista**, Rio de Janeiro, p. 15, 22 set. 2002.

UNIÃO Soviética ouve a mensagem do evangelho. **Mensagem da Paz**, Rio de Janeiro, n. 1235, dez. 1989.

VALIM, Alexandre B. Das grandes ondas aos grandes diques. In: **Tempo**, Niterói, v.10 n.19, Jul./Dec.

VAZ, Miguel. Cristianismo Alienante. **Mensagem da Paz**, Rio de Janeiro, p. 6, Ago. 1980.

WARNER, Otto I (The Great) Emperor. In: **The New Catholic Encyclopedia**. Washington, DC: Thomson Gale, 2003.

WEAVER, Denny J. Reforma radical. In: **Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2009. Vols. 3.

_____. Zwickau, profetas de. In: **Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2009. Vols. 3.

WEBBER. No rastro do 666. **Mensagem da Paz**, Rio de Janeiro, p. 12-13, mar. 1982.

WENGER, J. C. Menno Simons. In: **Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã**. Walter A. Elwell (Ed.). São Paulo: Edições Vida Nova, 2009. Vols. 3.

WESLEY, John. **John Wesley's notes on the Whole Bible: The Old Testament**. Albany, OR: SAGE, 1996. 2 vols.

WHITE, R. E. O. Mundanismo e Antimundanismo. In: **Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã**. Walter A. Elwell (Ed.). São Paulo: Edições Vida Nova, 2009. Vols. 3.

WURMBRAND, Richard. **Cristo em cadeias comunistas**. Recife: Cruzada da literatura evangélica do Brasil, 1971.

_____. **Torturado por amor a Cristo**. Recife: Cruzada da literatura evangélica do Brasil, 1976.

ZDROJEWSKI, Eduardo; BENGSTON, Josué. Paz! **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 2, 14 nov. 1989.

ZWINGLI, Huldreich. The Acts of the First Zurich Disputation. In: **Selected Works of Huldreich Zwingli**, (1484-1531) the Reformer of German Switzerland. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1901.